



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Aline Gomes Garcia

**Uma abordagem textual-interativa da relação entre organização tópica e
referenciação em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião**

São José do Rio Preto
2022

Aline Gomes Garcia

**Uma abordagem textual-interativa da relação entre organização tópica e
referenciação em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza

São José do Rio Preto
2022

G216a Garcia, Aline Gomes

Uma abordagem textual-interativa da relação entre organização tópica e
referenciação em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião /
Aline Gomes Garcia. -- São José do Rio Preto, 2022

259 f. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Eduardo Penhavel de Souza

1. Linguística. 2. Análise textual. 3. Organização tópica. 4. Referenciação.
5 . Ontologia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências
Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Aline Gomes Garcia

**Uma abordagem textual-interativa da relação entre organização tópica e
referenciação em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião**

Tese apresentada como parte dos requisitos para
obtenção do título de Doutora em Estudos
Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São
José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza
IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Profa. Dra. Anna Christina Bentes
IEL/UNICAMP – Campinas

Profa. Dra. Anna Flora Brunelli
IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
FFLCH/USP – São Paulo

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
22 de agosto de 2022

Àqueles que lutam para que todos no Brasil tenham iguais oportunidades de acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade. Sem essa luta, eu não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus: por guiar todos os meus caminhos e me dar conforto e força nas horas de dificuldades e também por ter colocado pessoas tão especiais na minha vida, como aquelas a quem agradeço a seguir.

Ao Prof. Dr. Eduardo Penhavel, meu orientador de iniciação científica, mestrado e doutorado: pelo seu apoio em todas as etapas da minha da minha formação nos estudos linguísticos; pela sua paciência com as minhas dificuldades, humanidade e humildade para tratar as pessoas e cuidado para fazer críticas. Agradeço especialmente por ter perguntado a amigas minhas de graduação, 8 anos atrás, na escada que dá acesso ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, se elas não sabiam de alguém que teria interesse em fazer pesquisa na área de estudos do texto. Foi aí que se iniciou essa minha longa trajetória como sua orientanda, que fica marcada para mim como uma fase muito especial da minha vida e de intenso aprendizado profissional e pessoal.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves: por ter me orientado com grande comprometimento durante a qualificação especial; pela ajuda muito gentil com as análises semânticas empreendidas nesta tese; pelo seu rigor profissional, que nos faz aprender tanto; pelas valiosas sugestões à tese dadas no exame de qualificação; por novamente ter se colocado à disposição para contribuir com este trabalho compondo a banca de defesa... “eu só sei que” você passou do coordenador de curso de quem eu tinha medo no início da minha graduação a um profissional e pessoa que eu admiro muito.

À Profa. Dra. Anna Christina Bentes: pelo seu espírito muito crítico e colaborativo, que me fez olhar para o meu trabalho com outros olhos a partir do exame de qualificação; e também pela gentileza em mais uma vez compartilhar conosco seu reconhecido conhecimento no campo dos estudos do texto, agora na defesa.

À Profa. Dra. Anna Flora Brunelli: pela sua sensatez na vida acadêmica; por ter participado da minha trajetória na universidade, como minha professora de graduação e de pós-graduação; e por se dispor a contribuir ainda mais com a minha formação, fazendo parte da comissão examinadora de defesa da tese.

À Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade: pelo aceite do convite para participar da defesa, que me honra com a presença nessa ocasião de uma pesquisadora que integrou o Grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado, que elaborou os princípios da Gramática Textual-Interativa.

Ao Prof. Dr. Renato Cabral Rezende e às Profas. Dras. Sandra Denise Gasparini Bastos e Joceli Catarina Stassi-Sé: por terem aceitado participar da banca de defesa na condição de suplentes. À Profa. Sandra, agradeço também por ter sido a minha primeira orientadora e acompanhado diferentes etapas da minha formação acadêmica.

Aos meus amados pais, Sueli e Nilton: pela educação tão cheia de amor e de valores nobres que me deram; por terem me ensinado desde sempre a olhar para a vida com olhos críticos; pelo respeito pelas minhas escolhas profissionais; por sonharem junto comigo e comemorarem (até mais do que eu) cada uma das minhas conquistas. Tenho certeza de que, sem a família maravilhosa que me proporcionaram, esta conquista não seria possível.

Ao meu irmão, Homenigui: pelo seu companheirismo ao longo de toda a nossa vida e por sempre torcer por mim com muito amor.

À minha querida tia, Elizabete (*in memoriam*), e à minha prima-irmã, Cássia: por terem me acolhido com amor, carinho e bom humor tantas vezes em sua casa em S. J. do Rio Preto durante o mestrado e o doutorado, me fazendo me sentir em minha própria casa.

À minha avó, “Joana”: por sempre ter sido a primeira a sonhar comigo e por ter me ensinado a rezar pelos meus sonhos e ter fé neles.

Aos meus amigos e colegas de IBILCE, aqui representados por Ana Luiza Ferancini, Bárbara Fante, Roberta Fiel, Monielly Serafim, Luisa Ferrari e Débora Nakanish: por terem compartilhado comigo sonhos, angústias, viagens, conquistas, risadas e boas histórias de vida. Agradeço também por terem estado ao meu lado nessa empreitada mesmo quando não podíamos receber o calor do abraço uma da outra, em tempos de pandemia de covid-19. Quero ainda registrar o meu agradecimento especial à Monielly, que, durante o período de bibliotecas fechadas por conta da pandemia, muito me ajudou com o envio para mim de diferentes obras em formato digital, sem as quais eu não poderia seguir com minha pesquisa.

A todos os meus familiares, amigos e professores cujos nomes eu não citei, mas também que também contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui: por cada oração, palavra de incentivo e carinho e por todo o aprendizado.

Aos funcionários do IBILCE: por terem trabalhado para que a minha formação na graduação e na pós-graduação fosse possível.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Un diálogo es coherente debido a la asignación de varios significados de expresiones a un tópico macro-estructural/Um diálogo é coerente em virtude da acepção de vários significados de expressões a um tópico macroestrutural”.

(VAN DIJK, 1980, p. 209-210)

RESUMO

O presente trabalho baseia-se fundamentalmente na Gramática Textual-Interativa e articula princípios teórico-metodológicos dessa vertente da Linguística Textual a fundamentos da Semântica, a fim de entender a relação entre os processos de organização tópica e referenciação, mediante discussão teórica entre os processos e análise empírica sobre diferentes tipos de entidades semânticas que figuram como tópicos discursivos. De modo específico, os propósitos da tese envolvem: (i) uma discussão de cunho teórico especificando como poderia ser compreendida a relação entre os processos de construção textual chamados de organização tópica e de referenciação; (ii) a análise e a descrição do tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que adquirem estatuto de tópico discursivos em um conjunto de descrições (DE), narrativas de experiência (NE) e relatos de opinião (RO), de modo a verificar a possível influência de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos sobre os tipos de entidades semânticas dos tópicos na construção de textos. O *corpus* da pesquisa é composto por DE, NE e RO coletados do Banco de Dados IBORUNA, e a investigação segue o método de análise tópica, visando à identificação dos tópicos discursivos do material estudado, e a distinção do tipo de entidade semântica denotada pelo termo que expressa o tópico discursivo e por aqueles que mais evidenciam a centração tópica, visando à apuração do tipo de entidade de cada tópico. Discutimos que todo tópico discursivo pode ser assumido como um referente, o que nos permite reconhecer uma interface entre os estudos sobre os processos de organização tópica e de referenciação, presente quando as pesquisas acerca da referenciação pretendem analisar o objeto de discurso tematicamente mais geral do texto ou os objetos de discurso mais gerais de segmentos desse texto. Também discutimos que os trabalhos sobre esses dois processos se inter-relacionam pelo foco de investigação de cada um deles: os estudos acerca da organização tópica focalizam a descrição da estruturação textual e os trabalhos sobre referenciação, o entendimento de sentidos dos textos, embora as pesquisas sobre ambos os processos mostrem, em alguma medida, a organização textual e a construção de sentidos. Reafirmando que a organização tópica é o princípio central da estruturação textual, nossas análises demonstram que tipos semânticos de tópicos discursivos interativamente instaurados guiam a construção do texto no material analisado. Assim, em DE, constatamos que há predominância de tópicos discursivos do tipo lugar e, em NE e RO, a ocorrência maior é de tópicos que são da classe dos estados-de-coisas, com quase exclusividade dessa categoria em NE e frequência também expressiva de tópicos que são da ordem das proposições em RO. Argumentamos, então, que esses resultados estariam relacionados a características de gêneros

textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos, sendo os tipos de entidades semânticas dos tópicos em DE, NE e RO influenciados por tais características.

Palavras-chave: Organização tópica. Referenciação. Ontologia. Descrição. Narração. Argumentação.

ABSTRACT

The present work is fundamentally based on the Textual-Interactive Grammar and articulates theoretical-methodological principles of this branch of Textual Linguistics with principles of Semantics, in order to understand the relationship between the processes of topic organization and referenciation, through theoretical discussion between the processes and empirical analysis on different types of semantic entities that figure as discourse topic. Specifically, the thesis objectives involve: (i) a theoretical discussion specifying how the relationship between the processes of textual construction called topic organization and referenciation could be understood; (ii) the analysis and description of the type of semantic entity of the discourse objects that acquire discourse topic status in a set of descriptions (DE), experience narratives (EN) and opinion reports (OR), in order to verify the possible influence of descriptive, narrative and argumentative textual genres on the types of semantic entities of topics in the construction of texts. The corpus includes DE, EN and OR from the IBORUNA Databank. Furthermore, the investigation follows the method of topic analysis, for the identification of the discourse topics of the material studied, and the distinction of the type of semantic entity denoted by the term that expresses the discourse topic and by those that most show the topic centering, to determine the type of entity of each topic. We discuss that every discourse topic can be assumed as a referent, which allows us to recognize an interface between studies on the processes of topic organization and referenciation, present when research about referenciation intends to analyze the thematically more general discourse objects of the text or the more general discourse objects of that text. We also discuss that the works about these two processes are interrelated by the focus of investigation of each of them. The investigations about topic organization focalize the description of the textual structuring. On the other hand, the works about referenciation focus on the understanding of the meanings of the texts, but the research on both processes show, to some extent, the textual organization and the construction of meanings. Reaffirming that topical organization is the central principle of textual structuring, our analyzes demonstrate semantic types of interactively established discourse topic that guide the construction of the text in the analyzed material. Thus, in DE, we found the predominance of discourse objects that are discourse topic of the location category. In EN and OR, the greater occurrence is of topics that belong to the state-of-affairs class, with almost exclusivity of this category in EN and expressive frequency of topics that are in the order of propositions in OR. Therefore, we argue that these results would be related to characteristics of predominantly descriptive, narrative and

argumentative textual genres, with the types of semantic entities of topics in DE, EN and OR being influenced by such characteristics.

Keywords: Topic organization. Referenciation. Ontology. Description. Narration. Argumentation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Função argumentativa da referenciação pelo uso de expressão nominal.....	57
Figura 2 – Combinação de estrutura composicional, estilo e conteúdo temático no gênero tirinha.....	72
Figura 3 – Localização das cidades representadas no Bando de Dados IBORUNA.....	80
Figura 4 – Construção de tópico discursivo e de objeto de discurso envolvendo elementos linguísticos e não linguísticos.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência e proporção de tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em DE	149
Gráfico 2 – Frequência e proporção de tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em NE	160
Gráfico 3 – Frequência e proporção de tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em RO	169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia de estado-de-coisas	64
Quadro 2 – Tipos de entidades semânticas dos referentes	68
Quadro 3 – Combinação da faixa etária com as demais variáveis sociais da AC do IBORUNA para seleção do <i>corpus</i>	81
Quadro 4 – Perguntas base e temas sugeridos pelo roteiro de entrevista do IBORUNA para coleta de NE, DE e RO	86
Quadro 5 – Expressões nominais indefinidas que ativam referentes propostos como tópicos pelos documentadores e especificação dessas expressões pelos informantes	90
Quadro 6 – Expressões nominais definidas que introduzem referentes propostos como tópicos pelos documentadores.....	91
Quadro 7 - Procedimentos para identificar o referente que é tópico.....	113
Quadro 8 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das DE	139
Quadro 9 –Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das NE	142
Quadro 10 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos dos RO	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Detalhamento do quantitativo de tópicos discursivos no material analisado	82
Tabela 2 – Quantitativo de tópicos discursivos por faixa etária	83
Tabela 3 – Quantitativo de tópicos discursivos por sexo	84
Tabela 4 – Quantitativo de tópicos discursivos por grau de escolaridade e renda	84
Tabela 5 – Frequência e proporção de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em SegTs mínimos de DE, NE e RO	137
Tabela 6 – Frequência de ocorrências de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em DE por informante	139
Tabela 7 – Frequência de ocorrências de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em NE por informante	142
Tabela 8 – Frequência de ocorrências de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em RO por informante	146

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Amostra Censo
DE	Descrição
GTI	Gramática Textual-Interativa
LT	Linguística Textual
MD	Marcador discursivo
NE	Narrativa de experiência
RO	Relato de opinião
SegT	Segmento Tópico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Contextualização, justificativa e relevância do tema de pesquisa.....	18
1.2 Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses.....	21
1.3 Organização da tese.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
2.1 Apresentação	24
2.2 A Gramática Textual-Interativa	24
2.3 A noção de Tópico Discursivo	32
2.4 O processo de organização tópica	39
2.5 Referenciação e referência	47
2.5.1 O processo de referenciação	47
2.5.2 Referência.....	58
2.5.2.1 A noção de referência na abordagem semântica pragmática.....	58
2.5.2.2 Tipos de entidades semânticas dos referentes	62
2.6 Gêneros textuais e tipos textuais	69
2.6.1 A concepção de gênero textual adotada	69
2.6.2 Os tipos textuais narrativo, descritivo e argumentativo	74
3 METODOLOGIA.....	78
3.1 Apresentação	78
3.2 Material	78
3.3 A descrição, a narrativa de experiência e o relato de opinião a serviço do estudo de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos	97
3.4 Metodologia de análise de dados	105
4 RELAÇÕES DE DIFERENÇA E INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO TÓPICA E DE REFERENCIAÇÃO.....	116
4.1 Apresentação	116
4.2 A relação entre organização tópica e referenciação na literatura linguística.....	116
4.3 Especificação das relações entre os processos de organização tópica e referenciação	121

5 TIPOS DE ENTIDADES SEMÂNTICAS DOS OBJETOS DE DISCURSO QUE SÃO TÓPICOS DISCURSIVOS EM DESCRIÇÕES, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA E RELATOS DE OPINIÃO	136
5.1 Apresentação	136
5.2 Apresentação geral dos resultados	136
5.3 Tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em descrições	149
5.4 Tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em narrativas de experiência	160
5.5 Tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em relatos de opinião	169
5.6 Relação entre características de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos e tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião	177
6 CONCLUSÕES.....	181
REFERÊNCIAS	186
APÊNDICE A - Análise das descrições	193
APÊNDICE B – Análise das narrativas de experiência	216
APÊNDICE C – Análise dos relatos de opinião.....	239

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização, justificativa e relevância do tema de pesquisa

No interior da Gramática Textual-Interativa, uma teoria genuinamente brasileira e relativamente nova de análise textual, considera-se que o processo central de construção do texto é a organização tópica. Sob essa concepção, vários trabalhos analisando esse processo vêm sendo realizados e contribuindo para sua melhor compreensão (GARCIA, 2018; HANISCH, 2019; OLIVEIRA, 2016; PENHAVEL, 2010; SOUZA, 2020; VALLI, 2017; ZANIN, 2018). Na presente tese, pretendemos contribuir para a Gramática Textual-Interativa e para esse conjunto de trabalhos discutindo a relação entre os processos de organização tópica e de referenciação.

Conforme a definição de uma das propriedades particularizadoras da organização tópica – a centração –, um dos traços que caracterizam esse processo é a relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos de sequenciação e referenciação. Assim, assume-se, na Gramática Textual-Interativa (GTI, daqui em diante), que a referenciação colabora na organização tópica, sendo este processo muito dependente do primeiro, o que faz com que a referenciação esteja presente na própria definição de organização tópica, mostrando que esses são dois processos intrinsecamente relacionados.

Essa relação intrínseca entre organização tópica e referenciação tem sido alvo de discussão de alguns trabalhos em Linguística Textual elaborados no Brasil. Por exemplo, no artigo de Jubran (2006a), a autora destaca que a centração, instalada, como dissemos, por mecanismos de sequenciação e referenciação, funciona de acordo com um jogo interacional, inerente a qualquer texto, uma vez que o produtor de um texto faz escolhas linguístico-discursivas em função de um interlocutor presente no intercâmbio verbal ou pretendido no evento comunicativo. Desse modo, a organização tópica, alimentada, em certa medida, pela referenciação, é um processo intrinsecamente interativo, como também é a referenciação.

Também o capítulo de Cavalcante *et al.* (2010) sinaliza haver uma associação entre os processos, por meio do aspecto sociocognitivo de ambos, sendo a organização tópica e a referenciação construídas por aspectos linguísticos em colaboração com componentes do entorno situacional. Pinheiro (2012) é outro autor que oferece uma importante contribuição para o entendimento da ligação entre organização tópica e referenciação. Seu trabalho, procurando sistematizar a relação intrínseca entre objeto de discurso e tópico discursivo, mostra que um objeto de discurso pode ser tratado como tópico ao ser introduzido no texto, ser retomado e ser

recategorizado, formando uma cadeia referencial. Além disso, o ensaio reforça que a referenciação auxilia a construção tópica, o que pode ser evidenciado quando uma retomada anafórica reintroduz um tópico discursivo interrompido na linearidade do texto.

Os trabalhos desses autores cumprem, pois, um papel fundamental no entendimento da associação entre organização tópica e referenciação, levando-nos não só a conhecer melhor os processos em si, mas também as noções de tópico discursivo e de objeto de discurso, tão cruciais para a GTI, quadro teórico-metodológico que fundamentalmente embasa esta tese. Porém, pesquisas que relacionam organização tópica e referenciação não são a regra. A maioria dos trabalhos sobre um tema acaba por não abordar o outro. Isso se verifica, quando pensamos que, apesar de a organização tópica, pela própria definição, pressupor a referenciação, os estudos sobre o primeiro processo não têm dispensado atenção, por exemplo, para o reconhecimento e/ou para a explicitação de que um tópico discursivo pode ser visto como um referente.

Do lado das investigações sobre referenciação, variadas pesquisas desenvolvem análises sobre esse processo mostrando como diferentes elementos textuais atuam na construção de objetos de discurso, permitindo a interpretação de que, na produção textual, a referência seja um fenômeno central, a serviço do qual diversos outros se instanciam. Assim, o comum é que esses trabalhos sequer mencionem a noção de tópico discursivo ou de organização tópica, o que chama a atenção, particularmente, quando se considera que a referenciação se tornou, nos últimos anos, um dos principais temas estudados em Linguística Textual. Ou seja, destaca-se o fato de haver uma extensa bibliografia sobre referenciação que demonstra a importância desse processo para a instauração dos sentidos do texto e que mostra como diferentes recursos linguístico-textuais atuam a serviço da construção dos objetos de discurso, no entanto, muitos desses trabalhos não fazem qualquer menção ao processo de organização tópica, fio condutor da construção textual do ponto de vista da GTI.

Como mencionamos, na GTI, a referenciação faz parte da definição de organização tópica, o que leva a pensar que o primeiro processo contribui para o segundo. Esses fatos permitem um questionamento acerca de qual é, mais precisamente, a relação entre referenciação e organização tópica, seja em termos de qual alimenta qual, ou a que ambos servem. Partindo, pois, desse questionamento, bem como da carência de pesquisas que relacionam os dois processos e do reconhecimento da relevância da temática em questão, como é possível entender a partir de Jubran (2006a), Cavalcante *et al.* (2010) e Pinheiro (2012), procuramos focalizar essa discussão, especificando a intrínseca associação entre os processos em determinados aspectos. Desse modo, o objetivo primeiro desta tese consiste em compreender a relação entre a organização tópica e a referenciação, tomando-se como ponto de partida o questionamento

sobre a possibilidade de se identificar alguma sistematicidade acerca de diferentes tipos de objetos de discurso que atuariam como tópico discursivo, em variados contextos.

Considerando que, na GTI, os gêneros textuais são vistos como um fator decisivo para o funcionamento da organização tópica (PENHAVER; CINTRA, 2022), pensamos, inicialmente, se diferentes gêneros poderiam implicar também diferentes tipos de objetos de discurso funcionando como tópico discursivo e, assim, levantamos a hipótese de que gêneros diversos poderiam estar implicados na identificação de tipos variados de entidades semânticas representadas pelos objetos de discurso que figurariam como tópicos discursivos de textos. Para avaliar essa nossa hipótese, analisamos 30 textos representados nas entrevistas sociolinguísticas da Amostra Censo do Banco de Dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007), sendo 10 deles de descrição de local, 10 de narrativas de experiência e 10 de relatos de opinião.

Reconhecendo que a GTI assume que os processos de construção textual têm suas propriedades e funções determinadas pelas situações concretas de uso da língua na qual se efetivam e que as pesquisas fundamentadas neste quadro teórico-metodológico têm estudado os processos constitutivos do texto sempre considerando a inserção deles em gêneros textuais específicos, podemos apontar uma primeira contribuição de nossa pesquisa. Ao fazer um estudo analisando a classe de entidades semânticas representadas pelos objetos de discurso que são tópicos discursivos em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião, mostramos, dessa forma, que a categoria semântica dos tópicos discursivos em diferentes gêneros textuais está associada a aspectos característicos de cada gênero, sendo determinada, primordialmente, pela situação real de uso da língua.

Outra contribuição de nosso trabalho reside na proposta de especificação da associação entre os dois processos de construção textual em foco, particularmente na discussão sobre a possibilidade de assumir que um tópico discursivo pode ser tomado como um referente, o que se apresenta como um tema de discussão interessante dada a intrínseca relação entre organização tópica e referenciação no processamento textual.

Mais uma contribuição desta pesquisa é a de que a relação entre os dois processos é aqui tratada com base na inserção deles em textos específicos, produzidos na modalidade falada da língua, no português brasileiro do interior do estado de São Paulo, particularmente da região noroeste do estado. Dessa forma, esta tese colabora para a descrição da forma como são estabelecidas relações referenciais no português brasileiro falado no interior paulista, as quais atuam para a construção de tópicos discursivos de tipos semânticos distintos em exemplares de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos.

Também podemos dizer que o estudo de processos de construção textual, como a organização tópica e a referenciação, é um subsídio para que a produção e a compreensão de textos sejam mais bem sucedidas. Por exemplo, um trabalho que se ocupa da descrição da natureza semântica dos referentes que se constituem como tópicos discursivos em diferentes gêneros textuais pode cooperar para que possamos ler melhor e, da mesma forma, produzir com mais efetividade tais gêneros, em razão do conhecimento empírico dos tipos de temas em torno dos quais se centra a interação em variados gêneros de texto. Portanto, nossa pesquisa pode subsidiar a construção do processo textual-interativo em contextos situados e, por conseguinte, colaborar para uma atividade de comunicação mais exitosa.

1.2 Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses

Como já anunciamos, o objetivo geral desta tese é entender a relação entre os processos de organização tópica e de referenciação, mediante discussão teórica acerca dos processos e análise empírica de diferentes tipos de entidades semânticas que figuram como tópicos discursivos. De modo mais específico, os propósitos deste trabalho envolvem:

- i) uma discussão de cunho teórico, especificando como poderia ser compreendida a relação entre os processos de construção textual chamados de “organização tópica” e de “referenciação”;
- ii) a análise e a descrição do tipo de entidade semântica de cada um dos objetos de discurso que é tópico discursivo em um conjunto de descrições (DE), narrativas de experiência (NE) e relatos de opinião (RO), de modo a verificar a possível influência de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos sobre os tipos de entidades semânticas representadas pelos tópicos discursivos na construção de textos.

Esses objetivos podem ser traduzidos nas seguintes perguntas de pesquisa:

- i) em que medida os processos de organização tópica e de referenciação podem estar relacionados e, ao mesmo tempo, apresentar diferenças entre si na dinâmica da construção textual?

- ii) que tipos de entidades semânticas estão representados nos objetos de discurso que se constituem como tópicos discursivos em DE, NE e RO?; qual entidade é mais recorrente em cada um desses tipos de amostras linguísticas?; como características de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos poderiam influenciar os tipos de entidades dos objetos de discurso que figuram como tópicos?

No que diz respeito à pergunta de pesquisa apresentada em (i), partimos da própria definição de organização tópica – processo que diz respeito à organização do texto mediante a construção de enunciados formulados pelos interlocutores acerca de um conjunto de objetos de discurso concernentes entre si e relevantes em certo ponto do texto –, e consideramos que a organização tópica e a referenciação guardam relações intrínsecas entre si, conforme já assumido na literatura linguística. Complementando o que já se discutiu sobre a temática, compreendemos que a forte relação entre os processos poderia ser demonstrada pela possibilidade de se reconhecer um tópico discursivo como um referente, o que apontaria uma associação entre os processos pela aproximação das categorias chamadas de “tópico discursivo” e de “objeto de discurso”. A inter-relação entre organização tópica e referenciação também poderia ser explicada pelo foco das investigações sobre cada um dos processos, de forma que, enquanto os estudos sobre organização tópica focalizariam a organização/estruturação textual, os trabalhos acerca da referenciação estariam mais voltados para a compreensão da construção de sentidos dos textos, mas tanto as pesquisas a respeito da organização tópica quanto as sobre a referenciação poderiam oferecer contribuição para a descrição da organização/estruturação textual e da construção de sentidos.

Com relação às perguntas lançadas em (ii), a hipótese de nossa tese é a de que, de acordo com diferentes tipos de gêneros textuais, poderia variar a predominância de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos dos textos. Em termos mais específicos, a hipótese é a de que gêneros textuais argumentativos, aqui vislumbrados por meio da análise de RO, tenderiam a compreender tópicos que são entidades de terceira ordem (proposições ou construtos mentais); na mesma direção, gêneros textuais narrativos, projetados neste trabalho por NE, teriam como tendência a instauração de tópicos discursivos que são entidades de segunda ordem (estados-de-coisas ou eventos); por fim, gêneros textuais predominantemente descritivos, vislumbrados aqui por DE, tenderiam a ser caracterizados por tópicos que são entidades semânticas de primeira ordem (indivíduos), conforme tipologia de Lyons (1977b) para a identificação de entidades ontológicas possíveis de serem codificadas na língua. A possível comprovação dessa hipótese poderia indicar que os tipos de entidades

semânticas representadas pelos objetos de discurso com estatuto tópico em cada tipo de gênero textual poderiam ser explicados por aspectos caracterizadores daquele gênero.

1.3 Organização da tese

Além da seção 1, de introdução, o presente trabalho encontra-se organizado em cinco grandes partes, seguidas de mais quatro seções que fecham a tese. Na seção 2, expomos nosso referencial teórico, com princípios da Linguística Textual fundamentais ao nosso trabalho e também com pressupostos da Semântica Geral, que complementa nossas bases teóricas. Assim, nessa parte da tese, explicamos os fundamentos da GTI, a noção de Tópico Discursivo, os processos de organização tópica e de referenciação, além de tratarmos da semântica dos referentes.

Na seção 3, dedicada à metodologia, apresentamos o Banco de Dados IBORUNA, descrevemos o material de análise selecionado especificamente para esta pesquisa e discutimos como as NE, DE e RO aqui investigadas podem servir ao estudo de gêneros textuais predominantemente narrativos, descritivos e argumentativos, respectivamente. Ainda na seção 3, detalhamos os procedimentos metodológicos utilizados para as análises tópica e semântica empreendidas nesta tese.

Na seção 4, sintetizamos como têm sido tratadas as relações entre organização tópica e referenciação e entre tópico discursivo e objeto de discurso nos estudos linguísticos, síntese que vem seguida de nossa discussão sobre como tais relações podem ser especificadas.

Avançando para a seção 5, passamos à apresentação dos resultados do objetivo empírico de nossa pesquisa e, então, mostramos os resultados gerais de nossas análises, em um primeiro momento, e, depois, discutimos os dados relativos às DE, NE e RO separadamente. Na parte final desta seção, refletimos também como aspectos caracterizadores de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos podem influenciar os tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos em DE, NE e RO.

Feitas as nossas conclusões na seção 6, as quatro partes finais da tese ficam reservadas às referências bibliográficas e a três apêndices, nos quais está disponível todo o material aqui analisado, com a segmentação tópica de cada um dos 30 textos examinados e classificação semântica dos tópicos discursivos identificados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Apresentação

Esta seção de fundamentação teórica encontra-se dividida em cinco partes, além desta apresentação. Na seção 2.2, fazemos uma síntese da GTI, destacando seus fundamentos teóricos, sua orientação no interior dos estudos em Linguística de Texto e seu programa de estudo. Em 2.3, explicamos a concepção de Tópico Discursivo, categoria fundamental do quadro teórico-metodológico de análise textual que orienta este trabalho. Em 2.4, apresentamos como é concebido o processo de organização tópica. Na seção 2.5, dividida em duas partes, focalizamos o processo de referenciação, em 2.5.1, e a referência na Semântica, em 2.5.2. Em 2.6, também organizada em duas subseções, definimos a noção de gênero textual aqui adotada, em 2.6.1, e explicamos os tipos textuais, particularmente os tipos narrativo, descritivo e argumentativo, conforme tipologia de Koch e Fávero (1987), em 2.6.2. Para melhor entendimento da estruturação desta grande seção 2, esclarecemos que, apesar de lidarmos, neste estudo, com duas categorias, tópico discursivo e objeto de discurso, decidimos por dedicar uma subseção inteira somente à apresentação da noção de Tópico Discursivo em razão da centralidade desta categoria na GTI.

2.2 A Gramática Textual-Interativa

No interior de um amplo projeto desenvolvido no Brasil, o Projeto de Gramática do Português Falado (CASTILHO, 1990), formou-se um grupo de pesquisadores, chamado *Grupo de Organização Textual-Interativa* e coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Esse grupo discutiu e sistematizou uma série de conceitos e princípios analíticos para o estudo do texto, especialmente sob o enfoque pragmático, culminando na elaboração de uma proposta teórico-metodológica para a análise textual, conhecida como *Gramática Textual-Interativa* ou *Perspectiva Textual-Interativa* (JUBRAN; KOCH, 2006; JUBRAN, 2007, 2015a). Desse modo, a GTI constitui uma vertente brasileira da Linguística Textual, que, portanto, recorta o texto como objeto de estudo, focalizando-o em sua dimensão interacional e sustentando-se, em grande medida, na perspectiva pragmática de estudos do texto, iniciada por volta da metade da década de 1970 (KOCH, 2018).

Segundo explica Koch (2018), um ponto comum a modelos que se ligam a essa fase pragmática da Linguística Textual (doravante LT), como a Teoria dos Atos de Fala e a Teoria

da Atividade Verbal, é a busca de conexão dada por regras entre o texto e o seu contexto comunicativo-situacional, mostrando, assim, a tendência das pesquisas em LT em tratar a língua não como um sistema autônomo, mas a partir do seu “funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta” (KOCH, 2018, p. 27). Então, o modo de análise textual passa a entender o texto como uma atividade complexa de realização de intenções comunicativas e sociais do falante. Esse tratamento dado ao texto pela fase pragmática da LT está claramente explicitado na concepção de texto da GTI, conforme passamos a discutir.

De acordo com Jubran (2007), na GTI, o texto é considerado uma unidade sociocomunicativa dinâmica que mobiliza, além de fatores propriamente linguístico-textuais, conhecimentos interacionais que se dão no jogo de atuação comunicativa realizado pela linguagem e que se mostram na própria materialidade linguística do texto. No âmbito dessa concepção e em consonância com os fatores analisados na GTI, Penhavel (2020, p. 123) destaca a relevância, nessa abordagem, de se considerar que o texto se caracteriza, dentre outras propriedades, por ser constituído por uma “combinação de enunciados”. Como explica o autor, essa concepção não se aproxima de abordagens que veem o texto apenas como uma unidade linguística estruturalmente superior à sentença, a qual poderia ser descrita segundo princípios semelhantes aos de uma gramática sentencial, tampouco pretende encarar o texto como um produto linguístico independente de fatores interacionais. Em complemento à noção de texto como entidade dinâmica intrinsecamente sujeita a pressões de ordem interacional, presente no trabalho de Jubran (2007), Penhavel (2020) argumenta que, na ótica da GTI, convém admitir (ou explicitar) que o texto, dentre outras propriedades, caracteriza-se por ser materialmente constituído por um conjunto de enunciados, que se organizam de maneira naturalmente vinculada a fatores interacionais. Tal posicionamento contribui para alinhar a noção de texto aos processos de construção textual estudados na GTI, como o processo de organização tópica (a ser explorado na seção 2.4), que, dentre outros procedimentos, envolve justamente a construção e a articulação de grupos de enunciados na elaboração do texto.

Além da concepção de texto, a noção de linguagem assumida pela GTI também demonstra o suporte dado pela perspectiva pragmática da LT à proposição teórica de uma gramática textual-interativa. Como se pode entender a partir de Koch (2018), na virada pragmática, a LT considera a linguagem como uma atividade social efetuada por indivíduos também sociais. Com base nessa concepção, na GTI, a linguagem é vista como uma “forma de ação verbal” (JUBRAN, 2007, p. 314), por meio da qual os interlocutores realizam tarefas comunicativas, como trocas de representações, metas e interesses, no contexto de um espaço discursivo sempre orientado para os parceiros da comunicação. Assim, a linguagem orienta o

modo como os interlocutores se situam reciprocamente, segundo suas representações mútuas no que diz respeito a papéis sociais e discursivos, conhecimento partilhado de mundo, atitudes, propósitos e reações assumidas no intercâmbio comunicativo. Então, a atividade da linguagem, sempre orientada para os parceiros da comunicação, requer, dentre outros, o conhecimento sociointeracional a respeito das formas de interação verbal e que conjuga conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional e metacomunicativo.

Jubran (2007) explica que o conhecimento ilocucional relaciona-se com os tipos de objetivos ou atos de fala e permite colocar em prática os propósitos comunicativo-interacionais tanto na sua formulação, por parte do locutor, quanto no seu reconhecimento, por parte do interlocutor. O conhecimento comunicacional, por sua vez, reúne normas gerais de comunicação, como as máximas griceanas,¹ e também conhecimentos que permitem, por exemplo, a escolha do gênero textual e da variante linguística adequados a uma dada situação de interlocução, assim como a seleção das informações necessárias para a efetivação do objetivo comunicativo. Por último, o conhecimento metacomunicativo diz respeito aos diferentes tipos de procedimentos linguístico-textuais que monitoram o processamento do texto a fim de assegurar a sua compreensão conforme o objetivo com que é produzido. Alguns exemplos desses procedimentos são os processos de construção textual e o uso de marcadores discursivos.

O destaque dado ao conhecimento sociointeracional para a compreensão de como a GTI entende a linguagem mostra que a orientação cognitivista da LT, delineada na década de 1980, contribui para os fundamentos dessa teoria de texto. Ao realçar tal conhecimento, a GTI admite que o processamento textual envolve também escolhas textuais derivadas de processos de ordem cognitiva, ligadas ao conhecimento de mundo, crenças e convicções dos usuários da língua e ainda ao seu domínio de estratégias socioculturalmente determinadas que buscam o estabelecimento, a manutenção e a eficácia da interação verbal. Mesmo assim, frisamos que os pressupostos teóricos dessa orientação da LT exercem um papel menos central na elaboração das bases da GTI, como comprovam as concepções de texto e de língua por ela adotadas e já aqui apresentadas, as quais são bastante fundadas nas respectivas noções assumidas pela LT de orientação mais pragmática.

¹ Grice (1975, 1978 apud CANÇADO, 2008, p. 132) define quatro máximas conversacionais que regem o Princípio de cooperação entre falantes, entendido como um acordo subjacente nas trocas linguísticas que ocorrem no ato da interação verbal. O princípio compreende quatro máximas: (i) *Máxima de Qualidade*: diga apenas aquilo que você acredita que seja verdadeiro, ou não diga nada para o quê não possa apresentar evidências adequadas; (ii) *Máxima de Quantidade*: diga apenas aquilo que você julga informativo e necessário para o objetivo da comunicação, nem menos nem mais informação; (iii) *Máxima de Relevância*: faça contribuições relevantes para a situação de comunicação; (iv) *Máxima de Modo*: seja claro, evitando, principalmente, ambiguidades e obscuridades, e seja breve e ordenado.

De forma resumida, podemos dizer que a concepção de linguagem assumida na GTI e, portanto, também neste trabalho, é a de linguagem como forma da ação verbal realizada em função da interação social e exercida entre pelo menos dois interlocutores, no interior de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, considerando as circunstâncias de enunciação.

Com base nas concepções de texto e de língua apresentadas, a GTI lança uma série de princípios teóricos que norteiam o estudo do texto. O primeiro desses princípios é o de que os fenômenos considerados na GTI têm suas propriedades e funções definidas no uso, na situação concreta de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas. Nesse sentido, na análise da construção textual, a situação da língua em uso deve ser considerada primordial, já que as estruturas textuais são definidas no contexto em que se efetivam.

Esse princípio demonstra que, na efetivação da atividade verbal, os interlocutores manifestam a sua competência comunicativa, compreendida como a “capacidade de manter a interação social, mediante a produção e o entendimento de textos que funcionam comunicativamente” (JUBRAN, 2015a, p. 32). No processamento textual, a competência comunicativa, manifestada nos próprios textos, mobiliza um conjunto de conhecimentos não só como os que sintetizamos anteriormente, mas também conhecimentos cognitivos referentes a modelos textuais globais, os quais permitem a identificação de um determinado texto como pertencente a um gênero textual e a seleção de um gênero a partir dos objetivos comunicativos de uma situação de interação específica.

Além desses saberes, a competência comunicativa engloba, ainda, um saber linguístico, isto é, o entendimento de um sistema de regras, interiorizado pelos falantes e que lhes permite operar, na articulação de enunciados que formam um texto, com as restrições estruturais de cada nível de organização da língua, assim como com as escolhas linguísticas feitas pelos falantes para atingirem os propósitos comunicativos da interação. Dessa forma, partindo de Neves (1996), Jubran (2007) define a competência comunicativa como a capacidade que os falantes têm de lidar com as restrições estruturais da língua, mas também, e primordialmente, de fazer escolhas comunicativamente adequadas conforme o condicionamento imposto pelo próprio processo de produção.

Outro fator implicado pelo princípio de que a construção do texto se dá no seu contexto de uso é o de que a atividade textual é sistemática, definida por regularidades de processamento de estruturas textuais. Logo, situações de interlocução semelhantes poderão envolver estruturas textuais também semelhantes, como pode acontecer, por exemplo, com gêneros textuais que são projetados em instâncias enunciativas similares, podendo, portanto, apresentar, entre si,

diversas similaridades na sua organização textual. Para Jubran (2007, 2015a), a análise textual-interativa do sistema textual deve apontar as regularidades relacionadas aos contextos de processamento dos textos, regularidades atestadas pela observação da recorrência de processos de construção textual em contextos definidos, pela constatação de marcas formais que particularizam o processamento textual e pela descrição de funções textual-interativas que o caracterizam.

Ainda considerando o princípio de que o processamento textual-interativo tem suas propriedades e funções definidas no uso, a GTI, como uma vertente pragmática da LT, estuda os processos constitutivos do texto sempre abordando sua relação com a situação de interação em que se efetivam. Por isso mesmo, na GTI, os processos de construção textual são analisados no contexto de algum gênero textual, já que se assume que características específicas desses processos estão relacionadas a particularidades dos diferentes gêneros (PENHAVEL; CINTRA, 2022).

O segundo fundamento teórico essencial à GTI é o de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística, considerando que há uma introjeção natural de dados de natureza interativa no processamento verbal. Sendo assim, conforme Jubran (2007, 2015a), os dados pragmáticos não são vistos como uma moldura dentro da qual se processa o intercâmbio linguístico, ou como uma camada de enunciação que envolve os enunciados. Na verdade, para a GTI, as condições enunciativas que sustentam a ação verbal estão inscritas na própria superfície textual, de modo que as marcas do processamento textual-interativo podem ser encontradas na materialidade linguística do texto, o que justifica sua escolha como objeto de estudo e como lugar de identificação de pistas definidoras das regularidades textuais. Nesse contexto, esse princípio destaca a fundamental importância de uma descrição textual-interativa que verifique as marcas que a situação enunciativa imprime nos textos. Ademais, o presente pressuposto teórico deixa evidente que a GTI nega recortes dicotômicos, como língua/fala, ou competência/desempenho, e direciona suas pesquisas não apenas para fatores estritamente estruturais da linguagem, mas também para princípios comunicativos que orientam a atividade verbal, organizados conforme as restrições estruturais de cada contexto de uso da língua e as escolhas facultadas aos falantes.

Considerando a presença intrínseca dos fatores pragmáticos na construção do texto, a análise dos fenômenos investigados na GTI não dicotomiza as funções textual e interativa, e sim as conjuga segundo a dominância de uma ou de outra, o que já aponta para um terceiro princípio teórico da GTI – o princípio de gradiência. De acordo com esse pressuposto, quando um determinado procedimento de elaboração textual atua predominantemente na organização

informativo do texto, sua influência na organização das instâncias de enunciação passa a segundo plano, sem que seja anulada a manifestação das contingências pragmáticas no processamento textual. Paralelamente, quando um procedimento de textualização tende mais a focalizar a atividade enunciativa, demonstrando a preponderância da função interacional, seu funcionamento na organização informativa decresce no texto, sem que seja apagada a sua funcionalidade no andamento informativo da construção textual. Isto significa dizer que, segundo a GTI, os elementos envolvidos na construção do texto sempre desempenham, conjuntamente, as funções textual e interativa, podendo apresentar função ora predominantemente textual e menos interativa, ora mais interativa e menos textual, ou ainda, em certos casos, ter um equilíbrio entre tais funções.

Fechando a síntese dos pressupostos teóricos da vertente da LT que primordialmente embasa este trabalho, enfatizamos que a GTI, ao considerar os contextos de uso efetivo da linguagem e assumir a dinamicidade das relações textual e interativa, defende que as classes de elementos envolvidos na construção textual podem ser não-discretas. Segundo Jubran (2007), a GTI admite que uma mesma forma linguística pode se prestar a diferentes funções e, conseqüentemente, ser enquadrada em distintas categorizações. Assim, um princípio fundamental desta teoria de texto é o reconhecimento da fluidez de limites entre os tipos de fenômenos por ela abordados, em razão do equilíbrio instável das configurações textual-interativas.

Quanto à base de fundamentação teórica da GTI, esta é assentada em um tripé que envolve a Linguística Textual, principalmente, a Pragmática e a Análise da Conversação. A presença da Linguística Textual subsidia o modo de configurar o objeto de estudo da GTI – o texto. Como apresentamos, a tendência da LT selecionada pela GTI para o tratamento do texto é a que busca o enfoque linguístico-pragmático e que concebe o texto como unidade sociocomunicativa, constituindo-se no contexto de um processo interacional. Assim, é a LT que sustenta a conceituação de texto adotada pelo quadro teórico em questão.

Já a importância dada à dimensão comunicativo-interacional da linguagem é orientada pela Pragmática, que ancora princípios da GTI como o de que os fatores envolvidos na organização do texto devem ser estudados a partir das suas condições de efetivação e o de que os elementos interacionais são constitutivos do texto. Dessa forma, considerando a filiação da GTI à LT de base pragmática e a presença da própria Pragmática no tripé que fundamenta a teoria base deste estudo, podemos observar o papel primordial dessa área da Linguística na direção da descrição textual-interativa.

Por último, a Análise da Conversação também fornece bases para a GTI porque propõe pressupostos teórico-metodológicos específicos para o desenvolvimento de análises do uso da modalidade falada da língua, em situações diversificadas de intercurso verbal. Como as pesquisas baseadas na GTI incluem o exame de gêneros textuais orais, além do de gêneros escritos, a Análise da Conversação colabora na orientação de estudos do processamento textual-interativo dos gêneros orais.

Considerando os conceitos e princípios teóricos apresentados, a GTI define um programa de pesquisa que envolve, além do estudo da organização tópica e da referenciação, a investigação de outros processos de construção textual, chamados de “repetição”, “correção”, “parafraseamento”, “parentetização” e, por fim, “tematização e rematização”. Ainda, os trabalhos desenvolvidos no interior da GTI focalizam também os “marcadores discursivos” (MDs), um grupo amplo de elementos que envolvem sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, responsáveis por marcar, estabelecer, criar, evidenciar relações de sentido basicamente textuais ou interacionais construídas no texto, dependendo da situação comunicativa em que se incluem. Especificando esse programa de pesquisa da GTI, na sequência, sintetizaremos brevemente cada um dos processos de construção textual estudados, bem como explicaremos, de forma sintética, a forma como são concebidos os MDs nesse quadro teórico-metodológico. Como os processos de organização tópica e de referenciação são alvo de investigação nesta tese, reservamos seções próprias (seções 1.4 e 1.5.1) para tratamento detalhado de cada um deles.

Na GTI, a repetição compreende a produção de elementos linguísticos, idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no contexto de um mesmo evento comunicativo. Além disso, é vista como um processo de composição do texto e de condução do tópico discursivo, e não como um descontinuidade textual. Por meio desse processo, o locutor expressa algo novo, pois repetir não significa dizer a mesma coisa ou repetir o mesmo conteúdo. Nesse sentido, a repetição não envolve a identidade referencial, não sendo estabelecida uma relação de espelhamento automático entre o constituinte matriz da repetição e o item repetido (ANDRADE, 1998; MARCUSCHI, 2015).

A correção, por sua vez, consiste na produção de um enunciado linguístico (enunciado-reformulador) com vistas a apagar um anterior (enunciado-fonte) considerado “errado” por um dos interlocutores no processamento do texto. Desse modo, a correção é um processo de formulação retrospectiva e pode incluir, eventualmente, mas não necessariamente, um parentesco semântico entre o enunciado-reformulador e enunciado-fonte. Ainda, entende-se a correção como um processo altamente interativo e colaborativo, já que o falante procura uma

nova palavra ou estrutura que lhe pareça mais favorável à intercompreensão (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2015).

Já o parafraseamento é um processo por meio do qual novos enunciados remetem, no decorrer da construção do texto, a enunciados anteriores, modificando-os total ou parcialmente. Como busca dar um tratamento linguístico-discursivo a elementos textuais anteriormente instalados no texto, esse processo, assim como o de correção, tem um escopo retrospectivo. Outra característica fundamental do parafraseamento é a relação semântica estabelecida entre o enunciado parafraseado e o enunciado parafraseador, que é sempre de parentesco semântico, em maior ou menor grau, nunca, contudo, estabelecendo uma absoluta equivalência semântica, o que culmina sempre na geração de novos sentidos no texto (HILGERT, 2015).

No que diz respeito à parentetização, na GTI, este processo é observado no contexto do Segmento Tópico,² de forma que é preciso levar em consideração uma das propriedades particularizadoras do tópico discursivo, a centração,³ para definir um segmento parentético. Essa propriedade tópica da centração funciona como um parâmetro para o reconhecimento da parentetização porque, como fenômeno observado dentro do Segmento Tópico, a inserção parentética se configura como uma breve suspensão do tópico discursivo, mas que, na realidade, não chega a provocar a suspensão do tópico por ela não adquirir nova centração, não instaurando um outro tópico discursivo (JUBRAN, 2015b).

Finalmente, o processo de tematização e rematização envolve as diferentes formas de articulação, nos enunciados, dos constituintes com função de tema e de rema, ligados às noções de dado e novo. Especificamente, na investigação deste processo, são observadas construções com tema ou rema marcados, em relação à ordem canônica das sentenças. Assim, na GTI, a tematização e rematização compreende o deslocamento de elementos temáticos e remáticos que pode dar indícios, por exemplo, acerca do tópico discursivo instaurado na porção de texto em que o deslocamento ocorre (KOCH, 2015b).

Conforme comentamos, além de incluir os processos de construção textual, o programa de pesquisa da GTI engloba o estudo do uso de MDs, organizados em dois conjuntos: (i) MDs basicamente sequenciadores e (ii) MDs basicamente interacionais. Os MDs do primeiro grupo funcionam, basicamente, na articulação de porções textuais, encaminhando a introdução, o

² Como será explicado na seção 2.3, o Segmento Tópico corresponde a uma porção textual que concretiza a categoria do tópico discursivo.

³ Conforme detalharemos na seção 2.3, a centração pode ser entendida como a propriedade de concentração da interação verbal em um determinado conjunto de objetos de discurso, explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância em determinado ponto do texto.

fechamento, a reintrodução de SegTs, além de articularem partes da estrutura interna dos SegTs mais específicos dos textos. Os MDs do segundo grupo, por seu turno, atuam, com dominância, na codificação de impressões que os falantes têm sobre o processo de interação verbal, exercendo funções como as de chamar a atenção do locutor, oferecer um *feedback* ao falante e também garantir tempo ao interlocutor para o planejamento do seu texto (RISSO, 2015; RISSO; SILVA; URBANO, 2015; URBANO, 2015).

Feita a apresentação da GTI, na seção seguinte, detalhamos a noção de Tópico Discursivo, categoria analítica desta teoria de texto que fundamentalmente embasa a presente pesquisa.

2.3 A noção de Tópico Discursivo

A concepção de *Tópico Discursivo* na GTI e em trabalhos que serviram de referência para a definição dos fundamentos desta teoria, como o de Brown e Yule (1983),⁴ não deve ser confundida com a de tópico frasal ou sentencial. Esses autores, por exemplo, discutem que a noção de tópico sentencial está associada a descrições de estrutura da sentença e diz respeito ao tópico que o falante anuncia em uma sentença, podendo corresponder ou não com o sujeito gramatical, enquanto o tópico discursivo corresponderia a uma proposição – normalmente expressa por uma frase ou sentença – na qual é feita uma afirmação acerca de um fragmento de discurso, de modo que haveria, para todo um fragmento, uma proposição que representaria o seu tópico discursivo. Nesse mesmo sentido, van Dijk (1980) explica que o tópico frasal está relacionado a questões sintáticas que apontam uma relação entre tópico-comentário e determinam a distribuição de informações ao longo de sequências frasais, ao passo que “tópico” ou “tema” discursivo se relaciona com extensões textuais maiores do que a frase, reduzindo, organizando e categorizando a informação semântica de sequências discursivas como um todo. A partir do trecho de romance exemplificado por van Dijk e mostrado em (1) podemos discernir melhor como este autor entende a noção de Tópico Discursivo.

- (1) Fairview estava morrendo. No passado, havia sido uma pequena cidade empreendedora e próspera e suas duas grandes fábricas, especializadas em ferramentas, tinham sido uma fonte lucrativa de riqueza.
Agora, Fairview já tinha passado sua idade de ouro. A produção massiva havia se encarregado disso. Os métodos de produção da pequena cidade não podiam competir com as fábricas modernas que haviam surgido da noite para o dia nos distritos vizinhos.

⁴ Ver, por exemplo, Jubran *et al.* (2002), trabalho que apresenta os princípios do estudo da organização tópica e tem como uma de suas referências a obra de Brown e Yule (1983).

A produção massiva e Bentonville havia acabado com Fairview. Bentonville era uma cidade fabril de rápida expansão a umas trinta milhas. Era uma cidade que surgiu como os cogumelos. Uma cidade para as gerações jovens com lojas brilhantemente pintadas, limpas casinhas de campo baratas, rápidos bondes e um jovem, vigoroso e palpitante espírito comercial.

A juventude de Fairview tinha ido ou a Bentonville ou mais ao norte, algumas pessoas, inclusive, tinham partido para Nova Iorque. Os negócios mais progressivos tinham sido transferidos a Bentonville tão rapidamente como a escrita apareceu na parede. Só ficavam ali os negócios menos empreendedores, defendendo-se da melhor forma que podiam.

Fairview estava derrotada. Era possível vê-lo nas casas em ruína, nas estradas sem reparos e na qualidade dos produtos nas vitrines. Era possível ver na digna ruína da pequena colônia de homens de negócios aposentados que tinham prosperado na idade de ouro e se contentavam em terminar seus dias nesta triste e pacata pequena cidade.

E podia-se ver particularmente no número de desocupados que se reuniam nas esquinas, indiferentes e apáticos.⁵

(VAN DIJK, 1980, p. 198-199, tradução nossa).

De acordo com van Dijk (1980), se um falante é questionado sobre o tema ou tópico dessa passagem, poderia responder, de modo geral, algo como “Fairview, uma pequena cidade”, “a decadência de Fairview” ou, ainda, “a decadência de Fairview em razão da produção massiva e da competência de uma cidade vizinha”, e todas essas respostas seriam aceitáveis. Contudo, quais seriam, segundo o autor, as regras ou procedimentos semânticos que subjazem a essa habilidade do falante de reconhecer o tópico de um texto? Buscando responder a esse questionamento, van Dijk (1980) esclarece que o tópico desse texto está expresso várias vezes durante a passagem, em trechos como os dados em (2).

- (2)
- Fairview estava morrendo;
 - Fairview já tinha passado sua idade de ouro;
 - A produção massiva e Bentonville haviam acabado com Fairview;
 - Fairview estava derrotada.

⁵ Fairview estaba muriéndose. En el pasado, había sido una pequeña ciudad emprendedora y próspera y sus dos grandes fábricas, especializadas en herramientas, habían sido una fuente lucrativa de riqueza. Ahora, Fairview había pasado ya su edad de oro. La producción masiva se había encargado de eso. Los métodos de producción de la pequeña ciudad no podían competir con las fábricas modernas que habían surgido de la noche a la mañana en los distritos vecinos.

La producción masiva y Bentonville había acabado con Fairview. Bentonville era una ciudad fabril de rápida expansión a unas treinta millas. Era una ciudad que surgió como las setas. Una ciudad para las generaciones jóvenes con tiendas brillantemente pintadas, limpias casitas de campo baratas, rápidos tranvías y un joven, vigoroso y palpitante espíritu comercial.

La juventud de Fairview se había marchado o a Bentonville o más al norte; algunos incluso se habían ido a Nueva York. Los negocios más progresivos se habían transferido a Bentonville tan pronto como el escrito apareció en la pared. Sólo quedaban allí las tiendas menos emprendedoras, defendiéndose lo mejor que podían.

Fairview estaba derrotada. Se podía ver en las casas en ruina, las carreteras sin arreglar y la calidad de los productos en los escaparates. Se podía ver en la digna ruindad de la pequeña colonia de hombres de negocios retirados que habían prosperado en la edad dorada y se contentaban con terminar sus días en esta triste y estancada pequeña ciudad.

Y se podía ver particularmente en el número de parados que se reunían en las esquinas, indiferentes y apáticos.

Assim, pode-se considerar que todas essas frases são quase uma paráfrase de uma mesma representação semântica subjacente ao texto. No entanto, van Dijk (1980) ainda questiona sobre como poderíamos dizer que tais frases expressariam o tópico de toda a passagem. A esse respeito, o autor explica que há uma relação hierárquica entre o significado dessas frases e das demais do texto, existindo, portanto, uma especificação do significado dessas pelas outras que também compõem o trecho do romance. Desse modo, o conceito de decadência implica um momento de prosperidade (econômica ou cultural) seguido de uma contenção dessa prosperidade, noção que estaria presente no trecho “No passado... Agora...”. Seguindo essa especificação, em um nível mais particular de significação, estariam as razões para a prosperidade e para a sua contenção, que podem ser encontradas no texto na menção à existência de fábricas lucrativas em Fairview e à produção massiva de fábricas modernas nos distritos vizinhos, respectivamente.

Com base, então, nessas explanações, van Dijk (1980) define que um conceito ou estrutura conceitual (proposição) pode se tornar tópico discursivo se organiza hierarquicamente a estrutura conceitual do texto. Nesse cenário, a definição de tópico discursivo do autor, conforme a qual o tópico equivale a uma proposição vinculada pelo conjunto unido de proposições expressas na sequência do discurso como um todo, permite falar que um texto pode apresentar “subtópicos”, ou “tópicos atômicos”, como denomina van Dijk. Assim, aproveitando o caso em (1), podemos dizer que um ponto específico do texto focaliza, por exemplo, a descrição de uma cidade, enquanto outro, a competência de uma das cidades mencionadas, e cada um desses pontos particulares de estruturação do texto compõe o tópico hierarquicamente mais abrangente que organiza toda a estrutura conceitual do texto.

Esse entendimento de que o tópico organiza hierarquicamente a estrutura conceitual do texto também leva van Dijk (1980, 2011) a associar o conceito de Tópico Discursivo à noção de macroestrutura semântica, que se refere a uma representação semântica de uma sequência de proposições que integram o discurso, ou parte dele.⁶ Com base em tal associação, é possível considerar a existência de níveis de macroestrutura do discurso e admitir, então, que qualquer proposição expressa por uma sequência discursiva é uma macroestrutura para essa sequência, da mesma forma que essas proposições macroestruturais podem estar sujeitas, em outro nível do discurso, a integrarem um contexto maior, formando, conjuntamente, uma macroestrutura mais geral.

⁶ A partir do trabalho de van Dijk (1980), podemos notar a importância das macroestruturas na comunicação, que são associadas à noção de tópico discursivo, porque, segundo o autor, um conjunto de sequências linguísticas que não têm macroestrutura é geralmente inaceitável em contextos comunicativos.

Brown e Yule (1983), por sua vez, além de sustentarem que o tópico corresponde a uma proposição a respeito de um fragmento de discurso, como já mencionamos, também dizem que o tópico pode ser entendido como aquilo sobre o qual se fala ou se escreve em um discurso e que essa noção parece ser um princípio central de organização de muitos discursos. Assim, os autores argumentam que o tópico discursivo permite ao analista explicar por que várias sentenças podem compor, juntas, um trecho do discurso que se difere de outros trechos, além de fornecer maneiras de distinguir fragmentos discursivos que parecem ser coerentes, pertencendo os diferentes grupos de sentenças a um mesmo tópico discursivo. Nessa direção, Brown e Yule (1983) explicam que, mesmo que as sentenças de um discurso estejam conectadas por meio de associações conceituais e itens lexicais, se essas conexões não são relacionadas ao tópico conversacional, o discurso parece incoerente.

Ademais, de maneira semelhante a van Dijk (1980), Brown e Yule (1983) afirmam que o tópico, relacionado ao conteúdo do discurso, pode ser compreendido em termos de hierarquias de elementos no discurso, sendo os elementos mais abrangentes os candidatos, naturalmente, a serem tratados como os componentes mais importantes do tópico. Essa relação hierárquica do discurso também pode ser notada quando mencionamos o fato de as pessoas poderem se lembrar, após a leitura de um texto, com mais frequência, desses elementos discursivos mais importantes de forma melhor do que de outros. Portanto, essa maneira de memorização, nas palavras dos autores, “pode ser evidência de que o que nós temos ‘em nossa mente’ depois da leitura de um texto são aqueles elementos que constituem o tópico discursivo” (BROWN; YULE, 1983, p. 107, tradução nossa).⁷

Sem utilizar o termo “tópico discursivo”, Bernárdez (1982) define “tema de texto”, o que, a nosso ver, parece ter estreita relação com o que os autores anteriormente mencionados chamam de tópico discursivo. Conforme Bernárdez, o tema do texto diz respeito ao seu conteúdo semântico fundamental, ao seu conteúdo informativo básico. Partindo dessa proposta, o autor distingue informação fundamental de informação secundária do texto. Em sua visão, a informação fundamental diz respeito ao que deverá ser captado pelo receptor para que o emissor possa considerar que seu texto teve êxito, enquanto a informação secundária é aquilo que o receptor pode ou não ter entendido do texto sem que essa possível falta de compreensão afete o êxito global da mensagem.

Apesar de a noção de tópico discursivo da GTI dialogar com a desses trabalhos, particularmente no que diz respeito ao entendimento de que o tópico está relacionado, grosso

⁷ [...] this might be evidence that what we have ‘in our heads’ after reading a text are those elements which constitute the discourse topic.

modo, ao conteúdo informativo semântico básico, ao tema do texto, podendo, ainda, haver uma hierarquização temática, é no interior deste quadro teórico-metodológico que se fixam critérios analíticos do tópico discursivo para a identificação de unidades textual-interativas que o concretizam. Desse modo, Jubran *et al.* (2002) determinam que o tópico se manifesta no texto “mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN *et al.*, 2002, p. 244), o que permite tomar o tópico discursivo, no sentido geral, conforme explica Jubran (2006a, p. 35), como “‘acerca de’ que se fala”.

A partir da observação da convergência de determinados grupos de enunciados para um mesmo conjunto de objetos de discurso, a GTI estabelece duas propriedades particularizadoras do tópico discursivo – **centração** e **organicidade**, as quais permitem definir o tópico discursivo como “categoria abstrata e analítica” (JUBRAN, 2015c, p. 87).

A propriedade da **centração** abrange, segundo Jubran (2015c), os seguintes traços:

- a) **concernência**: relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto específico de objetos de discurso explícitos ou inferíveis, instaurado no texto como alvo da interação;
- b) **relevância**: proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial concernente, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;
- c) **pontualização**: localização desse conjunto referencial em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, interacionalmente instauradas. Desse modo, em cada momento do texto, os interlocutores têm como foco um determinado conjunto de objetos de discurso, e os pontos de início e de fim do desenvolvimento de cada um desses conjuntos referenciais marcam a sua pontualização na linearidade textual.

O exemplo em (3), extraído de Jubran (2015c), ilustra os traços da **centração**.

(3) Tópico discursivo: Atividades profissionais do marido de L1

Doc. – o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora?

L1 – não ele teve escritório no início da carreira ... teve escritório durante ... oito anos:: mais ou menos ... depois ... ainda com escritório ... e como ele tinha liberdade de advogar ele também ... exercia a:: profi/ o a advocacia do Estado né?:: ... e depois ... é que ele começou a lecionar quando houve ... a necessidade de regime de dedicação exclusiva [...] ... então:: ele::: começou a lecionar foi convidado e:: [...] e::: e deu-se muito bem no magistério ... ele se realiza sabe? [...] ele se dedica muitíssimo a ... tanto à carreira de procurador como de professor (tá?) [...] [D2 SP 360: 1.160-91]

(JUBRAN, 2015c, p. 88)

Conforme Jubran (2015c), em (3), a *concernência* é verificada na construção de um conjunto de objetos de discurso relativo às profissões do marido de L1. A integração dos elementos constitutivos desse conjunto referencial pode ser constatada pela integração semântica estabelecida entre lexemas que circunscrevem o tema “profissão”, a exemplo de “escritório”, “carreira”, “advogar”, “lecionar”, “procurador” e “magistério”. Também contribuem para essa integração mecanismos de articulação textual, como “e”, “depois”, “quando” e “então”, que articulam a estrutura do segmento textual.

Já a *relevância* tópica pode ser atestada pela observação dos temas e dos remas sentenciais. Quando observamos os temas, notamos que eles são, muitas vezes, expressos pelo pronome “ele”, categorizando o objeto de discurso “marido”. A esses temas, estão ligados remas que expressam a dominância do tópico “profissões”, como em “ele teve escritório no início da carreira”, “ele tinha liberdade de advogar” e “ele começou a lecionar”.

Considerando, então, a *concernência* e a *relevância* dos elementos textuais em (3), podemos distinguir uma unidade textual coesa e coerente acerca das profissões do marido de L1. Sendo assim, Jubran (2015c) explica que *concernência* e *relevância* são traços imprescindíveis para localizar um conjunto de enunciados que concretiza um tópico discursivo, o que já demonstra o terceiro traço da centração, a *pontualização*.

A propriedade tópica da **organicidade**, por sua parte, manifesta-se, conforme Jubran (2015c), por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente em dois planos:

- a) no plano hierárquico: conforme as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;

- b) no plano linear: segundo as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do texto.⁸

Assim definidas tais propriedades, Jubran (2015c) salienta que a centração oferece critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual. Então, a partir da aplicação dos traços de concernência, relevância e pontualização à análise de um texto, resulta o seu recorte em Segmentos Tópicos (SegTs), unidades de análise textual-interativas que podem ser entendidas, a partir de Jubran (2015c) e Penhavel e Diniz (2014), como unidades linguísticas de organização textual que materializam a categoria abstrata do tópico discursivo. No caso em (3), o SegT corresponde a todo o segmento textual que concretiza o tópico *Atividades profissionais do marido de L1*, o qual vai do começo até o fim do exemplo.⁹ Além disso, a propriedade da organicidade permite-nos observar os procedimentos pelos quais os tópicos se inter-relacionam, tanto no plano hierárquico como no sequencial da construção textual.

Tratando ainda da concepção de tópico discursivo na GTI, destacamos que, conforme Jubran (2015c), a construção de tópicos discursivos envolve um processo colaborativo durante o qual os participantes do ato interacional procuram manter a interação em torno de um conjunto de objetos de discurso compartilhados e que se constituem como foco da interação verbal. Desse modo, há uma consciência de que se deve falar sobre algo e de que o ponto para o qual converge a interação deve estar claro para os interlocutores. Nesse contexto, pode-se dizer que o tópico discursivo é, ainda, um princípio de construção textual, que guia, pois, o processo colaborativo de elaboração do texto, o que dialoga com a consideração de Brown e Yule (1983), mencionada anteriormente, a respeito de o tópico parecer ser um princípio central de organização de discursos.

Partindo do pressuposto de que o tópico decorre de um processo que reúne tanto locutor quanto interlocutor, Jubran (2015c) explica que a construção do texto envolve uma complexa gama de fatores contextuais, entre os quais estão as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos compartilhados

⁸ Na seção 2.4, ao tratarmos do processo de organização tópica, os exemplos lá dados, em (4), (5) e (6), ilustram como a propriedade da organicidade se manifesta no texto.

⁹ Ainda sobre a noção de SegT, Pinheiro (2005) explica que o SegT é considerado a unidade de análise textual-interativa. De acordo com o autor, os variados gêneros têm extensões variadas, por isso é necessário segmentá-los em unidades menores para analisá-los. Assim, o SegT é considerado a unidade de composição textual que abrange as mesmas características formulativo-interacionais do texto, constituindo-se como uma unidade linguística estrategicamente organizada e veiculadora de sentido. Também sobre a noção de SegT, esclarecemos que o próprio texto como um todo já é um SegT, porque todo conjunto de enunciados que materializa um tópico discursivo é um SegT.

entre eles, sua visão de mundo e também o repertório de cada um em relação ao que falam. Com base nesse jogo interativo, Pinheiro (2005) afirma que o tópico discursivo é também uma categoria interacional, posto que é resultante da natureza interativa e colaborativa do texto.

Considerando as explicações feitas nesta seção e alinhada à proposta teórica textual-interativa, a noção de Tópico Discursivo da GTI pode ser entendida, sinteticamente, como uma categoria analítica abstrata, que se relaciona a tema(s) focalizado(s) na construção textual e que é definida pelas propriedades de centração e organicidade, as quais caracterizam um princípio de construção textual interativamente seguido pelos interlocutores.

Como dissemos, o tópico discursivo firma-se como um princípio organizador do texto e, sendo assim, apresenta uma estrutura que pode ser analisada e descrita, o que pode retomar a afirmação de Maynard (1980) de que aquilo sobre o *que* se fala não pode ser distinguido de *como* se fala, de sorte que os analistas devem se preocupar não meramente com a análise do conteúdo do texto, mas também com questões de estrutura textual. Assim, Maynard (1980) chama de “topicalidade” não apenas algo relacionado a uma questão de conteúdo, mas, particularmente, o *procedimento* que os participantes da interação utilizam para mostrar como compreendem a organização do texto e para conseguir que um segmento textual se agrupe com outros anteriores. Podemos, então, chamar de “topicalidade” o *processo* de estruturação do texto em tópicos discursivos, que é também chamado na GTI de “processo de organização tópica”, o qual é estudado neste trabalho e será explicado em detalhes na próxima seção.

2.4 O processo de organização tópica

O processo de organização tópica consiste na organização do texto mediante a construção e a articulação linear e hierárquica de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de objetos de discurso concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto (JUBRAN, 2015c; GUERRA; PENHAVEL, 2010; PINHEIRO, 2005). Conforme Penhavel (2020), pode-se também dizer que esse processo compreende a instauração de uma rede de tópicos discursivos hierarquicamente interligados, a construção de grupos de enunciados que materializam esses tópicos e a articulação linear entre esses grupos de enunciados.

Como já mencionado na seção 2.3, as propriedades de centração e organicidade são definidoras da categoria do tópico discursivo. Nesse cenário, como a concepção de organização tópica demonstra que esse processo envolve a instauração de uma rede de tópicos discursivos, é possível afirmar que **centração** e **organicidade** são também propriedades particularizadoras

desse processo de construção textual. Assim, a organização tópica compreende a construção, pelos falantes, de vários grupos de enunciados, cada um reunindo os três traços da centração (concernência, relevância e pontualização) e organizados simultaneamente segundo os planos hierárquico e linear da organicidade.

Quanto ao funcionamento da organização tópica, este processo apresenta dois níveis de realização – o **intertópico** e o **intratópico**. O **intertópico** consiste na combinação hierárquica de tópicos discursivos (desde tópicos mais amplos até os mais específicos), assim como na articulação entre SegTs, inclusive entre os SegTs mínimos, entendidos como unidades linguísticas de organização textual que concretizam os tópicos mais particulares de um texto. Desse modo, no nível intertópico, avaliamos os planos hierárquico e linear da organicidade tópica. A partir da DE em (4), explicamos, com maiores detalhes, o plano hierárquico do nível intertópico do processo de organização tópica. Aproveitamos o exemplo para ilustrar no que consistem os SegTs mínimos, que, conforme já mencionamos e se poderá notar, materializam os tópicos discursivos mais específicos do texto.

(4) **Tópico discursivo central: Jipe do informante**

		Tópico discursivo 1: Jipe do informante de forma geral	
SegT	SegT mínimo	Doc.: descreva seu jipe para mim	1
		Inf.: bom... meu jipe::... é amarelo... amarelo:: meio do(u)rado assim...	2
		ele::... ((risos)) é de mil novecentos e oitenta e um...	3
	Tópico discursivo 2: Semelhança do jipe com aqueles usados na II Guerra Mundial		
	SegT mínimo	é um jipe que foi:: usado na::... na segunda guerra mundial... ele é um	4
		po(u)co mais moderno um po(u)co mais novo né?... do que do o usado	5
		na segunda guerra mundial mas ele é basicamente a mesma coisa [...]	6
	Tópico discursivo 3: Diferenças do jipe em relação a outros jipes		
	Tópico discursivo 3.1: Rodas especiais		
	SegT mínimo	éh:: ele tem algumas::... diferen::ças dos o(u)tros jipes... são algumas	7
		adaptações... que eu fiz pra facilitá::(r)... pra dirigí(r)... ele tem rodas	8
		espe/ especiais... [...]	9
	Tópico discursivo 3.2: Motor retificado		
	SegT mínimo	ele tem::... o motor dele é totalmente::... é retificado... motor dele é	10
		novinho é o motor de um de um o(u)tro carro... que chama que chama	11
		Maverick... é um motor dois ponto três... de quatro cilindros... a álcool	12
		né?... é um motor bem for::te tal... [...]	13
	Tópico discursivo 3.3: Freio de efe trezentos e cinquenta		
	SegT mínimo	tem também::... o(u)tra diferença é o freio... que é um freio não/ que	14
		tam(b)ém não é de::le... é um freio de efe trezentos e cinquenta... que é	15
		d'uma caminhonete que é mais for::te tal o carro e mais macio também	16
		na hora de apertá(r)...	17
	Tópico 3.4: Escapamento diferenciado		
	SegT mínimo	tem tem escapamento também que é diferente que é diferencia::do que	18
		foi feito especialmente pra e::le que é um:: tipo diferente que ele... ele	19
		faz com que o motor num perca a potência... abafa:: o barulho mas num	20
		perde potência... e é basicamente isso... num tem:: mais... mais nada	21
		assim	22

[BDI-AC-049; DE: L. 114-147; 1, 2, 3, 10 e 13 /13]¹⁰

Observando a hierarquia tópica do caso em (4), vemos que o tópico central *Jipe do informante* desdobra-se em três tópicos mais particulares em relação a ele. O primeiro deles, que se desenvolve da linha 1 até a 3, descreve o carro de forma mais geral, caracterizando-o pela sua cor e ano de fabricação, e o segundo, reconhecido entre as linhas 4-6, centra-se na semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial. Na continuação do

¹⁰ Como detalharemos na seção 3, de metodologia, as informações ao final de cada exemplo que analisamos indicam a fonte do dado selecionado do Banco de Dados IBORUNA.

desenvolvimento da DE, o terceiro tópico discursivo que particulariza o tópico central focaliza as diferenças do jipe do informante em relação a outros jipes, o qual é especificado por quatro tópicos ainda mais particulares: *Rodas especiais* (3.1; L. 7-9), *Motor retificado* (3.2; L. 10-13), *Freio de efe trezentos e cinquenta* (3.3; L. 14-17) e *Escapamento diferenciado* (3.4; L. 18-22).¹¹

Considerando, então, essa análise da hierarquia tópica do exemplo em (4), é possível depreender que a dimensão hierárquica da organização tópica encerra as relações de dependências de superordenação e subordinação entre os tópicos que se organizam segundo o grau de abrangência do assunto desenvolvido no texto. Assim, há um tópico discursivo mais amplo que pode abranger tópicos discursivos mais particularizadores que, por sua vez, podem se especificar em tópicos ainda mais particulares, até que se alcancem constituintes tópicos mínimos, materializados por SegTs mínimos.

Como mencionamos, com relação à organização intertópica, analisamos, além da hierarquia tópica, o plano linear da organicidade tópica. Então, neste plano, observamos, na linearização, o sequenciamento entre SegTs mínimos. Jubran (2015c) propõe uma tipologia de formas de linearização que envolve dois fenômenos básicos – (i) a continuidade, que corresponde à relação de adjacência entre os SegTs mínimos, de maneira que a abertura de um novo SegT mínimo se dá apenas quando o tópico discursivo do seu SegT imediatamente anterior na linearidade textual foi finalizado e (ii) a descontinuidade, que diz respeito, de modo geral, a uma interrupção (temporária ou não) de um SegT mínimo por outro SegT sem que o tópico correspondente ao SegT interrompido tenha sido finalizado. A seguir, em (5) e (6), ilustramos um caso de continuidade e outro de descontinuidade tópica, respectivamente.

(5) Tópico discursivo: Problemas com filhos adolescentes de L1

L2 – e dão muito trabalho tem esses problemas de juventude esses negócios () (não está muito na idade né?)

L1 – não por enquanto não porque... estão entrando na as mais velhas estão entrando agora na adolescência e ... [...] mas mas são muito acomodadas... ainda não começaram assim ... aquela fase ... chamada de ... mais difícil de crítica [...]

L2 – ahn ahn [...]

L1 – agora ... eu acho que:: ... eu espero não:: ter problema com elas porque ... nós mantemos assim um diálogo bem aberto sabe?

L2 – uhn uhn

L1 – com as crianças ... então ... esperamos que não haja maiores problemas [...] com o avançar dos anos ... enfim ... o futuro [...] pertence ...

¹¹ Como o tópico *Diferenças do jipe em relação a outros jipes* se desdobra em tópicos ainda mais específicos, este tópico se constitui como um supertópico em relação a cada um dos seus quatro tópicos mais particulares, mas como um subtópico em relação ao tópico central *Jipe do informante*. Na GTI, as noções de supertópico e subtópico são relacionais, de modo que um subtópico de um tópico superior passa a ser um supertópico na ocasião de sua especificação por tópicos mais particulares e em relação a estes, o que acontece exatamente com o tópico *Diferenças do jipe em relação a outros jipes*, em (4).

L2 – ah

L1 – a Deus e não ... a nós

Tópico discursivo: Tamanho da família de origem de L2

L2 – realmente deve ser uma delícia ter uma família gran/bem grande com bastante gente ... eu sou filha única ... ah tenho um irmão de treze anos ... mas gostaria deMAIS de ter tido ... mais irmãos ... porque quando:: ... com meu irmão eu já:: tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer então não tem quase que vantagem nenhuma não é? ... eu queria então uma família grande tínhamos pensa::do ... numa família maior mas depois do segundo [...] seriamente em parar ... [D2 SP 360]

(JUBRAN, 2015c, p. 93)

(6) Tópico discursivo: Número elevado de homens candidatos em concurso de procurador

L2 – e e apesar de todas essas restrições feitas ... pelos homens ... é incrível o número de candidatos para prestar concurso ... o número de HOMens que se candidatam ...

Tópico discursivo: Cotação de algumas profissões no mercado de trabalho

L2 – e por aí a gente vê por FOra ... como a coisa está difícil () por isso eu vejo pelo meu marido ... como eu falei para vocês ele faz seleção de pessoal né? ... então ... ele diz que para ... por exemplo cada cem engenheiros que é pedido ... [...] então eu estava explicando ... que para cem engenheiros que são pedidos ... é pedido UM advogado ... quer dizer a desproporção é inCRÍvel... [D2 SP 360]

(JUBRAN, 2015c, p. 95)

De acordo com as análises de Jubran (2015c), em (5), há continuidade tópica porque L2 toma a palavra para falar sobre o tamanho da sua família de origem depois que o tópico centrado nos problemas com os filhos é esgotado, esgotamento sinalizado, por exemplo, pela restrita participação da interlocutora L2, que se limita a emitir sinais de ouvinte (“ahn ahn”, “uhn uhn” e “ah”), pelo MD “enfim” e pelo clichê “o futuro pertence a Deus e não a nós”, que fecha o tópico. Já em (6), ocorre descontinuidade tópica porque o desenvolvimento do tópico *Número elevado de homens candidatos em concurso de procurador* é cortado, tendo L2 feito uma referência a esse número e, imediatamente, passado a enfocar um novo tópico, sem que tenha sido feito nenhum outro esclarecimento a respeito da quantidade de homens que prestam concurso para procurador.

No tocante ao segundo nível de processamento da organização tópica, o nível **intratópico** diz respeito à estruturação interna de SegTs mínimos, isto é, à divisão interna de SegTs mínimos em grupos e subgrupos de enunciados. Com relação à organização intratópica, tem sido mostrado em trabalhos desenvolvidos na GTI (GUERRA; PENHAVAL, 2010; OLIVEIRA, 2016; PENHAVAL, 2010; SOUZA, 2020) que a estruturação intratópica pode variar de um gênero para outro ou de uma categoria de gênero a outra (gêneros argumentativos,

narrativos etc.). Em relatos de opinião, por exemplo, material que pode ser tomado como representativo de gêneros argumentativos, Penhavel (2010) identifica que os SegTs mínimos se estruturam internamente com base na combinação de grupos de enunciados que expressam referências centrais e grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias relativamente ao tópico discursivo do SegT. Assim, o autor descreve a organização intratópica em relatos de opinião como baseada na relação *central-subsidiário*, também chamada de *posição-suporte*. Em (7), ilustramos esse princípio de estruturação intratópica nos relatos de opinião.

- | | | |
|-----|---|----|
| (7) | então eu acho que <u>nossa cidade é uma das cidades boa</u> né | 1 |
| | porque nossa população é grande... e ainda tem os de fora também que (estuda) aqui né... porque cê vê (doc.: sei) quantos e quantos que vem de LONGE... cê vai no | 2 |
| | Hospital de Base lá cê fala – “não eu num tô em Rio Preto” – ... de tanta ambulância | 3 |
| | que você vê de cidades de fora né... | 4 |
| | | 5 |
| | então eu acho que <u>nossa cidade é uma cidade boa</u> né... | 6 |
| | contentar todo mundo eu acho que o prefeito num vai contentar mesmo (doc.: num tem | 7 |
| | como né)... num tem como... ninguém vai contentar né... | 8 |
| | mas eu acho <u>uma cidade muito boa</u> e gosto daqui... | 9 |
| | inclusive num tenho vontade de mudar daqui não (doc.: é isso é verdade) vou morrer | 10 |
| | aqui mesmo tá (inint.) [AC-132; RO: L.392-401]. | 11 |
- (PENHAVAL, 2010, p. 58).

Penhavel (2010) nomeia o tópico do SegT em (7) como *Nossa cidade é uma cidade boa*. Conforme sublinhado nas linhas 1, 6 e 9, há três enunciados muito similares que expressam esse tópico de maneira mais direta. Os demais enunciados, os quais também colaboram para a construção tópica, expressam, cada um de forma particular, aspectos mais específicos do tópico *Nossa cidade é uma cidade boa*. Dessa maneira, nas linhas 2-5, é abordado o fato de a cidade ter uma população grande e ainda receber pessoas de outros municípios para estudar e cuidar da saúde. Assim, a cidade parece ser boa porque tem uma população numerosa e ainda acolhe moradores de outros lugares. No bloco de enunciados em 7-8, focaliza-se a atuação do prefeito e, então, fica evidente que a cidade é boa apesar de o seu gestor não conseguir contentar todos os munícipes, já que seria normal que nem todos os moradores aprovelem o trabalho do prefeito. Por último, nas linhas 10-11, o informante diz não ter vontade de se mudar da cidade, o que pode ser considerado um argumento para sustentar que a cidade é boa.

É, então, a relação de alternância entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos de enunciados que conjugam referências subsidiárias em relação ao tópico *Nossa cidade é uma cidade boa* que leva Penhavel (2010) a identificar a organização intratópica desse SegT como fundamentada na relação *central-subsidiário*, ou também *posição-suporte*. Nesse contexto, os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 estabelecem-se como três unidades de posição que expressam, de forma mais explícita e direta, o tópico discursivo do SegT. Em contrapartida, os agrupamentos de enunciados nas linhas 2-5, 7-8 e 10-11 constituem-se como três unidades de suporte que desenvolvem, cada um, aspectos específicos desse tópico.

Como dissemos na seção 2.3, a centração tópica embasa a identificação do estatuto tópico de um fragmento de texto, permitindo, portanto, a sua segmentação em SegTs. Além disso, a propriedade tópica da organicidade orienta a análise das relações hierárquicas entre tópicos discursivos, como também o estudo do encadeamento entre SegTs. Nesse âmbito, centração e organicidade, conforme postuladas por Jubran (2006a, 2006b, 2015c), são fundamentais para o exame da organização intertópica. Adicionalmente, Penhavel (2020) reconhece que a organização intratópica, em linha com o que ocorre no nível intertópico, estrutura-se com base nos traços específicos da centração (concernência, relevância e pontualização), em um plano de funcionamento que envolve um grau de centração mais específico do que o suficiente para fazer com que os enunciados componham um mesmo SegT.

Desse modo, conforme o autor, a partir do traço da concernência, pode-se verificar, no interior do SegT mínimo, uma possível divisão entre (sub)grupos de enunciados na qual exista, em cada (sub)grupo, um grau de concernência entre enunciados mais específico do que a concernência geral que garante unidade ao SegT mínimo. Assim, é possível dividir internamente o SegT mínimo conforme a variação de (sub)grupos de enunciados que abordariam, cada um, um aspecto do tópico do SegT. Considerando o traço da relevância, podem ser identificados (sub)grupos de enunciados dentro do SegT mais e menos relevantes (centrais e subsidiários) em relação ao tópico do SegT. Ainda, pautando-se no traço da pontualização, é possível verificar a materialização de cada elemento do tópico do SegT mínimo em um ponto específico dentro SegT (em um (sub)grupo de enunciados), sendo o SegT composto pelo encadeamento de (sub)grupos de enunciados. Nesse contexto, Penhavel (2020) conclui que a centração pode ser tomada como um critério de análise também para o nível intratópico do processo de organização tópica.

Vejamos mais um exemplo de Penhavel (2010) para observar como a centração constitui um critério de análise tópica também no nível intratópico.

- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| (8) | infelizmente... nesses últimos anos... éh:: e eu acho que sempre na história... o:: povo não tem votado direito... e::... o país os municípios os estados... não têm sido bem sucedido em:: algumas eleições... | 1
2
3 |
| | vide:: a eleição do... Fernando Collor... onde ele ((ininteligível)) tanto e depois foi... ele que deu... ele/ o povo brasileiro naquela... esperança da salvação que o povo vive até hoje... o povo votou em massa... no::/ no presidente Fernando Collor... e depois... tudo aquilo aconteceu que é conhecido do país todo... [AC-113; RO: L.218-224] | 4
5
6
7 |
| | | (PENHAVEL; 2010, p. 60) |

De acordo com Penhavel (2010), o tópico discursivo em (8) pode ser chamado de *Insucesso nas eleições no Brasil nos últimos anos* e é instaurado, assim como no caso em (7), com base na relação posição-suporte. Desse modo, as linhas 1-3 expressam diretamente a ideia nuclear do SegT, constituindo-se como uma posição, enquanto o conjunto de enunciados nas linhas 4-7 trata de um aspecto subsidiário do tópico, abordando, especificamente, a eleição de Fernando Collor, o que leva o autor a identificar esse trecho como um suporte.

Para chegar a essa análise, verifica-se que o grau de concernência dentro de cada um dos grupos de enunciados distinguidos em 1-3 e 4-7 é maior do que o grau de concernência geral do SegT mínimo como um todo. Nas linhas 1-3, a concernência instala-se mais diretamente em torno da própria temática do insucesso nas eleições, ao passo que, em 4-5, a concernência é construída com foco especial em uma eleição, a de Collor. Na mesma direção, parece haver uma relação de subordinação temática entre as duas unidades identificadas em (8). A unidade analisada como suporte, nas linhas 4-7, seria uma especificação temática da unidade de posição, nas linhas 1-3, pois, enquanto a posição ressalta que o Brasil não tem sido bem sucedido em algumas eleições, o suporte, por sua vez, apresenta um exemplo de uma eleição específica em que o país não foi bem sucedido. Sendo assim, em (8), a unidade de suporte particulariza um aspecto específico da ideia central do tópico apresentada na posição, o que faz com que a posição seja mais relevante, em termos de organização intratópica, em relação ao suporte. Por fim, pode-se notar que cada conjunto de enunciados que compõe o SegT mínimo é localizável em um ponto específico no interior do SegT, o que mostra que também as unidades que compõem a estrutura interna do SegT podem ser analisadas pela pontualização.

Portanto, a centração é fundamental não apenas para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual, mas também para a distinção da organização intratópica dos SegTs, o que reforça a condição substancial de uma das propriedades caracterizadoras da categoria tópico discursivo e, conseqüentemente, do processo de organização tópica.

Com base, então, na concepção de organização tópica apresentada, nas suas propriedades de centração e organicidade e no entendimento do seu funcionamento tanto no

nível intertópico quanto no intratópico, na seção 4, mais adiante, discutiremos como este processo está relacionado ao de referenciação e, na seção 5, analisaremos os tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos reconhecidos em nossos dados.

2.5 Referenciação e referência

Como adiantamos na introdução da tese, nesta seção 2.5, tratamos da questão da referência conforme concebida em duas áreas da Linguística – a Linguística Textual e a Semântica, o que nos motivou a dividir a seção em duas subpartes. Na primeira delas, em 2.5.1, explicamos como a Linguística Textual define o processo de referenciação e a sua noção de referente. Mais adiante, em 2.5.2, sintetizamos como a Semântica, especialmente a sua vertente pragmática, conceitua a referência, além de apresentarmos também os tipos de entidades semânticas dos referentes. Uma diferença fundamental entre a noção de referente dessas duas áreas da Linguística é que, nos estudos do texto, o referente é considerado uma entidade textual, um objeto de discurso, e, na perspectiva semântica, o referente é uma entidade do mundo extralinguístico, um objeto de mundo.

2.5.1 O processo de referenciação

Conforme Koch (2015a, 2018), no interior da LT, o processo de referenciação constitui *uma atividade discursiva*, pressuposto que implica uma visão não referencial da linguagem, que se afasta da ideia de correspondência direta entre as palavras e o mundo exterior. Com base nessa concepção de referenciação, Koch (2018) entende a referência da seguinte maneira:

[...] não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental, mas, sim, como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos de discurso*, e não como *objetos do mundo*. (KOCH, 2018, p. 64, destaques da autora).

Assumindo essa concepção de referência, a autora explica que nosso cérebro não funciona como um espelhamento da realidade, de modo que nossa maneira de ver o real não coincide com o real. Antes, nossa mente reelabora os dados sensoriais para fins de compreensão e apreensão e essa reelaboração se dá no discurso, obedecendo a restrições impostas por convenções culturais, sociais, históricas e também por condições de processamento do uso da

língua. Portanto, como se pode entender com base em Koch (2015a, 2018), a textualização do mundo por meio da linguagem não ocorre como um simples processo de elaboração de informações acerca do mundo real, mas como uma (re)construção interativa do próprio real. Desse modo, propõe-se um deslocamento da noção de “referência” para a de “referenciação” nos estudos em LT (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20), assumindo, assim, a referenciação como um *processo* construído no texto por meio de sujeitos sociocognitivos, que, conforme Mondada e Dubois (2003), constroem o mundo no curso do cumprimento de suas atividades sociais e o tornam estável graças às categorias manifestadas no discurso, estando esses sujeitos imersos em práticas discursivas intersubjetivas, congregando concepções individuais e públicas do mundo.

Compreender a “referenciação” como um processo de reconstrução do real por intermédio da linguagem implica, portanto, de acordo com Mondada e Dubois (2003), o questionamento dos próprios processos de discretização e de estabilização da língua e do mundo, em vez de pressupor uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas. Além disso, pressupõe considerar a instabilidade constitutiva das categoriais no mundo e na língua, bem como dos seus processos de estabilização. Com isso, as autoras argumentam que a atenção deve ser voltada para a análise de como os processos que constituem as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão sentido à língua e ao mundo.

Conforme ressalta Bassetto (2015), com base em Mondada e Dubois (2003), a instabilidade de objetos de discurso está relacionada com as mudanças sofridas pelo referente no decorrer da construção do discurso, a partir das escolhas lexicais feitas pelo locutor com base nos seus propósitos comunicativos. Além disso, fatores sociais e culturais também podem interferir na instabilidade das categorias, já que estas estão ligadas a práticas do sujeito nas quais ele constrói visões sobre a realidade. Assim, a pesquisadora conclui que a instabilidade das categorias se pauta tanto na relação destas com o contexto de enunciação e os propósitos enunciativos quanto na sua ligação com questões sociais e culturais, que podem acarretar na escolha de determinadas categoriais em detrimento de outras, conforme o sentido que se pretende construir em um texto em cada situação particular de uso da língua. No entanto, tal instabilidade não se dá de forma desordenada, haja vista que os sujeitos são portadores de estruturas cognitivas que permitem certa estabilidade dos referentes conforme o seu mundo e possibilitam a organização da construção de objetos de discurso.

No contexto em que a referenciação é vista como um processo no qual as entidades designadas são concebidas como objetos de discurso, Mondada (2001) apresenta a seguinte definição de objeto de discurso:

No interior dessas operações de referenciação, os interlocutores elaboram objetos de discurso, ou seja, entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos de mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativa e discursivamente produzidas pelos participantes ao longo da enunciação. Os objetos de discurso são, portanto, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são colocados, delimitados, desenvolvidos e transformados. Objetos de discurso não preexistem, nem têm estrutura fixa. Ao contrário, emergem e se desenvolvem gradativamente na dinâmica discursiva. Em outros termos, o objeto de discurso não se refere à verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas de linguagem; não é um referente que teria sido codificado linguisticamente. (MONDADA, 2001, p. 9, tradução nossa).¹²

Alinhados a essa concepção de Mondada de que os objetos de discurso são entidades construídas no decorrer da enunciação, Cavalcante *et al.* (2010) explicam que, na LT, o referente, que é um objeto de discurso, é uma criação que vai se reconfigurando pelas pistas fornecidas pelas estruturas sintático-semânticas e também por outras informações advindas do entorno sociodiscursivo e cultural que vão sendo mobilizadas pelos enunciadores no momento da construção textual.

Com vistas a ilustrar essa concepção dinâmica de objeto de discurso, apresentamos, em (9), um exemplo de Koch (2008), retirado de um trabalho em que a autora demonstra como as expressões nominais têm papel fundamental na construção, categorização e recategorização dos objetos de discurso.

- (9) Lampião, **o mais famoso cangaceiro do nordeste**, é uma **figura altamente controversa**. Para uns é **um santo, pai dos pobres, grande justiceiro**. Já outros o consideram **um verdadeiro demônio, um gênio de maldade, violento e cruel**. De qualquer maneira, ele é **um dos mais importantes vultos da história dessa região de nosso país**.

(KOCH, 2008, p. 112, destaques da autora)

¹² Au sein de ces opérations de référénciation, les interlocuteurs élaborent des objets de discours, i.e. des entités qui ne sont pas conçues comme des expressions référentielles en relation spéculaire avec des objets du monde ou avec leur représentation cognitive, mais des entités qui sont interactivement et discursivement produites par les participants au fil de leur énonciation. Les objets de discours sont donc des entités constituées dans et par les formulations discursives des participants: c'est dans et par le discours que sont posés, délimités, développés et transformés des objets de discours qui ne lui préexistent pas et qui n'ont pas une structure fixe, mais qui au contraire émergent et s'élaborent progressivement dans la dynamique discursive. Autrement dit, l'objet de discours ne renvoie pas à la verbalisation d'un objet autonome et externe aux pratiques langagières; il n'est pas un référent qui aurait été codé linguistiquement.

Em (9), podemos observar as categorizações e recategorizações do personagem Lampião em uma aposição e no interior dos remas sentenciais, acrescentando novas informações a respeito do tema. Desse modo, as expressões nominais destacadas no exemplo vão construindo, no fio discursivo, o objeto de discurso Lampião, (re)categorizando-o como “o mais famoso cangaceiro do nordeste”, “um santo, pai dos pobres, grande justiceiro”, “um verdadeiro demônio, um gênio de maldade, violento e cruel” e “um dos mais importantes vultos da história dessa região de nosso país”. Essa (re)categorização evidencia, pois, que os objetos de discurso, de acordo com Koch (2008), são dinâmicos, posto que, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados e (re)categorizados, (re)construindo-se no curso da progressão do texto.

Como destaca Koch (2018), no processo de referenciação, o discurso constrói uma memória discursiva que vai sendo alimentada pelo próprio discurso, sendo os sucessíveis estágios dessa memória os responsáveis, de algum modo, pelas seleções feitas pelos interlocutores, especialmente no tocante às expressões referenciais. Assim, na constituição da memória discursiva, a autora identifica três operações básicas que se estabelecem como estratégias de referenciação, chamadas de:

- (i) *construção/ativação*: por meio da qual um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido no texto, passando a preencher um nódulo, ou endereço cognitivo, na rede conceitual do modelo de mundo textual. Desse modo, a expressão linguística que representa esse objeto de discurso é posta em foco, ficando esse objeto saliente no texto;
- (ii) *reconstrução/reativação*: pela qual um nódulo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por intermédio de uma forma referencial, de forma que o objeto de discurso permanece saliente;
- (iii) *desfocalização/desativação*: em que um novo objeto de discurso é introduzido, passando a ocupar nova posição focal. Nesse caso, o objeto retirado de foco permanece em estado de ativação parcial na memória discursiva, podendo voltar à posição focal a qualquer momento.

No que diz respeito às formas de construção/ativação, Koch (2018) explica que essa operação de ativação de referentes pode se dar de maneira ancorada e não ancorada. Na ativação não ancorada, um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto, passando, assim,

a ter um endereço cognitivo na memória discursiva do interlocutor. Já na ativação ancorada, conforme a autora, um novo objeto de discurso é introduzido em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser feita por meio de associação e/ou inferenciação, como no caso das anáforas associativas e indiretas e também das nominalizações.

De acordo com Apothéloz (2003), as anáforas associativas são designadas conforme duas características básicas: (i) uma certa dependência interpretativa em relação a um referente introduzido ou designado e (ii) a ausência de correferência, ou seja, de designação de um mesmo referente a partir de duas expressões, com a expressão que introduziu ou designou esse referente. Ainda, Koch (2018) explica que anáforas dessa natureza incluem todas aquelas relações em que um dos elementos pode ser considerado “ingrediente” do outro, como vemos no exemplo em (10), emprestado de Apothéloz (2003), em que o elemento “igreja” pode ser visto como parte de “cidade”.

- (10) Nós chegamos a uma cidade. *A igreja* estava fechada.
(APOTHÉLOZ, 2003, p. 76, destaques do autor).

As anáforas indiretas, por sua vez, geralmente são constituídas, conforme Marcuschi (2005), por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes, que se ancoram em certas expressões da estrutura textual precedente, introduzindo novos referentes e dando continuidade à referenciação global do texto. Trata-se de um processo de referenciação implícita, por meio do qual se ativam novos referentes, e não reativam referentes já conhecidos, como vemos em 11), em que o pronome “eles” ativa um novo referente, com base no elemento prévio “pescando”.

- (11) Estamos *pescando* há mais de duas horas e nada, porque *eles* simplesmente não mordem a isca.
(MARCUSCHI, 2005, p.67, destaques do autor).

Já as nominalizações podem ser entendidas, de acordo com Koch (2018), como uma operação discursiva que consiste em referir, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado expresso por uma proposição que, até então, não tinha o estatuto de entidade. Em (12) demonstramos um caso de nominalização, extraído da autora, no qual a nominalização “*uma decisão*” é prospectiva, encapsulando toda a informação subsequente.

- (12) Depois de longas horas de debate, os congressistas conseguiram chegar a *uma decisão*: adiar, por algum tempo, a reforma, até que se conseguisse algum consenso quanto aos aspectos mais relevantes.

(KOCH, 2018, p. 72, destaques da autora).

No que toca às formas de reconstrução/reativação de objetos de discurso, Koch (2018) explica que são responsáveis pela manutenção, no discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem a cadeias referenciais e coesivas, tornando-se responsáveis pela progressão referencial do texto. A autora destaca que, pelo fato de o objeto estar ativado no modelo textual, a referenciação pode realizar-se por meio de recursos de natureza gramatical – pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos e outros – e também lexical – reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais etc. Os casos em (13) e (14) são dois exemplos de reconstrução de objetos de discurso, sendo o primeiro um exemplar de progressão referencial por meio de recursos gramaticais (pronomes) e o segundo, por meio de itens lexicais.

- (13) Em uma manhã ensolarada, Heitor encontrou uma linda cachorrinha, pequena e toda branquinha, e deu a *ela* o nome de Blanche. Todos os dias, perto da hora do almoço, Blanche ficava junto ao portão, esperando Heitor chegar da escola. *Ela* dava pulos de alegria quando *o* via. [ROSA, N; BONITO, A. *Crianças famosas: Villa-Lobos*. São Paulo: Callis, 1994].

(KOCH; ELIAS, 2012, p. 131, destaques das autoras).

- (14) *Nova espécie de ave é descoberta na Grande SP*

O Ibama anunciou ontem a descoberta de *uma nova ave*, o *bicudinho-do-brejo-paulista*.

O Stymphalornis sp. nov (a terminação indica que *o animal* não recebeu a denominação definitiva da espécie) foi encontrado pelo professor Luís Fábio Silveira, do Departamento de Zoologia da USP, em áreas de brejo nos municípios de Paraitinga e Biritiba-Mirim, na Grande São Paulo, em fevereiro. *O pássaro* tem pouco mais de 10 centímetros de comprimento, capacidade pequena de voo e penugem escura. [O Estado de S. Paulo, 6 maio 2005, p. A18].

(KOCH; ELIAS, 2012, p. 124, destaques das autoras).

Apesar da grande atuação das expressões nominais no processo de referenciação, é possível que a atividade referencial ocorra sem que haja um sintagma nominal específico para tanto, como ilustra o exemplo em (15), analisado por Cavalcante (2011).

- (15) – Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?
 – Eu era funcionário público!
 – OK! O senhor pode contar até dez?
 – É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás. (*50 piadas*, de Donald Buchweitz.)

(CAVALCANTE, 2011, p. 120).

Conforme Cavalcante (2011), em (15), o objeto de discurso “entrevista de emprego” é construído sem nenhuma menção explícita a ele. Assim, são outros elementos que denunciam a instauração desse objeto, tais como a fórmula de início da entrevista – “antes de começarmos” –, a alusão a um emprego anterior, a dêixis social “o senhor”, indicando a forma de tratamento respeitosa e também formal. Esses indícios somam-se ao conhecimento comum do que constitui o ritual comunicativo de entrevista de emprego, favorecendo a instauração do objeto de discurso identificado.

Além de “entrevista de emprego”, há outro objeto de discurso que, apesar de aparecer explicitamente no texto, não se (re)categoriza por meio de expressões nominais explícitas, mas pela insinuação dada em “É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás”, o que sugere que, em vez de trabalhar, o candidato à vaga passava a maior parte do tempo jogando baralho no emprego anterior, levando, assim, à (re)categorização do objeto “funcionário público” a partir da imagem construída socialmente a respeito do comportamento negligente do funcionário público no período de trabalho.

Nessa mesma direção, Morato *et al.* (2012), ao analisarem conversações entre afásicos¹³ e não afásicos, mostram que a referenciação pode se dar por expressões referenciais explícitas e implícitas, bem como por processos não estritamente linguísticos, tais como processos contextuais e semioses não verbais. No caso em (16), retirado dos autores, vemos como o objeto de discurso “Mônaco” é construído por diferentes processos. Na coluna esquerda do exemplo, em letras maiúsculas, está a identificação de cada participante da interação, conforme estabelecido por Morato *et al.* (2012).

(16)	HM	fica entre a: <u>iTÁlia</u> e a França ali né/
	sp	((risos))
	EM	é [<u>aqui</u> ó/] ((<i>procura no jornal</i>))
	HM	[bem ali né/] na pontinha do:
	SP	pequeni::nho\
	EM	senhor conhece [lá// seu silva:no/]
	SP	[já:\ já\ XX]
	EM	e é o quê// é lindo né/
	SP	X ô:::\ [XXX]
	MS	[ah/] lindo\
	(0,3)	
	SP	<u>li:ndo</u> \ lindo\ [°lindo\ lindo\°]
	MS	[<u>u-A:i</u> (0,4)] <u>MA:RAVIlha</u> \ ó/ [...]
	EM	ALI SÓ TEM gente: de <u>dinheiro</u> \
	SI	°°hm::\°°((<i>gesto afirmativo com a cabeça</i>))
	HM	a gente seria mendigo ((risos))

¹³ De acordo com Morato *et al.* (2012, p. 720), a afasia pode ser definida, grosso modo, como “uma alteração de linguagem e de processos afeitos a ela decorrente de lesão cerebral adquirida.”

JC	ISSO QUE eu ia <u>FALA:R</u> (0,5) mendigo <u>LÁ</u> somos nós né/
ed	((risos))
NS	°no:ssa\°
JC	é:: muito::\ muito rico
SP	lá-lá é::\ lindo lindo lindo
EM	°°muito bonito né/°°
HM	muito rico lá\
(1,8)	
MS	[<u>muito</u>]
	(MORATO <i>et al.</i> 2012, p. 724-725, destaques dos autores)

De acordo com Morato *et al.* (2012), no início do excerto, há uma informação não meramente geográfica sobre o principado – “fica entre a Itália e a França” –, que ativa, a partir daí, conhecimentos prévios e construídos dos interactantes, de modo a associar o referente, por exemplo, aos *frames* de beleza e riqueza. Ao longo do trecho, o objeto de discurso “Mônaco” vai sendo (re)construído e, mesmo que não tenha sido explicitado por uma expressão nominal, é inferido com base em informações contextuais e semânticas, como a alusão a uma determinada ideia de riqueza e beleza atribuída ao local (é lindo e desprovido de mendigos). Assim, conforme os autores, nesse fragmento, podemos verificar, no processo de construção referencial, a mobilização de operações implícitas e subespecificadoras, predicções e expressões referenciais. Também são observadas inferências, ou seja, geração de informações novas baseada em informação semântica dada em certo contexto, além de *frames* associados ao referente, relativos à beleza, à riqueza e à estratificação social.

Voltando a dar destaque para as formas nominais referenciais na construção do processo de referenciação, salientamos que tais formas apresentam diferentes funções na progressão textual, como cognitivo-discursivas, semântico-pragmáticas, argumentativas e textuais, não sendo, no entanto, discretos os aspectos que as separam umas das outras, conforme nos explica Koch (2015a). De modo amplo, podemos destacar as seguintes funções das expressões nominais referenciais:

(i) *organização macroestrutural do texto*

De acordo com Koch (2018), as formas nominais remissivas têm uma função organizacional importante: sinalizam que o autor do texto está passando a um estágio seguinte da sua argumentação, fechando o anterior, a partir do seu encapsulamento em uma forma nominal. Portanto, essas formas apresentam uma importante função na introdução, mudança ou desvio de tópicos discursivos, bem como na ligação entre tópicos e subtópicos. Nessa mesma

direção, as expressões referenciais, vistas segundo o seu funcionamento na organização do texto, efetuam a marcação de parágrafos, no sentido cognitivo do termo (não somente tipográfico), como observamos em (17), no qual os elementos destacados vão marcando o inícios dos parágrafos e sugerindo a construção de novos tópicos.

- (17) O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da república representa mais do que o triunfo da persistência – é a vitória do improvável. (...)
Sua primeira tentativa eleitoral, para o governo de São Paulo, se deu em 1982 e foi um jato de água fria no entusiasmo do político iniciante. (...)
A ressaca, curtida em exílio doméstico na companhia de alguns poucos amigos e muita cachaça de cambuci, só passou três meses depois. (...)
 Em 1989, *a situação* era diferente. Lula tinha chances reais de vencer Fernando Collor, mas, como se sabe, de novo perdeu. (...)
O terceiro fracasso ocorreu em 1994, em sua segunda tentativa de chegar à Presidência. (...)
 [“Lula muda a História”, *IstoÉ*, 30 out. 2002, p. 37-8]

(KOCH, 2018, p. 77, destaques da autora)

(ii) *encapsulamento ou sumarização*

Para Koch (2015a), esta função é particular das nominalizações que, ao encapsularem informações-suporte presentes em pontos precedentes do texto, sintetizam-nas sob forma de um substantivo-predicativo, atribuindo a essas informações o estatuto de objetos de discurso. Esse processo de especificação por meio de encapsulamento ou sumarização constituirá uma seleção particular e única em meio a uma infinidade de lexicalizações possíveis, efetuada a partir daquelas proposições veiculadoras de informações suporte. Duas funções dessas expressões nominais podem ser destacadas: (i) rotulação de uma parte do cotexto que as precede e (ii) estabelecimento de um novo referente, o qual poderá constituir um tema específico para enunciados subsequentes. Em (18), oferecemos em exemplo de encapsulamento em que “operação” garante o estatuto de objeto de discurso a uma informação anterior.

- (18) O Banco Central *interveio* ontem para segurar a cotação do dólar, na primeira operação oficial desse gênero desde a adoção da livre flutuação do câmbio, em 15 de janeiro.
A operação ocorreu quando a moeda havia alcançado RS 2,08 [*Folha de S. Paulo*, 26 fev. 1999].
 (KOCH, 2015a, p. 112, destaques da autora)

(iii) *atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas pelo uso de um hiperônimo*

O uso de um hiperônimo¹⁴ na função anafórica pode glosar um termo raro e, conseqüentemente, atualizar os conhecimentos do interlocutor, conforme vemos no exemplo em (19), no qual “bactéria” esclarece ao leitor o que se pode entender por “antraz”.

- (19) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o antraz. Para destruir *a bactéria*, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico... [Folha de S. Paulo, 24 out. 2001, A-10. Adaptado].
(KOCH, 2018, p. 77, destaques da autora)

(iv) *especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo*

Conforme Koch (2018), essa função das expressões nominais referenciais se relaciona com as anáforas especificadoras, que ocorre nos casos em que é necessário um refinamento da categorização. Frequentemente introduzido pelo artigo indefinido, este tipo de anáfora permite trazer, de modo compacto, informações novas ao objeto de discurso, como observamos em (20).

- (20) *Uma catástrofe* ameaça uma das últimas colônias gorilas da África. *Uma epidemia de Ebola* já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva.
(KOCH, 2018, p. 79, destaques da autora)

(v) *construção de paráfrases definicionais e didáticas*

Algumas paráfrases realizadas por expressões nominais podem funcionar na elaboração de definições, como ocorre com “estes tripulantes da nau mitológica Argos” em relação a “argonautas”, em (21).

- (21) Vocês já ouviram falar dos argonautas? Pois conta-nos a lenda grega que *estes tripulantes da nau mitológica Argos* saíram à busca do Velocino de Ouro.
(KOCH, 2018, p. 79, destaques da autora)

¹⁴ De acordo com Koch e Elias (2012, p. 143), hiperônimos e hipônimos são termos de um mesmo campo de sentido, em que um deles designa o gênero e o outro, a espécie. Por exemplo, “flor” é hiperônimo de “rosa”, “cravo”, “violeta”, que são seus hipônimos. Contudo, a relação hiperônimo/hipônimo não se dá de forma absoluta, pois um termo pode ser hipônimo de outro mais genérico e hiperônimo relativamente a um termo mais específico.

(vi) *orientação argumentativa*

As expressões nominais são recursos importantes para levar o leitor a compreender a orientação argumentativa do texto. Por isso, Koch e Elias (2014) chamam a atenção para a importância de selecionarmos aquelas expressões nominais mais pertinentes para revelar o projeto de sentido textual. Essa função argumentativa da referenciação pode ser verificada na Figura 1, em que “esse crime hediondo”, no segundo quadrinho, recategoriza “o trabalho infantil”.

Figura 1 – Função argumentativa da referenciação pelo uso de expressão nominal



Fonte: *Folha de São Paulo*, 22 mar. 2007, p. E11; Koch e Elias (2014, p. 154).

Ainda a respeito da função argumentativa da referenciação, Koch (2005) considera que o emprego de uma descrição nominal, na (re)categorização de referentes, implica sempre uma escolha em meio a múltiplas maneiras de caracterizar o referente, escolha essa que será feita com base em uma proposta de sentido do produtor do texto. Assim, podemos entender a referenciação como um processo de construção de sentido, em função dos propósitos comunicativos do locutor, como é possível depreender a partir das palavras da autora:

Trata-se [o emprego de uma descrição nominal definida], em geral, da ativação, dentre os conhecimentos culturalmente pressupostos como partilhados (isto é, a partir de um *background* tido por comum), de características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir determinada imagem, isto é, a vê-lo sob um determinado prisma, o que lhe permite extrair do texto informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, de modo a auxiliá-lo na construção de sentido. (KOCH, 2005, p. 35-36).

Portanto, com base em Koch (2005), as (re)categorizações de objetos de discurso são formuladas considerando a orientação argumentativa do locutor e seus propósitos de sentido

para o texto, orientando o interlocutor a determinadas leituras possíveis. A comparação dos exemplos em (22a) e (22b) nos ajuda a esclarecer como a referenciação pode estar a serviço dos propósitos de sentido do locutor.

(22a) Pelé deu uma entrevista coletiva à imprensa. *O ministro* discutiu problemas relativos ao desporto nacional.

(KOCH, 1999, p. 70, destaques da autora)

(22b) Pelé deu uma entrevista coletiva à imprensa. *O melhor jogador brasileiro de todos os tempos* discutiu questões relativas ao desporto nacional.

(KOCH, 1999, p. 70, destaques da autora)

Como podemos notar observando esses dois casos, a recategorização de Pelé como ministro ou como o melhor jogador de todos os tempos direciona um sentido para o objeto de discurso Pelé, o que mostra que a referenciação atua na construção de sentidos do texto.

Considerando, então, as noções de referenciação e de objeto de discurso apresentadas nesta seção, segundo as quais a referenciação é um processo de reconstrução do real por intermédio da linguagem e os objetos de discurso equivalem a entidades constituídas no e pelo discurso, e também nos baseando na ideia de que a recategorização de referentes é sempre feita com base na proposta de sentido pretendida pelo locutor, discutiremos, na seção 4, como entendemos a relação entre referenciação e organização tópica, e, na seção 5, como a natureza semântica de segmentos textuais componentes do SegT propiciam a instalação de um objeto de discurso com estatuto tópico de uma determinada classe semântica.

2.5.2 Referência

2.5.2.1 A noção de referência na abordagem semântica pragmática

Como este trabalho também se apóia em princípios da Semântica, que apresenta diferentes vertentes que se diferenciam pela maneira como cada uma define o significado, adotamos uma abordagem semântica cujos pressupostos teóricos se relacionam com aqueles da GTI, que é a abordagem pragmática.¹⁵ De acordo com Katz (1982), nessa abordagem semântica, há a identificação do significado com o sistema que determina o uso de uma expressão linguística, estando o sentido das expressões da língua no uso concreto que fazemos delas. Uma

¹⁵ Podemos justificar a proximidade da GTI com a abordagem semântica pragmática pela presença da própria Pragmática no tripé que embasa os pressupostos teóricos da GTI e pela filiação desta teoria de texto à fase pragmática da LT, conforme explicamos na seção 2.2.

teoria semântica que se filia à abordagem pragmática é a Teoria dos Atos de Fala, que tem como foco o uso real da língua e a ideia de que parte do sentido de uma sentença tem função social. Ainda conforme essa teoria, precisamos saber mais do que a gramática da língua para nos comunicar, havendo a necessidade de conhecer o uso convencionado dos seus componentes para cada situação de comunicação (CANÇADO, 2008).

Nesse âmbito pragmático, Dik (1997a) explica que “referir” é uma ação pragmática cooperativa do falante em um modelo de comunicação entre falante e ouvinte. Nessa ação, a referência é feita por meio de um “termo”, entendido como uma expressão que usamos para fazer referência a entidades em algum mundo, o qual não se equivale a um mundo real, mas a um mundo mental, uma representação mental ou um modelo. Vejamos a natureza cooperativa da referência a partir do caso em (23).

- (23) F - Por favor, me dê aquela caneta.
 O - Qual caneta?
 F - Aquela vermelha ali.
 O - Aqui está.¹⁶

(DIK, 1997a, p. 128, tradução nossa).

Com base em (23), notamos que o falante pode falhar ao fornecer informação insuficiente para o ouvinte identificar o referente. Então, na ação pragmática de construção da referência, o ouvinte pode solicitar um esclarecimento, como ocorre no caso em questão. Assim, falante e ouvinte constroem cooperativamente o referente, como dissemos, uma entidade do mundo extralinguístico.

Considerando que utilizamos termos para fazer referência a entidades em algum mundo, Dik explica que as entidades não são “coisas na realidade”, mas “coisas na mente” (DIK, 1997a, p. 129) e que a referência é independente de compromisso ontológico ou de existência na realidade. Nesse cenário, Dik (1997a) apresenta três principais razões para defender o estatuto mental das entidades:

- (i) há muitas coisas de que podemos falar e a que podemos fazer referência, mas que, no entanto, não existem na realidade. Podemos, por exemplo, falar sobre questões míticas, hipotéticas, sonhos ou fantasias;

¹⁶ S: Please give me that pen.
 A: Which pen?
 S: The red one over there.
 A: Here you are.

- (ii) é possível fazermos referência a coisas “reais” somente à medida que temos representações mentais dessas coisas. Por exemplo, se pretendo falar sobre o Coliseu, em Roma, é necessário que o meu interlocutor tenha alguma imagem mental acerca desse referente, ou ainda que eu forneça informações suficientes para que ele seja capaz de construir o referente;
- (iii) podemos nos referir a e falar sobre coisas da realidade mesmo em situações em que essas coisas não são percebidas ou experimentadas diretamente. Assim, cada referência pode ser efetivada somente em virtude de que possuímos ou podemos fazer representações mentais e monitorar o curso da nossa comunicação.

A partir dessas razões que justificam o estatuto mental das entidades semânticas, Dik (1997a) ressalta, então, que uma característica importante da linguagem é nos permitir criar alternativas para a realidade por meio das quais podemos a avaliar, planejar ações futuras e também mudar o mundo.

Retomando o pressuposto de que usamos termos para fazer referência a entidades em algum mundo, Dik (1997a) distingue duas maneiras principais de utilizarmos os termos: (i) *referência construtora*, quando o falante usa um termo a fim de ajudar o interlocutor a construir uma entidade, introduzindo-a em seu modelo mental; (ii) *referência identificadora*, situação em que o falante usa um termo para ajudar o interlocutor a identificar uma entidade que já está, de alguma maneira, disponível em seu modelo mental. Assim, no caso da primeira forma de fazer referência, normalmente usamos um sintagma nominal indefinido, enquanto, no caso da segunda, é mais comum utilizarmos um sintagma nominal definido. No exemplo em (24), emprestado de Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2014), o uso do termo “irmão” é uma amostra de como fazer referência.

- (24) Realmente deve ser uma delícia ter uma família gran/bem grande com bastante gente... eu sou filha única... ah tenho *um irmão* de treze anos... mas gostaria de MAIS de ter tido... mais irmãos...porque quando:... com *meu irmão* eu já::já tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer então não tem quase vantagem nenhuma não é? [D2 SP 360]
(CAMACHO; DALL’AGLIO-HATTNER; GONÇALVES, 2014, p. 24, destaques dos autores)¹⁷

¹⁷ Apesar de este caso em (24), de Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2014), coincidir parcialmente com o exemplo em (5), recortado de Jubran (2015c), cada um dos trabalhos em que aparece focaliza fenômenos diferentes da língua, tratando o capítulo do grupo de autores da descrição do funcionamento do substantivo e o trabalho de Jubran, da organização tópica do texto.

Em (24), a construção da referência é verbalizada por meio do sintagma nominal indefinido “um irmão” e, a partir disso, a identificação da referência pode ser feita com “meu irmão”, pressupondo o falante que o interlocutor é capaz de identificar a entidade do mundo extralinguístico anteriormente introduzida.

No contexto de tratamento da referência como uma questão pragmática, como já destacamos a partir de Dik (1997a) e também como é possível entender com base em Lyons (1977a), que considera a referência como dependente da ocasião particular de enunciação em que uma expressão linguística é enunciada, faz-se importante distinguir essa noção daquilo que este último autor chama de “denotação”. Conforme Lyons (1977a), quando se fala de denotação de um lexema ou de uma expressão, deve-se entender a relação entre esse lexema e as pessoas, os lugares, as propriedades, os processos e as atividades que não compõem o sistema linguístico. Assim, usando “denotação” para a classe de objetos a que é correto aplicar uma expressão, podemos dizer, por exemplo, que “vaca” denota uma classe particular de animais e “cão”, a classe dos cães.

Desse modo, Lyons (1977a) explica que a denotação difere da referência porque esta é uma relação ligada ao enunciado e não se aplica aos lexemas como tais, mas sim às expressões que funcionam em contextos de uso específicos. Diferentemente, a denotação “é uma relação que se aplica aos lexemas e é válida independentemente das ocasiões de enunciação particulares” (LYONS, 1977a, p. 171), podendo ser compreendida como a classe de entidades a que uma expressão poderia se referir. Então, voltando ao exemplo da palavra “vaca”, podemos dizer que a referência de expressões como “a vaca” depende do contexto enunciativo, ao passo que a denotação do lexema “vaca” é independente da situação de uso da língua. Outro ponto destacado por Lyons (1977a) e que demonstra uma distinção entre as duas noções é que a referência de um lexema é determinada, em parte, pela sua denotação. Por exemplo, o sintagma “esta vaca” pode, em certos casos, ser compreendido pelo interlocutor como “o objeto perto de nós que pertence à classe de objetos que o lexema ‘vaca’ denota”. Portanto, podemos dizer que é no uso da língua que uma expressão linguística deixa apenas de ter valor denotativo para se tornar também uma expressão referencial.

Também assumindo a referência como uma noção pragmática (uma ação do falante), a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) distingue a referência que tem aspecto acional (pragmático) da referência denotativa (semântica). O exemplo em (25), adaptado por Alturo (2010) de Hengeveld e Mackenzie (2008), ajuda a explicar a distinção entre a pragmática e a semântica em relação à referência.

(25) Eu vi *um leão*.¹⁸

(ALTURO, 2010, p. 52, destaques da autora, tradução nossa)

Segundo Alturo (2010), do ponto de vista pragmático, a expressão “um leão” é referencial porque o falante realiza o ato de evocar uma entidade do mundo (um leão). Do ponto de vista semântico, “um leão” é uma expressão que tem como referente um animal da classe dos leões. Assim, o falante realiza duas ações na referência: (i) evoca um referente, uma entidade do mundo; (ii) escolhe uma expressão linguística que denota uma classe (um animal da classe dos leões, por exemplo). Portanto, no modelo discursivo-funcional, o termo “referência” é reservado à ação pragmática de evocar um referente, sendo a referência semântica chamada de “designação”.

O exemplo em (26), retirado de Guerra (2017), é mais um caso que mostra essa concepção de referência assumida pela Gramática Discursivo-Funcional.

(26) Nós enviaremos as encomendas.

(GUERRA, 2017, p. 31)

De acordo com Guerra (2017), em (26), as evocações de referentes são realizadas, respectivamente, pelo pronome “nós”, pela desinência “-mos” e pelo sintagma nominal “as encomendas”, sendo que, nos dois primeiros casos, a referência é feita aos participantes da interação verbal. Assim, a referência é vista como ação pragmática de evocar uma entidade porque é por meio dessa ação, situada em usos concretos da língua, que evocamos entidades de mundo, como pessoas e objetos.

2.5.2.2 Tipos de entidades semânticas dos referentes

A tipologia de entidades semânticas denotadas ontologicamente pelas expressões linguísticas é, inicialmente, proposta por Lyons (1977b) e, posteriormente, expandida por outros autores, como Hengeveld (1988, 1992) e Hengeveld e Mackenzie (2008). Assim, Lyons (1977b) define três tipos de entidades semânticas, a saber, *indivíduo*, *estado-de-coisas* e *proposição*, sendo que cada um desses tipos de entidades é categorizado segundo uma ordem particular, sendo indivíduo uma *entidade de primeira ordem*, estado-de-coisas, de *segunda ordem*, e proposição, de *terceira ordem*, classificação que vai da ordem mais concreta (primeira) para a mais abstrata (terceira).

¹⁸ Vaig veure un lleó.

Conforme a proposta de Lyons (1977a, 1977b), podemos chamar de entidades de primeira ordem os objetos físicos, ou seja, as pessoas, os animais e as coisas que, sob condições normais, são relativamente constantes quanto às suas propriedades perceptuais, que são localizáveis em algum ponto no tempo e no espaço, podendo ocupar um espaço tridimensional, e que podem também ser observáveis publicamente. Dessa forma, segundo classificação do autor, indivíduos podem ser reconhecidos como distintos, concretos e identificáveis, o que exclui dessa classe as abstrações e também os estados psicológicos. Ademais, os elementos que compõem essa classe são avaliados em termos de sua existência,¹⁹ além de terem cor, tamanho e peso, podendo, por isso, ser alvo de atribuições de propriedades. Para Lyons (1977b), “homem”, “gato” e “mesa” são lexemas que denotam entidades de primeira ordem.

Já as entidades de segunda ordem – estado-de-coisas – dizem respeito, de acordo com Lyons (1977b), a eventos, ações, processos, estados e posições que são localizados em algum ponto ou intervalo do tempo, são observáveis e ocorrem em algum lugar, mas não existem. Assim, estados-de-coisas são avaliados em termos de seu estatuto de realidade.²⁰ Segundo Lyons (1977b), “chegada”, “morte” e “manutenção” são exemplos de nomes que denotam entidades dessa categoria. O autor ainda explica que as entidades de segunda ordem podem ser distinguidas das de primeira de diferentes maneiras, como pela dimensão espaço-temporal daquelas de primeira ordem. As sentenças em (27) e (28) podem nos ajudar a fazer essa distinção.

(27) A mesma pessoa esteve aqui novamente hoje.²¹

(LYONS, 1977b, p. 444, tradução nossa).

(28) A mesma coisa aconteceu novamente hoje.²²

(LYONS, 1977b, p. 444, tradução nossa).

Em (27), a referência de “a mesma pessoa” é restrita pela acepção espaço-temporal, de modo que uma mesma pessoa não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Contudo, o mesmo não ocorre com entidades de segunda ordem, pois o mesmo evento pode ocorrer em variados lugares e ao mesmo tempo. Nessa mesma direção, com base em Lyons (1977b), Helgeveld e Mackenzie (2008) esclarecem que estados-de-coisas são distinguidos de indivíduos

¹⁹ Um indivíduo existe se é localizado em algum lugar do espaço.

²⁰ Um estado-de-coisas é real se ocorre em algum lugar e em algum momento do tempo.

²¹ The same person was here again to-day.

²² The same thing happened again to-day.

pela sua característica temporal, como exemplificamos em (29) e (30), em que se observa a inadequação da localização, no tempo, de um indivíduo em enunciados como (29).

(29) *A cadeira foi/ocorreu às seis horas.²³

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 166, tradução nossa)

(30) O encontro foi/ocorreu às seis horas.²⁴

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 166, tradução nossa)

Ainda acerca dos estados-de-coisas, Dik (1997a) explica que essa classe de entidades pode ser dividida em diferentes tipos, de acordo com o valor delas para um grupo de parâmetros semânticos, que envolve a presença [+] ou ausência [-] de dinamicidade [din], telicidade [tel], momentaneidade [mom], controle [con] e experiência [exp] no estado-de-coisas.²⁵ Dessa forma, o autor sistematiza uma tipologia de estado-de-coisas que inclui quatro categorias, conforme podemos observar a partir do Quadro 1, dado a seguir.

Quadro 1 – Tipologia de estado-de-coisas

João viu um pássaro	Processo, experiência
Ele atirou no alvo	Ação
O pássaro caiu	Processo
Ele estava morto	Estado

Fonte: Dik (1997a, p. 105).

Assim, conforme se pode entender a partir de Dik (1997a), um estado-de-coisas do tipo “estado”, por exemplo, conteria o traço [-din], não envolvendo nenhuma mudança e sendo ou permanecendo as entidades envolvidas as mesmas durante o intervalo de tempo em que o estado-de-coisas ocorre. Por outro lado, ações e processos englobariam o traço [+din], necessariamente apresentando algum tipo de mudança, algum dinamismo interno durante a realização do estado-de-coisas ou do seu ponto inicial para o ponto final.

²³ * The chair was at six o'clock.

²⁴ The meeting was at six o'clock.

²⁵ De acordo com Dik (1997a), de maneira geral, um estado-de-coisas [+din] envolve algum tipo de mudança, dinamismo durante a sua realização, enquanto o [-din] não envolve. O parâmetro semântico [+tel] significa o alcance de algum ponto terminal total natural do estado-de-coisas, término não alcançado quando há o traço [-tel]. Já um estado-de-coisas [+mom] é pontual, coincidindo o seu começo com o seu fim, diferentemente de um [-mom], que abarca eventos que ocorrem dentro de um certo período de tempo. A presença do parâmetro [+con] no estado-de-coisas se dá se alguma entidade nele envolvida (o referente do sujeito, por exemplo) tem o poder de determinar ou não realização do evento, o que difere do traço [-con], quando alguma entidade não pode decidir se o estado-de-coisas se realizará ou não. Por fim, com o traço [+exp], o estado-de-coisas é percebido, experimentado por algum ser animado por meio de suas faculdades sensoriais, enquanto, com o parâmetro [-exp], a experiência sensorial não ocorre.

No tocante às entidades de terceira ordem, proposições dizem respeito, conforme Lyons (1977b), a construtos mentais (crenças, expectativas e julgamentos) e não podem ser localizadas nem no espaço nem no tempo, sendo passíveis de serem avaliadas a partir do seu valor de verdade (podem ser verdadeiras ou falsas),²⁶ mas não pela sua existência ou realidade. Ainda, proposições podem ser asseveradas ou negadas, lembradas ou esquecidas, podem ser razão, mas não causa. Também podem ser qualificadas em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença). Sobre essa categoria de entidades, Hengeveld e Mackenzie (2008), novamente baseados em Lyons (1977b), explicam que proposições podem ser factuais, quando são peças do conhecimento ou crença a respeito do mundo real, ou não-factuais, quando são esperanças ou desejos a respeito de um mundo imaginário. Exemplos de nomes que denotam essa ordem de entidades são: “razão”, “ideia” e “crença”.

Ampliando a tipologia de Lyons (1977b), Hengeveld (1988, 1992) propõe uma quarta ordem de entidades, a qual recobre os atos de fala. Conforme o autor, entidades de quarta ordem caracterizam-se por poderem ser localizadas no espaço e no tempo em que os interlocutores estão envolvidos, por serem pronunciadas, compreendidas e avaliadas em termos de suas condições de felicidade.²⁷ Tais entidades dizem respeito às diferentes ilocuções que transmitem as intenções comunicativas do falante, caracterizando os atos de fala, como as declarações, as perguntas, as exclamações.²⁸ Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2014) destacam que alguns substantivos como *pergunta*, *afirmação*, *exclamação*, *ordem* e *pedido* podem denotar esse tipo de entidade semântica, mas não representam, por eles mesmos, o ato ilocutivo que designam. Observemos os exemplos em (31) e (32), nos quais se pode ver a designação de uma entidade de quarta ordem a partir dos atos de fala de perguntar e de ordenar, respectivamente.

²⁶ Conforme Oliveira (2001, p. 90) o valor de verdade de uma sentença diz respeito às condições, no mundo, que lhe permitem ser verdadeira ou falsa. Assim, uma sentença como “está chovendo” é verdadeira se estiver chovendo no momento em que o falante a proferir. Desse modo, determinar se uma sentença é verdadeira ou falsa requer conhecimento da situação particular de enunciação, observando se as suas condições de uso são satisfeitas.

²⁷ Austin (1962 apud CANÇADO, 2008) denomina de condições de felicidade de um proferimento performativo as condições que o contexto deve satisfazer para que o uso de uma determinada expressão possa ser adequado. Assim, uma sentença declarativa como “eu declaro que a seção está aberta” preenche suas condições de felicidade se é dita, por exemplo, por um presidente de uma assembleia, em uma sala de reuniões, mas essas condições não se efetivam se um vigia entra no mesmo local e enuncia a sentença. Portanto, as condições de felicidade podem ser entendidas como as condições contextuais necessárias para que um ato de fala tenha sucesso.

²⁸ De acordo com a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 2002), a linguagem é uma forma de agir. Desse modo, os atos de fala correspondem aos enunciados em situações reais de uso da linguagem, que são formas de ação verbal. Uma das ações realizadas por meio da linguagem é chamada, conforme a Teoria, de ato ilocucional, que diz respeito às ações que realizamos quando falamos (ordenar, perguntar, declarar, afirmar, informar, reclamar, permitir, prometer, parabenizar, agradecer e etc.). São essas ações ilocucionais que fazem referência, então, às entidades semânticas de quarta ordem.

(31) Pergunto se você vem amanhã.²⁹

(HENGEVELD, 1988, p. 247, tradução nossa).

(32) Te ordeno que faças isso o quanto antes.³⁰

(HENGEVELD, 1988, p. 247, tradução nossa).

Também Hengeveld e Mackenzie (2008) expandem a tipologia de entidades semânticas proposta por Lyons (1977b), distinguindo, dentre outros tipos de entidades, as categorias “propriedade” (*property*), “lugar” (*location*) e “tempo” (*time*). Segundo os autores, propriedades não podem ser caracterizadas a partir dos parâmetros de espaço e de tempo, não têm existência independente e somente podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade ou a outros tipos de entidades ou à situação que elas descrevem em geral. Assim, a propriedade “verde” aplica-se a entidades de primeira ordem (indivíduos), a propriedade “recente” a entidades de segunda ordem (estados-de-coisas) e a propriedade “inegável” a entidades de terceira ordem (proposições). Ainda conforme classificação de Hengeveld e Mackenzie (2008), outros nomes que designam essa categoria semântica são “cor”, “tamanho” e “peso”.

Sobre os tipos semânticos “lugar” e “tempo”, Hengeveld e Mackenzie (2008) explicam que os conceitos de espaço e de tempo especificam dimensões das categorias semânticas, constituindo, portanto, classes independentes. Um fenômeno que demonstra a relevância de se distinguir lugar e tempo como categorias independentes pode ser demonstrado a partir dos exemplos em (33) e (34).

(33) O lugar que conheci Sheila foi no parque.³¹

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 133, tradução nossa)

(34) O horário que conheci Sheila foi por volta das três horas.³²

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 133, tradução nossa)

Como explicam os autores, nessas duas construções, as designações das frases nominais “o lugar que conheci Sheila” e “o horário que conheci Sheila” são idênticas às designações dos sintagmas preposicionais “no parque” e “por volta das três horas”, respectivamente. Isso significa dizer que as frases nominais têm uma valor locacional e temporal similar àquele dos sintagmas preposicionais, designando, portanto, lugar e tempo, nessa ordem.

²⁹ Pregunto si vienes mañana.

³⁰ Te ordeno que lo hagas cuanto antes.

³¹ The place that I met Sheila was in the park.

³² The time that I met Sheila was around three o'clock.

Tratando particularmente da distinção da classe lugar em relação à categoria indivíduo, Hengeveld e Mackenzie (2008) argumentam que devemos assumir que a conceptualização de indivíduos, como “cobertor”, “pedra” ou “Martin Luther King”, difere-se, em alguma medida, da conceptualização de lugares, tais como “ambiente”, “norte” ou “Geórgia”. Contudo, um mesmo fenômeno da realidade externa pode ser construído mentalmente tanto como um indivíduo quanto como um lugar, dependendo dos objetivos de quem conceptualiza. Consideremos o exemplo do termo “casa”. Do ponto de vista de um comprador, uma casa pode ser entendida como lugar, um espaço para viver. Em contrapartida, do ponto de vista de um corretor de imóveis, uma casa pode ser conceptualizada como indivíduo, um produto a ser vendido. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), os lexemas “aeroporto”, “cais” e “lugar” são expressões que tipicamente designam a classe lugar. O caso em (35) é mais um exemplar dessa categoria.

(35) O museu fica em frente à estação.³³

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 255. Adaptado)

Quanto à expressão da categoria tempo, Hengeveld e Mackenzie (2008) explicam que algumas expressões que designam essa classe estão ligadas à interpretação contextual do momento de fala, como (“hoje”, “próximo ano”), outras marcam um ponto relativo na linha do tempo (“antes de sábado”, “duração”), enquanto outras estão relacionadas ao calendário socialmente estabelecido (“segunda-feira”, “dia de Natal”). Também se pode dizer que algumas expressões temporais identificam um ponto na linha do tempo (“momento”, “12h”), outras um intervalo temporal (“período”, “abril”). Além do caso em (34), o exemplo em (36) expressa a categoria tempo.

(36) A duração da luta.³⁴

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 259, tradução nossa)

Com base, então, em Lyons (1977b), Hengeveld (1988, 1992) e Hengeveld e Mackenzie (2008), podemos sistematizar os tipos de entidades semânticas dos referentes conforme apresentamos no Quadro 2, na sequência.

³³ Exemplo da língua portuguesa.

³⁴ The duration of the fight.

Quadro 2 – Tipos de entidades semânticas dos referentes

Tipo de entidade	Características	Avaliação	Codificação	Exemplos com sintagmas nominais
Indivíduo	É localizado no tempo e no espaço (ocupa um lugar no espaço); existe; é concreto; pode ser alvo de atribuições de propriedades, que serão relativamente constantes; é observável publicamente	Existência	Só por nome	Cadeira, homem, caneta, carro, gato, mesa
Estado-de-coisas	É localizado no tempo; tem certa duração temporal; ocorre (ou não), e não existe	Realização	Nome ou oração	Jogo, encontro, morte, reunião, exploração, chegada, casamento, desenvolvimento
Proposição	Está na mente; não existe no tempo nem no espaço; pode ser asseverada, negada, lembrada ou esquecida; pode ser razão, mas não causa material	Verdade	Nome ou oração	Ideia, crença, esperança, desejo, razão, expectativa
Ato de fala	Localiza-se no espaço e no tempo; transmite as intenções comunicativas do falante	Condições de felicidade	Nome ou oração	Pergunta, ordem, pedido, exclamação, promessa, declaração
Propriedade	Não tem existência independente	Aplicabilidade a outros tipos de entidades	Nome	Cor, tamanho, formato, peso, tom
Lugar	Identifica um lugar do espaço; pode ser ocupado por indivíduos; pode ser o local em que um estado-de-coisas se realiza	---	Nome	Lugar, casa, país, montanha, estacionamento, estádio, praça
Tempo	Marca um ponto ou período na linha do tempo	---	Nome	Duração, ano, período, momento, hora

Fonte: Autoria própria.

Seguindo essa classificação dos tipos de entidades semânticas dos referentes, na seção 5, analisaremos e discutiremos as entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em DE, NE e RO.

2.6 Gêneros textuais e tipos textuais

2.6.1 A concepção de gênero textual adotada

Antes de apresentarmos a noção de gênero textual à qual nos filiamos, importa deixar claro que, na grande área de estudos do texto e do discurso, há autores que usam o termo/conceito “gênero textual” e outros que utilizam o termo/conceito “gênero discursivo”. No presente trabalho, entendemos que não chega a ser decisiva uma discussão mais detalhada acerca de cada um desses dois conceitos, incluindo suas diferenças e aproximações, além de termos observado na bibliografia base de nossa pesquisa, calcada principalmente na Linguística de Texto, que o termo/conceito mais comumente utilizado é “gênero textual”, o que já representa uma primeira justificativa para nossa opção por “gênero textual”. Também compreendemos que gênero textual pode ser uma noção mais apropriada para estudos voltados para a descrição da construção do texto, ao passo que o conceito de “gênero do discurso” pode ser mais pertinente para trabalhos que se ocupam de questões discursivas, como aqueles que tratam da ideologia de um discurso, proposta não caracterizadora desta tese. Com isso, reforçamos nossa justificativa para a escolha do termo/conceito “gênero textual”, sem deixarmos de admitir que essa discussão sobre gênero do texto ou do discurso pode ser mais complexa.

Chegando à apresentação de como concebemos os gêneros textuais, o conceito aqui adotado embasa-se especialmente nos trabalhos de Koch (2015a, 2018), que retomam, em grande proporção, a concepção bakhtiniana de gênero do discurso.³⁵ Para Bakhtin (1997), todas as esferas da atividade humana sempre relacionam-se com o uso da língua, por isso, não é de se surpreender que os modos desse uso sejam tão variados quantos as esferas da atividade humana. Na perspectiva do autor, os enunciados (orais e escritos) são a forma de efetivação da utilização da língua, os quais emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, por meio do seu conteúdo temático, seu estilo verbal, isto é, a seleção operada de recursos da língua (lexicais, fraseológicos e gramaticais), e também sua construção composicional, sendo esses três elementos fundidos no *todo* do enunciado e marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação em que ocorrem. Nas palavras de Bakhtin (1997), “qualquer enunciado

³⁵ Somente quando mencionarmos a concepção de gênero de Bakhtin (1997) utilizaremos o termo/conceito “gênero do discurso”, pois é assim que aparece na obra do autor que, apesar de fornecer subsídios para a definição de gênero textual que seguimos, preocupava-se com os gêneros literários, não se ocupando especificamente do campo dos estudos do texto.

considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”. (BAKHTIN, 1997, p. 280, destaques do autor).

Com base nessa definição de Bakhtin, Koch (2018) define os gêneros textuais da seguinte maneira:

São tais formas-padrão que constituem os gêneros, as “sequências relativamente estáveis de enunciados”, marcadas sócio-historicamente, visto que estão diretamente relacionadas às diferentes situações da vida social. É cada uma dessas situações, portanto, que determina a existência de um ou mais gêneros, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias. (KOCH, 2018, p. 153).

Considerando a concepção de que os gêneros do texto constituem formas-padrão e relativamente estáveis de enunciados, diretamente relacionadas às diferentes situações sociais e marcadas sócio-historicamente, Koch (2015a) explica que tais entidades são escolhidas tendo em mente as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e as intenções do locutor. Como formas relativamente estáveis e enquanto produto social, os gêneros textuais, de acordo com a autora, estão sujeitos a mudanças que provêm não apenas de transformações sociais, mas também daquelas oriundas de novas organizações da arquitetura verbal e de modificações do lugar atribuído ao ouvinte, mudanças que provocam a reconfiguração de gêneros textuais já existentes e, ainda, o surgimento de novos gêneros associados a novas práticas sociais, a exemplo dos da mídia eletrônica (KOCH, 2018).

Também filiado à concepção bakhtiniana de gênero do discurso, Marcuschi (2008) defende como uma tese central de seu trabalho a ideia de que é impossível não se comunicar verbalmente por meio de algum gênero textual, assim como não se pode se comunicar verbalmente sem algum texto. Nas palavras do autor, “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Retomando Bronckart (1994), Koch (2015a) explica que, como uma ação de linguagem exige uma série de decisões do agente produtor, dentre elas, a escolha do gênero do texto adequado à situação comunicativa, o produtor escolhe no intertexto o gênero textual que lhe parece adequado. No intertexto, está o conjunto de gêneros elaborados por gerações anteriores e que são passíveis de serem usados em uma situação específica, com possíveis transformações. A partir, então, de uma espécie de “reservatório de modelos textuais” (KOCH, 2015a, p. 65), a escolha do gênero de texto se dá como uma decisão estratégica, envolvendo uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor à situação (mundos físico e sociossubjetivo) e

os usos reconhecidos dos gêneros textuais que compõem o intertexto. Dessa forma, a escolha de um gênero para uma dada situação de comunicação deverá considerar os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Ademais, para Koch (2015a), o produtor deverá adaptar o modelo de gênero textual a seus próprios valores, assumindo um estilo particular e contribuindo, portanto, para a constante transformação dos modelos, o que corrobora a concepção de gênero textual como formas-padrão *relativamente* estáveis de enunciados assumida pela autora.

Para Koch (2018), é importante ressaltar que a noção de gênero textual, que não se confunde com a de tipo de texto (narrativo, descritivo, expositivo, injuntivo, argumentativo) não se constitui uma concepção meramente textual, ou seja, vinculada à estruturação, conteúdo e estilo das diversas classes de textos, o que é defendido pela autora a partir da aproximação que faz entre o conceito de gênero textual e, por exemplo, o de modelos cognitivos textuais (VAN DIJK, 1997), respeitando as teorias em que cada um deles foram propostos.

De forma resumida, conforme Koch (2018), os modelos cognitivos de contextos, utilizados para monitorar eventos comunicativos, são modelos dinâmicos sociocognitivamente construídos, com base na vivência em sociedade, que representam os conhecimentos, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores acerca da interação e do texto em produção, como também acerca das propriedades do contexto (tempo, lugar, circunstâncias, condições e outros fatores situacionais). Tais modelos reúnem todo o conhecimento sociointeracional utilizados nas situações de interação, assumindo um papel crucial na produção e compreensão dos textos.

Como mencionamos, Koch (2015) assume que os gêneros são entidades escolhidas tendo em vista as esferas de necessidade temática, os participantes e as intenções do locutor, promovendo formas específicas de combinar, indissolivelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição. Essa combinação pode ser verificada no exemplo em (37) e na Figura (2), a seguir.

(37) **Pecado**

Que raiva que dá
Quando a Chica se pinta toda
Só pro Neno
Ela que é toda assanhada
Ele que come qual urso
Eu que deitado na sombra
Queria ter um carro igual

[ELIAS NETO, M. *Poeta de Gaveta*. Onze/USP]
(KOCH; ELIAS, 2012, p. 107)

Figura 2 – Combinação de estrutura composicional, estilo e conteúdo temático no gênero tirinha



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 9 mar. 2005; Koch e Elias (2012, p. 109).

De acordo com Koch e Elias (2012), pela nossa competência metagenérica, sabemos que o texto no exemplo em (37) é uma poesia e aquele na Figura 2 é uma tirinha, conhecimento embasado nas características desses gêneros. Cada um deles tem um *modo de composição/estruturação* próprios: a poesia se organiza em estrofes e versos, com ou sem rimas, e a tirinha se estrutura em enunciados curtos, constituídos em balões, com destaque ainda para o embricamento entre o verbal e o não-verbal. Portanto, segundo as autoras, em se tratando da composição dos gêneros, “deve-se levar em conta a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos não-verbais: a cor, o padrão gráfico ou a diagramação típica, as ilustrações” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 110). Quanto ao *conteúdo temático*, na poesia, predomina a expressão de sentimentos do sujeito, o qual dá vazão a emoções e se apresenta, preponderantemente, na primeira pessoa. Na tirinha, o conteúdo característico é a crítica bem-humorada de coisas do mundo, comportamentos, valores, sentimentos.

Mesmo os dois textos exemplificados em (37) e na Figura 2 tendo compartilhado o mesmo tema – o pecado –, o modo de apresentá-lo é diferente, pois há diferenças de *estilo*. Na poesia, como explicam Koch e Elias (2012), ocorre a expressão máxima do trabalho do autor na escolhas realizadas para a construção do dizer e, na tirinha, a produção verbal deve ser breve e, geralmente, é marcada por um grau maior de informalidade.

Assumindo a concepção de gênero textual como entidades relativamente estáveis, com base em Koch e Elias (2012), frisamos que, na combinação entre estrutura composicional, conteúdo temático e estilo na produção de um exemplar de um gênero de texto, o autor deixa a sua marca individual, não podendo, contudo, ignorar a relativa estabilidade dos gêneros textuais, o que faz com que esse sujeito não seja inteiramente livre, que tudo pode em descaso com aquilo que é regular, nem seja integralmente submisso, que não pode manifestar seu estilo

particular, dentro de um regime de restrições. Nesse mesmo sentido, Marcuschi (2008) argumenta que os gêneros textuais têm uma identidade tão poderosa que, no momento da produção textual, condicionam o enunciador a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja do ponto de vista das escolhas lexicais, do grau de formalidade ou da natureza dos temas. Portanto, os gêneros textuais restringem nossa produção de textos, o que deixa transparecer o seu aspecto estático, regular. Mesmo assim, também são um convite a escolhas, permitindo uma certa variação de estilos e dando espaço para a criatividade dos enunciadores, o que demonstra o seu caráter dinâmico.³⁶

Já explicamos que os gêneros textuais combinam estrutura composicional, conteúdo temático, estilo e também propósito comunicativo. Interessa ainda destacar o papel fundamental do propósito comunicativo na definição de um texto como pertencente a um determinado gênero de texto, como discutimos a partir do exemplo na sequência.

(38) **Final Feliz?**

Ingredientes

- 3 filhas com grave problema renal, que há quatro anos fazem diálise e esperam um órgão na fila de transplante;
- 1 mãe que possui apenas dois rins e, deste modo, apenas um disponível para transplante;
- 1 Hospital do Rim, na vila Mariana, zona sul de São Paulo;
- 1 médico especialista em transplantes de rim;
- 1 equipe de apoio para este médico.

Modo de fazer

1. Pegue as filhas, leve-as ao médico e faça-as descobrir a grave doença, deixe-as em banho-maria.
2. Pegue então a mãe e dê a notícia a ela, dizendo também que ela terá de escolher a qual das filhas doará seu rim, reserve.
3. Pegue novamente as filhas, dê também esta notícia a elas.
4. Este procedimento causará grande ebulição de sentimentos (angústias, ansiedade, tristezas etc...), espere então que esfrie.
5. Convoque então as quatro para que decidam juntas qual das filhas receberá o rim.
6. Aguarde um certo tempo para que elas se resolvam, enquanto isso vá juntando o dinheiro necessário para o transplante.
7. Resolvido? Então leve a mãe e as filhas ao Hospital do Rim e faça com que encontrem o médico e sua equipe.
8. Entre então com a mãe e apenas uma das filhas na sala de cirurgia.
9. Faça o transplante e deixe as outras duas filhas esperando na fila do transplante.
10. Retorne, então, com a filha transplantada e a mãe para casa, e leve as outras duas filhas para o hospital para fazer diálise.
11. Final feliz?

[Autoria de Júlia Portella, aluna do curso de Comunicação e Multimeios da PUC-SP]
(KOCH; ELIAS, 2012, p. 112)

³⁶ Koch e Elias (2012) destacam que, em alguns gêneros textuais, há condições mais favoráveis para a manifestação do estilo individual, como nos gêneros literários, e, em outros, condições menos favoráveis, a exemplo de documentos oficiais e notas fiscais.

Em (38), temos uma produção textual em que o trabalho do autor ganha evidência ao construir um artigo de opinião sob a forma de uma receita culinária. Com base nesse exemplo e conforme Koch (2018), destacamos que os gêneros textuais não são definidos por sua estrutura, mas por sua função, pois um gênero pode assumir a forma de outro e, mesmo assim, continuar pertencendo àquele gênero textual por sua função. Assim, segundo se pode entender a partir da autora, um gênero de texto pode sofrer variações quanto ao conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, sendo a função a grande responsável pela sua identificação.

Em resumo, nesta seção, assumimos, com base principalmente em Koch (2015a, 2018), que os gêneros textuais constituem formas-padrão e relativamente estáveis de enunciados, situadas historicamente e socialmente, que apresentam padrões sociocomunicativos particulares definidos por conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Tais formas efetivam-se na relação com a língua em uso, sendo orientadas especialmente pela função sociocomunicativa que cumprem nas situações de comunicação verbal nas quais se inscrevem, o que evidencia a estreita relação dos gêneros textuais com a realidade social e com as atividades humanas em que ocorrem. É, então, essa definição de gênero textual que adotamos neste trabalho, focalizando a questão de que os gêneros de texto se associam ao entorno social e à situação de uso da língua em que são produzidos e que, portanto, as características dos processos de construção textual de cada gênero textual em particular estão ligadas ao seu contexto sociocomunicativo de produção, que se mostra na própria materialidade linguística dos textos de cada gênero.

2.6.2 Os tipos textuais narrativo, descritivo e argumentativo

Marcuschi (2008) entende tipo textual como uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). Conforme o autor, o tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas do que como textos materializados, sendo, a rigor, modos textuais que, em um número limitado e sem tendência a aumentar, abrange as seguintes categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Ainda para Marcuschi (2008), quando predomina um modo num determinado texto concreto, dizemos que esse texto é narrativo ou argumentativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. Logo, poderá ser reconhecido um modo dominante em um texto, mas todos os gêneros textuais realizam uma diversidade de sequências tipológicas, havendo, dessa maneira, uma grande heterogeneidade tipológica nos diferentes gêneros de texto.

Um caso citado pelo autor que pode explicitar essa heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais é o telefonema. Enquanto gênero, trata-se de um evento falado, mediado pelo telefone, sem a presença física dos interactantes frente a frente e identificável pela maioria dos falantes que vivem em sociedades em que o telefonar é uma prática usual. No entanto, tratando dos tipos textuais, um telefonema pode envolver argumentações, narrações e descrições, fazendo valer o que defende Marcuschi (2008) a respeito da diversidade de tipos de textos em todos os gêneros textuais.

Partindo de tal definição de tipo textual e reconhecendo a presença de variados tipos em todos os gêneros, Marcuschi (2008) deixa claro que não há dicotomia entre gênero e tipo textual, estabelecendo-se uma relação de complementariedade entre as duas noções, dado que ambas coexistem. Assim, o fator principal que difere uma noção da outra é que os gêneros textuais, como dissemos, diferem-se um do outro pela sua funcionalidade, enquanto os tipos são caracterizados individualmente por critérios linguísticos e estruturais.³⁷

Koch e Fávero (1987), em artigo no qual se propõem a oferecer contribuições a uma tipologia textual, definem três dimensões interdependentes para descrever tipos de texto, chamadas de pragmática, esquemática global e linguística de superfície. A dimensão pragmática diz respeito aos macroatos de fala³⁸ que o texto realiza e aos diversos modos de atualização em situações comunicativas. A dimensão esquemática global, por seu turno, relaciona-se aos modelos cognitivos ou esquemas formais, culturalmente adquiridos, de um tipo de texto.³⁹ Por último, a dimensão linguística de superfície reúne as marcas (sintáticas e semânticas) encontradas no texto que facilitam ao interlocutor a compreensão, permitindo-lhe formular, a partir delas, hipóteses sobre o tipo de texto.

À luz dessas dimensões, Koch e Fávero (1987) definem que o tipo narrativo, no que compreende a dimensão pragmática, apresenta a asserção de enunciados de ação como

³⁷ Marcuschi (2008, p. 156-157) mostra como diferentes tipos textuais reconhecidos por ele compõem um exemplar do gênero textual carta pessoal, em que um amigo escreve a uma amiga. Recortaremos aqui três trechos dessa carta que, segundo o autor, exemplificam os tipos descritivo, narrativo e argumentativo, nessa ordem: (i) “estou no meu quarto, escrevendo na minha escrivania, com um Micro System ligado na minha frente (bem alto, por sinal)”; (ii) “ontem mesmo (sexta-feira) eu fui [a uma discoteca] e cheguei quase quatro horas da madrugada”; (iii) “o problema é que ela [namorada do remetente] é muito ciumenta, principalmente porque eu já fui afim da B., que mora aqui também. Nem posso falar com a garota que S. já fica com raiva”.

³⁸ Conforme van Dijk (1980), os macroatos de fala vinculam-se a sequências de vários atos de fala que podem ser entendidos como um só e funcionam socialmente dessa maneira. Por exemplo, uma conversa entre pai e filho pode abranger vários atos de fala, como perguntas, asserções, sugestões, promessas, etc. No entanto, a conversa inteira pode funcionar como uma promessa e este seria, então, o macroato dessa situação de interação.

³⁹ As autoras associam tais esquemas às “superestruturas” definidas por van Dijk. De acordo com trabalho do autor de (2011), o termo teórico “superestrutura” é usado para descrever os esquemas, a forma global de um discurso, a qual possui uma natureza fixa, convencional e, por conseguinte, culturalmente variável para cada tipo de texto.

macroato de fala, tendo como atitude comunicativa o mundo narrado e sendo atualizado em situações comunicativas como romances, contos, novelas, reportagens, noticiários, depoimentos, relatórios. Acerca da dimensão esquemática global, este tipo define-se por captar eventos numa sucessão temporal e causal (cronológica), havendo, pois, um antes e um depois. Nesse esquema, geralmente encontram-se categorias como orientação, complicação, ação ou avaliação, resolução e moral ou estado final. Quanto à dimensão linguística de superfície, no tipo narrativo, predominam circunstancializadores (onde, quando, como, por quê), bem como discurso relatado (direto, indireto, indireto livre).

Com relação ao tipo descritivo, Koch e Fávero (1987) o caracterizam, no tocante à dimensão pragmática, como apresentando a asserção de enunciados de estado ou situação como macroato de fala. As situações comunicativas que o atualizam envolvem a caracterização de personagens (física ou psicológica) e de espaços (paisagens e ambientes) em guias turísticos, verbetes de enciclopédias, resenhas de jogos, relatos de experiências ou pesquisas, reportagens e etc. Sua dimensão esquemática global apresenta ordenação espaciotemporal (tabularidade predominante) e demonstra qualidades e elementos componentes do ser descrito. Na dimensão linguística de superfície, é bastante comum aparecerem verbos de estado, de situação ou indicadores de propriedades, atitudes, qualidades. Também são recorrentes relações de inclusão (hiperonímia-hiponímia) e articuladores relacionados à situação do objeto-tema e de suas partes no espaço. Ainda, adjetivação abundante, parataxe, tempo verbal presente e emprego de figuras (metáforas, comparações, sinestesias) caracterizam as marcas linguísticas do tipo descritivo.

Sobre o tipo argumentativo,⁴⁰ Koch e Fávero (1987) o classificam como tendo, na dimensão pragmática, o macroato de fala de convencer, persuadir, com atitude comunicativa de fazer crer/fazer fazer. Conforme as autoras, exemplos de atualização deste tipo são textos publicitários, propagandísticos e peças judiciais. Quanto à dimensão esquemática global, os textos argumentativos ordenam ideologicamente os argumentos e contra-argumentos, segundo categorias como tese anterior (premissas), argumentos (e contra-argumentos), síntese e conclusão (nova tese). Operadores argumentativos, verbos introdutórios de opinião, modalizadores e recurso à autoridade qualificam a dimensão linguística de superfície deste tipo definida por Koch e Fávero (1987).

⁴⁰ Na verdade, Koch e Fávero (1987) nomeiam o tipo argumentativo de “argumentativo stricto sensu” porque, para as autoras, a argumentatividade está presente em todos os tipos de texto, de modo mais ou menos intenso. Assim, os textos argumentativos stricto sensu seriam aqueles em que a argumentação se apresenta de maneira explícita e atinge seu grau máximo.

Com base, então, nas características dos tipos narrativo, descritivo e argumentativo definidas por essas autoras, na seção 3.3, discutiremos que nossas NE, DE e RO podem servir ao estudo do que seriam gêneros textuais predominantemente narrativos, descritivos e argumentativos, respectivamente.

3 METODOLOGIA

3.1 Apresentação

Nesta parte da tese, apresentamos o nosso *corpus* e discutimos os procedimentos metodológicos utilizados para coleta e análise de dados. Para isso, além desta apresentação, dividimos essa seção 3 em três subseções. Em 3.2, caracterizamos o Banco de Dados IBORUNA, explicamos o método de levantamento de dados e descrevemos o material de análise selecionado especificamente para esta pesquisa. Na sequência, em 3.3, mostramos, com base na tipologia textual de Koch e Fávero (1987), que os exemplares de DE, NE e RO aqui em análise podem servir ao estudo do que seriam gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos, o que também é uma forma de caracterizar nosso material de pesquisa. Depois, em 3.4, explicamos a metodologia utilizada na análise de dados, a qual foi baseada, em primeiro momento, no método de análise tópica e, depois, na apuração da entidade semântica denotada pela expressão linguística que expressa o tópico discursivo e por passagens que mais evidenciam, no interior do SegT, o conjunto referencial colocado em foco.

3.2 Material

Conforme apresentamos anteriormente, o objetivo geral deste trabalho consiste em aprofundar a compreensão da relação entre os processos de organização tópica e referenciação, mediante discussão teórica acerca da associação entre os dois processos e análise empírica sobre os diferentes tipos de entidades semânticas que figuram como tópicos discursivos. Assim, a parte propriamente empírica da tese envolve a identificação dos objetos de discurso que adquirem estatuto tópico em um conjunto de textos e a distinção da classe semântica desses referentes. Para tanto, como explicamos na seção de introdução, definimos como *corpus* deste estudo um conjunto total de 30 textos de narrativas de experiência (NE), descrições (DE) e relatos de opinião (RO) coletados do Banco de Dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007),⁴¹ sendo 10 exemplares de NE, 10 de DE e também 10 de RO. Esse quantitativo de dados foi definido porque avaliamos, baseados em outros trabalhos sobre organização tópica desenvolvidos no interior da GTI (OLIVEIRA, 2016; PENHAVEL, 2010; SOUZA, 2020), que o total de 30 textos já nos ofereceria material qualitativa e quantitativamente suficientes para o

⁴¹ O IBORUNA está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://alip.ibilce.unesp.br/bancos-de-dados/banco-de-dados-iboruna>.

desenvolvimento dos objetivos da presente pesquisa, o que, de fato, confirmou-se no decorrer da análise de dados.

Com relação ao Banco de Dados, o IBORUNA disponibiliza amostras linguísticas da variedade do português brasileiro (PB) falado no interior do estado de São Paulo, coletadas entre os anos de 2004 e 2007 na região noroeste paulista, onde se localiza São José do Rio Preto, cidade sede do desenvolvimento desta pesquisa. A organização do Banco de Dados IBORUNA se dá de acordo com dois tipos de amostras de fala: (i) Amostra de Interação (AI), composta por 11 interações dialógicas coletadas secretamente em contextos de interação social livre, e (ii) Amostra Censo (AC), que reúne 151 entrevistas sociolinguísticas organizadas a partir de perfis sociais previamente definidos, voltadas para a obtenção de um exemplar, em cada entrevista, de cinco tipos de amostras de texto, a saber: (i) narrativa de experiência; (ii) narrativa recontada; (iii) descrição; (iv) relato de procedimento; e (v) relato de opinião, todos de cunho predominantemente monológico (GONÇALVES, 2007). Para as análises realizadas nesta investigação, selecionamos apenas um grupo de DE, NE e RO da AC porque julgamos que esses três diferentes tipos de amostras linguísticas já seriam suficientes para propiciar a identificação de diferentes tipos de entidades semânticas.

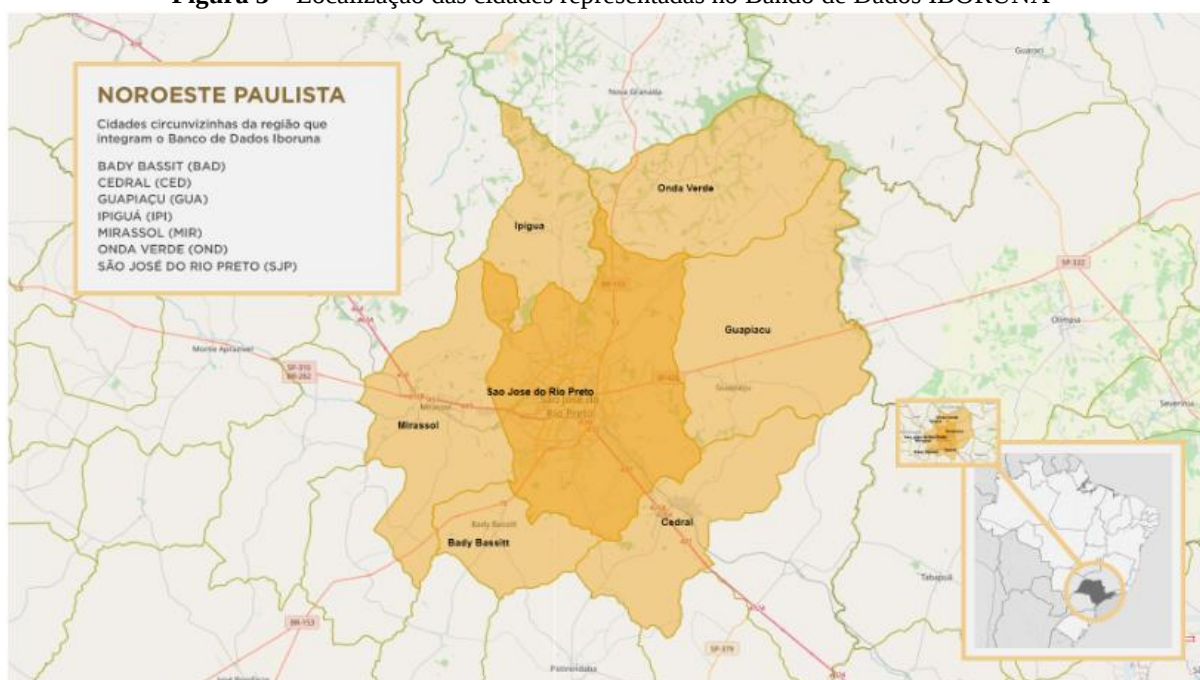
Como a AC é distribuída segundo perfis sociais, para defini-los, o IBORUNA considera 5 variáveis censitárias, que são:

- a) *sexo/gênero (masculino e feminino);*
- b) *faixa etária, dividida em cinco faixas: 7 a 15 anos; 16 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 55 anos; superior a 55 anos;*
- c) *escolaridade, segmentada em quatro níveis, conforme os anos de escolarização: até 4 anos (ou até 1º ciclo do ensino fundamental); de 5 a 8 anos (ou até o 2º ciclo do ensino fundamental); de 9 a 11 anos (ou até o ensino médio); mais de 11 anos (ou ensino superior completo ou não);*
- d) *renda familiar, estratificada em quatro faixas: até 5 salários-mínimos; de 6 a 10 salários-mínimos; de 11 a 24 salários-mínimos; mais de 25 salários-mínimos;*

- e) *origem geográfica do informante*: sete cidades circunvizinhas, nucleadas por São José do Rio Preto, sendo elas, além desta cidade, Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipigua, Mirassol e Onda Verde.

Na Figura 4, mostramos, no mapa, a localização de São José do Rio Preto e das demais cidades que integram o IBORUNA.

Figura 3 – Localização das cidades representadas no Bando de Dados IBORUNA



Fonte: Projeto ALIP/IBORUNA.

Considerando as variáveis em (a-e) e a definição de que o quantitativo de 10 textos de cada tipo de amostra linguística em estudo seria suficiente para as análises desenvolvidas nesta tese, decidimos selecionar 2 DE, 2 NE e 2 RO de cada faixa etária, levando em conta o cruzamento dessa variável social com as demais na composição das entrevistas, o que nos proporcionou exatamente 10 exemplares de cada tipo de amostra de fala investigado, dado que a variável relativa à faixa etária é justamente dividida em cinco grupos de idade. A partir do Quadro 3, explicamos esse recorte seguido para coleta de dados. Os destaques em vermelho e em azul indicam como combinamos a variável faixa etária com as outras para seleção do material.⁴²

⁴² Não consideramos a variável “origem geográfica” porque, como explicado no próprio site em que se encontra o Banco de Dados IBORUNA, a origem geográfica dos informantes não constitui variável estratificada para a coleta

Quadro 3 – Combinação da faixa etária com as demais variáveis sociais da AC do IBORUNA para seleção do *corpus*

Faixa etária	7 a 15 anos	16 a 25 anos	26 a 35 anos	36 a 55 anos	+ 55 anos
Escolaridade	1º C EF	1º C EF	1º C EF	1º C EF	1º C EF
	2º C EF	2º C EF	2º C EF	2º C EF	2º C EF
	EM	EM	EM	EM	EM
	--	Superior	Superior	Superior	Superior
Renda	Até 5 SM	Até 5 SM	Até 5 SM	Até 5 SM	Até 5 SM
	De 6 a 10 SM	De 6 a 10 SM	De 6 a 10 SM	De 6 a 10 SM	De 6 a 10 SM
	De 11 a 24 SM	De 11 a 24 SM	De 11 a 24 SM	De 11 a 24 SM	De 11 a 24 SM
	Mais de 25 SM	Mais de 25 SM	Mais de 25 SM	Mais de 25 SM	Mais de 25 SM
Sexo	F	F	F	F	F
	M	M	M	M	M
Inquéritos	008; 019	038; 049	064; 075	102;113	128;139

Fonte: Autoria própria.

Conforme é possível entender observando o Quadro 3, de cada uma das cinco faixas etárias, selecionamos 2 DE, 2 NE e 2 RO de dois níveis de escolaridade e de duas faixas de renda familiar diferentes, recobrando os sexos masculino e feminino, assim como indicam os destaques em vermelho e em azul. Por exemplo, na faixa etária dos 7 aos 15 anos, selecionamos a DE, a NE e o RO produzidos por uma informante, do sexo feminino, do 1º ciclo do ensino fundamental com renda de até 5 salários mínimos e o mesmo material produzido por um informante, do sexo masculino, do ensino médio com renda familiar de 11 a 24 salários mínimos, o que nos levou a analisar os inquéritos 008 e 019 da AC do Banco de Dados. Já no grupo etário dos 16 aos 25 anos, selecionamos a DE, a NE e o RO de uma informante do 2º ciclo do ensino fundamental com renda de 6 a 10 salários mínimos e de um informante com ensino superior e renda de mais de 25 salários mínimos, o que nos permitiu examinar os inquéritos 038 e 049 do IBORUNA. Seguindo esse recorte, analisamos a DE, a NE e o RO dos 10 inquéritos do Banco de Dados listados na última linha do Quadro 3. Esses 10 exemplares de cada um dos três tipos de amostras linguísticas em estudo rendeu-nos um total de 185 SegTs mínimos e seus respectivos tópicos discursivos, distribuídos da seguinte forma: 78 em DE, 61 em NE e 46 em RO. Para detalhar o quantitativo de tópicos discursivos do *corpus* selecionado para esta pesquisa, apresentamos a Tabela 1, que ilustra o total de tópicos de cada DE, NE e RO que analisamos.

das entrevistas sociolinguísticas, tendo sido o total de informantes de cada uma das sete cidades distribuído em proporção à densidade populacional dos municípios, a qual varia de uma cidade para outra.

Tabela 1 – Detalhamento do quantitativo de tópicos discursivos no material analisado

Nº do inquérito	Quantidade de tópicos de cada informante em cada tipo de amostra linguística			Total por informante
	DE	NE	RO	
008	3	6	3	12
019	6	2	2	10
038	9	8	4	21
049	13	6	4	23
064	4	4	3	11
075	5	7	4	16
102	11	9	7	27
113	8	6	5	19
128	8	4	7	19
139	11	9	7	27
Total por tipo de amostra	78	61	46	185

Fonte: Autoria própria

Como vemos na Tabela 1, em DE, o informante que produziu a maior quantidade de tópicos discursivos foi o do inquérito 049 do IBORUNA, com 13 tópicos, enquanto aquele que construiu o menor número foi o do inquérito 008, totalizando 3 tópicos. Já em NE e RO, foi o mesmo informante, o do inquérito 019, que se destacou por instaurar a menor quantidade de tópicos nesses dois tipos de amostras de fala, tendo construído 2 tópicos tanto em NE quanto em RO. Com relação ao maior número de tópicos em NE, apuramos produtividade maior nos inquéritos 102 e 139, com 9 tópicos cada, e, em RO, os informantes 102, 128 e 139 ficam empatados como os mais produtivos, tendo cada um instalado 7 tópicos discursivos. Observando o total geral por informante, é possível constatar que aqueles que menos construíram tópicos discursivos foram os dos inquéritos 019 e 064, com 10 e 11 tópicos, respectivamente, ao passo que aqueles que se destacam pela maior quantidade são os dos inquéritos 102 e 139, ambos com 27 tópicos.

Lembrando que a faixa etária foi a variável matriz na seleção de nosso dados, na Tabela 2, ilustramos o total de tópicos discursivos em cada grupo de idade definido, somando o número de tópicos produzidos pelos dois informantes de cada faixa.

Tabela 2 – Quantitativo de tópicos discursivos por faixa etária

Faixa etária	Nº dos inquéritos	Tipo de amostra linguística			Total por faixa etária
		DE	NE	RO	
7 a 15 anos	008, 019	9	8	5	22
16 a 25 anos	038, 049	22	14	8	44
26 a 35 anos	064, 075	9	11	7	27
36 a 55 anos	102, 113	19	15	12	46
+ 55 anos	128, 139	19	13	14	46
Total por tipo de amostra		78	61	46	185

Fonte: Autoria própria

Como mostra a Tabela 2, no total geral, as duas faixas etárias que reúnem os informantes com mais idade (36 a 55 anos; + 55 anos) apresentaram os maiores números de tópicos, enquanto a dos informantes mais jovens (7 a 15 anos) foi aquela na qual apuramos menos tópicos discursivos, tendo se destacado com menores números inclusive nos três tipos de amostra de fala analisados. Também se destacam a grande produtividade tópica dos informantes entre 16 e 25 anos, com 44 tópicos, e a posição de segundo grupo menos produtivo daqueles falantes com idade entre 26 e 35 anos, faixa etária intermediária entre as cinco estratificadas no IBORUNA.

A partir das Tabelas 3 e 4, mostramos ainda o número de tópicos por sexo e por escolaridade e renda, conforme as variáveis censitárias apresentadas.

Tabela 3 – Quantitativo de tópicos discursivos por sexo

Sexo	Nº dos inquéritos	Tipo de amostra linguística			Total por sexo
		DE	NE	RO	
F	008, 038, 064, 102, 128	35	31	24	90
M	019, 049, 075, 113, 139	43	30	22	95
Total por tipo de amostra		78	61	46	185

Fonte: Autoria própria

Tabela 4 – Quantitativo de tópicos discursivos por grau de escolaridade e renda⁴³

Escolaridade	Renda	Nº dos inquéritos	Tipo de amostra linguística			Total por escolaridade e renda
			DE	NE	RO	
1º C EF	Até 5 SM	008, 064, 128	15	14	13	42
2º C EF	De 6 a 10 SM	038, 102	20	17	11	48
EM	De 11 a 24 SM	019, 075, 139	22	18	13	53
Superior	Mais de 25 SM	049, 113	21	12	9	42
Total por tipo de amostra			78	61	46	185

Fonte: Autoria própria

Como podemos ver a partir da Tabela 3, há certo equilíbrio entre o número de tópicos construídos por informantes dos sexos feminino e masculino em nosso material, pois a diferença no montante de tópicos de um sexo para outro é pequena nos três tipos de amostras analisadas e também no total geral. Já na Tabela 4, observamos que os falantes menos escolarizados e com menor renda se destacaram como o grupo com menos produtividade tópica, uma vez que, apesar de o total de tópicos desses informantes coincidir com o dos falantes do ensino superior e com mais de 25 salários mínimos, o primeiro grupo conta com três inquéritos, contra dois do segundo. Assim, é admissível dizer que nossos dados sugerem uma tendência de menor

⁴³ Reunimos os dados relativos ao grau de escolaridade e renda em uma única tabela porque essas duas variáveis agrupam os mesmos inquéritos.

produtividade tópica por parte de falantes com poucos anos de escolarização e com menor renda.

Aproveitando a explicação da quantidade de tópicos da amostra aqui analisada, esclarecemos que, ao final dos exemplos discutidos, apresentaremos, entre colchetes, a indicação da fonte da qual eles foram extraídos, como recomendado pelo Banco de Dados IBORUNA, além da ordem em que o tópico discursivo aparece na linearidade do texto que compõe e da quantidade de tópicos mais específicos identificada naquela DE, NE ou RO. Por exemplo: [BDI-AC-102; NE: L. 43-53; 5/9] indica que o dado foi extraído do Banco de Dados IBORUNA (BDI); da entrevista 102 da Amostra Censo (AC-102); de uma Narrativa de Experiência (NE, que pode variar com DE, para descrição, e RO, para Relato de Opinião); das linhas 43 a 53 da transcrição da entrevista; e que o tópico materializado no SegT mínimo exemplificado é o quinto, na ordem linear da construção tópica, de um total de 9 tópicos discursivos daquela NE. Também queremos deixar claro que as análises recortam SegTs mínimos, ou seja, porções do texto que concretizam os tópicos discursivos mais específicos de um determinado texto de DE, NE ou RO, e não necessariamente um trecho de um texto que recobre uma pergunta do documentador e uma resposta do informante ao que lhe foi perguntado, o que pode acontecer nos casos em que o SegT tem um trecho explícito da atuação textual-interativa do documentador na construção textual.

No início desta seção, comentamos que a AC do IBORUNA congrega entrevistas sociolinguísticas voltadas para a obtenção de cinco tipos de amostras de texto, dentre eles, DE, NE e RO, de cunho predominantemente monológico. Contudo, ainda que o informante seja o principal locutor dessas amostras, o documentador também assume uma função textual-interativa fundamental, como discutiremos na sequência.⁴⁴

Conforme exposto no roteiro de entrevista do projeto que deu origem ao IBORUNA, o Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), para a coleta de cada tipo de texto oral da AC do IBORUNA, foi definida uma proposta de pergunta base, a ser feita pelo documentador no momento da gravação e que consideraria a natureza do texto que o informante deveria produzir naquele momento da entrevista. Além dessa pergunta, o roteiro também sugere temas para os informantes, como demonstramos no Quadro 4.

⁴⁴ Essa discussão sobre a atuação do documentador em DE, NE e RO é apresentada nesta seção 3.2 porque ela nos ajuda a caracterizar o material de análise com o qual lidamos em nossa pesquisa.

Quadro 4 – Perguntas base e temas sugeridos pelo roteiro de entrevista do IBORUNA para coleta de NE, DE e RO

Pergunta base	Sugestões de temas para os informantes	
NE		
Eu gostaria que você me contasse uma história que tenha acontecido com você, que você tenha achado engraçada, ou triste, ou constrangedora.	Falar sobre alguma briga ou confusão em que tenha se envolvido. Falar sobre algum prêmio ou homenagem que tenha recebido (na escola, no trabalho, etc.). Falar sobre uma viagem que tenha feito e que tenha sido muito importante. Falar sobre um relacionamento afetivo que tenha sido marcante. Falar sobre o nascimento de um filho. Falar sobre alguma vitória esportiva que tenha tido.	Falar sobre acidentes (domésticos, de trânsito, tombos, etc.). Falar sobre assaltos que tenha sofrido. Falar sobre o próprio casamento ou separação. Falar sobre problemas que vive na própria casa. Falar sobre um seminário apresentado na escola. Falar sobre uma entrevista de trabalho pela qual tenha passado. Falar sobre festas das quais tenha participado. Falar sobre gafes que tenha cometido.
DE		
Descreva, diga como é o local onde você mais gosta de ficar, passear ou brincar.	Descrever a parte da casa que mais gosta. Descrever a escola. Descrever o local de trabalho (ou a própria sala de trabalho). Descrever o lugar onde passa as férias. Descrever o lugar onde mais gosta de estar.	Descrever as partes da casa do(a) melhor amigo(a), de avós, de tios, etc. Descrever como era a casa em que morava quando era pequeno. Descrever como era a cidade há muitos anos atrás.
RO		
O que você pensa /acha sobre/de ...	Falar sobre o que acha da escola, da professora, dos colegas, dos funcionários da escola. Falar sobre questões sociais (família, trabalho, religião). Falar sobre esportes (equipes, jogadores, campeonatos mundiais). Falar sobre amigos e relacionamentos nos dias atuais. Falar sobre relacionamentos afetivos (namoro, casamento, sexo, etc.). Falar sobre a economia do país (desemprego, greves, baixos salários, etc.)	Falar sobre a educação no país (qualidade do ensino, vestibular, falta de escolas, etc.). Falar sobre a atual política brasileira (partidos políticos, eleições, decisões políticas). Falar sobre os ídolos da atualidade. Falar sobre os programas de televisão da atualidade. Falar sobre o excesso de cirurgias plásticas na atualidade. Falar sobre as vantagens e os problemas da própria profissão.

Fonte: Gasparini-Bastos e Gonçalves (2005)

Observando essas perguntas base e as sugestões de temas definidas no roteiro de entrevista para a coleta de NE, DE e RO pelo IBORUNA, podemos entender que documentador

direciona o tópico no qual a interação deve se centrar, bem como a sua entidade semântica.⁴⁵
 Vejamos a DE em (39).⁴⁶

(39) **Tópico discursivo central: Casa da informante**

Tópico discursivo 1: Definição do tema “casa da informante”

Doc.: S. eu gostaria que você me descrevesse assim algum lugar que você já fo::i ou 1
 que:: pode sê(r) **a sua ca::sa** qualquer lugar que você lembre assim eu gostaria 2
 que você/ que VOCÊ gostaria... de descrevê(r) assim de como que é 3
 Inf.: bom... **eu vô(u) falá(r) da minha casa...** 4

Tópico discursivo 2: Pisos inferior e superior da casa

Tópico discursivo 2.1: Piso inferior da casa

minha casa é um sobradi::nho... pequeno que tem **uma garagem (ampla) que** 5
cabe três carros... do lado tem **um corredô::r** entran(d)o você já vê **uma sala...** 6
com ra::ck e sofá... logo depois tem/ vem **uma cozinha...** **a cozinha** tam(b)é/ num é 7
 muito grande mas tem **gelade::(i)ra armá::rio pi::a...** onde guarda os materiais 8
 culinários... e:: o(u)tras coisas... mais pra frente você vê **uma:: uma área de:: de** 9
jantar que a gente:: janta a gente se alimenta... tem **uma pi::a...** do lado tem **um fogão** 10
 e depois **uma churrasque(i)ra...** camiNHANdo... você já vê **bastante flores...** que 11
 minha mãe gosta de bastante flo::res na ca::sa para enfeitá(r)... aí você vê **um** 12
banhe::(i)ro... **uma:: um quintal am::plo** e **uma piscina...** **enterrada...** não é muito 13
 grande... Logo pra frente você vê **três áreas...** **uma um quarti::nho uma lavanderi::a** 14
e um:: escritório Ele não é muito arrumado é o Ú::nico... assim:: o único:: **é a única** 15
área que é mais bagunçada que é **a:: área que fica os li::vros...** e os materiais 16
escolares... 17

Tópico discursivo 2.2: Piso superior da casa

e/ **em cima do:: no sobradinho em cima...** tem **três quartos...** **um que meu** 18
pai e minha mãe fi::ca ((barulho de criança na casa da vizinha)) **um do meu irmã::o** 19
 e **um meu...** você éh:: **no quarto da minha mãe e do meu pai** tem **um...** **banhe(i)ro** 20
um guarda-ro::(u)pa (onde fica)... logo depois tem **uma sali::nha...** **com** 21
televisão... e **um:: rack...** tem **um banhe(i)ro** éh pra/ pra eu e meu irmão... pra eu e 22
 meu irmão... ah e:: tem **uma saCAda...** onde que a gente fica... a gente pode vê(r) a 23
 no::ite... quando as luzes se acen::de o praia clu::be um clube que fica na fren::te... 24
 e um MONte de coisa mais... bom eu **falei um po(u)co da minha casa** 25

[BDI-AC-008; DE: L. 92-113; 1, 2 e 3/3]

⁴⁵ Essas perguntas base também revelam uma característica das DE que se destacou em nossa pesquisa. Como vemos no Quadro 4, o documentador sugere ao informante que descreva um lugar, não priorizando a descrição de pessoas ou roupas, por exemplo. Isso faz com que as DE do IBORUNA sejam tipicamente caracterizadas como descrições de lugares, o que nos motivou, já durante o desenvolvimento do trabalho, a incluir a classe semântica lugar, proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), dentre os tipos semânticos considerados. Conforme se poderá constatar a partir da seção 5, essa inclusão teve implicações na avaliação da hipótese inicial da tese, que previa a ocorrência maior de tópicos do tipo indivíduo em DE.

⁴⁶ Em nossos exemplos, destacamos em negrito trechos de cada SegT que mais indicam seu respectivo tópico discursivo.

Como notamos em (39), a pergunta do documentador, expressa nas linhas 1-3, sugere à informante o tópico a ser desenvolvido na DE, por meio da ativação do referente “algum lugar que a informante já foi”, especificado logo em seguida pelo próprio entrevistador com o emprego de “sua casa”. Atendendo a essa sugestão, a falante anuncia, na linha 4, que, de fato, focalizará sua casa, como lemos em “bom... eu vô(u) falá(r) da minha casa”. Nesse trecho de texto nas linhas 1-4, pode-se identificar o primeiro tópico discursivo mínimo da DE, chamado de *Definição do tema casa da informante*, no qual a centração é sustentada justamente pela definição entre documentador e informante de qual será o assunto tratado no texto, o tópico central que perpassará toda a DE, o que permite caracterizar o SegT mínimo em 1-4 como um SegT metadiscursivo, em que a referenciação recai sobre o tópico discursivo a ser abordado no texto, estampando o processo textual-interativo.⁴⁷

Na sequência da DE, a partir da linha 5, em que o objeto de discurso casa é recategorizado como sobradinho, observamos que o tópico central *Casa da informante* se desdobra em mais um tópico, denominado *Pisos inferior e superior da casa*, que, por sua vez, especifica-se em dois tópicos mais particulares, materializados em SegTs mínimos. O primeiro desses tópicos discursivos mínimos é instaurado a partir da centração particular acerca do piso inferior da casa, conforme podemos inferir por objetos de discurso que são construídos nas linhas 5-17, a exemplo de garagem e quintal, e o segundo deles é instalado com base na centração sobre a parte de cima do sobradinho, conforme é explicitamente dito pela informante no início do desenvolvimento do tópico 2.2: “em cima do:: no sobradinho em cima” (L. 18).

Importa chamar a atenção para o fato de que a informante atende tanto o tópico proposto pelo documentador que, além de anunciar o foco textual-interativo da DE como um todo já na linha 4, no trecho “bom... eu vô(u) falá(r) da minha casa”, ela finaliza seu texto com um

⁴⁷ Jubran (2005) explica que, na referenciação metadiscursiva, a natureza do objeto de discurso instaurado no texto tem uma grande peculiaridade, sendo as palavras usadas para referirem-se à própria atividade discursiva, explicitando a introjeção da enunciação na materialidade do texto. Assim, o discurso dobra-se sobre si mesmo, constituindo-se como referência de si próprio, criando um objeto de discurso que é o discurso. Uma das modalidades de metadiscorso apontada pela autora é aquela em que as referências são feitas à estruturação tópica do texto, por meio de: (i) indicação do tópico discursivo a ser abordado; (ii) marcação do esquema de composição do texto; (iii) sinalização de introdução e de finalização de um tópico discursivo; (iv) sinalização de interrupção, inserção de parênteses e retomada tópica; (v) indicação do estatuto discursivo de um fragmento do texto (resumo, tese, definição, conceito etc). Neste trabalho, entendemos que há SegTs mínimos voltados para a indicação do tópico central ou de algum supertópico abordado no texto, a partir de um processo de referenciação metadiscursiva, em que o objeto de discurso construído se relaciona a sobre o que se fala no texto. O SegT mínimo nas linhas 1-4, em (39), é um caso de SegT metadiscursivo porque, nesse trecho da DE, a centração é justamente acerca do tópico central do texto, ainda não sendo desenvolvida a descrição da casa em si, o que começa a ser feito a partir da linha 5. Então, sempre que identificamos pontos de centração voltados para a definição, o estabelecimento do assunto a ser focalizado em todo o texto ou em diferentes SegTs dele, sendo negociado nesse ponto de centração o tópico central ou um supertópico do texto, compreendemos esse trecho de centração como um SegT mínimo metadiscursivo, como vemos nas linhas 1-4 em (39) e também em (40), apresentado mais adiante.

enunciado que praticamente repete essa passagem do início da DE, como vemos em “bom eu falei um po(u)co da minha casa” (L. 25), o que reafirma que o tópico central do texto é a *Casa da informante*, segundo propôs o documentador.

Portanto, na relação tópico discursivo/objeto de discurso em nosso *corpus*, considerando as perguntas base e os temas apresentados no Quadro 4 para a coleta de dados da AC na constituição do IBORUNA, o documentador ativa um objeto de discurso no início de uma DE, NE e RO, sugerindo, em geral, o tópico central do texto, muitas vezes em um SegT mínimo metadiscursivo, e, a partir desse referente ativado pelo documentador, o informante desenvolve seu texto instaurando subtópicos relativamente ao tópico proposto pelo entrevistador. Sendo assim, o documentador tem uma função textual-interativa muito importante no material ora em estudo, porque, ao ativar um referente sugerido como tópico, é estabelecida progressão referencial, que vai (re)categorizando objetos de discurso, em relação à fala do documentador, não apenas em relação à fala do informante.⁴⁸

Ainda sobre a orientação, por parte do documentador, dos tópicos discursivos a serem desenvolvidos no texto, no *corpus* que construímos, constatamos que o documentador tende também a direcionar a categoria semântica dos tópicos discursivos, como vemos na DE em (39), em que o entrevistador propõe um referente como tópico que é da classe semântica lugar (um lugar, a casa) e o informante desenvolve dois tópicos discursivos mínimos que pertencem a essa mesma categoria (os pisos inferior e superior da casa).

Outro ponto a ser destacado a respeito da orientação dos tópicos discursivos por parte do documentador é que o referente proposto como tópico, em diversos casos, é introduzido por uma expressão nominal indefinida (um lugar bonito, uma história marcante), permitindo que o informante, interativamente, recategorize e especifique esse objeto de discurso com base no conjunto de lugares que ele interpreta como bonitos ou no grupo de histórias que ele vê como marcantes, por exemplo.

No Quadro 5, na coluna da esquerda, apresentamos uma lista das expressões nominais indefinidas que introduzem referentes propostos como tópicos pelos documentadores no início de DE, NE e RO; na coluna do meio, mostramos como esses referentes dados pelo documentadores, no começo do desenvolvimento do texto, são especificados a partir da

⁴⁸ Como o documentador ativa um referente sugerido como tópico, sua pergunta dá pistas importantes sobre a organização tópica das amostras de texto integrantes de nosso material. Em diferentes gêneros, também referentes introduzidos, por exemplo, no título de um texto podem cumprir essa função de dar indícios acerca da instauração de tópicos discursivos.

interpretação dos informantes sobre tais objetos de discurso; na coluna da direita, identificamos o inquérito da ocorrência.

Quadro 5 – Expressões nominais indefinidas que ativam referentes propostos como tópicos pelos documentadores e especificação dessas expressões pelos informantes

Expressões indefinidas ativadoras de referentes propostos como tópico por parte dos documentadores	Especificação, por parte dos informantes, do referente proposto como tópico pelos documentadores	Nº inquérito
DE		
“Algum lugar que você já foi”	“Minha casa”	008
“Algum local que você gostaria de me descrever que você se lembre que você foi”	“Meu município de Cedral”	038
“Uma pessoa ou um lugar que cê foi achô(u) interessante”	“Uma pessoa que eu gosto muito”	064
“Algum lugar bonito que cê já tenha ido conhecê(r)”	“Foz do Iguaçu”	075
“Algum local que a senhora gosta ou gostava no passado de visitá(r)”	“Nossa catedral de São José do Rio Preto... a Catedral de São José”	102
“Algum lugar que o senhor gosta de está(r) de passeá(r)”	“Meu sítio”	113
NE		
“Alguma viagem ou algum lugar que você tenha gostado”	“Eu fui pro Termas de Olímpia”	008
“Alguma história que tenha acontecido com você”	“Festa de quinze anos d’uma amiga minha”	019
“Algum fato que aconteceu na sua família ou com você que você se recorde que você tenha participado dessa história”	“Separação dos meus pais”	038
“Uma história que tenha acontecido com você”	“A gente [turma do terceiro colegial] resolveu sai(r) pra ro(u)bá(r) cone desses de trânsito”	049
“Uma história que aconteceu com você que te marcô(u)”	“Praticamente entrei na adolescência aí logo comecei a namorar, casei e tive as duas filhas”	064
“Uma história pessoal sua”	“Quando meu filho nasceu meu prime(i)ro filho”	075
“Uma história que tenha acontecido com a senhora e que a senhora tenha achado engraçada... triste... ou constrangedora”	“Gravidez dos meus três filhos”	102
“Uma história que tenha acontecido com o senhor que o senhor tenha achado engraçada triste”	“Eu resolvi em mil novecentos noventa e seis me candidatá(r) a prefeito de Ipiguá”	113
“Um acidente que a senhora viu”	“Eu era instrutora de auto-escola e a gente dan(d)o uma volta passando em frente a delegacia tinha uma perua dessas que pega cadáver”	128
“Alguma história que aconteceu c’o senhor”	“Minha infância”	139
RO		
“Algum assunto que você se interessa em falá(r) a sua opinião”	“Droga”	038
“[Eu queria que cê desse sua opinião sobre] alguma coisa”	“Política”	075
“[Fala sobre o que o senhor acha sobre] alguma coisa”	“Política”	139

Fonte: Autoria própria

A partir do Quadro 5, pode-se ver que, em todas as NE e na maioria das DE, ocorre a orientação do tópico pelo documentador pelo emprego de uma expressão nominal indefinida, que é especificada por uma escolha do informante.⁴⁹ Já em RO, a proposta de tópico pelo documentador quase não acontece dessa forma, tendendo o documentador a propor um objeto de discurso como tópico a partir de uma expressão definida, o que demonstra que, em RO, o entrevistador tem uma maior atuação na definição dos tópicos a serem desenvolvidos pelos informantes.

No Quadro 6, listamos as expressões nominais definidas que, no início do desenvolvimento do texto, introduzem referentes propostos como tópicos pelos documentadores.

Quadro 6 – Expressões nominais definidas que introduzem referentes propostos como tópicos pelos documentadores

Expressão nominal	Nº inquérito
DE	
“O seu rancho”	019
“Seu jipe”	049
“A excursão que a senhora fez pra fábrica da Natura”	128
“A casa onde o senhor mora”	139
NE	
---	---
RO	
“As drogas”	008
“A família”	019
“O resultado das eleições de Rio Preto”	049
“Essa experiência [de ter casado] tão cedo”	064
“A educação no país”	102
“A política”	113
“A educação”	128

Fonte: Autoria própria

Observando os Quadros 5 e 6 e pensando na orientação do tópico pelo documentador pelo emprego de expressões nominais indefinidas ou definidas, é possível depreender que, enquanto nas situações em que o tópico é sugerido por meio de uma expressão indefinida o falante ainda pode decidir, por exemplo, sobre qual lugar bonito descrever ou qual história marcante narrar, nos casos em que o documentador direciona o tópico fazendo uso de uma expressão definida, o informante já é levado a se centrar naquele referente particular introduzido

⁴⁹ Em alguns casos, essa escolha também é motivada pelo documentador, como em (39), em que o documentador pede a descrição de um lugar e, na sequência, diz que esse lugar pode ser a casa da informante. De toda forma, é a informante que opta por descrever a casa, e não o documentador que define exatamente o objeto de descrição.

pelo entrevistador, tendo um papel menos ativo na escolha dos tópicos a serem instaurados. Não encontramos, no início das NE, nenhuma ocorrência de expressão definida que introduzisse um objeto de discurso apresentado como tópico pelo documentador. Acreditamos que a própria pergunta base definida pelo IBORUNA para a coleta de NE – Eu gostaria que você me contasse *uma* história que tenha acontecido com você – (cf. Quadro 4) reduz a possibilidade de aparecimento desse tipo de expressão.

O caso em (39) é um exemplar de sugestão de um tópico pelo documentador a partir de uma expressão nominal indefinida (“algum lugar”) em uma DE. Em (40), ilustramos mais um caso, desta vez em uma NE, em que o entrevistador ativa um referente sugerido como tópico empregando uma expressão nominal indefinida (“algum fato”, L. 1).

(40) **Supertópico: Separação dos pais**⁵⁰

Tópico discursivo 1: Definição do tema “separação dos pais”

Doc.: C. tem algum fa::to que aconteceu assim na sua famí::lia ou com você:: que	1
você se reco::rde assim... que você TEnha participado dessa história tenha	2
vivenciado esse fato?	3
Inf.: ah sim... é a:: separação dos meus pais...	4

Tópico discursivo 2: Começo de caso amoroso extraconjugal do pai com ex-amiga da mãe da informante

eu ainda era muito menina... e::... meu pai... éh (a)cabô(u) ficando de férias do	5
trabalho... e minha mãe tinha uma ami::ga né?... o nome dela era T... e daí::... éh meu	6
pai éh na/ naquela época era uma época de:: da manga de fruta né?... aí éh:: eu falei po	7
meu pai – “vamos até a casa dessa colega da minha mãe né?... pra que a gente:: possa	8
pegá(r) manga” – aí meu pai falo(u) – “vamo(s)” –... aí a gente foi... né?... aí chegô(u)/	9
chegando lá meu pai acabô::(u)/ começô(u) conversá::(r) éh éh com ela né? e:: e EU	10
c’a filha de::la com os filhos dela acabamo(s) ficamo(s) brincan(d)o... e meu pai e ela	11
começaram conversá::(r) conversá::(r) e meu pai e ela acho acabaram:: assim...	12
se interessan(d)o... UM pelo o(u)tro... aí:: eles... tiveram um ca::so... começaram	13
a tê(r) um caso... e isso meu pai (a)inda... tava aqui em ca::sa com nós:: tudo	14

Tópico discursivo 3: Sofrimento dos filhos com a separação dos pais

Tópico discursivo 3.1: Sofrimento dos filhos por verem os pais brigando muito

daí meu pai e minha mãe brigava mui::to ((barulho de carro)) éh:: a gente/ os	15
filhos o/ sempre acaba sofren(d)o né? por vê(r) aquilo... meu pai não posava em	16
ca::sa éh:: coisa que::... e aquela época eu era muito crian::ça então eu ficava MUIto	17

⁵⁰ Neste exemplo, não chamamos o tópico *Separação dos pais* de tópico central porque, nessa NE, o tópico central é *Fatos vivenciados pela informante na família*. Diretamente subordinados a esse central, estão dois tópicos: (i) *Separação dos pais*; (ii) *Vida da informante a partir da maternidade*, este último suprimido em (40). Portanto, *Separação dos pais* é um supertópico em relação aos tópicos aqui definidos, mas não o central da NE.

assim... éh éh:: num entendia direito o que tava acontecen(d)o né?... porque:: por 18
mais que ele brigasse com a minha MãE ele era meu pai eu num tinha ne/ nada a vê(r)... 19

Tópico discursivo 3.2: Sofrimento intenso da informante depois da separação marcante dos pais

aí éh:: o tempo passô(u)... eles foram... se encontran(d)o se encontran(d)o... meu pai 20
acabô(u) in(d)o embora de ca::sa... pa vivê(r) com ela...e:: **e e foi uma coisa assim** 21
quando ele foi embora eu sofri mui::to eu fiquei doen::te... éh:: chorei choRAva 22
bastan::te porque::... apesar dele tá perto da minha casa eu num saBia que ele tava 23
perto da minha casa com essa o(u)tra mulher que era colega da minha mãe num 24
espera::va que ele fosse... se relacioná(r) justo c'a colega da minha mãe... aí a gente... 25
aí o::/ isso foi um fato que eu acho que marcô(u) MUItto a minha vida porque eu num 26
espeRAva que d'uma hora pa o(u)tra meu pai fosse embo::ra fosse de(i)xá(r)... e::u 27
meus irmã::os a minha mãe porque eu era muito feliz até que ele tava em ca::sa... eu::... 28
ah ele foi/ ele/ agora ele foi embora tudo né? tem a família dele ele ve/ ele vem:: 29
aqui::... ele freqüenta a casa da minha mãe mas não É como era antes... e **isso foi uma** 30
coisa que me marcô(u) MUItto eu soFRI muito... por isso eu acho que... marcô(u) 31
demais 32

[BDI-AC-038; NE: L. 2-32; 1, 2, 3 e 4/8]

Conforme verificamos em (40), a pergunta do documentador, nas linhas 1-3, ativa um referente, propondo-o como tópico, com o sintagma nominal indefinido “algum fato que aconteceu na sua família”. Especificando esse objeto de discurso, a informante recategoriza-o com a expressão nominal definida “a separação dos meus pais” (L. 4), decidindo centrar seu texto nesse fato particular. Tem-se, então, nas linhas 1-4, o primeiro SegT mínimo do texto, voltado para um tópico discursivo, um assunto a ser abordado na NE.

Com o desenvolvimento do texto, a fala da informante instaura outros dois tópicos mais específicos em relação ao supertópico *Separação dos pais*, os quais são centrados no começo do caso extraconjugal do pai com uma amante e no sofrimento dos filhos com a separação dos pais. Este último, por seu turno, desdobra-se em dois tópicos discursivos ainda mais particulares, que focalizam o sofrimento dos filhos por verem os filhos brigando muito e o sofrimento intenso da informante depois da separação marcante dos pais.

Para o que mais queremos chamar a atenção nesse exemplo é que o supertópico *Separação dos pais* é estabelecido a partir da relação referencial entre uma expressão nominal indefinida expressa pelo documentador e uma definida, apresentada pela informante. Em outras palavras, é no processo de referenciação textual-interativo envolvendo a fala do documentador e a fala do informante que se institui o tópico *Separação dos pais*. Também nesse caso, como em (39), o documentador direciona a entidade semântica dos tópicos a serem desenvolvidos na NE, uma vez que a expressão “algum fato” (L. 1) designa um estado-de-coisas, levando o informante a desenvolver uma NE que focalize estados-de-coisas, como a separação dos pais.

A seguir, em (41) e (42), mostramos um caso de uma DE e outro de um RO em que os tópicos propostos pelos documentadores são apresentados utilizando-se expressões nominais definidas, sendo “o seu rancho”, no primeiro exemplo (L. 1), e “a educação no país”, no segundo (L. 1-2).

(41) **Tópico discursivo central: Rancho do informante**

Tópico discursivo 1: Rancho do informante de forma geral

Doc.: me descreva o seu rancho	1
Inf.: então ele fica na fren/ na be(i)ra d’um rio no Rio Grande tal::... ele é um rancho	2
SIMples tem uma varan::da::...	3

Tópico discursivo 2: Cômodos da casa do rancho

Tópico discursivo 2.1: Cozinhas interna e externa da casa do rancho

uma cozinha inter::na e uma exter::na tal que tem uma churrasque::(i)ra ... uma mesinha tal pra to/ fazê(r) um churras::co tomá(r) uma cerveja tal... e na cozinha interna tem... um fogão::... uma pi::a tal tem o/ os ah os armá::rios ... TEM	4
tam(b)ém uma mesa pra guardá(r) ... alimen::to tal que a gente leva quando a gente vai pra lá	5
	6
	7
	8

Tópico discursivo 2.2: Sala

e tam(b)ém tem dois... TRÊS quartos... e uma sala ... na sala tem uma televisão::... uma bancada ... tipo assim almofadada pra gente ficá(r)... tem::...	9
tem uma mesa de jogos tam(b)ém tipo pa jogá(r) um Banco Imobiliário tal tudo na sala ...	10
	11
	12

Tópico discursivo 2.3: Quartos

aí nos quarto tem um quarto tem... uma cama de casal:: e uma... de solte(i)ro tal com uma/ com... um guarda-ro(u)pa tal::... no o(u)tro tem... duas cama de casal ... o quarto é bem grande tem duas cama de casal:: do/ um quadro assim no meio um quadro de Nossa Senho::ra ... e é um quarto que tem um banhe(i)ro e tal... e::... tem tam(b)ém uma... televisão o único quarto que tem televisão é esse que tem duas camas de casal ... e o o(u)tro quarto é um quarto mais simples só tem uma cama de casal só é pequenininho... e tam(b)ém fala que é o quartinho lá porque guarda tudo a... tranque(i)ragem guarda lá tudo... guarda separado...	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20

Tópico discursivo 2.4: Banheiros

e::... tem três banhe(i)ros o:: o ran::cho... o rancho é uma cor meio viado é uma cor-de-rosa... é bem:: gayzinho mas é da hora tal	21
	22

Tópico discursivo 3: Fundo do rancho

e:: tem... no fundo dele tem um campo de futebol tem uma pisci::na ...e::... uma mangue::(i)ra ... tem uma mangue(i)ra lá que plantô(u) desde::...quando o meu vô comprô(u) o rancho que faz tempo pa caramba já... e... nossa essa mangue(i)ra é enorme tal dá manga... dá manga quase todo ano que ela tá com... com::... como	23
	24
	25
	26

fala?... com doença agora agora ela tá morren(d)o porque antes ela dava... manga	27
todo ano tal	28
[BDI-AC-019; DE: L. 52-74; 1, 2, 3, 4, 5 e 6/6]	

(42) **Tópico discursivo central: Educação no Brasil**

Tópico discursivo 1: Grande regressão da educação

Doc.: dona M.... o que a senhora éh:: Acha o que a senhora PENsa sobre a educação...	1
no país hoje?	2
Inf.: bom.... nesses últimos anos...que:: a gente... que eu tenho observado no caso	3
que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REgressão... da	4
educação... por exemplo coisas que::... na época eu aprendi que eu fui a::... que eu...	5
na minha época de esCOLa... por exemplo o que a gente aprendia em quatro anos...	6
né? no caso depois o o ginásial também... o/ os meus filhos tinham que fazê(r) até o	7
terce(i)ro colegial pa aprendê(r)... né?... num sei se é uma melhoria... ou não mas eu	8
acho que é uma grande REgressão... então hoje eles va/ éh... vão à aula... éh::...	9
GOSTam aTÉ de IR à esCOLa... mas num gostam muito de estudá(r)... então eu não	10
sei bem se é uma falha... NOS educadores ou::... nos educandos... que tão indo lá...	11
pra aprendê(r)...	12

Tópico discursivo 2: Caráter desinteressante da educação

mas eu vejo assim também que também num há muito interesse ah éh::... os	13
professores éh a... a educação num tem muito a oferecê(r)... vamos se/ assim	14
dizê(r)... porque eu acho que num é bem culpa do professor... porque Ele também ele	15
recebe uma Ordem e vem... e/ ele tem que passá(r) determinadas coisas ele tem que	16
obedecê(r) determinadas coisas... éh... que às vezes ele não concorda muito mas pra	17
ele fazê(r) parte daquele trabalho ele é um empregado... ele é obrigado a cumprí(r)	18
aquelas regras... então a:: o/ a/ os JOvens os adolescentes as crianças eles tem hoje	19
em dia um ponteci/ um:: potencial muito grande uma inteligência muito grande...	20
éh::... também por causa dos meios de comunicação... então a criança recebe muita	21
informação... aí ela vai a escola ela não tem tanta informação... às vezes e/ ela	22
chega lá... éh:: o professor... né? no caso... tem po(u)ca coisa pra oferecê(r) pra	23
eles... ele... e também num é tão atrativo assim naquilo que se ensina... éh:: a::	24
um dese::nho as coisas que pas::sam na televisão às vezes chama mais a... a	25
atenção...	26

Tópico discursivo 3: Necessidade de investimento na educação para o Brasil ser um país melhor

mas as ve/ eu também vejo que::... o governo... e os governantes... né? que... que	27
tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltá(r) mais pro lado da educação...	28
porque... e se preocuPÁ(r)... em ensiná(r) coisas melhores... e i/ e em se adaptá(r) a a	29
modernidade do mundo que a gente tá vivendo... e pasSÁ(r)... éh não sei se é muito	30
dizê(r) isso... mas eu acho que só um país vai conseguí(r) í(r) pa fren::te a gente	31
só vai sê(r) um país melhor... a partir que o dis/ do do momento que se investí(r)	32
em educação... de se investí(r) no aluno... de fazê(r) com que o aluno tenha	33
inteREsse... de í(r) pra escola... e também ele tenha condições... éh:: de participá(r)	34
dessa escola que ele tenha condições de estudá(r)... que muitas vezes o aluno num	35
tem livro ele num tem caderno ele num tem nem alimentação... adequada... pra ele	36
participá(r) dessa aula... então eu acho que... infelizmente... num tá na mão dos	37
governantes... que a gente vê que vai haven(d)o uma defasagem... éh:: a minha filha	38

mesmo HOje... se ela tá fazen(d)o um colegial melhor é porque ela tem oportunidade 39
 até de freqüentá(r) uma escola particular... e no caso a escola... é pública... é tá 40
 deixan(d)o muito a desejá(r)... ela num tá se preocupan(d)o tanto em forMÁ(r) a 41
 pessoa... pra que a gente seja realmente um país Livre... é um país... éh... com 42
 pesSOAS... éh... com qualidade... de vida... porque o/ a a educação o ensino... é que 43
 LEva... éh um ser humano... a tê(r) uma qualidade melhor de vida... a podê(r) 44
 escoLHÊ(R) meLHOR o que ele qué(r) sê(r)... o que ele qué(r)r fazê(r) da vida dele... 45
 éh:: **eu acho que se o governo investí(r) MAis na educação MAis no ensino... éh** 46
procurá(r) REalMENTe... éh favorecê(r) o ser humano... a gente tem:: potencial 47
pra sê(r) um país de prime(i)ro mundo né? (é no caso o que eu vejo na vi/ 48
 educação) 49

[BDI-AC-102; RO: L. 296-340; 1, 2 e 3/7]

Em (41), a fala do documentador, na linha 1, ativa o referente “rancho”, direcionando o informante a assumi-lo como tópico na DE, e, em (42), é o objeto de discurso “educação no país” que é posto como tópico pelo entrevistador no RO. Diferentemente dos exemplos em (39) e (40), nos casos em (41) e (42), os referentes dados como tópicos pelos documentadores não são negociados na relação referencial entre a fala do entrevistador e a fala do informante, mas o próprio documentador já define de forma precisa o tópico amplo sobre o qual o falante deve se centrar,⁵¹ ficando a cargo deste apenas escolher os referentes que, tematicamente, serão subordinados ao objeto de discurso dado pelo documentador, como *Sala*, em (41), e *Grande regressão da educação*, em (42). Por isso é que podemos dizer que, nos casos de orientação de tópico pelo documentador por meio de um referente ativado com o uso de uma expressão nominal definida, o entrevistador direciona mais fortemente os tópicos a serem desenvolvidos na construção textual, tendo o informante uma atuação menos ativa na definição dos tópicos no seu próprio texto.

Uma última observação que queremos fazer nesta seção diz respeito aos marcadores discursivos (MDs) que observamos na introdução de tópicos em DE, NE e RO. Pelas análises que fizemos, notamos que é mais comum que MDs como “e”, “aí” e “éh” apareçam introduzindo tópicos em DE; nas NE, os MDs bastante utilizados na introdução de tópicos são “aí”, “daí”, “então”, “bom”, “e” e “éh”, com presença bem expressiva de “aí”; por fim, em RO, observamos ocorrências constantes de “e”, “então”, “mas”, e “agora”, estes dois últimos, pensados no contexto de textos argumentativos, como os RO, parecem demonstrar seu funcionamento como MDs que fazem avançar o texto para uma informação que tem força de

⁵¹ A ausência de definição conjunta entre documentador e informante do tópico a ser abordado no texto fez com que não identificássemos SegTs metadiscursivos nestes exemplos em (41) e (42), diferentemente do que fizemos em (39) e (40). Assim, interpretamos que a definição precisa do tópico no qual o falante deve se centrar por parte do documentador e a aceitação desse tópico pelo informante, que já começa sua fala com o desenvolvimento do tópico proposto, provoca a não constituição de um ponto de centralização particular em que o foco seja a própria temática do texto.

ressalva, contraposição, desacordo, conforme nos diz Risso (2015) a respeito do marcador “agora”. Nesta pesquisa, não sistematizamos quais MDs seriam característicos da introdução de tópicos discursivos em DE, NE e RO, no entanto, durante o desenvolvimento de nossas análises, suspeitamos que os gêneros textuais poderiam ser caracterizados também pelos tipos de MDs prototípicos de cada um deles, podendo os marcadores ter sua presença explicada na situação particular de uso da linguagem com base em aspectos definidores do gênero textual a que os textos em que ocorrem se filiam, como pensamos a partir dos MDs “mas” e “agora” em RO. A avaliação da hipótese discutida neste parágrafo poderá ser feita em trabalhos posteriores.

3.3 A descrição, a narrativa de experiência e o relato de opinião a serviço do estudo de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos

Nesta seção, buscamos demonstrar que as NE, as DE e os RO analisados nesta pesquisa podem ser considerados amostras de fala que servem ao estudo do que seriam gêneros textuais predominantemente narrativos, descritivos e argumentativos. Para tanto, com base na tipologia textual de Koch e Fávero (1987) exposta na seção 2.6.2, discutiremos, de forma sucinta, como as NE, as DE e os RO manifestam, individualmente, traços dos tipos textuais narrativo, descritivo e argumentativo apontados pelas autoras, o que pode ser uma evidência de que esses três grupos de amostras linguísticas podem servir para estudar o que seriam gêneros em que prevalecem esses tipos textuais. Todavia, antes dessa discussão, fazemos três esclarecimentos que também ajudarão a apontar similaridades entre esses três grupos de amostras linguísticas e gêneros textuais nos quais ou descrição, ou a narração ou a argumentação predomina.

Em primeiro lugar, queremos deixar claro que o tipo textual descritivo (em termos de sequência tipológica, como sintetizado na seção 2.6.2) não é a mesma coisa que os textos do IBORUNA chamados de “descrição”, mas as DE do IBORUNA são textos em que predominam o tipo textual descritivo, apresentando também, em menor escala, trechos que são argumentativos e narrativos, por exemplo, o que não invalida sua classificação como DE, conforme o rótulo do Banco de Dados.

Em segundo lugar, ressaltamos que o próprio IBORUNA entende que DE, NE e RO não são textos exclusivamente descritivos, narrativos ou argumentativos, segundo nos diz Gonçalves (2005), por ocasião do relatório científico parcial I do Banco de Dados: “Seria ingenuidade de nossa parte [...] esperar a obtenção de textos genuinamente narrativos, opinativos, injuntivos e descritivos” (GONÇALVES, 2005, p. 19). Assim, é possível interpretar que o IBORUNA considera que DE, NE e RO sejam textos em que haja dominância (não

exclusividade) dos tipos textuais descritivo, narrativo e argumentativo, por isso mesmo podem ter semelhanças com gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos.⁵²

Em terceiro lugar, frisamos que nosso compromisso não é com a definição de quais gêneros textuais compõem a AC do IBORUNA, nem com a descrição geral desse Banco de Dados em si. Na realidade, utilizamos o IBORUNA com vistas a entender as categorias de entidades semânticas que podem ser representadas por tópicos discursivos em gêneros textuais tipicamente descritivos, narrativos e argumentativos.⁵³

Na sequência, reapresentamos o exemplo em (39) e, baseados em Koch e Fávero (1987), explicamos um pouco mais por que as DE podem ser consideradas semelhantes a gêneros textuais em que predomina o tipo textual descritivo.

- (43) Doc.: S. eu gostaria que você me descrevesse assim algum lugar que você já fo::i ou que:: 1
 pode sê(r) a sua ca::sa qualquer lugar que você lembre assim eu gostaria que você/ 2
 que VOCÊ gostaria... de descrevê(r) assim de como que é 3
 Inf.: bom... eu vô(u) falá(r) da minha casa... minha casa é um sobradi::nho... 4
 pequeno que tem uma garagem (ampla) que cabe três carros... do lado tem um 5
 corredor::r entran(d)o você já vê uma sala... com ra::ck e sofá... logo depois tem/ vem 6
 uma cozinha... a cozinha tam(b)é/ num é muito grande mas tem gelade::(i)ra armá::rio 7
 pi::a... onde guarda os materiais culinários... e:: o(u)tras coisas... mais pra frente 8
 você vê uma:: uma área de:: de jantar que a gente:: janta a gente se alimenta... tem uma 9
 pi::a... do lado tem um fogão e depois uma churrasque(i)ra... camiNHANdo... você já vê 10
 bastante flores... que minha mãe gosta de bastante flo::res na ca::sa para enfeitá(r)... aí 11
 você vê um banhe::(i)ro... uma:: um quintal am::plo e uma piscina... enterrada... não é 12
 muito grande... LOgo pra frente você vê três áreas... uma um quarti::nho uma lavanderi::a 13
 e um:: escritório Ele não é muito arrumado é o Ú::nico... assim:: o único:: é a única 14
 área que é mais bagunçada que é a:: área que fica os li::vros... e os materiais 15
 escolares... e/ em cima do:: no sobradinho em cima... tem três quartos... um que 16
 meu pai e minha mãe fi::ca ((barulho de criança na casa da vizinha)) um do meu irmã::o 17
 e um meu... você éh:: no quarto da minha mãe e do meu pai tem um... banhe(i)ro um 18
 guarda-ro::(u)pa (onde fica)... logo depois tem uma sali::nha... com televisão... e um:: 19
 rack... tem um banhe(i)ro éh pra/ pra eu e meu irmão... pra eu e meu irmão... ah e:: tem 20
 uma saCAda... onde que a gente fica... a gente pode vê(r) a no::ite... quando as luzes se 21
 acen::de o praia clu::be um clube que fica na fren::te... e um MONte de coisa mais... 22
 bom eu falei um po(u)co da minha casa 23

⁵² Apesar de o próprio IBORUNA reconhecer que DE, NE e RO não são textos exclusivamente descritivos, narrativos e argumentativos, essas amostras não são entendidas no Banco de Dados como sendo gêneros textuais. Seguindo esse entendimento, neste trabalho, também não consideramos esses textos diretamente como gêneros. Nossa visão é a de que esses textos coletados como amostras de fala de entrevistas sociolinguísticas podem ser usados para se vislumbrar como seriam textos de gêneros descritivos, narrativos e argumentativos, respectivamente. Em outros termos, compreendemos que é possível utilizar DE, NE e RO para projetarmos como funcionariam textos desses três grupos de gêneros textuais.

⁵³ Mesmo que não consideramos cada tipo de amostra de texto da AC do IBORUNA como um gênero textual, as análises aqui empreendidas de DE, NE e RO podem ser um caminho para o levantamento de hipóteses sobre os gêneros, inclusive para se vislumbrar o funcionamento de gêneros tipologicamente variados, o que é importante para a GTI dado que essa teoria considera que os processos de construção textual variam de um gênero a outro.

Podemos compreender a DE em (43) como um texto apropriado ao estudo de gêneros predominantemente descritivos (isto é, as DE seriam representativas de gêneros descritivos). Observamos em (43) aspectos das dimensões pragmática, esquemática global e linguística de superfície do tipo descritivo, conforme tipologia de Koch e Fávero (1987). É possível dizer que esse caso se particulariza, com relação à sua dimensão pragmática, por um macroato de fala assertivo, comentando as características do ser descrito, na ocasião, a casa da informante. Sobre a dimensão esquemática global, a DE é organizada conforme os espaços constituintes do lugar – primeiro os cômodos do piso inferior do sobrado e, depois, os do piso superior. Ademais, a apresentação dos espaços constituintes da casa também envolve a menção a elementos componentes dos cômodos, a exemplo daqueles que fazem parte da cozinha (geladeira, armário e pia) e do quarto dos pais (banheiro e guarda-roupas). Com relação à dimensão linguística de superfície, constatamos o verbo “ser” indicando estado, como em “a cozinha tam(b)é/ num é muito grande (L. 7) e “[o escritório] é a única área que é mais bagunçada” (L. 14-15).

O exemplo em (44) é mais um caso que ilustra essa similaridade das DE com gêneros textuais em que domina a descrição.

- (44) Doc.: bom... agora eu queria que cê:: descrevesse algum local assim:: algum lugar bonito 1
 que cê já tenha i::do conhecê::(r) 2
 Inf.: ah o lugar... que eu fui que eu achei muito bonito... foi em::... no Paraguai... bonito 3
 hein? Paraguai bonito hein? [Doc.: ((risos))] ((risos)) NÃO foi em:: em Foz do/ Foz do 4
 Iguaçu né?... as catarata [...] 5
 Doc.: cê se lembra onde cê ficô(u) hospedado assim como que era o lugar? 6
 Inf.: não não nós ficamo em/ hospedado... e/ em Foz do Iguaçu né?... nós ficamo(s) num 7
 hotel em Foz do Iguaçu 8
 Doc.: cê lembra como que era o hotel assim pro cê descrevê(r) pra mim? 9
 Inf.: NÃO:: o hotel até que era simples né?... [o hotel num era um hotel:] 10
 Doc.: [mas quantas estrelas assim?] (mesmo) 11
 Inf.: NÃO é um hotel::... norMAL um hotel... comum::... apartamentos comum né? num 12
 é um:: 13
 Doc.: mas é:: como?... descreve pra mim como que era assim (mesmo)... (num importa) 14
 Inf.: não como é que eu vô(u) descrevê(r) pra você? [por ser] [Doc.: (inint.) assim] 15
 coMUM é/ é:: um/ é um::... hotel totalmente (meia) pintado de bran::co né? (fa(i)xa) 16
 pintada de branco... os apartamentos::... com ar o::... o::... o banhe(i)ro den::tro né?... as 17
 cama simples frigo/ frigo/ frigobar... né?... e... o demais simples assim um hotel bem 18
 simples mesmo... num tinha nada e/ nós fizemo(s) uma excursão com amigos né?... [Doc.: 19
 certo] nós fomo(s) com amigos e::... pegamo(s) esse hotel pa ficá(r) lá [...] 20
 Doc.: tem um o(u)tro lugar assim po cê descrevê(r) pra mim assim? bem em detalhes? 21
 Inf.: ah um/ um hotel que eu fiquei uma vez e esse com detalhes que eu achei até 22
 interessante foi... numa... um trabalho que nós fomos fazê(r) também em:: Barra Bonita... 23
 e esse hotel ele era::... [...] um hotel-fazenda... então::... esse:: esse hotel era um hotel BEM 24
 assim... éh:: estilo meio colonial mes::mo um antigo que foi reforma::do né? [Doc.: aham 25
 ((concordando))] com vários chalés::... o/ a/ o/ o cent/ o ce/ a parte central do hotel... que 26

no caso a recepção do hotel... ele era bem anti::go... você tipo assim a entrada é mais ou 27
 menos como eu posso dizê(r)? assim de um castelo né?... entrada pelos dois lado de 28
 esca::da... o formato dele meio que de um castelo... é aonde você tomava o café da manhã:: 29
 tudo ali né? recepção era tudo ali... [Doc.: hum ((concordando))] tinha tam(b)ém o::... a 30
 parte de happy hour tu::do que o pessoal ficava ali à tar::de... só que os quartos não eram 31
 chalé né? então era pra fora... ((pessoas conversando ao fundo)) tem os chalés né? pra 32
 fora... e:: mais emba(i)xo tinha a piscina né? que era aquelas piscina aquecida com... com 33
 bar dentro né?... [...] 34

[BDI-AC-075; DE: L. 130-197; 1, 3 e 5/5]

Como ocorre em (43), em (44), é possível verificar as características do tipo descritivo com relação às três dimensões envolvidas na tipologia textual de Koch e Fávero (1987). Na dimensão pragmática, notamos a asserção de enunciados de estado, que caracterizam dois hotéis, um em Foz do Iguaçu e outro em Barra Bonita. Na dimensão esquemática global, observamos a ordenação do texto conforme qualidades dos hotéis, mais especificamente, segundo suas qualidades gerais seguidas de atributos de espaços particulares de cada um desses estabelecimentos. Assim, primeiramente, o hotel em Foz do Iguaçu é descrito como simples, como vemos em “o hotel até que era simples” (L. 10), e, em seguida, são mencionados atributos de partes desse estabelecimento – a faixa era pintada de branco e os apartamentos tinham ar condicionado, banheiro e frigobar (L. 16-18). Fenômeno parecido ocorre com a descrição do hotel em Barra Bonita, que é apresentado como tendo estilo colonial e antigo já nas linhas 24-25 e, mais adiante, são mencionadas propriedades de ambientes da hospedagem – a entrada semelhante à de um castelo, os quartos que não eram chalés, a piscina aquecida e com bar dentro. A respeito da dimensão linguística de superfície, identificamos, principalmente, verbos de estado (o hotel em Foz do Iguaçu *era* simples, o em Barra Bonita *era* um hotel fazenda) e adjetivação bastante recorrente (hotel *simples*, camas *simples*, apartamentos *comuns*, hotel *antigo*).

A seguir, dispomos de uma NE e discutimos a sua natureza narrativa com base na caracterização desse tipo de texto feita pelas autoras em questão.

- (45) Doc.: eu gostaria que você me conTAsse alguma história que tenha acontecido com você 1
 Inf.: bom foi numa festa de quinze a::nos... foi no Dalila... aqui em Rio Preto... e::... 2
 fui de bicão na festa tá festa d’uma amiga minha F.... e eu tinha brigado com ela tal ela 3
 num tinha me chamado pra festa... aí eu cheguei... era umas... uma e mei::a duas horas 4
 tal e tava quase na hora da dança... da... do baile lá... aí... fiquei sabên(d)o que o:: 5
 namorado dela que ia dançá(r) com ela tal né? depois o pai... tinha falTAdo... e num 6
 tinha quem dançá(r) com ela... aí eu cheguei pra ela tal falei... – “F.... cê:: qué(r) que eu 7
 danço c’ocê? tal? porque cê tá sozinha aí né? num tem com quem dançá(r)” – ... aí ela 8
 falô(u) pra mim – “NÃO nós tá brigado tal cê a::cha todo mundo sabe que nós tá brigado” 9
 –... eu falei – “NÃO mas num tem proble::ma se tá faltan(d)o aí só pra dançá(r) de boa” 10
 – ... aí ela aceitô(u) tal aí na hora da dança foi maior mico... tal num sabia dançá(r) 11

nada... mas foi da HOra depois ela... me agradeceu tal nós ficamo(s) tudo de boa de 12
 novo... e aí depois na hora da/ sain(d)o da festa tal fomo(s)... sain(d)o tava de boa 13
 ficamo(s) amigo de novo até:: até hoje 14

[BDI-AC-019; NE: L. 2-16; 1 e 2/2]

Em (45), podemos constatar características das três dimensões do tipo narrativo que definem a tipologia textual de Koch e Fávero (1987). Assim, quanto à dimensão pragmática, notamos a asserção de enunciados de ação, como em “fui de bicão na festa” (L. 3), “aí eu cheguei” (L. 4) e “aí ela falô(u) pra mim” (L. 8-9). No tocante à dimensão esquemática global, percebemos a ordenação de eventos conforme uma sucessão cronológica – o informante chegou à festa da amiga com quem estava brigado, ficou sabendo que o namorado da aniversariante tinha faltado, ofereceu-se para dançar com a moça, ela aceitou, a dança aconteceu, ela o agradeceu e eles reataram a amizade. Por último, no que diz respeito à dimensão linguística de superfície, verificamos o que pode nos mostrar as circunstâncias da situação, como “onde” (no Dalila), “quando” (numa festa de quinze anos), “quem” (o informante e a amiga) e “o quê” (a dança improvisada do informante com a amiga). Ainda sobre as marcas linguísticas do tipo narrativo, notamos a presença constante de discurso direto na reprodução da conversa entre o informante e a aniversariante.

Considerando a identificação, em (45), de traços das três dimensões da tipologia de Koch e Fávero (1987) que especificam o tipo narrativo, assumimos, então, que as NE de nosso corpus podem ser chamadas de amostras de fala representativas de gêneros textuais narrativos. O exemplo em (46) é mais um caso que demonstra essa semelhança das nossas NE com gêneros desse grupo.

(46) Doc.: então tá... éh:: eu queria que cê contasse uma histó::ria pessoal sua assim 1
 Inf.: éh:: uhm:: o que me VEM na mente agora é quando meu filho nasceu né? meu 2
 prime(i)ro filho... [Doc.: hum] e:: eu fui::... levá(r) minha esposa::... num hospital né? que 3
 ela (precisava) dá(r) a luz... e::... enQUANto ela... ela foi né? po quarto e eu fiquei 4
 esperan(d)o ela... foi fazê(r) a ce/... a cesárea... eu fiquei esperando... aí::... ela tinha 5
 uma:: amiga no no hospital... e a:: moça veio dá(r) a notícia que havia nascido né? [Doc.: 6
 éh] o meu filho havia nascido... e::... um::... quando ela aviSÔ(U) tava::... eu/ eu tava co/ 7
 eu tava sentado assim FOra do hospital né? eu tava no no na grama sentado... no Hospital 8
 da Paz... eu tava sentado e::... a hora que ela falô(u) eu saí... e sabe? aquela emoção né? 9
 [Doc.: é] prime(i)ro filho aquela correria... [Doc.: ((risos))] e::... quando eu entrei no 10
 hospital que eu olhei po pé::... eu tava só c'um sapato [Doc.: ((risos))] porque eu tinha 11
 de(i)xado o outro... lá na grama ((risos do Inf. e Doc.)) e vol::ta eu lá colocá(r) o sapato... 12
 e entrá(r) né?... essa é uma história que eu lembro agora de momento... (inint.) [...] 13

[BDI-AC-075; NE: L. 2-14; 1/7]

Assim como em (45), em (46), também podemos reconhecer a asserção de enunciados de ação como o macroato de fala que caracteriza essa NE, o que pode ser comprovado por

trechos como “eu fui::... levá(r) minha esposa::... num hospital” (L. 3), “a:: moça veio dá(r) a notícia que havia nascido” (L. 6), “a hora que ela falô(u) eu saí” (L. 9) e “quando eu entrei no hospital” (L. 10-11). Além disso, esse caso também é organizado, quanto à sua dimensão esquemática global, conforme uma sucessão cronológica de acontecimentos – o informante levou a esposa no hospital para dar à luz e ficou esperando do lado de fora do prédio, a enfermeira deu a notícia sobre o nascimento, ele entrou no hospital e viu que estava só com um pé do par de sapato. Ainda, constatamos informações que circunstanciam o acontecimento, como “quando” (no nascimento do primeiro filho do informante), “quem” (o informante), “onde” (no hospital) e “o quê” (a entrada no hospital sem calçar um pé de sapato), o que é uma das marcas da dimensão linguística de superfície do tipo narrativo.

A partir de (47) e (48), discutiremos como os RO podem ter semelhanças com textos filiados a gêneros textuais predominantemente argumentativos.

- (47) Doc.: C. tem algum assun::to assim:: que você se interessa em:: falá(r) a sua opinião a 1
respeito?... porque hoje em dia a gente vê tanta coi::sa assim tem TANTA coisa pra gente 2
falá(r)... que às vezes revol::ta a gente assim tem alguma coisa que você gostaria de dá(r) 3
a sua opinião? 4
Inf.: ah eu gostaria assim de dá(r) minha opinião:: sobre as droga né?... porque:: [...] eu 5
acho que:: isso é uma coisa que faz muito mal::... pro nosso país:: né?... eu acho que eu/ 6
ah não só o nosso país mas como os muitos países pra fora estão acho que as cri/ ah os 7
adul::tos também mas as criança tá demais esse/ essas/ esse/ es/ ÉH esse negócio de droga 8
né?... eu acho que as crianças tão muito assim... éh:: desorienta::das éh éh só pensam 9
nisso malemé estão fican(d)o mocinhos já... ((barulho de carro)) já tão atrás disso [...] 10
Doc.: [o que] que você acha que deveria sê(r) feito assim? 11
Inf.: ah:: o que deveria sê(r) feito? ai eu eu num sei assim éh::... ai eu acho que o o:: o 12
governo né?... o o:: nosso... presiden::te não sei vô(u) dizê(r) assim eu acho que ele devia 13
assim tomá(r) uma uma::... a::i como que eu vô(u) falá(r)? assim um/ uma atitude éh:: tipo 14
assim sei lá/ dá um jeito de acaBÁ(r) mesmo ACABÁ(r) eu num sei se HÁ esse jeito 15
porque há MUITO né? se não tivê(r) aQUI... com certeza eles vão buscá(r) lá FORA... mas 16
eu queria assim que... que todos eles se reunissem os presidentes cada um do seu país e 17
acaBASSE mesmo... éh se tivesse um jeito de de/ de/ de/ de ficá::(r)... éh investigan(d)o 18
assim investigan(d)o ali pra vê(r) – “aqui há droga” – ACABÁ(r) ACABÁ(r) com essas 19
coisas que... é uma coisa que não tá levan(d)o o país pra frente muito pelo contrário só pra 20
trás... [...] 21

[BDI-AC-038; RO: L. 242- 269; 1, 2 e 3/4]

O caso em (47) demonstra como os RO podem servir ao estudo de gêneros textuais argumentativos porque podemos reconhecer nele traços das dimensões pragmática, esquemática global e linguística de superfície do tipo argumentativo definidos no trabalho de Koch e Fávero (1987). É possível dizer que convencer, persuadir (sobre os malefícios das drogas ao Brasil) pode ser considerado o macroato de fala de (47), o que mostra que a sua dimensão pragmática condiz com a do tipo argumentativo proposta pelas autoras. Quanto à

dimensão esquemática global, é plausível reconhecer que o RO é organizado conforme tese, argumento e conclusão. Nas linhas 5-6, é apresentada a tese de que as drogas fazem muito mal ao Brasil. Em seguida, a partir do fim da linha 6 até a linha 10, a ideia de que as crianças estão desorientadas e pensam em drogas muito cedo parece funcionar como argumento da tese do malefício das drogas ao país. Na sequência, a partir da linha 11, a conclusão do RO vai sendo encaminhada, a qual propõe uma alternativa para o combate às drogas. Conforme essa organização, podemos dizer que a dimensão esquemática global desse RO se assemelha, em grande medida, àquela do tipo argumentativo proposta por Koch e Fávero (1987), já que envolve categorias que podem ser chamadas de tese, argumento e conclusão.

Já a dimensão linguística de superfície de (47) é marcada pela recorrência de verbo introdutor de opinião (“achar”), uso de modalizador na conclusão (“dever”, L. 13) e emprego de operadores argumentativos (“porque”, nas L. 5 e 16, e “mas”, na L. 16), o que também caracteriza a dimensão linguística do tipo argumentativo, conforme as referidas autoras.

Em (48), mostramos parcialmente o exemplo já apresentado em (42) para reforçar a discussão sobre a natureza argumentativa dos RO.

- (48) Doc.: dona M.... o que a senhora éh:: acha o que a senhora PENsa sobre a educação... no 1
país hoje? 2
Inf.: bom.... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado no caso que 3
eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REgressão... da educação... 4
por exemplo coisas que::... na época eu aprendi que eu fui a::... que eu... na minha época 5
de esCOLa... por exemplo o que a gente aprendia em quatro anos... né? no caso depois o 6
o ginasial também... o/ os meus filhos tinham que fazê(r) até o terce(i)ro colegial pa 7
aprendê(r)... né?... num sei se é uma melhoria... ou não mas eu acho que é uma grande 8
REgressão... então hoje eles va/ éh... vão à aula... éh::... GOSam aTÉ de IR à esCOLa... 9
mas num gostam muito de estudá(r)... [...] mas eu vejo assim também que também num 10
há muito interesse ah éh::... os professores éh a... a educação num tem muito a 11
oferecê(r)... vamos se/ assim dizê(r)... porque eu acho que num é bem culpa do 12
professor... porque Ele também ele recebe uma Ordem e vem... e/ ele tem que passá(r) 13
determinadas coisas ele tem que obedecê(r) determinadas coisas... [...] então a:: o/ a/ os 14
JOvens os adolescentes as crianças eles tem hoje em dia um ponteci/ um:: potencial 15
muito grande uma inteligência muito grande... éh::... também por causa dos meios de 16
comunicação... então a criança recebe muita informação... aí ela vai à escola ela não tem 17
tanta informação... às vezes e/ ela chega lá... éh:: o professor... né? no caso... tem po(u)ca 18
coisa pra oferecê(r) pra eles... ele... e também num é tão atrativo assim naquilo que se 19
ensina... [...] mas as ve/ eu também vejo que::... o governo... e os governantes... né? que... 20
que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltá(r) mais pro lado da educação... 21
porque... e se preocuPÁ(r)... em ensiná(r) coisas melhores... e i/ e em se adaptá(r) a a 22
modernidade do mundo que a gente tá vivendo... e pasSÁ(r)... éh não sei se é muito 23
dizê(r) isso... mas eu acho que só um país vai conseguí(r) í(r) pa fren::te a gente só vai 24
sê(r) um país melhor... a partir que o dis/ do do momento que se investí(r) em educação... 25
de se investí(r) no aluno... [...] 26

[BDI-AC-102; RO: 296-325; 1, 2 e 3/7]

De modo similar ao que ocorre em (47), em (48), também verificamos as dimensões pragmática, esquemática global e linguística de superfície do tipo argumentativo. Podemos dizer que o macroato de fala de persuadir (sobre a defasagem da educação) marca a dimensão pragmática desse RO, o que indica uma primeira semelhança deste texto com o tipo argumentativo, conforme proposta de Koch e Fávero (1987). Já o esquema global desse caso pode ser descrito segundo as seguintes categorias: tese, argumento, argumento, conclusão, todos na direção de persuadir sobre a defasagem da educação. Na linha 4, pode-se identificar uma tese, relativamente acerca da regressão, defasagem na educação. Na sequência, da linha 5 até a 10, é possível delimitar um argumento para a tese, o qual focaliza o fato de os filhos da informante aprenderem até o ensino médio o que a mãe aprendia em 4 anos. Depois, nas linhas 10-12, aparece mais um argumento para sustentar a ideia de tal defasagem, desta vez discutindo que a educação não tem muito a oferecer, o que vai sendo solidificado pela informação, presente desde a linha 12 até o começo da 20, de que o professor não tem muito a oferecer frente ao acesso intenso dos alunos aos meios de comunicação. Na continuação do RO, a partir do “mas” na linha 20, a informante formula uma conclusão, defendendo que o governo deve investir mais em educação. Dessa forma, entendemos que também a dimensão esquemática global desse RO se assemelha àquela do tipo argumentativo proposta por Koch e Fávero (1987), já que é organizada conforme uma combinação de tese, argumentos e conclusão. Um último fator a ser observado em (48) é a sua dimensão linguística de superfície, a qual reforça a similaridade do RO com textos argumentativos. Nessa dimensão, observamos operadores argumentativos (“mas”, “porque”, “então”), verbo introdutor de opinião (“achar”) e modalizador (“dever”, na L. 21). Diante, portanto, da caracterização do RO em (48) conforme as particularidades do tipo textual argumentativo definido por Koch e Fávero (1987), reiteramos que os RO analisados nesta tese podem, com efeito, ser considerados amostras de fala que representam gêneros textuais argumentativos.

Em síntese, nesta seção, buscamos argumentar que as DE, as NE e os RO analisados neste trabalho podem ser utilizados no estudo do que seriam gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos, respectivamente. As discussões empreendidas nesta seção ajudarão a entender melhor os resultados de nossas análises de dados apresentados na seção 5.

3.4 Metodologia de análise de dados

Seguindo os propósitos desta pesquisa, a análise dos nossos dados foi dividida em duas etapas: (i) a análise tópica de DE, NE e RO e (ii) a análise das entidades semânticas dos objetos de discurso que se constituem como tópicos discursivos desses textos.

No que se refere à primeira etapa, que consistiu especificamente no reconhecimento dos SegTs e tópicos discursivos de nosso *corpus*, utilizamos o *método de análise tópica*, definido em Jubran (2006b, 2015c). Partindo de uma análise desenvolvida com base nas propriedades tópicas de *centração* e *organicidade*, explicadas nas seções 2.3 e 2.4, esse método permite a identificação do processo central de construção do texto reconhecido pela GTI – o processo de organização tópica. Assim, a propriedade da centração, caracterizada pelos traços de concernência, relevância e pontualização, possibilita ao analista identificar os SegTs de um texto e os seus tópicos discursivos. Já a propriedade tópica da organicidade permite verificar as relações de interdependência entre os tópicos discursivos de um determinado texto.

Explicamos, com base em (49), como reconhecemos os SegTs e tópicos discursivos de nosso *corpus* fazendo uso do método de análise tópica e nos baseando, especialmente, na constatação de diferentes pontos de centração no interior dos textos analisados. Antes dessa explicação, esclarecemos que, conforme previsto pelo método, tanto a centração quanto a organicidade foram fundamentais para o desenvolvimento de nossas análises, mas, como não objetivamos nesta pesquisa descrever as relações de interdependência entre os tópicos discursivos em DE, NE e RO, não trataremos da propriedade da organicidade ao demonstramos o procedimento de identificação dos tópicos discursivos de nossos dados a partir do caso em (49). De todo modo, deixamos claro que foi considerando essa propriedade, juntamente com a de centração, que estabelecemos se um tópico discursivo seria um tópico mais amplo na hierarquia tópica ou mais específico, materializado por um SegT mínimo, o que foi importante para nosso estudo porque esta investigação se volta exatamente para os tópicos discursivos mais específicos dos textos, aqueles concretizados por SegTs mínimos.

(49) Tópico discursivo: Bronquite do filho do meio

aí nasceu... aí já o E. num chorava... o E. era bem mais quieto	NÃO gostava de ficá(r) no	1
colo... quando ele ia dormi(r) às vezes a gente pegava ele no colo ele ia se		2
esborrachan(d)o se estican(d)o até::... sabe? ele ficá(r) na cama ou no sofá... sozinho...		3
mas aí ele já... ele já tinha problema de bronquite aos dois meses ele começô(u) com		4
problema de bronqui::te aí a gente... eu fiz muita nove::na... levei muito no		5
mé::dico... ele fez muito tratamen::to... até:: simpatia que eu nunca fui MUI::to de		6
acrediTÁ(r)... né? mas quando você... éh:: tá naquele momento assim de desesPEro...		7

éh::... se você num sabe mais o que faz/ que cê faz **você foi no médico você já fez** 8
tratamento... cê tá com/ dan(d)o reMÉdio aí num melhorava num melhorava aí cê 9
 (a)caba até... cain(d)o ne/ fazen(d)o **simpatia né?... eu acabei fazen(d)o simpatia... pra** 10
vê(r) se o E. melhorava da bronquite... e com o passar dos anos realmente graças a 11
 Deus **ele ficô(u) bom...** 12

Tópico discursivo: Crença durante a gravidez de que o terceiro filho seria homem

e aí... passando né? esses an/ o/ foi passando os anos com três quatro anos... aí... **eu** 13
fiquei grávida... do meu ter/ do meu terce(i)ro fi::lho... no caso é a M. né? veio uma 14
 menina... aí todo mundo aí todo mundo já falava – “você é louca... éh já tem dois filhos 15
 arrumô(u) mais UM você tá doida... onde já se viu” – aí eu fiquei assim só pensan(d)o 16
 comigo... pô eu me sinto feliz... porque a minha mãe falava que eu nunca ia tê(r) filho... 17
 aí de repente eu tô grávida do meu terCE(i)ro... e ainda nessa época num se fazia ultra- 18
 som... não existia ultra-som ((risos))... então aí... **aí todo mundo falava... – “mas agora** 19
é HOMem... já que cê teve dois HOMens... o seu terce(i)ro filho é HOMem também... 20
agora é Homem” – né?... aí assim... fui pro hospital... tê(r) os bebê... **todo mundo** 21
achava que ia sê(r) menino... inclusive meu marido ele ainda ele falô(u) assim 22
 brincan(d)o assim pra mim assim – “olha... se for menino” –... **ele tinha tanta certeza** 23
que:: a criança era HOMem... ele falô(u) assim – “então eu vô(u) pôr o nome... aí se 24
 for menina ((risos)) num conta” – aí... tudo bem aí... fui pro hospital tê(r) ela... a 25
 surpresa... que era uma menina... aí... sabe?... assim a gente quase que num acreditava 26
 porque c/ **cê já tinha tanta certeza que ia sê(r) menino** e eu ainda tenho uma cunhada... 27
 eu tenho uma cunhada só e ela teve três meNInas... aí EU né?... dois meninos e uma 28
 menina aquilo pra gente foi assim... tanto até os menino ficaram super feliz... de vim 29
 uma irmãzinha pra eles né? aí eu escolhi o nome dela eu coloquei M.... né? 30

[BDI-AC-102; NE: L. 43-71; 6 e 7/9]

Na pergunta que dá início à NE que recobre os SegTs em (49), o documentador pede que a informante narre uma história que tenha acontecido com ela e, estabelecendo progressão referencial com essa fala do entrevistador, a falante decide por se centrar na história da gravidez dos seus três filhos. É nesse contexto que se constroem os dois tópicos em (49), firmados pela instauração de duas centrações específicas que focalizam (i) a bronquite do filho do meio pouco tempo depois de seu nascimento e (ii) a crença, durante a gestação, de que o terceiro filho seria homem, assim como os dois primeiros.

Da linha 1 até a 12, observamos a construção de um conjunto referencial relativo a tal problema de saúde do filho pela integração semântica dada principalmente entre as passagens destacadas em negrito, como “ele já tinha problema de bronquite” (L. 4), “aos dois meses ele começô(u) com problema de bronqui::te” (L. 4-5) e “eu acabei fazen(d)o simpatia... pra vê(r) se o E. melhorava da bronquite” (L. 10-11), que promovem mais diretamente um recorte temático acerca do tema “bronquite do filho”, o que já demonstra a concernência, primeiro traço da centração tópica. Também verificamos a construção desse conjunto referencial pela proeminência assumida pelos referentes “filho” e “bronquite”. Já no início do desenvolvimento do tópico, na linha 1, há a menção ao nome do filho do meio – o “E.”. Na continuação do tópico,

esse objeto de discurso vai sendo mantido em foco, principalmente pelo pronome “ele”, como vemos em vários pontos do SegT, a exemplo das linhas 2, 3, 4, 6 e 12. Com relação ao referente “bronquite”, notamos a sua ativação na linha 4, sua reiteração nas linhas 5 e 11 e ainda a relação semântica desse objeto de discurso com outros, como “tratamento”, “remédio” e “médico”, que também podem ser considerados do campo semântico “problema de saúde”, como o objeto “bronquite”. Assim, a saliência dos referentes “filho” e “bronquite” sugere a construção do tópico *Bronquite do filho*, o que já se relaciona com a relevância tópica, segundo traço da centração.

Como localizamos, na materialidade textual, um conjunto referencial concernente entre si e relevante em determinado ponto do texto sobre a bronquite do filho do meio da informante, pontualizamos o trecho da NE em que esse conjunto referencial se concretiza, o que mostra o terceiro traço da centração.

Quando se encerra a centração sobre a *Bronquite do filho do meio*, na linha 12, inicia-se, na linha 13, um novo SegT, uma nova centração, desta vez focalizando a *Crença durante a gravidez de que o terceiro filho seria homem*. A concernência sobre esse conjunto referencial pode ser constatada pela integração semântica entre trechos como “aí todo mundo falava... – ‘mas agora é HOmem... já que cê teve dois HOmens... o seu terce(i)ro filho é HOmem também’” (L. 19-20), “todo mundo achava que ia sê(r) menino” (L. 21-22) e “cê já tinha tanta certeza que ia sê(r) menino” (L. 27), as quais recortam a temática da crença sobre o bebê ser menino.

Quanto à relevância do tópico discursivo, esta pode ser verificada pela reconstrução do referente “terceiro filho” ao longo de todo o SegT, como vemos com expressões como “M.” (L. 14), “menina” (L. 15), “meu terceiro” (L. 18), “menino” (L. 23), “homem” (L. 24), “criança” (L. 24) e “irmãzinha” (L. 30), recategorização responsável pela manutenção em foco desse objeto de discurso. Também constatamos a relevância tópica pela reconstrução do referente “crença de que seria homem” no SegT, como vemos nas passagens em negrito. Desse modo, o destaque dado a esses dois objetos de discurso coloca em evidência o tópico distinguido. Tendo sido identificados os traços de concernência e relevância sobre o pensamento de que o terceiro filho da informante seria homem, pontualizamos o trecho de texto em que esse conjunto referencial se materializa, o que nos permitiu, portanto, chamar o fragmento de texto nas linhas 13-30 de um SegT.

Feita a apuração de duas centrações particulares em (49), que levou à constatação de dois tópicos discursivos diferentes, evidenciamos o procedimento utilizado na identificação dos tópicos e SegTs de nosso *corpus*. Assim, entendemos que as linhas 1-12 concretizam um tópico

discursivo porque podemos identificar nelas a propriedade da centração, particularmente sobre a bronquite do filho do meio, e reconhecemos que as linhas 13-30 materializam outro tópico pois, nesse ponto do texto, a centração sobre a doença do filho do meio é encerrada e uma nova se instala, especialmente acerca da crença durante a gravidez de que o terceiro filho da informante seria homem. Portanto, a construção de uma centração particular nas linhas 1-12 e outra diferente nas linhas 13-30 foi determinante para o reconhecimento de dois SegTs distintos, que, por isso, concretizam dois tópicos discursivos diferentes em (49). Isto posto, foi a verificação de uma centração específica em um determinado ponto do texto e a mudança dessa centração para outra que embasou a identificação dos tópicos discursivos e SegTs de nosso material de análise.

Tratando ainda do procedimento de distinção de SegTs e tópicos discursivos, importa destacar a mudança do referente focalizado da linha 12 para a linha 13, em (49). Como vemos, da linha 1 até a 12 do exemplo, o objeto de discurso “filho do meio” é mantido em foco, sendo reconstruído em todo esse trecho da NE. Quando chegamos à linha 13, esse referente é retirado de foco, passando a ocupar posição focal o objeto de discurso “terceiro filho”. Então, podemos dizer que a observação das estratégias de referenciação de ativação, reconstrução e desfocalização de objetos de discurso, conforme apresentadas na seção 2.5.1, é um recurso bastante útil na análise tópica. Mais um mecanismo que auxilia na análise tópica é a identificação de MDs basicamente sequenciadores que atuam tipicamente na abertura ou no fechamento de tópicos, como o MD “aí”, característico de abertura de tópicos (GUERRA, 2007), muito recorrente em nossas NE, como destacamos na seção 3.2, e que, somado ao marcador “e” no início da linha 13, em (49), marca fortemente um ponto de mudança de centração.

Outra questão sobre a qual queremos tratar acerca do método de identificação dos tópicos discursivos diz respeito à metodologia de nomeação tópica aqui utilizada, a qual envolve um desses três procedimentos básicos: (i) a identificação explícita, no SegT, de um referente com estatuto de tópico discursivo; (ii) a nominalização; (iii) a inferência de um referente que também é tópico, mas que não está explícito no SegT.

O exemplo em (50) mostra um caso de identificação e nomeação tópica a partir do procedimento (i).

(50) **Tópico discursivo: Postinho de saúde**

o(u)tro/ (inint.) o(u)tro lugar também... éh:: que eu acho assim interessante também	1
éh::... ah tem também o Posto de Saú::de né?... lá... há várias sa::las também com::...	2
vários bancos é um postinho simples apesar da cidade sê(r) uma cidadezinha pequena	3
um município praticamente é:: é um/ um/ um há:: um postinho assim... éh com vários	4
bancos tem ala de dentis::ta... éh:: éh:: nem nem éh nem todos os postos tem o que tem	5
aqui...	6

[BDI-AC-038; DE: L. 183-188; 7/9]

O SegT em (50) integra uma DE em que a informante descreve diferentes lugares de sua cidade, como o postinho de saúde do município, tópico em torno do qual se centra a interação no caso em questão. Podemos observar, no interior do SegT, a ativação e a manutenção explícitas do objeto de discurso “postinho de saúde”, por meio, por exemplo, dos nomes “o Posto de Saúde” e “um postinho”, destacados em negrito nas linhas 2, 3 e 4. É dessa forma, portanto, que o exemplo em (50) demonstra o procedimento de reconhecimento do tópico a partir da identificação explícita, no interior do SegT, do referente com estatuto tópico, uma vez que o objeto de discurso “postinho de saúde” aparece explicitamente no texto.

Para tratar do procedimento (ii), primeiramente, iremos explicar em que consiste a nominalização e, somente depois, exemplificaremos um SegT de nosso *corpus* em que o tópico foi apurado por meio desse processo. Assim, além de esclarecermos como ocorre a nominalização e como chegamos ao nome de um tópico a partir dela, justificamos por que a utilizamos para nomear os tópicos discursivos.

Sob a ótica funcional, Dik (1997b) compreende a nominalização como um tipo de construção encaixada que tem uma ou mais propriedades em comum com um termo nominal primário. A partir de (51a) e (51b), emprestados de Camacho (2011), mostramos um caso de nominalização, explicando que esse processo ocorre por meio de ajustes formais e semânticos da predicação verbal encaixada ao termo nominal.⁵⁴

(51a) O presidente **demitiu** o ministro tardiamente.

(CAMACHO, 2011, p. 128, destaque nosso)

(51b) A **demissão** tardia do ministro pelo presidente.

(CAMACHO, 2011, p. 128, destaque nosso)

⁵⁴ No modelo de Gramática Funcional proposto por Dik (1997a), a predicação é vista como uma estrutura que envolve um predicado, que designa propriedades ou relações, e um conjunto de termos, que se referem a entidades, apropriados inseridos nesses predicados. Como exemplo de predicado, podemos citar o verbo “escrever”, que requer dois argumentos, designando uma relação de dois lugares, sendo um ocupado por um escritor e o outro preenchido por algo escrito. Assim, esse predicado é necessariamente preenchido por dois termos, que podem ser, por exemplo, os termos “João” e “carta”.

De acordo com Camacho (2011), ocorrem em (51a) e (51b) os seguintes ajustes formais e semânticos, muito comuns no processo de nominalização:

- (i) o operador de predicado em (51a) (tempo pretérito) passa a zero em (51b), que recebe o acréscimo de um operador de termo, o determinante “a”;
- (ii) o predicado verbal de (51a), com a representação subjacente *demitir* (verbo) – *presidente* (agente) – *ministro* (meta), passa a predicado nominal em (51b), com a representação subjacente *demissão* (nome) – *presidente* (agente) – *ministro* (meta);
- (iii) o segundo argumento de (51a) assume a forma de um sintagma de possuidor em (51b);
- (iv) o advérbio de tempo “tardamente” assume a forma de um adjetivo atributivo.

Para nosso trabalho, é importante ressaltar que, apesar dos ajustes formais e semânticos do predicado verbal à nominalização, a nominalização preserva, por herança, traços sintático-semânticos do termo verbal, conforme se pode entender a partir de Camacho (2011). Vejamos os exemplos em (52a) e (52b).

(52a) A Prefeitura construiu a ponte.

(CAMACHO, 2011, p. 144)

(52b) A construção da ponte pela Prefeitura.

(CAMACHO, 2011, p. 144)

Segundo Camacho (2011), é evidente que temos, em (52a) e (52b), duas construções formalmente diferentes, pois a primeira é nucleada em torno de um verbo e a segunda, em torno de um nome. Porém, essa diferença formal não esconde a interpretação de que as duas construções representam a mesma categoria semântica, a dos estados-de-coisas, uma evidência da preservação de traços semânticos da nominalização em relação ao predicado verbal.

Baseados nessa semelhança semântica entre o nome derivado e o verbo, defendemos que, mesmo um SegT em que o falante deixa explícito o foco de sua centração empregando orações, o tópico desse SegT pode ser nomeado por um sintagma nominal, por meio de uma nominalização, ainda conservando traços semânticos de trechos do SegT que mais diretamente indicam o tópico discursivo. O caso em (53), parte da mesma NE parcialmente exemplificada

em (40), serve-nos para discutir por que podemos nomear o tópico utilizando um nome, obtido por uma nominalização.

(53) **Tópico discursivo: Registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da mãe**

aí... ele cresceu tudo... éh aí o pai dele né? passaram-se três a::nos é/ o pai dele aí o pai	1
dele assim... regisTRÔ(u) ele só que registrô(u) escondido da minha famí::lia tudo	2
pra que a minha família não soube::sse... porque o meu PAI... desconfia::va que era e::le...	3
falava que se so(u)besse quem era o pai ia matá::(r) ficava:: fazen(d)o ameaças e eu	4
acabei... de me::do daquilo éh:: num falava quem era o pai do/ do meu filho... aí o tempo	5
passo(u) a gente registrô(u) ele escondido... aí meu pai pegô(u)... e começô(u) fazê(r)	6
pressão meu pai começô(u) fazê(r) pressão falá(r) assim que éh:: queria sabê(r) quem era	7
o pai aí eu acabei falando... né?... que era o... J. uma pessoa que freqüentava bastante a	8
minha ca::sa... aí meu pai já sa/ aí meu pai quando eu falei meu pai já sabia quem era...	9

[BDI-AC-038; NE: L. 63-72; 7/8]

No SegT em (53), a centração recai sobre o registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da informante, que foi mãe na adolescência. Observamos que há duas passagens muito semelhantes que indicam diretamente o tópico discursivo – a primeira nas linhas 1-2 e a segunda, na linha 6, ambas destacadas em negrito. Desse modo, esses enunciados poderiam ser usados para nomear o tópico discursivo, fazendo com que a nomeação do tópico retratasse de forma direta o próprio texto produzido pelo falante. Outra alternativa para nomear o tópico é a conversão das predicções expressas nesses trechos em destaque em um nome, por meio de uma nominalização, a partir de ajustes formais e semânticos parecidos com aqueles demonstrados com os exemplos em (51a) e (51b), o que resultaria em um nome como “registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da mãe”. Esses dois caminhos para nomear o tópico discursivo podem expressar o tema desse SegT,⁵⁵ no entanto, é possível considerar a nomeação dos tópicos como um trabalho do analista, que pode não usar exatamente as palavras do falante e mesmo assim representar o conteúdo semântico básico do SegT na nomeação do tópico discursivo. Assim, é admissível dizer que nomear um tópico utilizando um nome, um sintagma nominal, conforme tem sido feito na GTI (JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006b, 2015c), é uma forma mais técnica de representar o conteúdo do que o falante diz, já que, além de nos permitir padronizar a maneira de dar nome aos tópicos, a nomeação por meio de sintagma nominal nos possibilita evidenciar o estatuto de referente do tópico discursivo assumido nesta tese, ideia em favor da qual argumentaremos mais explicitamente na seção 4.3.

⁵⁵ Conforme apresentado na seção 2.3, o tópico discursivo pode ser compreendido, grosso modo, como o tema do texto, o seu conteúdo informativo semântico básico.

Estabelecendo um paralelo com os exemplos em (52a) e (52b), de Camacho (2011), também enfatizamos que, caso o tópico de (53) fosse nomeado como *O pai registrou o filho escondido da família da mãe*, esse tópico discursivo representaria um estado-de-coisas, e, sendo nomeado como *Registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da mãe*, representa essa mesma categoria semântica. Portanto, do ponto de vista semântico, há certa correspondência entre as sentenças proferidas pela falante, como aquelas nas linhas 1-2 e 6, e o nome – na forma de sintagma nominal – que atribuímos ao tópico discursivo, uma comprovação de que o método de nomeação dos tópicos por meio de um nome, resultado de uma nominalização, pode, de fato, representar o conteúdo semântico básico do SegT, sendo um procedimento eficaz para dar nomes aos tópicos discursivos.

Encaminhando o fim da discussão sobre como identificamos e nomeamos os tópicos discursivos, apresentamos o SegT em (54), exemplar do procedimento (iii) de distinção do referente com estatuto tópico.

(54) **Tópico discursivo: Compromissos do informante e do candidato a vice-prefeito de Ipiguá durante a campanha**

então durante eram (inint.) a gente tava sempre acompanhado foram seis meses	1
acompanhando amigos visitando aqui visitando ali... as casa os amigos... éh:: o dia-	2
a-dia aquela correria... éh:: difícil... você acompanhá(r) porque você dia e noite... você	3
tem que tá procurando... visitando as casas encontrá(r) as famílias tinha que	4
montá(r)... duas horas por dia do teu rote(i)ro... depois teria que marcá(r)... os	5
comícios prepará-los foram dois comícios... muito interessante... éh:: onde...	6
conseguimos fazê(r) a nossa... levá(r) nossa palavra... para o povo éh:: o município::...	7
tinha ali a sua prime(i)ra eleição então nós::... conseguimos tentávamos levá(r) a eles	8
o que seria... o início... e/ para o progresso do município...	9

[BDI-AC-113; NE: L. 17-26; 3/6]

O caso em (54) foi extraído de uma NE em que o informante narra a história da sua candidatura a prefeito na cidade de Ipiguá, focalizando, no SegT em questão, os compromissos que ele e o seu candidato a vice tinham durante o período de campanha. Durante a leitura do exemplo, verificamos que o referente com estatuto tópico não aparece explicitamente no interior do SegT por meio de um nome, como em (50), tampouco é obtido por uma nominalização, como em (53), mas emerge no texto a partir da interdependência entre elementos textuais sequenciados, a exemplo dos trechos em negrito, levando o analista a inferir o objeto de discurso “compromissos do informante e do candidato da vice-prefeito de Ipiguá durante a Campanha”.

No Quadro 7, mostramos, de forma resumida, alguns referentes com estatuto tópico em nosso material e o procedimento que utilizamos para identificá-los.⁵⁶

Quadro 7 - Procedimentos para identificar o referente que é tópico

Procedimento	Referente com estatuto tópico	Inquérito
Identificação, no interior do SegT, de nome que explicita o referente que é tópico	Cozinhas interna e externa da casa do rancho	DE 019
	Quartos da casa do rancho	DE 019
	Postinho de saúde	DE 038
	Pessoa de quem a informante gosta muito	DE 064
	Altars de mármore	DE 102
	Restaurante para os funcionários da Natura	DE 128
	Cozinha planejada	DE 139
	Alegria que os três filhos dão à informante	NE 102
	Efeito da anestesia na informante ao nascer a filha	NE 128
	Grande regressão da educação	RO 102
Nominalização	Nacionalidade dos produtos da Natura	DE 128
	Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia	NE 008
	Sufrimento intenso da informante depois da separação marcante dos pais	NE 038
	Registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da mãe	NE 038
	“Xavecagem” de meninas em boate pelo informante e amigos	NE 049
	Gravidez do filho mais velho	NE 102
	Grande decepção do candidato a vice-prefeito com a derrota nas eleições	NE 113
	Insatisfação do informante com o resultado das eleições para prefeito de Rio Preto	RO 049
	Não arrependimento da informante de ter se casado nova	RO 064
Inferência	Despreocupação do informante com política	RO 075
	Piso inferior da casa	DE 008
	Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial	DE 049
	Perfeição da igreja	DE 102
	Atividades da informante e das primas depois de sua chegada ao Termas de Olímpia	NE 008
	Abordagem ao informante em assalto à mão armada	NE 075
	Expectativa da mãe de que a informante não ficaria grávida	NE 102
	Razão da candidatura a prefeito de Ipiguá do informante	NE 113
	Compromissos do informante e do candidato a vice-prefeito de Ipiguá durante a campanha	NE 113
	Reações de quem usa drogas	RO 008
	Semelhança do governo Lula com governos anteriores	RO 113

Fonte: Autoria própria.

Como dissemos no início desta seção, nossa análise de dados foi desenvolvida em duas etapas: a primeira, que enfocou a análise tópica de DE, NE e RO, e a segunda, que foi voltada para classificação dos tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos nesse material. Quanto a esta segunda etapa, partimos dos tipos de entidades

⁵⁶ Pelas observações que fizemos, parece ser mais comum que o referente com estatuto tópico esteja explícito no interior do SegT nos casos em que o tópico discursivo é da classe semântica lugar ou do tipo indivíduo, o que poderia estar relacionado à forma de codificação, na língua, dessas duas categorias semânticas – somente por nomes, conforme Quadro 2. Para ampliar a discussão a esse respeito, na seção 5, chamaremos a atenção para a categoria da língua – nomes ou predicções – que mais diretamente indicam nos SegTs os tópicos discursivos de diferentes tipos semânticos apurados em nosso material.

definidas por Lyons (1977b), Hengeveld (1988) e Hengeveld e Mackenzie (2008) – indivíduo, estado-de-coisas, proposição, ato de fala, lugar e tempo – e definimos dois procedimentos para reconhecer a classe semântica do referente que é tópico. O primeiro deles consistiu em observar a categoria de entidades denotada pelo termo utilizado para descrever o próprio tópico discursivo. O segundo incluiu observar o tipo de entidade designada por trechos do SegT que mais evidenciam a centração tópica, o que representa uma maneira de distinguir a classe semântica do objeto de discurso com estatuto tópico com base na materialidade linguística do SegT e nos leva a identificar quais tipos de temáticas são mais prototípicas em cada uma das amostras linguísticas analisadas. Vejamos essa metodologia de análise semântica dos tópicos discursivos utilizando o exemplo em (55).

(55) **Tópico discursivo: Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia**

fui pra casa eu dormi éh:: eu e minhas primas estavam muito cansadas... porque eu	1
fui c’o/ c’o meu tio J. e com minha tia G.... minha/ minha prima L. e a min/ a minha	2
prima B. ... tavam muito cansa::da tava exausta... lá foi um dia muito legal e muito	3
cansativo... porque a gente brincô(u) muito gastô(u) muitas energia... aí no caminho	4
de/ de casa... nós dormimos no carro e... e chegan(d)o lá eu ainda tive:: disposição para	5
pousá(r) na chácara da minha tia	6

[BDI- AC-008; NE: L. 18-23; 4/6]

O tópico em (55) integra uma NE em que a informante, estabelecendo progressão referencial com a fala do documentador que perguntou se ela já tinha feito alguma viagem, narra uma viagem que fez ao Termas da cidade de Olímpia na companhia de tios e duas primas, o que a leva a se centrar, em determinado trecho da narrativa, no cansaço que ela mesma e as primas sentiram depois do dia de passeio, foco da interação em (55). A instauração desse tópico pode ser depreendida pela integração semântica entre trechos como “eu e minhas primas estavam muito cansadas” (L. 1), “minha/ minha prima L. e a min/ a minha prima B. ... tavam muito cansa::da tava exausta” (L. 2-3) e “lá foi um dia muito legal e muito cansativo” (L. 3-4), que evidenciam a concernência a respeito de um conjunto referencial voltado para o cansaço das garotas depois do passeio.

Identificado tal tópico discursivo, podemos dizer que o objeto de discurso com estatuto tópico é um estado-de-coisas, porque o termo “cansaço” já denota uma entidade dessa natureza, pois expressa um estado da informante e de suas primas. Ainda, observando passagens que mais diretamente indicam o conjunto referencial concernente e relevante, como aquelas destacadas em negrito, verificamos que elas também denotam estados-de-coisas, expressando um estado das meninas, o qual pode ser observado e localizado em um determinado ponto do tempo.

Assim, poderíamos dizer, por exemplo, que os tios da informante observaram o cansaço das garotas, que ocorreu na noite imediatamente após a ida ao clube. Então, baseando-nos na distinção da categoria de entidades denotada pelo termo que identifica o tópico e por passagens que mais evidenciam a centração, chegamos à classificação do tipo de entidade do objeto de discurso que o tópico discursivo em (55) descreve – estado-de-coisas.

Portanto, a apuração do tipo de entidade denotada pela expressão linguística que representa o tópico discursivo e por trechos do SegT que mais diretamente demonstram centração foi decisiva para a classificação do tipo de entidade do objeto de discurso que é tópico. Foi de acordo com esse procedimento que verificamos qual classe semântica mais caracteriza os objetos de discurso com estatuto tópico em DE, NE e RO, com a expectativa de encontrar, conforme as hipóteses apresentadas na seção 1, de introdução, os seguintes resultados: em DE, predomínio de tópicos que fossem da ordem dos indivíduos, em virtude de essa classe semântica envolver objetos físicos, concretos e localizáveis em algum ponto no espaço e no tempo; em NE, domínio de tópicos que pertencessem à categoria dos estados-de-coisas, porque essa classe se caracteriza por reunir referentes ontologicamente descritos como eventos, ações, estados, processos que ocorrem em algum lugar e momento do tempo; em RO, recorrência maior de tópicos que fossem proposições, já que essa categoria diz respeito a construtos mentais (crenças, julgamentos, conhecimentos), que podem ser asseverados ou negados. As análises que avaliam essas hipóteses serão discutidas na seção 5. Os resultados a que tais hipóteses permitiram chegar também podem ser consultados nos três apêndices ao final da tese, nos quais disponibilizamos, conforme adiantamos na seção 1.3, todo o material analisado neste estudo, com a segmentação de cada um dos 30 textos estudados em tópicos discursivos juntamente com a classificação da categoria semântica de todos os 185 tópicos reconhecidos.

4 RELAÇÕES DE DIFERENÇA E INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO TÓPICA E DE REFERENCIAÇÃO

4.1 Apresentação

Nessa seção 4, procuramos sistematizar como os processos de organização tópica e de referenciação podem ser relacionados. Assim, na seção 4.2, fazemos uma síntese de como outros trabalhos já publicados tratam dessa temática; em seguida, em 4.3, propomos uma discussão que, somada à síntese apresentada na seção 4.2, pode colaborar para o esclarecimento de diferenças e aproximações entre os dois processos, sempre mostrando que há uma relação intrínseca entre a organização tópica e a referenciação.

4.2 A relação entre organização tópica e referenciação na literatura linguística

Como se pode entender a partir da própria definição de organização tópica apresentada na seção 2.4, segundo a qual este processo compreende a organização do texto mediante a construção e articulação de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de objetos de discurso tomado como alvo da interação em certo ponto do texto, assume-se que o processo de (re)construção de objetos de discurso influencia a construção de tópicos discursivos, o que, por consequência, faz com que a referenciação colabore para a organização tópica. Desse modo, pode-se dizer que há uma relação intrínseca entre esses dois processos de construção textual, levando alguns trabalhos sobre LT desenvolvidos no Brasil a se dedicarem a essa temática.

Marcuschi (2006), por exemplo, admite uma ligação entre esses processos a partir da admissão de uma relação direta entre as noções de objeto de discurso e de tópico discursivo, podendo a referenciação contribuir tanto para a formação de relações locais como para o estabelecimento de canais temáticos e a construção de representações globais. Marcuschi (2006) também defende que os processos referenciais apenas podem funcionar na relação com o tópico discursivo e que essa categoria diz respeito à “produção enunciativa dos objetos de discurso mediante modos de enunciação sociocognitivamente situados” (MARCUSCHI, 2006, p. 10). Dessa forma, além de admitir uma relação direta entre tópico e objeto de discurso, estando este alimentando a construção tópica e funcionando na relação com o tópico, Marcuschi (2006) ainda entende que construir tópicos discursivos é produzir objetos de discurso em

contextos situados, o que já sinaliza uma certa relação entre essas duas categorias e entre os dois processos.

Koch e Penna (2006) também propõem-se a abordar a questão da conexão entre organização tópica e referenciação a partir da relação entre objeto de discurso e tópico discursivo. Assim, demonstram que a construção/reconstrução de um objeto de discurso, especialmente pelas formas nominais referenciais, é de fundamental importância não só para a manutenção tópica, como também para a identificação de tópicos por parte dos leitores ou analistas.

Lançando a crítica de que, dentre os estudos que têm tentado demonstrar as relações entre as noções de tópico discursivo e de objeto de discurso, apenas alguns poucos avaliam essa relação a partir de análises empíricas de textos e, mesmo quando o fazem, as discussões parecem ser superficiais, Pinheiro (2012, p. 803) entende que um objeto de discurso pode ser tomado como tópico quando é introduzido no texto, retomado, recategorizado (ou não) e forma uma cadeia referencial. Assim, o autor explica que a cadeia referencial instaurada passa a constituir um conjunto específico de objetos de discurso, configurando, portanto, a centração, uma das propriedades definidoras do tópico discursivo. Citando Cavalcante (2011), Pinheiro (2012) explica que os objetos de discurso se amarram em cadeia, por meio de diferentes processos referenciais, como os diferentes tipos de anáfora, o que configura a concernência, primeiro traço caracterizador da centração. Formada a cadeia referencial, ela passa a ser relevante, projetada como focal, ao longo de todo o texto ou em trechos específicos desse texto, já configurando o segundo traço da centração – a relevância. Por fim, constituída tal cadeia e entendida como relevante, ela pode ser localizada no texto, o que indica o terceiro traço da centração – a pontualização. Apresentamos, em (56), um excerto de um exemplo de Pinheiro (2012) para demonstrar melhor como o autor entende que um objeto de discurso pode ser considerado tópico discursivo.

(56) Tópico discursivo do SegT: A falta de leis

A falta de leis fundamentadas em critérios técnicos sempre foi um dos motivos apontados para explicar a baixa penetração de algumas tecnologias ambientalmente “amigáveis” no Brasil. A omissão legislativa também é citada quando são examinadas práticas de comercialização danosas ou desonestas, exercidas em segmentos econômicos confiados ao bel-prazer de seus agentes. Sentindo dificuldades para sensibilizar legisladores, a indústria brasileira está criando, em seu próprio seio, mecanismos para modificar a situação. A auto-regulamentação, preenchendo o vácuo deixado pelo Poder Público, é um caminho eleito pelos industriais para atingir padrões mínimos na produção nacional. A iniciativa surgida nos próprios elos da cadeia produtiva, de modo semelhante, pode desequilibrar o marasmo regulatório em favor de regras mais claras no comércio. [...].

(PINHEIRO, 2012, p. 803).

Conforme Pinheiro (2012), nesse SegT, a expressão referencial “a falta de leis” introduz esse objeto de discurso, que é retomado pelas expressões referenciais “a omissão legislativa”, “a situação”, “o vácuo deixado pelo Poder Público” e “o marasmo regulatório”. Assim, estabelece-se uma interdependência entre essas expressões referenciais que formam um conjunto específico de objetos de discurso, concernentes entre si, relevantes e localizados em determinado ponto do texto. Nesse processo, então, o objeto de discurso “falta de leis” é considerado tópico. Analisando toda a extensão do texto em que se encontra o SegT em (56), o autor afirma que o processo pelo qual um objeto de discurso pode ser tomado como tópico é pontual e também global, o que significa dizer que pode ser identificado em cada SegT de um texto e, ainda, na organização textual como um todo. Desse modo, é possível haver objetos de discurso mais específicos e mais abrangentes na hierarquia tópica.

Além dessa discussão que enfoca o procedimento pelo qual um objeto de discurso pode ser considerado tópico discursivo, Pinheiro (2012) ainda demonstra como a retomada de um tópico na linearidade textual, após inserção tópica, pode ser desencadeada pela retomada anafórica de um objeto de discurso assumido como tópico, conforme ilustra o exemplo em (57).

(57) Tópico discursivo do SegT 1: Festas de fim de ano na igreja

Inf. 1 – pois é D. eu /tava... eh engraçado... Esse fim de mê/... esse fim de Ano... as festas /tão se assim atropelando... aqui na iGREja no Bom Pastor nós temos no dia sete pela maNHÃ... a festa da::... do:: das BOdas de::: PRAta do padre... capelão aí... depois... ANtes... no dia quatro... tem a nossa investidura né? os {ministros da eucaristia

Inf. 2 - uhn... ((ruído))... às dez horas né?

Inf. 1 - ... é às dez hora{s... na igreja do:: São Benedito

Inf. 2 - lá na::... igreja do São Benedito...{ah

Inf. 1 - eh... então nós vamos eh a investidura vai ser

Tópico discursivo do SegT 2: Visita da irmã

Inf. 2 - a R. de C. vem...

Inf. 1 - eh?...

Inf. 2 - vem {ela disse que vem chegando quinta-feira pela manhã [...]

Tópico discursivo do SegT 1: Festas de fim de ano na igreja

Inf. 1 - pois é já:: **na igreja** nós temos eh:: a/ assim festividades da igreja é...

TANta... confraternização é do grupo de oraÇÃO... eh::... do grupo do::... do Cristo é vida com outro grupo que tem aqui na paróquia... eh::... eh a::... festa da ordenação do nosso vigário né? de quarenta e dois anos de sacer{ dócio... [...]

(PINHEIRO, 2012, p. 808-810, destaques do autor).

Conforme análise do autor, nesse trecho de conversação espontânea, o tópico *Festas de fim de ano na igreja* começa a ser desenvolvido e, logo, é interrompido pela mudança de centração das informantes, que instaura o tópico *Visita da irmã*. Após o esgotamento deste

tópico, a centração acerca do tópico discursivo *Festas de fim de ano na igreja* volta a ser construída, sendo o conjunto referencial indiciado cotextualmente pela expressão referencial “igreja”. É desse modo, portanto, que um objeto de discurso – no caso, o objeto “igreja” – pode provocar a retomada de um tópico e a continuidade do seu SegT na linearidade do texto.

Reconhecendo que a organização tópica e a referenciação se fundamentam na dinâmica sociocognitiva e interativa da comunicação, Cavalcante *et al.* (2010) frisam, então, uma relação entre esses processos com base no caráter sociocognitivo-interativo de ambos. A concepção de “referenciação” adotada pelos autores é a de processo por meio do qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes – entendidos como objetos de discurso – se (re)constroem. Assume-se, portanto, a referenciação como um processo cognitivo-discursivo em constante reelaboração, que, a despeito de se operar cognitivamente, “é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias” (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 234). Quanto à organização tópica, os autores ressaltam que, ao considerar que a concernência, um dos traços da propriedade tópica da centração, é firmada por mecanismos de referenciação, Jubran (2006a) admite que este processo também é sociocognitivo e interativamente constituído. Cavalcante *et al.* (2010) ainda reforçam esse aspecto sociocognitivo da organização tópica explicando que as relações de interdependência entre tópicos, tanto no plano hierárquico como no linear da organicidade tópica, são construídas envolvendo não só elementos formais presentes no cotexto, mas também componentes do entorno sociocultural e situacional.

Em acordo com Cavalcante *et al.* (2010), Vignoli e Machado (2018) reafirmam o caráter sociocognitivo da categoria tópico discursivo, o que pode articular os estudos sobre organização tópica e referenciação. Analisando o gênero textual charge, as autoras reconhecem a possibilidade de se extrapolar a materialidade do texto e de se considerarem as inferências e os elementos não linguísticos para a expansão da discussão sobre a relação entre tópico discursivo e objeto de discurso, ambos instaurados, segundo elas, com o auxílio de conhecimentos que vão além dos puramente linguísticos. Vejamos a Figura 4.

Figura 4 – Construção de tópico discursivo e de objeto de discurso envolvendo elementos linguísticos e não linguísticos



Fonte: Vignoli e Machado (2018, s/p).

A fim de compreender a construção referencial e a instauração do tópico discursivo na Figura 4, Vignoli e Machado (2018) destacam que, além dos dois balões de fala e a palavra “dicas”, no canto superior esquerdo da charge, vemos dois personagens à frente de um fundo no qual há um varal com notas molhadas estendidas, que podem ser interpretadas como dólares americanos, pela cor verde das cédulas.

Nesse contexto, podemos ir construindo o tópico discursivo da charge. Conforme as autoras, o termo “limpinho” liga-se às expressões “dinheiro sujo” e “lavagem de dinheiro”, indicando uma procedência desonesta de dinheiro e sua posterior legalização por meio de atos ilícitos. Ainda, a expressão “laranjas” pode remeter, nesse caso, a pessoas que emprestam seus dados (nome, documentos e conta bancária) a outras pessoas, a fim de fazerem operações ilegais, sem que, contudo, os verdadeiros donos dos dados sejam revelados. Assim, é possível entender, segundo Vignoli e Machado (2018), o tópico discursivo da Figura 4 como *Legalização de dinheiro escuso*.

De outra perspectiva, se observamos esta charge do ponto de vista da referenciação, podemos estabelecer algumas relações, tais como: (i) entre “dinheiro”, “limpinho” e a imagem do varal ao fundo; (ii) entre “dinheiro tão limpinho” e “laranjas”; (iii) entre a relação anafórica indireta entre “nobre colega”, “dinheiro”, “limpinho” e “laranja”, que, integrados e relacionados a aspectos sociais, contribuem para a construção do sentido e do tópico discursivo da Figura 4.

Desse modo, Vignoli e Machado (2018) apontam uma relação entre tópico discursivo e objeto de discurso – a partir da qual também se pode inferir como estão associados os processos

de organização tópica e referenciação – com base no reconhecimento do caráter sociocognitivo de ambas as categorias, de forma que a construção de objetos de discurso e de tópicos discursivos não é possível se observamos apenas elementos verbais e não verbais, posto que, para as autoras, a partilha de conhecimentos entre os interlocutores também atua nessa construção.

Em resumo, nesta seção 4.2, fizemos uma síntese de como as relações entre tópico discursivo e objeto de discurso e, por conseguinte, entre organização tópica e referenciação são tratadas na literatura linguística. Conforme se pode entender, é consensual entre os autores citados que os objetos de discurso colaboram para a construção de tópicos discursivos, como explicitado na própria definição da propriedade tópica de contração (JUBRAN, 2006a, 2015c). Também demonstramos, a partir de Pinheiro (2012), que um objeto de discurso pode ser considerado tópico discursivo ao formar uma cadeia referencial. Ainda, retomamos Cavalcante *et al.* (2010) e Vignoli e Machado (2018), cujos trabalhos apontam relações entre a organização tópica e a referenciação a partir do aspecto sociocognitivo de ambos os processos. Além disso, destacamos a crítica levantada por Pinheiro (2012) sobre o caráter superficial e pouco baseado em análises empíricas dos trabalhos que têm tentado tratar da relação entre tópico discursivo e objeto de discurso, os quais poderiam contribuir para a compreensão do modo como estão relacionadas a organização tópica e a referenciação. Nesse cenário, na próxima seção, discutimos justamente como entendemos a relação entre os processos de organização tópica e referenciação, buscando enriquecer a discussão sobre a temática.

4.3 Especificação das relações entre os processos de organização tópica e referenciação

Uma vez sintetizada, na seção anterior, a maneira como outros trabalhos entendem a relação entre tópico e objeto de discurso e entre organização tópica e referenciação, nesta seção, procuramos colaborar para a compreensão dessas relações especificando a temática. Para tanto, organizamos a discussão em duas partes. Na primeira, argumentaremos que todo tópico discursivo pode ser considerado um objeto de discurso, embora nem todo objeto de discurso possa ser considerado como um tópico discursivo, fato que demonstra que, em alguns casos, pode haver uma interface entre os estudos sobre organização tópica e referenciação; na segunda parte, defenderemos que os estudos sobre organização tópica focalizam a descrição da estruturação textual, enquanto os trabalhos acerca da referenciação se voltam mais para o entendimento de sentidos dos textos. Contudo, as pesquisas a respeito dos dois processos mostram, em alguma medida, a organização textual e a construção de sentidos.

Iniciando a primeira parte da discussão, retomamos Pinheiro (2012) e assumimos que um objeto de discurso pode assumir estatuto de tópico discursivo, conforme ocorre em (56), em que o objeto “a falta de leis” constitui um tópico discursivo. Contudo, nem todo objeto de discurso de um texto será tópico discursivo, como explicamos a partir de (58).

(58) **Tópico discursivo e objeto de discurso mais relevante do SegT: Cozinha planejada**

e:: na cozinha da minha casa é a cozinha::... planejada né?... quando a gente fez a	1
ampliação da casa... a gente já fez essa cozinha planejada	2
Doc.: já pensô(u) né?	3
Inf.: é:: já foi pensado ... então tem a gelade::(i)ra ... tem uma pi::a tam(b)ém... uma	4
pia muito gran::de... um fogão::... uma mesa que foi mandado fazê(r) as cade(i)ra	5
foi tudo mandado fazê(r) ... são coisas maciça né? [Doc.: hum::] o piso é cla::ro...	6
da cozinha::... o (a)cabamento é tudo clarinho...	7
[BDI-AC-139; DE: L. 251-258; 7/11]	

A DE que encerra o SegT em (58) se inicia com o pedido do documentador ao informante para que este descreva um determinado objeto, a casa onde mora, e, ancorado nesse referente ativado pelo entrevistador, o falante centra-se em diferentes cômodos do lugar, como a cozinha planejada, tópico sobre o qual se concentra a interação no SegT ora em análise.

Na instauração desse tópico, o trecho “a cozinha da minha casa é a cozinha::... planejada né?” (L. 1) introduz o objeto de discurso “cozinha planejada”, que, no transcorrer da construção tópica, adquire centralização, em um processo textual-interativo que envolve documentador e informante. Podemos verificar a construção de um conjunto concernente de referentes sobre a temática “cozinha planejada” por meio de excertos como “essa cozinha planejada” (L. 2, que explicita o referente que é tópico), “gelade::(i)ra” (L. 4), “uma pia muito gran::de” (L. 4-5), “fogão” (L. 5), “uma mesa que foi mandado fazê(r)” (L. 5) e “as cade(i)ra foi tudo mandado fazê(r)” (L. 5-6). Já a relevância desse conjunto de objetos de discurso pode ser observada pela presença, ao longo de todo o SegT, de lexemas relacionados ao tema “cozinha” (geladeira, pia, fogão e mesa, por ex.), além da ativação explícita do referente “cozinha planejada” logo no início do SegT (L. 1) e da manutenção desse objeto de discurso em diferentes passagens do exemplo, tanto na fala do informante como na do entrevistador, como em “já pensô(u) né?” (L. 3, no turno do documentador) e “já foi pensado” (L. 4, no turno do informante). Sendo, então, esse conjunto de objetos de discurso concernente entre si e relevante em determinado ponto do texto em que se encontra, pode ser delimitado como um SegT, que, portanto, materializa um tópico discursivo.

Desse modo, o objeto de discurso “cozinha planejada” torna-se tópico discursivo porque se constrói, a seu respeito, um conjunto referencial específico, concernente entre si e em

relevância em determinado ponto do texto. Em outras palavras, pode-se dizer que tal objeto de discurso é considerado tópico porque é em torno dele que se instaura centração tópica. Em linha com essa interpretação, defendemos que todo tópico discursivo pode ser considerado um objeto de discurso.

Complementarmente, é esclarecedor explicitar que nem todo objeto de discurso de um texto determinado pode ser tópico discursivo. Em (58), temos um objeto de discurso que, como dissemos, também é tópico discursivo. Mas há outros objetos de discurso construídos nesse mesmo SegT que não adquirem estatuto tópico. É o caso, por exemplo, de “casa”, “pia”, “fogão”, “mesa”, que integram a construção do conjunto referencial relativo ao tópico discursivo *Cozinha planejada*, mas, diferentemente desse objeto de discurso, não chegam a se constituir como tópicos discursivos porque não adquirem centração tópica. É por isso que entendemos, portanto, que todo tópico discursivo, desde o tópico central de um texto até os mais específicos, concretizados em SegTs mínimos, é também um objeto de discurso, mas nem todo objeto de discurso é um tópico discursivo.

O exemplo em (59), apresentado na seção de metodologia como (55), também pode ser usado para ilustrar que nem todo objeto de discurso é um tópico discursivo, mas todo tópico é um objeto de discurso.

(59) **Tópico discursivo e objeto de discurso mais relevante do SegT: Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia**

fui pra casa eu dormi éh:: eu e minhas primas estavam muito cansadas... porque eu	1
fui c'o/ c'o meu tio J. e com minha tia G.... minha/ minha prima L. e a min/ a minha	2
prima B. ... tavam muito cansa::da tava exausta... lá foi um dia muito legal e muito	3
cansativo... porque a gente brincô(u) muito gastô(u) muitas energia... aí no caminho	4
de/ de casa... nós dormimos no carro e... e chegan(d)o lá eu ainda tive:: disposição para	5
pousá(r) na chácara da minha tia	6

[BDI-AC-008; NE: L. 18-23; 4/6]

Como explicamos a partir de (55), o exemplo em (59) compõe uma NE na qual o documentador, na pergunta introdutora do referente sugerido como tópico, diz que gostaria de saber se a informante já fez alguma viagem e, em um processo de progressão referencial com essa pergunta, a falante narra uma viagem que fez ao Termas da cidade de Olímpia. É nesse quadro que se instala o tópico *Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia*.

Na construção desse tópico, o enunciado “eu e minhas primas estavam muito cansadas” (L. 1) coloca em foco o objeto de discurso *Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas*, que é (re)categorizado em toda a construção textual-interativa do SegT, constituindo

centração tópica, formando, pois, um conjunto específico de referentes, concernentes entre si e relevantes em certo ponto da NE. Podemos ver a concernência na formulação desse conjunto referencial pela observação, por exemplo, da integração semântica entre trechos como “minha/minha prima L. e a min/ a minha prima B. ... tavam muito cansa::da tava exausta” (L. 2-3), “lá foi um dia muito legal e muito cansativo” (L. 3-4), “a gente brincô(u) muito gastô(u) muitas energia” (L. 4) e “nós dormimos no carro”, que circunscrevem o tema “cansaço”. Além disso, a relevância do objeto de discurso e tópico *Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia* pode ser constatada pela manutenção do referente “cansaço”, ativado na linha 1, durante a construção tópica, por meio de expressões como “cansada” (L. 3), “exausta” (L. 3) e “cansativo” (L. 4), as quais, funcionando como predicativos de sujeito que remetem à informante e/ou às primas e ao dia do passeio, projetam como focal o cansaço das garotas depois do dia no Termas. Uma vez concernente entre si e relevante no texto, esse conjunto referencial pode ser pontualizado na materialidade textual, podendo ser identificado como um SegT.

Então, no SegT em (59), o objeto de discurso *Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia*, construído no desenvolvimento de todo o SegT, estabelece-se como tópico discursivo por instalar centração tópica, instituída mediante enunciados formulados acerca de um conjunto específico de objetos de discurso, concernente entre si e em relevância em certo ponto do texto. Assim, mais uma vez, podemos entender que um tópico discursivo é também um objeto de discurso. Todavia, ainda há nesse SegT outros objetos de discurso que colaboram para a construção do tópico, mas que não chegam a assumir estatuto tópico porque não adquirem centração, como “tia”, “tio”, “chácara da tia” e “primas”. Em razão disso, frisamos que nem todo objeto de discurso pode ser um tópico discursivo, apesar de todo tópico discursivo, desde o mais abrangente até os mais específicos de um texto, poder ser entendido como um objeto de discurso.

Particularmente a respeito da ideia de que todo tópico pode ser assumido como um objeto de discurso, podem ser reconhecidas três outras justificativas para defender esse nosso posicionamento, além daquela já apresentada acerca da possibilidade de um referente adquirir centração tópica.

Conforme discutimos nas seções 2.3 e 2.4, a noção de tópico discursivo está associada ao tema do texto e de partes dele, enquanto a organização tópica diz respeito ao processo de estruturação, de organização do texto em tópicos discursivos. Logo, na condição de tema do texto – “tema” concebido como “aquilo sobre o que se discorre numa conversa” (HOUAISS, 2010, p. 748), aquilo sobre o que se fala em um discurso (BROWN; YULE, 1983) – o tópico

discursivo pode ser visto como um referente, algo sobre o mundo, uma entidade do mundo, (re)construída no texto.

Também devemos destacar que Jubran (2006b, 2015c), em trabalhos fundamentais para a definição da categoria tópico discursivo e do processo de organização tópica, sempre identifica um tópico discursivo de modo a apresentá-lo como um referente, como faz com os tópicos *Atividades profissionais do marido de L1*, *Problemas com filhos adolescentes de L1*, *Cotação de algumas profissões no mercado de trabalho*, mostrados em (3), (5) e (6), respectivamente, e também com outros tópicos, a exemplo de *Cumplicidade entre filhos e Acúmulo do trabalho dentro e fora de casa de L2* (JUBRAN, 2006b, p. 120-132; JUBRAN, 2015c, p. 113-125).

Ainda, nos casos em que o analista optasse por nomear o tópico com uma oração, essa oração poderia descrever um estado-de-coisas, uma proposição, ou um ato de fala, já que é possível que todas essas três categorias semânticas sejam codificadas linguisticamente por uma oração ou por um nome, conforme Quadro 2, na seção 2.5.2.2. Então, levando em conta que uma oração pode ser sumarizada por um nome, por meio de uma nominalização, sendo transformada em um referente (uma entidade do mundo), como exemplificado em (51a) e (51b), e que estados-de-coisas, proposições e atos de fala podem ser expressos também por sintagmas nominais, é admissível que o tópico discursivo seja visto como um referente mesmo sendo nomeado por uma oração.

Considerando a discussão empreendida até aqui, é possível concluir que, de certa forma, há uma interface entre os estudos sobre organização tópica e referenciação, evidenciada especialmente quando se pretende analisar, a respeito deste último processo, o objeto de discurso tematicamente mais geral do texto ou os objetos de discurso mais gerais de segmentos desse texto, que poderiam ser equiparados, respectivamente, ao seu tópico discursivo central e a cada um dos seus tópicos mais particulares. Assim, enquanto os estudos sobre referenciação podem focalizar quaisquer objetos de discurso de um determinado texto, sejam eles abrangentes tematicamente ou não, aqueles sobre organização tópica se voltam especificamente para os objetos de discurso mais relevantes tematicamente, capazes de constituir contração, o que já sinaliza uma certa interface, mas também uma diferença fundamental entre o foco de investigação de cada um desses processos de construção textual.

Como dissemos na seção 2.5.1, podemos entender a referenciação como um processo de construção de sentido que, em função dos propósitos comunicativos do locutor, leva o interlocutor a ver o referente sob determinado prisma (KOCH, 2005). Assim, pode-se dizer que os estudos sobre referenciação mostram, ao analisar a (re)construção de objetos de discurso, a

construção de sentido desses objetos e também dos textos. A esse respeito, pode-se apontar um traço que diferencia e, simultaneamente, relaciona os trabalhos sobre os processos de organização tópica e de referenciação. Conforme já é possível pressupor a partir da concepção de linguagem assumida pela GTI, a organização tópica também é um recurso de objetivação de sentido. Portanto, analisar este processo é também compreender os sentidos dos textos. No entanto, pode-se afirmar que os estudos sobre este último processo focalizam mais a estruturação textual em partes e subpartes no tocante à sua organização temática. Logo, enquanto os trabalhos sobre referenciação enfocam mais a construção de sentido dos objetos de discurso e, por conseguinte, dos textos, aqueles sobre organização tópica descrevem mais a estruturação textual, ainda que pesquisas acerca de ambos os processos demonstrem a organização textual e a construção de sentidos.

A partir de (60a) e (60b), discutimos o foco maior na descrição da estruturação textual, no caso dos estudos sobre organização tópica, e na compreensão dos sentidos dos textos, no caso de trabalhos sobre referenciação.

(60a) **Objeto de discurso mais relevante do SegT: Caráter basilar da família**

Doc.: o que que você acha da família ?	1
Inf.: família eu acho a base de tudo né? sem família cê num consegue vivê(r)...	2
tem... famílias que dá apoio nas hora mais feliz na hora mais triste:... quando cê	3
tá precisan(d)o de alguma coisa prime(i)ra... coisa que cê recorre é a família né?...	4
tipo cê tá c'um problema finance(i)ro cê fala... – “ família... me ajuda ” – tal né? depois	5
entre família ((pequeno riso)) num tem problema de dívida tal... e:: família	6
tam(b)ém... alegria né? maior parte alegria tem as tristeza tal quando algum parente	7
mo::rre tal... mais ale/ a família... sempre encobre sempre a/ o amor familiar tal pri::mo	8
ti::o tudo... vó:: vô:: cê tem aquele negócio da tua vô::... tua vô é a maior cê	9
sempre vai confiá(r) na tua vô::... essa coisa vô... sempre é o cara legal... da	10
histó::ria tal... e::... tem tam(b)ém esse negócio de::... tipo um tem uma co::isa fala –	11
“não... me empresta” – tal tem esse negócio de:: sê(r) legal um com o o(u)tro...	12
família tem... essa base da hora	13

[BDI-AC-019; RO: L. 107-118; 1/2]

O SegT em (60a) é o primeiro do RO do inquérito 019 do IBORUNA e, nesse início de texto, o documentador ativa o referente “família” (L. 1), orientando o informante a desenvolver o texto de modo a estabelecer progressão referencial com esse objeto de discurso, deixando-o ativado durante todo o RO. Essa progressão referencial pode ser demonstrada pela manutenção, no SegT em questão, desse referente, desde a linha 2 até a 13, conforme indicam principalmente os trechos em negrito, o que nos auxilia na identificação do objeto de discurso tematicamente mais relevante desse caso e na consequente definição do tópico discursivo, centrado, em alguma medida, no referente “família”, essencial na expressão que nomeia o tópico.

Partindo da observação dessa relação referencial em (60a), se analisamos este caso sob o viés da referenciação, podemos dizer que, nesse SegT, constrói-se um objeto de discurso tematicamente mais abrangente que pode ser chamado de *Caráter basilar da família*. Diversos elementos sintático-semânticos e também outras informações do contexto de interação vão atuando no processo de construção desse objeto de discurso. Dentre esses elementos, podemos citar, a título de exemplificação, os trechos “família eu acho a base de tudo né? sem família cê num consegue vivê(r)” (L. 2), “quando cê tá precisan(d)o de alguma coisa prime(i)ra... coisa que cê recorre é a família né?” (L. 3-4), “tem... famílias que dá apoio nas hora mais feliz na hora mais triste” (L. 3), “o amor familiar” (L. 8), “cê sempre vai confiá(r) na tua vó” (L. 9-10). O reconhecimento de tal objeto de discurso também pode ser auxiliado pela associação de sentido estabelecida entre os enunciados que marcam o início e o fim da fala do informante, sendo “família eu acho a base de tudo né?” (L. 2), no início, e “família tem... essa base da hora” (L. 12), no fim, os quais demonstram o foco dado à informação de que a família é a base e permitem reconhecer o objeto de discurso mais relevante tematicamente nesse SegT como *Caráter basilar da família*, uma sinonímia desses enunciados que iniciam e finalizam o turno do informante na construção do SegT.

Então, no movimento de recategorização desse objeto de discurso, um sentido admissível para o SegT vai sendo objetivado. O conjunto de objetos de discurso que emerge no SegT está bastante relacionado com a ideia de família como sendo a base, o suporte de tudo para um ser humano, uma entidade na qual há amor, pessoas muito confiáveis e apoio em quaisquer momentos da vida. Dessa forma, considerando o processo de construção desse referente tematicamente abrangente, podemos depreender um sentido possível para esse SegT. Tal segmento reitera uma visão socialmente veiculada de que a família é a base da constituição humana, a entidade que nos fundamenta e sem a qual não conseguimos viver.

Lembrando que podemos dizer, com base em Koch (2005), que a recategorização de objetos de discurso implica sempre uma escolha em meio a diferentes modos de caracterizar o referente e que essa escolha é feita em função da proposta de sentido do falante, sustentamos que os estudos sobre referenciação demonstram, em grande medida, a construção de sentido dos textos. Apesar dessa especificidade dos trabalhos acerca da referenciação, assim como pressuposto na definição da propriedade tópica de centração (JUBRAN, 2006a, 2015c), que diz que, na instauração de tópicos discursivos, há uma relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que integram esses elementos em um conjunto específico de objetos de discurso, o processo de referenciação

alimenta a organização tópica, o que faz com que o estudo da construção e reconstrução de objetos de discurso também demonstre a organização do texto.

Em (60a), o referente “família” é categorizado sempre como algo basilar. Outra forma de construir esse objeto de discurso poderia acarretar no estabelecimento de outro ponto de centração no texto, construindo um novo objeto de discurso tematicamente mais abrangente, sendo um tópico discursivo diferente daquele em (60a). Por isso, diversas maneiras de categorizar um referente podem implicar em diferentes partes e subpartes de um texto. Fundamentando-nos nessas considerações, argumentamos que os estudos sobre referenciação, ao mesmo tempo que focalizam a construção de sentidos dos textos, também acabam mostrando a estruturação textual, dado que a referenciação é um combustível para a organização tópica. Logo, a orientação maior dos estudos sobre referenciação para a construção de sentidos dos textos é um fator que diferencia este processo da organização tópica. Analogamente, como a referenciação é um dos pilares da instauração tópica, a descrição do processo também guarda relação com a estruturação textual, o que aproxima os trabalhos a seu respeito aos sobre organização tópica.

A diferença apontada entre os estudos sobre os dois processos em estudo e a simultânea relação entre eles pode ser mais bem compreendida a partir de (60b), uma análise tópica de (60a).

(60b) **Tópico discursivo do SegT: Caráter basilar da família**

Doc.: o que que você acha da família?	1
Inf.: família eu acho a base de tudo né? sem família cê num consegue vivê(r)...	2
tem... famílias que dá apoio nas hora mais feliz na hora mais triste::...	3
quando cê tá precisan(d)o de alguma coisa prime(i)ra... coisa que cê recorre é a	4
família né?... tipo cê tá c'um problema finance(i)ro cê fala... – “família... me	5
ajuda” – tal né? depois entre família ((pequeno riso)) num tem problema de	6
dívida tal...	7
e:: família tam(b)ém... alegria né? maior parte alegria tem as tristeza tal	8
quando algum parente mo::rre tal...	9
mais ale/ a família... sempre encobre sempre a/ o amor familiar tal pri::mo	10
ti::o tudo... vô:: vô:: cê tem aquele negócio da tua vô::... tua vô é a maior tal cê	11
sempre vai confiá(r) na tua vô::... essa coisa vô... sempre é o cara legal... da	12
histó::ria tal...	13
e::... tem tam(b)ém esse negócio de::... tipo um tem uma co::isa fala – “não... me	14
empresta” – tal tem esse negócio de:: sê(r) legal um com o o(u)tro...	15
família tem... essa base da hora	16

Seguindo a metodologia de Penhavel (2010, 2020), que identifica a organização intratópica mediante a maneira como se manifestam os traços da centração tópica no interior dos SegTs mínimos, como apresentamos na seção 2.4, podemos dividir o SegT em (60b) em seis grupos de enunciados. Nas linhas 1-2, há uma referência direta à ideia de que a família é a base de tudo, expressa pelo enunciado “família eu acho a base de tudo né?” (L. 2). Assim, inferimos que esse conjunto de enunciados nas linhas 1-2 é *central* em relação ao tópico discursivo do SegT. No trecho das linhas 3-7, a concernência específica é acerca do apoio dado pelo grupo familiar a cada um dos seus integrantes, seja nos momentos felizes, seja nos tristes. Na sequência, nas linhas 8-9, a concernência particular gira em torno da ideia de que a família passa por alegrias e tristezas, enquanto, nas linhas 10-13, a concernência recai sobre o amor familiar. Já no trecho das linhas 14-15, o foco textual-interativo é o companheirismo, a solidariedade entre os familiares, e, por último, no excerto na linha 16, novamente há referência direta à condição basilar da família, fragmento que volta a expressar diretamente o tópico, constituindo nova unidade intratópica central. Dessa forma, entendemos que todos os quatro grupos de enunciados das linhas 3-7, 8-9, 10-13 e 14-15 desenvolvem aspectos mais particulares do tópico discursivo desse SegT, *subsidiários* relativamente a *Caráter basilar da família*. Assim, a estruturação interna do SegT em (60b) seria baseada na combinação *central-subsidiário-central*. Em outros termos, e considerando que as unidades centrais e subsidiárias são referidas também como *posição* e *suporte* respectivamente, pode-se dizer que o SegT *estrutura-se* conforme a sequência *posição* (1-2), *suporte* (3-7), *suporte* (8-9), *suporte* (10-13), *suporte* (14-15), *posição* (16).

É tomando por base essa análise tópica de (60b), com a distinção da organização interna, em termos de estrutura, desse SegT mínimo, que argumentamos que, de fato, os estudos sobre tópico discursivo e organização tópica têm como foco levar à identificação de estruturas textuais, como a reconhecida em (60b), e não ao entendimento do que o sujeito concebe como família.

Apesar dessa orientação maior para a descrição da organização textual, os trabalhos sobre organização tópica também acabam mostrando a construção de sentidos dos textos. Utilizando o mesmo SegT em (60b), cada um dos seis blocos de enunciados contribui para a significação do SegT. Nas linhas 1-2, a visão presente em nossa sociedade de que a família é basilar na constituição humana começa a ser instaurada a partir da afirmação, explicitamente feita pelo informante, de que a família é a base de tudo. Nas linhas 3-7, a fala sobre o apoio da família a seus integrantes, nas horas felizes e também tristes, soma traços significativos à ideia socialmente aceita de que a família é fundamental ao ser humano. Também a concernência

acerca da existência de alegrias e tristezas nas famílias, nas linhas 8-9, e a sobre a relação afetuosa entre os familiares, nas linhas 10-13, contribuem para a composição do sentido depreendido para esse SegT. Ainda, a reafirmação da perspectiva social de que a família é o alicerce humano é sustentada pela ideia de que há parceria e companheirismo entre os familiares, o que é focalizado nas linhas 14-15, e pela declaração de que a família tem uma base bacana, o que é feito na linha 16. Portanto, cada unidade intratópica vai se somando a outras e auxiliando na objetivação do sentido do SegT, que, por sua vez, junta-se a outros SegTs, os quais, juntos, compõem o sentido do texto, sistematização que nos permite dizer que descrever a estruturação textual também é, consequentemente, compreender a construção de sentidos dos textos.

Cumprе salientar que a própria constituição do SegT em diferentes unidades intratópicas já atua na significação. Como pressuposto a partir da visão de linguagem como *atividade* verbal, de acordo com a qual agimos carregados de intenções comunicativas contextualmente situadas no uso concreto da língua, não é à toa que o informante, no momento da produção textual, constrói esse SegT de modo a ser estruturado com base na combinação de um grupo de enunciados mais central, quatro outros agrupamentos de enunciados subsidiários e outro enunciado central relativamente ao tópico *Caráter basilar da família*. Caso a estruturação interna desse SegT envolvesse, por exemplo, apenas enunciados subsidiários em relação ao caráter basilar da família, o sentido desse SegT poderia ser construído de outra forma, além da possibilidade de serem admitidos outros sentidos para este caso, que se diferenciariam, em certa medida, daquele que inferimos. Por ser assim, as escolhas linguísticas que fazemos, mesmo em termos de estruturas textuais, também atuam na construção dos sentidos dos textos, fazendo com que um efeito do estudo da organização do texto seja o entendimento de sentidos possíveis para um certo texto.

Tendo em consideração, então, a discussão feita a partir de (60a) e (60b), defendemos que os estudos sobre organização tópica e sobre referenciação se diferenciam e também se aproximam a partir da orientação maior de cada um deles para a descrição da estruturação textual ou da construção de sentidos dos textos.

O exemplo em (61a) e sua análise tópica em (61b) ajudam a sustentar melhor a diferença apontada entre os estudos sobre os dois processos e, simultaneamente, a conexão entre eles a partir da orientação maior dos trabalhos acerca de cada um para a organização textual ou para a construção de sentidos.

(61a) **Objeto de discurso mais relevante do SegT: Alegria que os três filhos dão à informante**

então é/ foi a gestação né?... **dos três filhos que eu tive** até uns três quatro anos de idade... 1
 e no caso eles só::... até HOje **os três filhos que eu tive eles só me dão alegria...** né::?... 2
eles estudam graças a Deus... vão muito bem... na aula... eles são... inteligen::te eles 3
gostam de estudá(r) de lê(r) livros... que é uma coisa que eu amo lê(r) livro eles 4
também amam... eles gostam de fazê(r) mú::sica gostam de cantá(r) os três cantam 5
 juntos... éh então... qué(r) dizê(r)... são **os filhos** que eu tive... que eu PUde TÊ(r)... **os** 6
três que... foram os três que a gente... éh::... na nossa análise a gente falô(u) –“não esses 7
 a gente dá conta de tratá::(r) de sustentá::(r)... de... como se diz... de tomá(r) conta”–... 8
 e:: a gente colocô(u) **esses três** e graças a Deus **esses três só:: me dá:: alegria** foram **os** 9
três que eu pude tê::(r)... e **que eu a::mo** e **que eu não me arrependo em instan/ em** 10
instante nenhum de tê(r) colocado eles no mundo... é a minha alegria é o maior 11
presente que Deus podia dá(r) pra mim e pro meu marido... é os três filhos... e no 12
 caso eu só lamento os outros que eu não pude tê(r)... por questão de finance(i)ro de você 13
 não dá(r) conta de sustentá(r) de mantê(r) com estudo c’uma vida mais digna... pra eles... 14
 [Doc.: então tá] né? 15

[BDI-AC-102; NE: L. 89-103; 9/9]

Os exemplos em (61a) e (61b) compõem o último SegT daquela NE em que o documentador pede à informante que narre uma história que tenha acontecido com ela e esta decide por falar sobre a gravidez dos seus três filhos, mantendo o referente “gravidez dos filhos” ativado em toda a NE, como podemos perceber nesse último SegT do texto pelo excerto “a gestação né?... dos três filhos que eu tive”, na linha 1.

Analisando o processo de referenciação em (61a), é possível dizer que há um objeto de discurso tematicamente mais abrangente no SegT que pode ser chamado de *Alegria que os três filhos dão à informante*. O reconhecimento desse referente é facilitado pela progressão referencial que vai recategorizando os objetos de discurso “filhos” e “alegria” em diferentes pontos do SegT, como vemos nos trechos em negrito, o que os mantém em foco no SegT e nos mostra que estão muito relacionados ao objeto de discurso central do SegT. Outro recurso que indica a construção de tal objeto de discurso é a identificação de predicções como “os três filhos que eu tive eles só me dão alegria” (L. 2), “eles são... inteligen::te” (L. 3), “eles gostam de estudá(r) de lê(r) livros... que é uma coisa que eu amo lê(r) livro” (L. 3-4), “eu não me arrependo em instan/ em instante nenhum de tê(r) colocado eles no mundo” (L. 10-11) e “o maior presente que Deus podia dá(r) pra mim e pro meu marido... é os três filhos” (L. 11-12), as quais poderiam ser sintetizadas, no contexto desse exemplo em particular, por *Alegria que os três filhos dão à informante*, objeto de discurso mais geral do SegT.

A partir do processo referenciação que constrói esse objeto de discurso, podemos definir um sentido possível para o segmento textual – o de que ser mãe (e de três filhos) é uma alegria, conforme nos sugerem principalmente as predicções destacadas, que constroem o referente

com base na proposta de sentido seguida pela falante. É nessa direção que entendemos que o estudo da referenciação está muito relacionado à compreensão de sentidos dos textos, o que está em consonância com o que nos diz Koch (2005) sobre as características do referente levarem o interlocutor a construir determinada imagem sobre o objeto de discurso, auxiliando o locutor na construção de sentido.

Mesmo assim, como chamamos a atenção e se assume na própria definição de centração tópica, a referenciação colabora para a organização tópica, o que acaba fazendo com que os trabalhos sobre referenciação também envolvam a compreensão da organização textual. Em (61a), a reconstrução, por exemplo, do objeto de discurso “filhos”, por meio de categorizações como inteligentes, estudiosos e amantes de livros, atuam fortemente na instauração do referente *Alegria que os três filhos dão à informante*. Em um outro ponto do texto, hipotético, a construção do objeto de discurso “filhos” por outro viés, por categorizações como fanáticos por internet e muito dependentes dos pais, poderia atuar para a instalação de um outro tópico discursivo, centrado nas preocupações dos pais com os filhos, o que nos mostraria que a informante teria estruturado seu texto segundo as alegrias que os filhos dão a ela, de um lado, e as preocupações com eles, de outro.

Sendo assim, entendemos que os estudos sobre referenciação focam, de fato, a construção textual de sentidos, o que os diferencia, em alguma medida, daqueles sobre organização tópica, mas, conjuntamente a esse enfoque, também demonstram a organização do texto, aproximando-se dos trabalhos sobre organização tópica.

A seguir, passamos à análise tópica de (61a).

(61b) **Tópico discursivo: Alegria que os três filhos dão à informante**

então é/ foi a gestação né?... dos três filhos que eu tive até uns três quatro anos de idade...	1
e no caso eles só::... até HOje os três filhos que eu tive eles só me dão alegria... né::?...	2
eles estudam graças a Deus... vão muito bem... na aula... eles são...	3
inteligem::te eles gostam de estudá(r) de lê(r) livros... que é uma coisa que eu	4
amo lê(r) livro eles também amam... eles gostam de fazê(r) mú::sica gostam de	5
cantá(r) os três cantam juntos...	6
éh então... qué(r) dizê(r)... são os filhos que eu tive... que eu PUde TÊ(r)... os três	7
que... foram os três que a gente... éh::... na nossa análise a gente falô(u) –“não	8
esses a gente dá conta de tratá::(r) de sustentá::(r)... de... como se diz... de	9
tomá(r) conta” –... e:: a gente colocô(u) esses três	10
e graças a Deus esses três só:: me dá:: alegria	11
foram os três que eu pude tê::(r)... e que eu a::mo e que eu não me arrependo	12
em instan/ em instante nenhum de tê(r) colocado eles no mundo...	13
é a minha alegria é o maior presente que Deus podia dá(r) pra mim e pro meu	14
marido... é os três filhos...	15
e no caso eu só lamento os outros que eu não pude tê(r)... por questão de	16
finance(i)ro de você não dá(r) conta de sustentá(r) de mantê(r) com estudo c’uma	17
vida mais digna... pra eles... [Doc.: então tá] né?	18

[BDI-AC-102; NE: L. 89-103; 9/9]

Examinando a estruturação interna desse SegT em partes e subpartes constituintes, podemos dividi-lo em sete blocos de enunciados que expressam, cada um, uma centração mais particular em relação à centração geral que faz com que todos integrem o mesmo SegT, instaurando o mesmo tópico discursivo. As linhas 1-2, 11 e 14-15 constituem-se como trechos que expressam o tópico *Alegria que os três filhos dão à informante* de forma mais direta, o que nos leva a definir esses trechos como *centrais* relativamente ao tópico discursivo. Nas linhas 3-6, há uma preocupação específica acerca do gosto dos filhos pelos estudos e, nas linhas 7-10, o foco particular é a capacidade dos pais para criarem os três filhos. Seguindo o SegT, nas linhas 12-13, a preocupação particular recai sobre o não arrependimento da informante de ter tido os filhos e, fechando o SegT, nas linhas 16-18, a preocupação particular é sobre a lamentação da informante por não ter podido ter outros filhos. Assim, classificamos todos os quatro grupos de enunciados em 3-6, 7-10, 12-13 e 16-18 como trechos que expressam preocupação subsidiária em relação ao tópico do Seg.

Dessa forma, é possível dizer que a organização interna de (61b) se baseia na combinação de enunciados que expressam referências centrais e subsidiárias em relação ao tópico do SegT, envolvendo, particularmente, a seguinte combinação: central-subsidiário-

subsidiário-central-subsidiário-central-subsidiário. Considerando essa análise tópica, dizemos que o estudo do processo de organização tópica descreve a organização do texto, haja vista que, como demonstramos a partir de (60b) e (61b), a aplicação dos traços da centração tópica, propriedade definidora da categoria *tópico discursivo*, permite a distinção da estrutura textual, descrição que não se ocupa do entendimento de como o sujeito concebe o que é ser mãe.

Apesar de ser um processo bastante ligado à organização textual, como temos assumido, a análise da organização tópica também implica o entendimento da construção de sentidos. Assim, todos os sete conjuntos de enunciados em (61b) somam traços significativos ao SegT. Nas linhas 1-2, 11 e 14-15 é possível dizer que o sentido de que ser mãe é uma alegria é indicado pela própria afirmação, feita explicitamente pela informante, de que os seus filhos só lhe dão alegria. Já nos trechos das linhas 3-6, 7-10, 12-13 e 16-18, o sentido depreendido é sugerido: (i) pelo gosto dos filhos pelos estudos; (ii) pela satisfação da informante em poder educar três filhos; (iii) pelo amor da mãe pelos filhos e não arrependimento de os ter tido; (iv) pela lamentação da falante por não poder ter sido mãe de mais filhos. Todos esses diferentes grupos de enunciados do SegT, integrados quanto à sua significação, indiciam o sentido de que é uma alegria ser mãe. Em vista disso, dizemos que um efeito dos trabalhos sobre o processo de organização tópica também é mostrar a constituição de sentidos, uma vez que, conforme demonstramos, cada trecho de texto concernente entre si e relevante em determinado ponto da organização textual alimenta a dinâmica da construção de sentidos do texto.

Voltamos a frisar que a estruturação de um SegT em diferentes blocos de enunciados, centrais ou subsidiários quanto ao seu tópico discursivo, já é um procedimento de construção de sentido. Assim, podemos dizer que foi dotada de intenções comunicativas, situadas em um contexto particular de interação, que a informante que produziu (61b) o organizou conforme a estruturação central (L. 1-2), subsidiário (L. 3-6), subsidiário (L. 7-10), central (L. 11), subsidiário (L. 12-13), central (14-15), subsidiário (L. 16-18), relativamente ao tópico *Alegria que os três filhos dão à informante*. Uma outra estruturação interna desse caso (como, por exemplo, a organização subsidiário-subsidiário-central) poderia levar à compreensão de outros sentidos para o SegT, ainda que pudéssemos reconhecer o mesmo tópico discursivo.

Considerando nosso posicionamento de que as pesquisas a respeito da organização tópica priorizam a organização dos textos, destacamos, como fizemos brevemente início da introdução da tese, que, na GTI, a organização tópica é considerada um princípio central da organização textual, um processo elementar de construção do texto. A esse respeito, Jubran afirma que “um processo básico de construção textual é o da topicalidade: ao longo de um evento comunicativo, os interlocutores centram sua atenção sobre determinados temas, que se

constituem como foco da interação verbal” (JUBRAN, 2015a, p. 28). É considerando, então, esse processo básico, que a GTI estabelece o tópico discursivo como categoria analítica do texto.

Assumindo a topicalidade como o princípio central que guia o processamento textual, na seção seguinte, discutimos em quais tipos de temas, em termos de classes de entidades semânticas dos tópicos discursivos, os interlocutores centram sua atenção em DE, NE e RO, ou seja, discutimos quais tipos de temas guiam a construção do texto nesses três tipos de amostras de fala.

5 TIPOS DE ENTIDADES SEMÂNTICAS DOS OBJETOS DE DISCURSO QUE SÃO TÓPICOS DISCURSIVOS EM DESCRIÇÕES, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA E RELATOS DE OPINIÃO

5.1 Apresentação

Nesta seção 5 da tese, desenvolvemos a parte propriamente empírica de nosso trabalho, que envolve, segundo explicitamos na seção de objetivos, a análise e a descrição do tipo de entidade semântica de cada um dos objetos de discurso que é tópico discursivo em um conjunto de DE, NE e RO, de modo a apurar a possível influência de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos sobre os tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos nesses três grupos de amostras linguísticas. Para cumprir esse propósito, na seção que segue esta introdução, apresentamos os resultados gerais da análise de dados, com dados qualitativos e quantitativos dos tipos de entidades semânticas dos referentes que figuram como tópicos nas três amostras linguísticas analisadas. Feito isso, nas seções 5.3, 5.4, e 5.5, discutimos separadamente os tipos de entidades dos tópicos em DE, NE e RO, nessa ordem. Finalmente, na seção 5.6, refletimos acerca da influência de aspectos caracterizadores de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos sobre os tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso dos textos aqui examinados.

5.2 Apresentação geral dos resultados

Como identificamos em nossas análises e demonstramos nesta parte da tese, os objetos de discurso com estatuto de tópico discursivo nas DE tendem a pertencer mais à classe semântica lugar, enquanto nas NE e nos RO, à categoria dos estados-de-coisas. Na Tabela 5, a seguir, apresentamos a frequência e a proporção de ocorrências de cada tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que se constituem como tópicos discursivos nessas três diferentes amostras linguísticas que compõem nosso *corpus*.

Tabela 5 – Frequência e proporção de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em SegTs mínimos de DE, NE e RO

Tipos de amostras de fala dos tópicos Tipo de entidade semântica	Descrições % (número)	Narrativas de experiência % (número)	Relatos de opinião % (número)	Total % (número)
Indivíduo	24,36% (19/78)	0	0	10,27% (19/185)
Estado-de-coisas	20,51% (16/78)	90,16% (55/61)	63,04% (29/46)	54,06% (100/185)
Proposição	0	8,20% (5/61)	36,96% (17/46)	11,89% (22/185)
Ato de fala	0	0	0	0
Propriedade	3,85% (3/78)	0	0	1,62% (3/185)
Lugar	51,28% (40/78)	0	0	21,62% (40/185)
Tempo	0	1,64% (1/61)	0	0,54% (1/185)
Total de tópicos mínimos	42,16% (78/185)	32,97% (61/185)	24,87% (46/185)	100% (185/185)

Fonte: Autoria própria.

Conforme mostramos na Tabela 1, na seção de metodologia, e também agora na Tabela 5, foram as DE que apresentaram o maior número de tópicos discursivos, entre os três tipos de amostras analisadas (78 casos em DE, contra 61 em NE e 46 em RO), apesar de termos selecionado o mesmo quantitativo de textos de DE, NE e RO (10 de cada). A nosso ver, a produtividade maior das DE na análise tópica pode estar relacionada com o tipo de entidade semântica dos referentes focalizados e que adquirem centração, assumindo estatuto tópico nesse tipo de amostra linguística. Como mostram nossos resultados sumarizados nesta seção, em DE, os falantes se centram mais na descrição de objetos concretos, físicos, que podemos ver (uma casa ou um sítio, por exemplo), por isso mesmo os tópicos discursivos são, na sua maioria, entidades semânticas que envolvem referentes concretos, das categorias lugar e indivíduo, as quais somam 75,64% dos casos em DE. Assim, como o foco é falar de coisas concretas e que

podem ser vistas, os falantes teriam mais facilidade para construir um número maior de tópicos discursivos do que em textos em que a centração é voltada para objetos mais abstratos, em que os tópicos são de categorias como estado-de-coisas e proposição. Seguindo esse raciocínio, pensamos que pode haver uma relação entre maior/menor concretude da categoria semântica dos referentes que são tópicos discursivos nos tipos de amostras linguísticas aqui em estudo e a quantidade de tópicos instaurada nessas amostras.

Como dissemos na seção 2.5.2.2, Lyons (1977b) define três tipos de entidades semânticas – indivíduo, estado-de-coisas e proposições –, definição que vai da classe mais concreta (indivíduo) para a mais abstrata (proposição). Relacionando essa classificação do autor com nossos resultados, vemos que, além de termos apurado mais tópicos discursivos em DE, em que os tópicos são, em sua maioria, ou locativos ou indivíduos, referentes ontologicamente concretos, as NE ficam em segundo lugar na maior produtividade de tópicos, amostras em que os tópicos são, com bastante predomínio, estados-de-coisas (90,16% dos casos), conforme a Tabela 5. Por último, os RO foram os textos em que menos identificamos tópicos discursivos, que são também, em maioria, estados-de-coisas (63,04% das ocorrências), mas com frequência expressiva de proposições (36,96% dos casos). É com base nesses achados que acreditamos, então, na possível relação entre concretude da classe semântica dos tópicos em DE, NE e RO e a quantidade de tópicos em cada um desses tipos de amostras, sendo a produtividade tópica da amostra linguística menor quanto maior for o grau de abstração da categoria semântica dos referentes que são tópicos discursivos naquela amostra.

Observando outros resultados expostos na Tabela 5, vemos que, em DE, um objeto de discurso que atua como tópico discursivo pode ser, além de um indivíduo ou um locativo, um estado-de-coisas ou uma propriedade; enquanto em NE, pode ser estado-de-coisas, proposição ou tempo, com baixa frequência dessas duas últimas categorias; já em RO, é possível que um referente com estatuto de tópico seja ou estado-de-coisas ou proposição apenas. Como também se pode verificar, em nenhum dos três tipos de amostras linguísticas encontramos tópicos discursivos que são atos de fala. Outros dados interessantes que demonstra a Tabela 5 é a maior ocorrência de proposições em RO, e não em DE ou NE, apesar de não ser essa a categoria predominante nos RO, e a maior frequência de estados-de-coisas (54,06%, 100 de 185 casos) em meio ao total de todas as categorias identificadas, considerando a soma dos tipos semânticos apurados nos três tipos de amostras linguísticas.

Na Tabela 6, mostramos o quantitativo de cada tipo de entidade semântica por informante em DE.

Tabela 6 – Frequência de ocorrências de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em DE por informante

DE								
Nº do inquérito	Indivíduo	Estado-de-coisas	Proposição	Ato de fala	Propriedade	Lugar	Tempo	Total de tópicos por informante
008	0	1	0	0	0	2	0	3
019	0	0	0	0	0	6	0	6
038	0	1	0	0	0	8	0	9
049	12	1	0	0	0	0	0	13
064	1	1	0	0	0	2	0	4
075	0	1	0	0	0	4	0	5
102	4	2	0	0	1	4	0	11
113	2	4	0	0	0	2	0	8
128	0	4	0	0	0	4	0	8
139	0	1	0	0	2	8	0	11
Total de tópicos por categoria semântica	19	16	0	0	3	40	0	78

Fonte: Autoria própria.

Com a leitura da Tabela 6, constatamos que o informante que mais instaurou tópicos da classe “indivíduos” é o do inquérito 049, com 12 tópicos. Nesse caso, o falante descreve o seu carro, construindo centração acerca de diferentes partes dele, e não se volta para a descrição de um ambiente, como uma casa, o que faz, por exemplo, o informante 139, que se destaca como o da DE em que mais identificamos a classe semântica lugar ao descrever diferentes cômodos da sua residência. No Quadro 8, listamos todos os tópicos discursivos mais específicos identificados em cada uma das DE analisadas e o tipo de entidade semântica desses tópicos.

Quadro 8 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das DE (continua)

DE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da DE	Nome do tópico	Tipo de entidade
008	1	Definição do tema “casa da informante”	Estado-de-coisas
	2	Piso inferior da casa	Lugar
	3	Piso superior da casa	Lugar
019	1	Rancho do informante de forma geral	Lugar
	2	Cozinhas interna e externa da casa do rancho	Lugar
	3	Sala	Lugar
	4	Quartos	Lugar
	5	Banheiros	Lugar
	6	Fundo do rancho	Lugar

Quadro 8 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das DE (continuação)

DE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da DE	Nome do tópico	Tipo de entidade
038	1	Definição do tema “município de Cedral”	Estado-de-coisas
	2	Praça gostosa de se ir	Lugar
	3	Calçadão bonito de Cedral	Lugar
	4	Cômodos da casa da informante	Lugar
	5	Frente e fundo da casa da informante	Lugar
	6	Loteamento novo bonito	Lugar
	7	Postinho de saúde	Lugar
	8	Escolinha	Lugar
	9	Salão onde a informante dança forró em outra cidade	Lugar
049	1	Jipe do informante de forma geral	Indivíduo
	2	Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial	Estado-de-coisas
	3	Rodas especiais	Indivíduo
	4	Motor retificado	Indivíduo
	5	Câmbio com três alavancas	Indivíduo
	6	Direção adaptada do Puma	Indivíduo
	7	Bancos não originais	Indivíduo
	8	Capota conversível	Indivíduo
	9	Pneus especiais	Indivíduo
	10	Freio de efe trezentos e cinquenta	Indivíduo
	11	Freio de mão adaptado de dê dez	Indivíduo
	12	Caixa de direção de Maverick	Indivíduo
	13	Escapamento diferenciado	Indivíduo
064	1	Pessoa de quem a informante gosta muito	Indivíduo
	2	Praia marcante	Lugar
	3	Definição do tema “lugar onde morou” e menção à primeira casa que morou depois de casada	Estado-de-coisas
	4	Casinha onde a informante morou depois de casada da qual gosta muito	Lugar
075	1	Definição do tema “Foz do Iguaçu” e caracterização inicial do lugar	Estado-de-coisas
	2	Cataratas do Iguaçu	Lugar
	3	Hotel simples onde ficou hospedado	Lugar
	4	Restaurante bonito onde foi jantar	Lugar
	5	Hotel bonito em Barra Bonita	Lugar
102	1	Definição do tema “catedral de Rio Preto”, gosto da informante pelo local e caracterização inicial da igreja	Estado-de-coisas
	2	Arredores da antiga catedral de São José do Rio Preto	Lugar
	3	Tons escuros e aconchego do interior da igreja	Propriedade
	4	Lugar onde o padre subia para fazer homilia	Lugar
	5	Confessionários antigos feitos em madeira	Indivíduo
	6	Altars de mármore	Lugar
	7	Lugar do Santíssimo	Lugar
	8	Teto todo pintado da igreja	Indivíduo
	9	Imagem de Jesus carregando a cruz nos ombros	Indivíduo
	10	Quadros grandes da via sacra	Indivíduo
	11	Perfeição da igreja	Estado-de-coisas

Quadro 8 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das DE (conclusão)

DE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da DE	Nome do tópico	Tipo de entidade
113	1	Definição do tema “sítio” e caracterização inicial do primeiro sítio	Estado-de-coisas
	2	Casa do sítio	Lugar
	3	Necessidade do desmanche das plantações de manga, laranja e café por causa de doenças e baixo valor	Estado-de-coisas
	4	Animais que visitam as árvores frutíferas do sítio	Indivíduo
	5	Árvores frutíferas do sítio	Indivíduo
	6	Apazibilidade do sítio	Estado-de-coisas
	7	Propriedade rural do informante onde não há casa	Lugar
	8	Mudanças na propriedade feitas pelo informante	Estado-de-coisas
128	1	Passeios da informante para a fábrica da Natura	Estado-de-coisas
	2	Processo de separação na fábrica da Natura de produtos encomendados	Estado-de-coisas
	3	Fábrica de produtos para o rosto	Lugar
	4	Seriedade da Natura com os pedidos	Estado-de-coisas
	5	Restaurante para os funcionários	Lugar
	6	Creche para os filhos dos funcionários	Lugar
	7	Nacionalidade dos produtos da Natura	Estado-de-coisas
	8	Showroom bonito da Natura	Lugar
139	1	Casa do informante de forma geral	Lugar
	2	Tamanho da casa	Propriedade
	3	Primeira sala da casa	Lugar
	4	Outra sala da casa	Lugar
	5	Quartos da casa	Lugar
	6	Banheiros da casa	Lugar
	7	Cozinha planejada	Lugar
	8	Tonalidade do acabamento da casa	Propriedade
	9	Área do fundo	Lugar
	10	Alpendre da frente	Lugar
	11	Abundância de plantas na parte externa da casa	Estado-de-coisas

Fonte: Autoria própria.

Seguindo a apresentação geral dos resultados de nossa pesquisa, na Tabela 7, demonstramos a frequência de cada tipo de entidade semântica dos tópicos em NE por informante.

Tabela 7 – Frequência de ocorrências de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em NE por informante

NE								
Nº do inquérito	Indivíduo	Estado-de-coisas	Proposição	Ato de fala	Propriedade	Lugar	Tempo	Total de tópicos por informante
008	0	6	0	0	0	0	0	6
019	0	2	0	0	0	0	0	2
038	0	7	1	0	0	0	0	8
049	0	6	0	0	0	0	0	6
064	0	4	0	0	0	0	0	4
075	0	7	0	0	0	0	0	7
102	0	7	2	0	0	0	0	9
113	0	4	2	0	0	0	0	6
128	0	4	0	0	0	0	0	4
139	0	8	0	0	0	0	1	9
Total de tópicos por categoria semântica	0	55	5	0	0	0	1	61

Fonte: Autoria própria

Como vemos na Tabela 7, um dos informantes que mais instaurou tópicos discursivos em NE, o do inquérito 139, é aquele que mais construiu tópicos que são estados-de-coisas, com 8 casos dessa categoria, e também quem instalou o único tópico identificado no *corpus* da classe tempo. Em relação aos 5 casos de proposições, 4 deles foram construídos por dois informantes (102 e 113), sendo 2 ocorrências de cada, e o outro caso, por um falante diferente (038). Disponibilizamos a classificação semântica de todos os tópicos identificados em NE no Quadro 9.

Quadro 9 –Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das NE (continua)

NE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da NE	Nome do tópico	Tipo de entidade
008	1	Definição do tema “viagem ao Termas de Olímpia”	Estado-de-coisas
	2	Convite à informante para ir ao Termas com os tios e atividades da família na expectativa de chegada ao clube	Estado-de-coisas
	3	Atividades da informante depois da chegada ao clube	Estado-de-coisas
	4	Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia	Estado-de-coisas
	5	Variedade de temperatura das piscinas do Termas de Olímpia	Estado-de-coisas
	6	Presença de público diverso no Termas	Estado-de-coisas

Quadro 9 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das NE (continuação)

NE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da NE	Nome do tópico	Tipo de entidade
019	1	Definição do tema “festa de aniversário de amiga do informante” e fato de ter ido à festa sem ter sido convidado	Estado-de-coisas
	2	Dança improvisada do informante com a aniversariante	Estado-de-coisas
038	1	Definição do tema “separação dos pais”	Estado-de-coisas
	2	Começo de caso amoroso extraconjugal do pai com ex-amiga da mãe da informante	Estado-de-coisas
	3	Sufrimento dos filhos ao verem os pais brigando muito	Estado de coisas
	4	Sufrimento intenso da informante depois da separação marcante dos pais	Estado-de-coisas
	5	Possibilidade de retardação da gravidez da informante caso o pai não tivesse se separado da mãe	Proposição
	6	Falta de cuidado da informante com o filho	Estado-de-coisas
	7	Registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da mãe	Estado-de-coisas
	8	Vivência da informante morando junto com o pai dos filhos	Estado-de-coisas
049	1	Roubo de cones de trânsito por parte do informante e amigos	Estado-de-coisas
	2	Batida do carro do informante pela primeira vez	Estado-de-coisas
	3	Decisão do informante e amigos de irem em festa em Olímpia	Estado-de-coisas
	4	“Xavecagem” de meninas em boate pelo informante e amigos	Estado-de-coisas
	5	Decisão do informante e amigos de voltarem para Rio Preto	Estado-de-coisas
	6	Fato de a ida a Olímpia ter sido legal	Estado-de-coisas
064	1	Definição do tema “acontecimentos marcantes na vida informante”	Estado-de-coisas
	2	Entrada na adolescência seguida de acontecimentos marcantes	Estado-de-coisas
	3	Conversão da informante e do marido em Testemunhas de Jeová	Estado-de-coisas
	4	Caráter muito marcante do casamento e da maternidade na adolescência	Estado-de-coisas

Quadro 9 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das NE (continuação)

NE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da NE	Nome do tópico	Tipo de entidade
075	1	Entrada do informante no hospital sem calçar um pé de sapato ao saber do nascimento do primeiro filho	Estado-de-coisas
	2	Reunião em auditório para dinâmica de grupo com sapatos dos participantes do lado de fora do local	Estado-de-coisas
	3	Mistura de pares de sapatos ao final de dinâmica de grupo	Estado-de-coisas
	4	Definição do tema assalto à mão armada	Estado-de-coisas
	5	Abordagem ao informante em assalto à mão armada	Estado-de-coisas
	6	Reação do informante depois do assalto	Estado-de-coisas
	7	Roubo de carteira e pouco dinheiro	Estado-de-coisas
102	1	Definição do tema “gravidez” e caracterização inicial da gravidez	Estado-de-coisas
	2	Crença da mãe de que a informante não ficaria grávida	Proposição
	3	Gravidez do filho mais velho	Estado-de-coisas
	4	Fato de o filho mais velho ter sido chorão logo após o seu nascimento	Estado-de-coisas
	5	Gravidez do filho do meio	Estado-de-coisas
	6	Bronquite do filho do meio	Estado-de-coisas
	7	Expectativa durante a gravidez de que o terceiro filho seria homem	Proposição
	8	Trabalho para desmamar a filha	Estado-de-coisas
	9	Alegria que os três filhos dão à informante	Estado-de-coisas
113	1	Razão da candidatura a prefeito de Ipiguá do informante	Proposição
	2	Aspecto bom da candidatura a prefeito de Ipiguá	Estado-de-coisas
	3	Atividades durante a campanha	Estado-de-coisas
	4	Grande decepção do candidato a vice-prefeito com a derrota nas eleições	Estado-de-coisas
	5	Não decepção do informante com a derrota nas eleições	Estado-de-coisas
	6	Conhecimento do informante tirado da candidatura relativo a saber conhecer melhor as pessoas	Proposição

Quadro 9 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos das NE (conclusão)

NE			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade da NE	Nome do tópico	Tipo de entidade
128	1	Acidentes inesquecíveis testemunhados pela informante	Estado-de-coisas
	2	Definição do tema “parto dos filhos”	Estado-de-coisas
	3	Efeito da anestesia na informante ao nascer a filha	Estado-de-coisas
	4	Nascimento de quase todos filhos por parto normal	Estado-de-coisas
139	1	Atividades do informante onde morava durante a infância	Estado-de-coisas
	2	Primeiros serviços do informante	Estado-de-coisas
	3	Começo do namoro do informante com a esposa em um parque de diversões	Estado-de-coisas
	4	Longevidade do namoro do informante com a esposa	Estado-de-coisas
	5	Aprovação do informante para trabalhar na C.P.F.L.	Estado-de-coisas
	6	Crescimento profissional do informante na C.P.F.L. por meio de aperfeiçoamento educacional	Estado-de-coisas
	7	Período de trabalho do informante na C.P.F.L.	Tempo
	8	Condição do informante de trabalhador viajante na C.P.F. L.	Estado-de-coisas
	9	Gratidão do informante à C.P.F.L.	Estado-de-coisas

Fonte: Autoria própria

A seguir, na Tabela 8, apresentamos a quantidade de cada tipo de entidade semântica por informante em RO.

Tabela 8 – Frequência de ocorrências de tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em RO por informante

RO								
Nº do inquérito	Indivíduo	Estado-de-coisas	Proposição	Ato de fala	Propriedade	Lugar	Tempo	Total de tópicos por inquérito
008	0	3	0	0	0	0	0	3
019	0	2	0	0	0	0	0	2
038	0	2	2	0	0	0	0	4
049	0	2	2	0	0	0	0	4
064	0	3	0	0	0	0	0	3
075	0	3	1	0	0	0	0	4
102	0	4	3	0	0	0	0	7
113	0	4	1	0	0	0	0	5
128	0	3	4	0	0	0	0	7
139	0	3	4	0	0	0	0	7
Total de tópicos por categoria semântica	0	29	17	0	0	0	0	46

Fonte: Autoria própria

Como vemos na Tabela 8, o número de estados-de-coisas por informante em RO é bastante regular, pois cada falante instaurou de 2 a 4 tópicos dessa categoria semântica. Com relação às proposições, essa classe está presente na grande maioria dos inquéritos, demonstrando que os RO, embora tenham apresentado mais estados-de-coisas, também podem ser caracterizados como textos em que os objetos de discurso com estatuto tópico são frequentemente proposições, o que, parcialmente, confirma nossa hipótese inicial de que os RO apresentariam maior número proposições. No Quadro 10, listamos todos os tópicos mínimos identificados em RO, bem como a categoria semântica de cada um deles.

Quadro 10 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos dos RO (continua)

RO			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade do RO	Nome do tópico	Tipo de entidade
008	1	Prejuízo das drogas à saúde	Estado-de-coisas
	2	Comentários da professora do PROERD sobre os malefícios das drogas	Estado-de-coisas
	3	Reações de quem usa drogas	Estado-de-coisas

Quadro 10 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos dos RO (continuação)

RO			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade do RO	Nome do tópico	Tipo de entidade
019	1	Caráter basilar da família	Estado-de-coisas
	2	Gosto do informante pela sua família	Estado-de-coisas
038	1	Definição do tema “drogas”	Estado-de-coisas
	2	Mal que as drogas fazem às crianças do Brasil	Estado-de-coisas
	3	Necessidade de o governo tomar uma atitude para acabar com as drogas	Proposição
	4	Dever do uso do preservativo para prevenção das drogas das DSTs	Proposição
049	1	Insatisfação do informante com o resultado das eleições para prefeito de Rio Preto	Estado-de-coisas
	2	Melhorias em Rio Preto no governo do Edinho que o tornam melhor do que Manuel Antunes	Estado-de-coisas
	3	Crença do informante na falta de culpa de Edinho em corrupção no SEMAE	Proposição
	4	Julgamento do informante de que o resultado das eleições para prefeito na cidade de SP foi justo	Proposição
064	1	Não arrependimento da informante de ter se casado nova	Estado-de-coisas
	2	Fato de o casamento na adolescência ter sido bom	Estado-de-coisas
	3	Condição do casamento como a melhor coisa que aconteceu na vida da informante	Estado-de-coisas
075	1	Definição do tema “política”	Estado-de-coisas
	2	Necessidade de ter um curso para ser político	Proposição
	3	Decepção do informante com o presidente Lula	Estado-de-coisas
	4	Despreocupação do informante com política	Estado-de-coisas
102	1	Grande regressão da educação	Estado-de-coisas
	2	Caráter desinteressante da educação	Estado-de-coisas
	3	Necessidade de investimento na educação para o Brasil ser um país melhor	Proposição
	4	Potencial da família para recuperar a sociedade	Proposição
	5	Divisão da educação dos filhos quando os pais se separam	Estado-de-coisas
	6	Falta que a criança sente da família com pai e mãe juntos depois da separação dos pais	Estado-de-coisas
	7	Possibilidade de melhoria da sociedade a partir da união da família	Proposição

Quadro 10 – Tipo de entidade semântica de cada um dos tópicos dos RO (conclusão)

RO			
Nº do inquérito	Ordem do SegT mínimo na linearidade do RO	Nome do tópico	Tipo de entidade
113	1	Uso errôneo da política brasileira em todos os níveis	Estado-de-coisas
	2	Insucesso em algumas eleições no Brasil	Estado-de-coisas
	3	Desconhecimento da imprensa sobre fatos políticos	Proposição
	4	Grande podridão na política brasileira em todos os níveis	Estado-de-coisas
	5	Semelhança do governo Lula com governos anteriores	Estado-de-coisas
128	1	Ensino de maus hábitos às crianças por parte da televisão	Estado-de-coisas
	2	Capacidade do adulto de distinguir o certo do errado na televisão	Proposição
	3	Fuga aos princípios de Deus por meio da homossexualidade incentivada pela televisão	Estado-de-coisas
	4	Falta de carinho dos pais com os filhos	Estado-de-coisas
	5	Necessidade de os pais trabalharem menos e darem mais atenção aos filhos	Proposição
	6	Necessidade de não confundir educação com evolução	Proposição
	7	Julgamento da informante de que mães que trabalham fora são culpadas pela falta de educação dos filhos	Proposição
139	1	Desnecessidade da obrigatoriedade do voto	Proposição
	2	Boa gestão feita por Edinho como prefeito de Rio Preto	Estado-de-coisas
	3	Potencial do Brasil para se tornar um país de primeiro mundo	Proposição
	4	Erro na gestão do Brasil desde o descobrimento	Estado-de-coisas
	5	Dever dos políticos de investirem mais no Brasil	Proposição
	6	Falta de mudanças no governo Lula em relação a governos anteriores	Estado-de-coisas
	7	Necessidade de o candidato a um cargo político ter um curso	Proposição

Fonte: Autoria própria

Observando os resultados apresentados nesta seção, podemos dizer que nossa hipótese inicial, a respeito da variação dos tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em distintos gêneros textuais, foi confirmada. Em DE, NE e RO, representativos de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos, encontramos diferentes tipos de entidades semânticas de objetos de discurso com estatuto tópico nesses textos, havendo predominância de tópicos que são da categoria lugar em DE e maior domínio de tópicos que são estados-de-coisas em NE e RO, sendo que, em RO, também foram recorrentes tópicos que são proposições. Portanto, conforme nossos resultados,

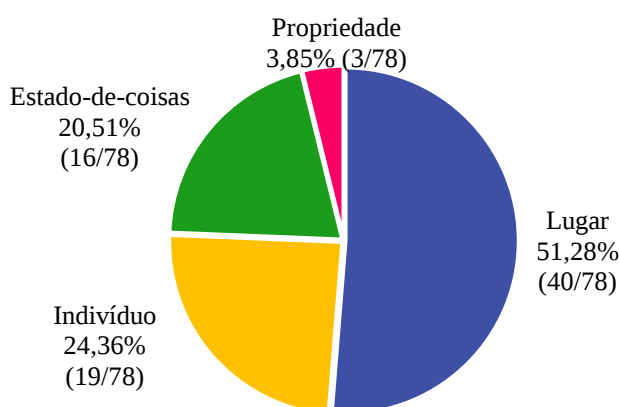
há uma correlação entre tipo de entidade semântica de objetos de discurso que são tópicos e gênero textual, o que evidencia que nossa pesquisa contribui para a caracterização da natureza semântica dos tópicos discursivos em relação ao contexto de uso em que são instaurados, colaborando, conseqüentemente, para a descrição de diferentes gêneros textuais.

Nas três seções seguintes, exemplificamos e discutimos, então, cada um dos tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso com estatuto tópico nas três amostras de textos investigadas.

5.3 Tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em descrições

Como dissemos, nesta seção, ilustramos e discutimos cada tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em nossas DE. Contudo, antes de iniciarmos a análise de dados propriamente dita, apresentaremos o Gráfico 1, com vistas a retomar resultados de frequência e proporção de cada tipo de entidade semântica dos tópicos nas DE, em particular, e a facilitar a comparação da frequência de ocorrências de cada classe de entidades em relação às demais encontradas especialmente nesse material.

Gráfico 1 – Frequência e proporção de tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em DE



Fonte: Autoria própria.

Conforme ilustramos nas Tabelas 5 e 6 e agora também no Gráfico 1, em DE, a maioria dos objetos de discurso que se constituem como tópicos discursivos são entidades semânticas do tipo lugar. A partir do exemplo em (62), discutimos um tópico discursivo dessa categoria.

(62) **Tópico discursivo: Cômodos da casa da informante**

e também vô(u) falá(r) um po(u)quinho da **minha casa... minha casa...** éh:: há 1
quatro... quatro cômodos e o banhe(i)ro... éh::... na sala... tem/ há **dois sofá::...** éh:: 2
uma rack né? uma televisão:: um vídeo o/ um rádio... éh:: aí tem **o meu quarto** onde 3
eu durmo né?... tem **a cama de casal::...** **o guarda-ro(u)pa... a beli::che...** **uma** 4
cômoda tem **uma televisão...** também... aí há **o banhe::(i)ro né?...** é **um banhe(i)ro** 5
pe/ é gran::de assim:: éh do jeito assim éh:: bonito assim éh tem **vaso pia coisa** que todo 6
banhe(i)ro tem aí no **o(u)tro quarto da minha mãe** tem... **a ca::ma dela a/ a cômoda** 7
o guarda-ro(u)pa... né? aí também tem **a:: cozinha da minha ca::sa** que há **uma** 8
me::sa com seis cade::(i)ras... **um armá::rio...** **uma geladei::ra...** e há também **um** 9
fogão e a **pia...** ((vozes ao fundo)) 10

[BDI-AC-038; DE: L. 163-172; 4/9]

O SegT em (62) foi recortado do mesmo texto do caso em (50), DE em que o documentador pede à informante que descreva um lugar do qual se lembra e, a partir desse referente sugerido como tópico pelo documentador, a informante decide por descrever a sua cidade, focalizando diferentes lugares do município, como a sua casa e, mais especificamente, os cômodos desse local. É com base nessa relação referencial entre a fala do documentador e a da informante que se constrói centração acerca dos cômodos da casa da informante.

A concernência a respeito desse conjunto referencial focalizado pode ser observada, por exemplo, pela integração semântica entre lexemas como “casa”, “cômodos”, “banheiro”, “sala”, “quarto”, “outro quarto” e “cozinha”. Já a relevância do tópico é verificada pela observação da recorrência, ao longo de todo o SegT, de referentes que se relacionam tematicamente a cômodos da casa, como sugerem as passagens que destacamos em negrito no interior do SegT, as quais demonstram o foco textual-interativo desse trecho de DE. Tendo sido identificados os traços de concernência e relevância acerca do conjunto integrado de referentes sobre os cômodos da casa da informante, ele pode ser pontualizado na materialidade do texto, o que garante que o trecho da DE em que tal conjunto referencial se materializa possa ser reconhecido como um SegT.

No tocante à análise da entidade semântica do objeto de discurso que é tópico discursivo, entendemos que o tópico em (62) é um objeto de discurso do tipo lugar em razão de que o termo “cômodos”, que expressa o tópico, denota uma entidade dessa categoria, a qual reúne referentes conceptualizados como ambientes concretos, espaços que podem ser ocupados por indivíduos. Também foi possível chegar a essa categorização semântica porque observamos que a concernência é bastante construída pela integração de elementos textuais como “cômodos”, “banheiro”, “sala”, “quarto” e “cozinha”, todos entidades do tipo lugar. Assim, considerando a categoria semântica designada por esses elementos textuais e a integração entre eles, cria-se um

conjunto concernente de objetos de discurso que são do tipo lugar e, a partir da natureza semântica desses objetos, instaura-se um objeto de discurso que é tópico discursivo também da classe lugar. Logo, interpretamos que o tópico em (62) é um lugar porque o termo “cômodos”, que expressa o tópico, já denota uma entidade desse tipo e também porque diferentes objetos de discurso que constroem mais diretamente o conjunto referencial concernente são dessa mesma natureza semântica.

Em (63), reapresentamos um SegT da DE em (41), exemplificada na seção 3.2, para discutir mais um tópico que é do tipo lugar.

(63) **Tópico discursivo: Quartos da casa do rancho do informante**

aí nos quarto tem um quarto tem... uma cama de casal:: e uma... de solte(i)ro tal	1
com uma/ com... um guarda-ro(u)pa tal::... no o(u)tro tem... duas cama de casal...	2
o quarto é bem grande tem duas cama de casal:: do/ um quadro assim no meio um	3
quadro de Nossa Senho::ra... e é um quarto que tem um banhe(i)ro e tal... e::...	4
tem tam(b)ém uma... televisão o único quarto que tem televisão é esse que tem duas	5
camas de casal... e o o(u)tro quarto é um quarto mais simples só tem uma cama de	6
casal só é pequenininho... e tam(b)ém fala que é o quartinho lá porque guarda tudo a...	7
tranque(i)ragem guarda lá tudo... guarda separado...	8

[BDI-AC-019: DE: L. 60-67; 4/6]

Conforme mostramos em (41), o SegT em (63) integra uma DE em que o documentador pede ao informante que descreva seu rancho e, orientado por esse referente, da categoria semântica lugar e sugerido pelo documentador como tópico central da DE, o falante constrói diferentes tópicos discursivos que são da categoria lugar e se centram em algumas partes do rancho e da casa que lá foi construída, como o tópico *Quartos da casa do rancho do informante*.

A concernência acerca desse tópico discursivo pode ser constatada pela relação de integração semântica entre expressões linguísticas como “quarto”, “cama de casal”, “cama de solteiro”, “guarda-roupa”, “outro quarto” e “quartinho”, as quais circunscrevem um conjunto referencial em que a temática é os quartos da casa do rancho do informante. A relevância desse tópico, por sua vez, pode ser constatada, por exemplo, pela recorrência em diversos pontos do SegT de passagens que vão reconstruindo mais diretamente o objeto de discurso “quartos”, como “um quarto” (L. 1), “outro [quarto]” (L. 2), “o quarto” (L. 3), “outro quarto” (L. 6) e “quartinho”, nomes que explicitam o referente que é tópico. (L. 7). Identificados os traços de concernência e relevância a respeito do tópico *Quartos da casa do rancho do informante*, pontualizamos esse conjunto referencial na DE da qual faz parte, atribuindo estatuto de SegT ao fragmento de texto que o concretiza.

Nesse SegT em (63), consideramos que o objeto de discurso que é tópico discursivo é do tipo lugar porque o termo “quartos”, que expressa o tópico, denota essa categoria semântica, sendo um referente conceptualizado como um locativo, que pode ser ocupado por indivíduos. Ainda, essa classificação foi possível porque constatamos que expressões que mais diretamente demonstram a relevância temática do objeto de discurso “quartos”, como “quarto” e “quartinho”, construindo uma cadeia referencial relevante tematicamente acerca desse referente, designam a classe lugar. Então, a categoria semântica denotada por essas expressões bastante indicadoras da relevância tópica propicia a instauração de um objeto de discurso com estatuto de tópico discursivo que também é um locativo.

Para finalizar o trecho desta seção dedicado à exemplificação e discussão de tópicos discursivos que são do tipo lugar em DE e também já introduzir reflexões sobre tópicos que são indivíduos, dos quais nos ocuparemos logo na sequência, queremos comentar uma peculiaridade dos SegTs que concretizam tópicos discursivos dessas duas categorias semânticas em nossos dados. Conforme observamos, nos casos em que os objetos de discurso com estatuto tópico são de categorias semânticas que envolvem referentes ontologicamente caracterizados como concretos, como os das classes lugar e indivíduo, as passagens que mais diretamente explicitam o tópico discursivo são os sintagmas nominais, como acontece no exemplo em (62), em que a concernência e a relevância em relação ao tópico *Cômodos da casa da informante* são mais diretamente construídas por nomes como “cômodos”, “sala”, “banheiro”, “quarto” e “cozinha”, e também em (63), em que o tópico *Quartos da casa do rancho do informante* vai sendo indicado em grande proporção por nomes como “quarto” (diversas vezes), “cama de casal” e “televisão”. Essa indicação mais explícita do tópico discursivo por meio de sintagmas nominais nos casos em que os tópicos são entidades do tipo lugar ou indivíduo pode estar relacionada com a categoria da língua que codifica entidades dessas duas classes semânticas, as quais, conforme o Quadro 2, podem se exprimir somente por nomes, e não por nomes e orações, como se dá com os estados-de-coisas, proposições e atos de fala. Portanto, os tópicos discursivos que são ou lugar ou indivíduo são mais diretamente indicados por sintagmas nominais porque é apenas por meio dessa categoria da língua que se codificam entidades dessas duas classes semânticas.

O caso em (64), a seguir, serve-nos para ilustrar um tópico que é um indivíduo, bem como para mostrar como os sintagmas nominais explicitam de forma mais direta um tópico dessa natureza semântica.

(64) **Tópico discursivo: Pessoa de quem a informante gosta muito**

Doc.: agora eu queria que cê... fizesse uma descrição pra mim... descrevesse ou **uma** 1
peessoa::a ou um lugar:: um lugar que cê foi:: achô(u) interessan::te uma cida::de uma 2
 pra::ia... uma descrição de qualquer coisa 3
 Inf.: descrição?... uhm::... uma descrição... eu vô(u) descrevê(r) **uma pessoa que eu gosto** 4
muito... [Doc.: uhum ((concordando))...] precisa falá(r) o nome [ou só fala quando for 5
 precisá(r)?] 6
 Doc.: [não... (só o que cê pod/ acho que sempre)] 7
 Inf.: então éh::... **ela é uma pessoa assim muito amoro::sa...** eu conheci ((a filha da 8
 informante fala com terceiros)) eu conheci **ela...** quando eu tinha dezessete a::nos... **ela** 9
 foi **uma pessoa que me ajudô(u) mui::to... é uma pessoa assim que::... você conta as** 10
coisa pra ela ela consegue te entendê::(r) é uma pessoa que tem empati::a... também 11
uma pessoa que sempre me ajudô::(u)... **ela::... uma pessoa::...** como eu posso 12
 dizê(r)? de aparência até num é tão bela mas... é:: intimamente assim é **uma pessoa** 13
maravilhosa... **ela** tem a:: paciência de:: escutá::(r)... e também de te aconselhá(r) 14
 conforme você precise... né?... **ela** é:: é morena... tem **os olhos verdes...** morena não **loira** 15
 assim mas **o cabelo dela é castanho claro...** tem **os olhos verdes** é **branca...** mora aqui 16
 perto de mim e foi **uma pessoa muito importante na minha vida...** E... e mais assim é 17
uma pessoa excelente é muito amoro::sa... e:: é o que eu te falei **ela consegue::...** 18
entendê(r) ou quando a gente fala escu::ta... pra depois aconselhá(r) 19
 Doc.: uhum ((concordando))... 20

[BDI-AC-064: DE: L. 64-84; 1/4]

No SegT em (64), o primeiro de um conjunto de 4 SegTs mínimos da DE 064, o documentador pede à informante que faça uma descrição de uma pessoa ou um lugar, como vemos nas linhas 1-3, e com base na ativação desses referentes, a falante opta por descrever uma pessoa de que gosta muito, conforme anunciado na linha 4.⁵⁷

A centração acerca do tópico discursivo pode ser notada pela concernência estabelecida pela integração semântica entre passagens como “uma pessoa que eu gosto muito” (L. 4-5, que explicita o referente que é tópico), “uma pessoa assim muito amoro::sa” (L. 8), “uma pessoa que me ajudô(u) mui::to” (L. 10), “uma pessoa maravilhosa” (L. 13-14) e “uma pessoa muito importante na minha vida” (L. 17), as quais sugerem o tema “pessoa de quem a informante gosta muito”.

Quanto à relevância tópica, verificamos que o referente “pessoa” é reiterado durante todo SegT, o que acontece em trechos como nas linhas 4, 8, 10, 11, 12, 13, 17 e 18, pela própria

⁵⁷ Apesar de as linhas 1-7, em (64), serem dedicadas ao estabelecimento do tópico discursivo do SegT, não classificamos esse início de SegT como um SegT metadiscursivo separadamente porque não se tem aí a definição de um tópico mais geral, que será especificado por diferentes tópicos mais particulares no texto, como acontece em (39) a partir do referente “casa”. No caso da DE que recobre o SegT em (64), o único tópico centrado na pessoa descrita é este ora exemplificado, que vem seguido, na continuação da DE, por tópicos sobre uma praia e lugares onde a informante já morou. Portanto, conforme explicado na seção 3.2, os SegTs metadiscursivos aqui definidos dizem respeito aos casos em que a centração é voltada para o estabelecimento de um tópico amplo do texto (o central ou um supertópico), como em (39) e (40), tendo sido interpretados trechos como o das linhas 1-7 em (64) como unidades da estruturação interna de um SegT que são metadiscursivas, mas não chegam a se constituir como um SegT mínimo separadamente.

expressão “pessoa”, e nas linhas 8, 9, 11, 12, 14, 15 e 18, pelo pronome “ela”. Assim, a reiteração constante desse objeto de discurso indica a sua proeminência no ponto da DE delimitado em (64). Outro fator que sugere a relevância do tópico *Pessoa de quem a informante gosta muito* é os traços que recategorizam esse referente em proeminência, a exemplo de amorosa, maravilhosa, importante e empática, expressando o gosto da informante pela dada pessoa.

Ficando demarcada na DE a unidade textual concernente e relevante a respeito do objeto de discurso “pessoa de quem a informante gosta muito”, reconhecemos que esse referente se constitui como um tópico discursivo, que é indivíduo, categoria já dada como uma alternativa na fala do documentador que sugere o tópico no início do SegT: “agora eu queria que cê... fizesse uma descrição pra mim... descrevesse ou uma pesso::a ou um lugar::” (L. 1-2).

Como fizemos com os exemplos em (62) e (63), uma forma de justificar essa análise semântica é a identificação da categoria semântica denotada pelo termo que expressa o tópico discursivo, no caso, “pessoa”, que designa um indivíduo, referente ontologicamente caracterizado, por exemplo, como concreto, localizável no tempo e no espaço e passível de ser tocado. Também entendemos que tal classificação semântica é possível porque, na materialidade linguística do SegT, a relevância tópica é firmada por expressões que denotam entidades do tipo indivíduo, como “pessoa”, novamente, e “ela”, que estão presentes em toda a organização textual-interativa do SegT.

Conforme comentamos, nos SegTs que materializam tópicos discursivos que são do tipo indivíduo ou lugar, os trechos que evidenciam de forma mais direta o tópico são sintagmas nominais, como vemos em (64) com sintagmas como “uma pessoa que eu gosto muito” (L. 4-5), “uma pessoa que tem empatia” (L. 11), “uma pessoa maravilhosa” (L. 13-14) e “uma pessoa excelente” (L. 18). Desse modo, entendemos que a indicação mais explícita do tópico discursivo por meio de sintagmas nominais nos casos em que os tópicos são de um ou outro desses dois tipos semânticos pode ser assumida como uma característica de SegTs cujo tópico é ou um indivíduo ou um lugar, o pode ser que motivado pela forma como ambas as classes semânticas são codificadas na língua – somente por nomes.

Em (65), apresentamos mais um SegT que concretiza um tópico discursivo que é do tipo indivíduo.

(65) **Tópico discursivo: Árvores frutíferas do sítio do informante**

éh:: e as árvores frutíferas que eu tenho:: éh tamarindo manga... éh::... jabuticaba	1
acerola... éh::... pinha... fruta-do-conde... éh::... enfim várias o(u)tras árvores	2
frutíferas também tem... e algumas o(u)tras que estão em formação... que eu estô(u)	3
formando esse ano...	4

[BDI-AC-113; DE: L. 121-124; 5/8]

O SegT em questão foi recortado de uma DE em que o documentador pede ao informante que descreva um lugar em que ele gosta de passear e, seguindo essa orientação, o falante descreve suas duas propriedades rurais, sendo uma delas caracterizada pela presença de diferentes árvores frutíferas, como vemos em (65).

É possível constatar a constituição da centração a respeito do tópico *Árvores frutíferas do sítio do informante* pela interdependência entre passagens como “árvores frutíferas” (L. 1), “tamarindo” (L. 1), “jabuticaba” (L. 1), “acerola” (L. 2), “pinha” (L. 2) e fruta-do-conde” (L. 2), que são do campo conceitual “árvores frutíferas”, demarcando concernência tópica. Além disso, notamos que, desde o começo até o fim do SegT, são ativados diversos referentes relativos aos diferentes tipos de árvores que dão frutos no sítio, conforme destacamos em negrito no exemplo, o que vai recategorizando o objeto de discurso “árvores frutíferas do sítio” e demonstra a relevância desse objeto. Permitindo a concernência e a relevância tópica identificarem uma unidade textual coesa e coerente sobre um conjunto de referentes, delimitamos o trecho da DE em que o tópico em (65) se concretiza e assumimos que o objeto de discurso “árvores frutíferas do sítio do informante” pode ser visto como um tópico discursivo.

Quanto à classificação desse tópico como do tipo indivíduo, entendemos que ela é justificável porque o termo “árvores frutíferas”, que expressa o tópico, designa a classe semântica indivíduo. Essa mesma categoria é denotada por termos que constituem o próprio SegT e firmam concernência a respeito de um conjunto referencial integrado sobre as árvores frutíferas do sítio, a exemplo de “tamarindo”, “manga”, “acerola” e “pinha”, referentes caracterizados em si mesmos como observáveis publicamente, localizáveis no tempo e no espaço, concretos e que são avaliados pela sua existência. Portanto, como o SegT é constituído de várias expressões que denotam entidades do tipo indivíduo, permitindo, inclusive, nomear o tópico com um termo nuclear dessa categoria, cria-se um objeto de discurso que adquire centração tópica que é também da classe dos indivíduos.

Em (66), na sequência, ilustramos um SegT que tem como tópico um estado de coisas, terceira classe de entidades mais frequente nos tópicos identificados em DE.

(66) **Tópico discursivo: Mudanças feitas pelo informante em sua propriedade rural**

Doc.: e naquela... quando o senhor ganhô(u) ela trinta anos atrás que o senhor falô(u)...	1
ela era diferente assim?... e como que ela era antes se ela era diferente?	2
Inf.: não diferente não era a mesma propriedade... só que na época que eu recebi era	3
pastagem... aí eu a transformei... num:: num num... num plantio de laranja manga	4
café... e depois voltô(u) a pastagem... lógico... tinha um curral velho:: de... pau de/	5
de/ de made(i)ra de aroe(i)ra em pé... éh que eu tirei... hoje existe um o(u)tro	6
curral... a casa... só existia uma casa aí eu reformei... fiz a casinha do... case(i)ro...	7
éh::... enfim fiz sim mudanças... éh mais nesse sentido... fiz essa represa que eu disse	8
anteriormente... éh::... as mudanças... foram essas... que houveram na propriedade	9

[BDI-AC-113; DE: L. 141-149; 8/8]

O SegT em (66) faz parte da mesma DE do exemplo em (65), na qual o informante focaliza suas duas propriedades rurais. Nesse SegT em especial, é possível compreender que o foco da interação recai sobre as mudanças que o falante realizou em uma dessas propriedades, o que é motivado pela pergunta do documentador que introduz o tópico nas linhas 1-2.

Observamos a concernência na construção desse tópico pela associação semântica entre passagens como “eu a transformei... num:: num num... num plantio de laranja manga café” (L. 4-5), “voltô(u) a pastagem” (L. 5), “tinha um curral velho:: de... pau de/ de/ de made(i)ra de aroe(i)ra em pé... éh que eu tirei” (L. 5-6) e “fiz essa represa” (L. 8), as quais circunscrevem o tema “mudanças na propriedade”. Além disso, podemos verificar a relevância do tópico pela constatação da recorrência de elementos textuais que, durante todo o SegT, vão construindo o objeto de discurso “mudanças na propriedade”, a exemplo de todos aqueles que destacamos em negrito e, em especial, dos trechos “ela era diferente assim?... e como que ela era antes se ela era diferente?” (L. 2, na fala do documentador que abre o tópico) e “enfim fiz sim mudanças... éh mais nesse sentido... [...] éh::... as mudanças... foram essas... que houveram na propriedade” (L. 8-9, na fala do informante que fecha o tópico), projetando como focal o conjunto referencial concernente sobre as transformações no local.⁵⁸

Conforme, então, a identificação dos traços de concernência e relevância, pontualizamos, na DE, o SegT que materializa o tópico em (66), chamando-o de *Mudanças feitas pelo informante em sua propriedade rural*. Baseados nessa análise tópica, assumimos que o tópico em (66) é uma entidade do tipo estado-de-coisas, haja vista que o termo “mudanças” denota essa categoria semântica, que abarca referentes que podem ser caracterizados

⁵⁸ Nesse SegT em (66), o nome “mudanças”, presente nas linhas 8-9, pode, inclusive, ser visto como um encapsulador anafórico que resume tudo o que vinha sendo dito no SegT e explicita o referente com estatuto tópico.

ontologicamente como acontecimentos que ocorrem, podem ser testemunhados e têm determinada duração em um período de tempo.

Também é possível classificar o tópico em (66) como um estado-de-coisas porque notamos um conjunto concernente de excertos que designam estados-de-coisas e contribuem relevantemente para o recorte temático relativo a “mudanças na propriedade”, como “eu a transformei... num:: num num... num plantio de laranja manga café” (L. 4-5), “só existia uma casa aí eu reformei” (L. 7), “fiz a casinha do... case(i)ro” (L. 7), “fiz sim mudanças” (L. 8) e “fiz essa represa” (L. 8). Tais excertos denotam estados-de-coisas porque expressam ações, acontecimentos que ocorreram em algum momento do tempo e em algum lugar, sendo passíveis, portanto, de serem avaliados pela sua realização. Assim, podemos dizer, por exemplo, que a construção da casinha do caseiro aconteceu no período de um mês e que esse evento ocorreu no sítio do informante. Nesse contexto, o tópico em (66) é uma entidade de segunda ordem porque excertos como esses, que evidenciam a concernência tópica, já denotam estados-de-coisas, criando condições para a emergência de um objeto de discurso com estatuto tópico que é dessa mesma ordem semântica.

A partir do exemplo em (67), parte da DE apresentada em (4), discutimos um segundo tópico que é um estado-de-coisas em DE.

(67) **Tópico discursivo: Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial**

é um jipe que foi:: usado na::... na segunda guerra mundial... ele é um po(u)co mais 1
moderno um po(u)co mais novo né?... do que do o usado na segunda guerra mundial 2
mas ele é basicamente a mesma coisa... ele é/ a aparên::cia... e até:: a mecâ::nica dele 3
é praticamente igual ao usado na guerra né? na segunda guerra mundial... 4

[BDI-AC-049: DE: L. 116-120; 2/13]

Como mostramos no exemplo em (4), na seção 2.4, na DE que recobre o SegT em (67), o documentador pede ao informante que descreva o seu jipe e, atendendo a esse tópico central do texto definido pelo documentador, o falante descreve diferentes partes do carro e também trata da semelhança do veículo com outros do modelo usados na II Guerra Mundial, o que é foco da interação no exemplo ora em análise.

É possível verificar a construção do tópico *Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial* pela observação dos trechos do SegT que destacamos em negrito, os quais mostram um conjunto de enunciados integrados tematicamente que delimitam o tema “semelhança do jipe com aqueles usados na II Guerra”. Também notamos a manutenção do referente “jipe” em toda a estrutura do SegT, o que ocorre principalmente pelo pronome “ele”,

como vemos nas linhas 1 e 3, demonstrando a posição focal assumida por esse objeto de discurso nesse excerto da DE. Além disso, a comparação do jipe do falante com os usados na guerra, atribuindo ao carro do informante um aspecto ligeiramente mais novo do que os outros, nas linhas 1-2, e marcando uma condição de igualdade na aparência e mecânica dos carros, nas linhas 3-4, evidencia a relevância do tópico *Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial*.

Considerando essa análise tópica, assumimos que o tópico em (67) é um estado-de-coisas porque o termo “semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial” designa uma entidade de segunda ordem, uma vez que pode ser considerado em si mesmo como um estado (ser semelhante), testemunhável e que pode ter uma duração temporal demarcada. Ainda, essa categorização semântica foi possível porque interpretamos que algumas passagens linguísticas em foco, que mais evidenciam de forma direta a construção do tópico, já denotam um estado-de-coisas, como fazem os excertos “ele é basicamente a mesma coisa” (L. 3) e “a aparê::cia... e até:: a mecâ::nica dele é praticamente igual ao usado na guerra né?” (L. 3-4). Sendo assim, é possível depreender que essas passagens expressam um estado, um modo de ser do jipe (o seu modo semelhante relativamente aos carros usados na II Guerra), o qual pode ser observável, pontualizado no tempo e avaliado em termos de sua realização, o que nos permite dizer, por exemplo, que a semelhança entre os carros se dá desde que foram criados e que a podemos constatar colocando os jipes lado a lado. Em suma, classificamos o tópico em (67) como um estado-de-coisas porque entendemos que o próprio termo que nomeia o tópico denota essa classe semântica, além de considerarmos que alguns fragmentos textuais que mais diretamente explicitam o tópico discursivo também designam estados-de-coisas, o que seria um indício, portanto, da categoria semântica do objeto de discurso tematicamente em foco.

Passamos, agora, à análise de um tópico discursivo que é do tipo propriedade, classe semântica menos recorrente em DE.

(68) **Tópico discursivo: Tonalidade do acabamento da casa do informante**

e:: no nos quarto também TUdo cla::ro nas duas salas já é um po(u)co mais escuro	1
Doc.: ah nos quarto também é cla::ro	2
Inf.: é:: é claro ...[Doc.: hum::] e são todos enverniza::dos portas... made(i)ra aqui tudo	3
de cereje(i)ra clara ... [Doc.: hum::]	4

[BDI-AC-139: DE: L. 258-262; 8/11]

O SegT em (68) compõe a mesma DE do caso em (58), na qual o documentador pede ao informante que descreva a casa onde mora e, com base nesse referente ativado pelo

entrevistador, são construídos tópicos centrados, por exemplo, em diferentes cômodos do lugar e também em propriedades perceptuais da resistência, como ocorre em (68).

É possível inferir o referente com estatuto tópico a partir da concernência entre trechos como “nos quarto também TUdo cla::ro” (L. 1), “nas duas salas já é um po(u)co mais escuro” (L. 1), “nos quarto também é cla::ro” (L. 2) e “cereje(i)ra clara” (L. 4), presentes tanto na fala do informante quanto na do documentador, circunscrevendo interativamente o tema “tonalidade do acabamento da casa”. Também se pode identificar tal tópico discursivo pela observação da saliência, no SegT, dos elementos “escuro” e “claro”, estando este último presente em diversos pontos desse segmento de DE. Assim, emerge um objeto de discurso com estatuto tópico que pode ser chamado de *Tonalidade do acabamento da casa do informante* e que é do tipo propriedade porque o termo “tonalidade” designa essa classe semântica, expressando uma propriedade perceptual da casa. Além disso, na materialidade do SegT, verificamos que a centração vai sendo mais diretamente evidenciada por termos como “claro” e “escuro”, os quais também denotam a categoria semântica propriedade.

Vejamos mais um tópico que é uma propriedade em DE.

(69) **Tópico discursivo: Tamanho da casa do informante**

minha casa era pequena... dois quarto sala e cozinha... ho::je ela tem três	1
dormitório duas sala... cozinha... uma área grande na frente uma área grande no	2
fundo com mais um... com mais um/ dorm/ um:: um quartinho de despejo no fundo	3
e um banhe(i)ro no fundo...	4

[BDI-AC-139; DE: L. 211-214; 2/11]

Assim como os casos em (58) e (68), o SegT em (69) também integra aquela DE em que o informante é orientado pelo documentador a descrever a sua casa, o que faz com que, no ponto da DE delimitado em (69), o falante construa centração acerca do tamanho da casa.

No interior do SegT ora em análise, não verificamos a presença explícita do objeto de discurso identificado como tópico. Mesmo assim, podemos inferir o referente que é tópico discursivo pela relação de interdependência semântica entre lexemas como “quarto”, “dormitório”, “área”, “banheiro” e “quartinho”, que delimitam o tema “casa”. Outro fator que colabora para a identificação do tópico é a recorrência, ao longo da extensão textual-interativa do SegT, dos numerais que quantificam o número de cômodos do domicílio, colocando em relevância o objeto de discurso “tamanho da casa”. Ainda, nota-se o contraste entre as dimensões da casa no passado e atualmente, conforme sugerem os trechos “minha casa era

pequena” (L. 1) e “ho::je ela tem...” (L. 1), o que também colabora para a instauração do tópico *Tamanho da casa do informante*.

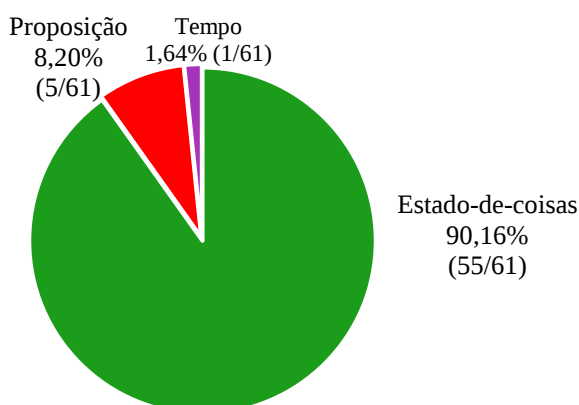
Conforme essa análise tópica, entendemos que o tópico em (69) é do tipo semântico propriedade porque o termo “tamanho” designa essa categoria de entidades, expressando uma propriedade perceptual de um referente de outra classe semântica, o referente “casa”, conceptualizado como lugar. Cumpre explicar que, nesse SegT em especial, nossa análise semântica foi baseada sobremaneira na categoria de entidades semânticas denotada pelo termo que permite expressar o tópico, haja vista o procedimento de reconhecimento do referente com estatuto tópico – inferência –, o que, de certa forma, pode dificultar a distinção da classe semântica do tópico discursivo pela apuração do tipo semântico designado por termos que mais evidenciam o tópico no interior do SegT.

Discutidos, então, os tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos em DE, passamos à discussão da classe semântica dos tópicos em NE.

5.4 Tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em narrativas de experiência

Antes de exemplificarmos e discutirmos, nesta seção, os tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso com estatuto tópico em NE, retomamos, a partir do Gráfico 2, os dados quantitativos sobre essas análises apresentadas nas Tabelas 5 e 7, exibindo, agora, a frequência e a proporção de ocorrências de cada tipo de entidade identificada particularmente nesse tipo de amostra linguística.

Gráfico 2 – Frequência e proporção de tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em NE



Fonte: Autoria própria.

Conforme demonstramos nas Tabelas 5 e 7 e também no Gráfico 2, nas NE, os objetos de discurso que são tópicos discursivos podem ser entidades semânticas dos tipos estado-de-coisas, proposição ou tempo, com grande predomínio de tópicos que são estados-de-coisas. A partir de (70), discutimos um tópico que é da categoria predominate nas NE.

(70) **Tópico discursivo: Atividades da informante depois de sua chegada ao Termas de Olímpia**

chegan(d)o no clube... eu passei pela portaria	e meu tio estacionô(u) o carro... no clube	1
eu de(i)xei as coisas c'a minha tia	porque eu estava super ansiosa para para pulá(r) no	2
na pi/ na pi/ na piscina... eu fui no tobogã:: na bolha gigan::te... éh::...	no trepa-trepa	3
e um monte de out/ de o(u)tros brinquedos...	ái eu fu/ éh:: aí chegô(u) a hora do	4
almoço... eu comi uma pi/ uma mini-pizza e bebi uma Coca-Cola... brinquei mais um		5
po(u)co	chegô(u) a hor/ chegô(u) a hora de ir embora...	6

[BDI-AC-008: NE: L. 13-18; 3/6]

O SegT em (70) faz parte da mesma NE dos casos em (55) e (59), na qual o documentador, na pergunta orientadora do tópico central do texto, diz à informante que gostaria de saber se ela fez alguma viagem, e a falante contesta dizendo que foi a um parque aquático da cidade de Olímpia. Então, no processo de referenciação textual-interativo envolvendo tanto a fala do documentador quanto a da informante, define-se *Viagem ao Termas de Olímpia* como tópico global da NE, ao qual o tópico em (70) está diretamente subordinado.

Nesse SegT, é possível reconhecer que a centração é relativa às atividades que a informante fez depois que chegou ao clube. Podemos verificar essa centração principalmente pela concernência entre trechos como “eu passei pela portaria” (L. 1), “eu fui no tobogã” (L. 3), “eu comi uma pi/ uma mini-pizza e bebi uma Coca-Cola” (L. 5) e “brinquei mais um pouco” (L. 5-6), os quais delimitam o campo semântico “atividades no Termas”. Também pode-se atestar a centração no tópico identificado pela distinção dos temas sentenciais, que, muitas vezes, categorizam objeto de discurso “informante”, colocando-o em proeminência, e, conectados a esses temas, estão remas que salientam a dominância do tema “atividades depois da chegada ao Termas”, a exemplo dos enunciados em negrito, que especificam, em toda a estrutura interna do SegT, quais ações a falante realizou no local. Desse modo, podemos nomear o tópico desse SegT de *Atividades da informante depois de sua chegada ao Termas de Olímpia*.

Partindo, pois, dessa análise tópica, interpretamos que esse tópico discursivo é uma entidade do tipo estado-de-coisas porque o termo “atividades” denota a realização de estados-de-coisas, já que diz respeito a eventos que podem ser testemunhados, pontualizados em um intervalo de tempo e avaliados pela sua realização. Além disso, a concernência desse caso se dá principalmente pela integração entre trechos do texto que expressam ações, atividades da

informante depois que chegou ao mencionado clube, como a passagem pela portaria, a ida a brinquedos e o consumo de um alimento e de uma bebida, ações que podem ser testemunhadas e localizadas em algum momento do tempo (por exemplo, na hora do almoço, às 12h, a informante comeu uma mini pizza e bebeu uma Coca-Cola). Ainda, todo o conjunto de ações concernente entre si pode ser avaliado em termos de seu estatuto de realidade, já que ocorre em um lugar específico (no Termas de Olímpia) e em um intervalo do tempo (durante um dia de passeio). Então, como a concernência é baseada sobretudo em passagens que expressam ações da informante, as quais podem ser testemunhadas e avaliadas por seu estatuto de realidade, constroem-se diferentes objetos de discurso que são da classe dos estados-de-coisas (a passagem pela portaria, a ida a brinquedos). A partir disso, emerge um objeto de discurso com estatuto tópico que também é uma entidade semântica do tipo estado-de-coisas.

É, portanto, identificando a classe semântica designada pelo termo “atividades” e observando que a concernência é fundamentalmente baseada em fragmentos textuais que designam entidades de segunda ordem que classificamos o tópico desse caso como um estado-de-coisas, classe semântica que, aliás, é motivada pela fala do documentador, no início da NE, que diz à informante que gostaria de saber se ela já fez alguma viagem. Assim, considerando que o termo “viagem” também denota um estado-de-coisas e *Viagem ao Termas de Olímpia* é o tópico central da NE de que faz parte o SegT em (70), a classe semântica desse referente introduzido pelo documentador direciona a construção de outros referentes com estatuto tópico que também são do tipo estado-de-coisas, como o tópico *Atividades da informante depois de sua chegada ao Termas de Olímpia*.

Aproveitamos ainda o SegT em (70) para destacar uma característica de SegTs cujos tópicos discursivos são entidades semânticas da classe estado-de-coisas em nossos dados. Se, por um lado, observamos que, nos casos em que os tópicos são ou do tipo indivíduo ou do tipo lugar, os sintagmas nominais ganham relevante destaque na construção da concernência e da relevância, expressando o tópico mais diretamente, conforme discutimos na seção 5.3, por outro lado, nos SegTs em que o tópico é um estado-de-coisas, categoria semântica codificada na língua por nomes ou por orações (cf. Quadro 2), os trechos do SegT que vão mais diretamente sugerindo o tópico discursivo envolvem mais predicções. É o que vemos em (70) com predicções como “eu passei pela portaria” (L. 1), “eu fui no tobogã” (L. 3) e “eu comi uma mini-pizza” (L. 5), que poderiam ter sido materializados no SegT por meio de nomes como “passagem pela portaria”, “ida ao tobogã” e “ingestão de uma mini-pizza”, os quais, da mesma forma como tais predicções, também designam estados-de-coisas. Portanto, em nosso *corpus*, é admissível dizer que há uma correlação entre o tipo de entidade semântica de um objeto de

discurso que é tópico e a categoria da língua (nomes ou predicacões) dos trechos do SegT que mais diretamente indicam o tópico discursivo, sendo os tópicos que são ou um indivíduo ou um lugar expressos de maneira mais direta por nomes, e os tópicos que são estados-de-coisas bastante indicados por predicacões.

O SegT em (71) exemplifica mais um SegT cujo objeto de discurso que se configura como tópico é uma entidade do tipo estado-de-coisas em uma NE.

(71) **Tópico discursivo: Conversão da informante e do marido em testemunhas de Jeová**

depois eu/ depois quando a C. nasceu:... depois de:... um a::no um ano e pouquinho	1
nem isso... aí/ nós começamo(s) a estudá(r) a Bíblia também... aí nós começamo(s)...	2
freqüentá(r) o Salão do Rei::no né?... começamo(s) também:... í(r) nas reuniõ::es	3
e aí depois no/ nós (nos) batiza::mo(s) aí tem a prime(i)ra comunhão depois... nos	4
tornamos Testemunhas de Jeová::... e agora levamo(s) as fi::lhas né? também	5
[BDI-AC-064: NE: L. 14-18; 3/4]	

A NE que recobre o SegT em (71) se inicia com o documentador pedindo à informante que conte uma história que a tenha marcado muito e, motivada por esse referente ativado pelo documentador, a informante narra, por exemplo, o processo de conversão dela e do marido em testemunhas de Jeová, tópico da interação no ponto da NE apresentado em (71).

A concernência a respeito desse tópico pode ser constatada a partir da integração entre enunciados como “nós começamo(s) a estudá(r) a Bíblia” (L. 2), “nós começamo(s)... freqüentá(r) o Salão do Rei::no” (L. 2-3), “ir nas reuniões” (L. 3), “nós (nos) batiza::mo(s)” (L. 4), “a primeira comunhão” (L. 4) e “nos tornamos Testemunhas de Jeová::” (L. 4-5), que promovem um recorte semântico a respeito do tema “conversão em testemunhas de Jeová”. Já a relevância do tópico pode ser atestada pela observação dos temas sentenciais, que recategorizam os objetos de discurso “informante” e “marido” ao longo do SegT, demonstrando sua proeminência, e também dos remas, que colocam em foco as atividades sequenciais pelas quais passou o casal até a conversão: o estudo da Bíblia, a frequência ao Salão do Reino e às reuniões, a primeira comunhão e o batismo. Considerando, pois, a concernência e a relevância dos elementos textuais em (71), reconhecemos esse trecho de texto como um SegT, identificando o seu tópico como *Conversão da informante e do marido em testemunhas de Jeová*. Esse tópico é um estado-de-coisas porque o termo “conversão”, que expressa o tópico, denota entidades dessa categoria semântica, dado que expressa um processo que ocorreu em um certo período do tempo, podendo ser avaliado pela sua realização.

Outro fator que nos levou a essa classificação semântica foi a observação da instauração da concernência sobremaneira por meio de trechos do SegT que designam um episódio formado

por diferentes estados-de-coisas, como “nós começamo(s) a estudá(r) a Bíblia” (L. 2), “nós começamo(s)... freqüentá(r) o Salão do Rei::no” (L. 2-3), “começamo(s) também::... í(r) nas reuniô::es” (L. 3), “nós (nos) batiza::mo(s)” (L. 4) e “nos tornamos Testemunhas de Jeová::” (L. 4-5), os quais exprimem uma sequência de eventos que podem ser testemunhados, localizados em algum momento do tempo (no caso, depois do nascimento da filha C.) e também do espaço (podemos interpretar, por exemplo, que o batismo ocorreu no Salão do Reino), sendo passíveis de serem avaliados pelo seu estatuto de realidade. Assim, considerando a classe semântica designada por trechos que fundamentalmente demarcam o conjunto referencial concernente em foco, instala-se um objeto de discurso tematicamente abrangente no SegT, com estatuto de tópico discursivo, que é uma entidade do tipo estado-de-coisas, uma vez que diz respeito a um processo pelo qual a informante e o marido passaram (a conversão a testemunhas de Jeová), o qual também pode ser avaliado pela sua realização.

Portanto, além de termos considerado a própria categoria semântica designada pelo termo “conversão”, classificamos o caso em (71) como uma entidade de segunda ordem porque as passagens que mais destacam o conjunto referencial em foco designam estados de coisas, favorecendo, por conseguinte, a criação de um objeto de discurso com estatuto tópico da mesma categoria.

Dando continuidade à nossa discussão de dados, exemplificamos, em (72), um SegT em que o tópico discursivo é uma proposição, segunda categoria mais identificada nos tópicos nas NE.

(72) **Tópico discursivo: Possibilidade de retardação da gravidez da informante caso o pai não tivesse se separado da mãe**

Doc.: e:: essa separação do seu pai e da sua mãe tem alguma relação de assim de você	1
tê(r) engravidado tão nova?	2
Inf.: eu acho que não... ma/... ah se tem alguma coisa a vê(r) né?... AH TEM tem muito a	3
vê(r) porque aconteceu o seguinte meu PAI... éh foi embo::ra então até que ele tava aqui	4
eu apesar/ eu era uma meni::na... mas o que que acontecia? eu tinha me::do... PAI sempre	5
é mai/ éh num sei alguns são mais rigoroso então eu tinha me::do eu num saía de ca::sa...	6
eu eu era assim só ficava atrás dele aí o que aconteceu? ele foi embo::ra... o tempo	7
passô::(u) eu amadureci:: fiquei moci::nha... aí comecei saí(r)... COIsa que se ele tivesse	8
aqui talvez ele teria me segura::do um po(u)co mais... e eu já a/ obedecê(r) minha mãe	9
eu já não obedeCia eu/ eu ia eu queria saí(r) eu saí::a... e com ele não eu acho que se ele	10
tivesse fica::do aqui::... éh que nem quan/ quando ele so(u)be que eu estava grávida ele	11
éh ele/ minha mãe falô(u) pra ele – “porque que você não ficô(u) aqui pa ajuDÁ(r) eu	12
criá(r) seus filhos até eles cresce/ eles crescesse mais?” – então acho que se ele tivesse	13
ficado aqui eu não teria talVEZ engravidado tão RÁpido como foi porque eu tinha	14
quatorze ano eu ainda era:: uma menina né? num tinha juízo nenhum... e aí:: eu acho eu	15
acho que também por isso porque::... eu acho éh:: se ele tivesse ficado aqui talvez teria	16
evitado... mas... éh:: ele acabô(u) in(d)o embo::ra né?... e eu::/ aí já comecei saí(r) eu	17

acho que a reVOLta também:: né? porque eu fiquei revoltada... e foi onde eu comecei 18
 fazê(r) coisas erradas e acabei... ten(d)o a minha/ os meus/ a minha/ o meu filho antes da 19
 hora... -- pode continuá(r)? [Doc.: ((acena que sim))--... 20

[BDI-AC-038: NE: L. 33-52; 5/8]

O SegT em (72) integra a mesma NE parcialmente exemplificada em (40), na seção 3.2, em que o documentador, na pergunta introdutora do tópico discursivo central do texto, questiona a informante sobre a ocorrência de algum fato familiar de que ela se lembra e tenha participado e, em resposta à fala do documentador, a informante interativamente ativa o referente “separação dos pais”, que se estabelece como um dos supertópicos da NE, ao qual o tópico discursivo em (72) está hierarquicamente subordinado.

Sobre a instauração desse tópico, com uma pergunta por parte do entrevistador, nas linhas 1-2, em uma relação referencial com a fala da informante que linearmente vinha desenvolvendo outros tópicos discursivos hierarquicamente subordinados ao supertópico *Separação dos pais* (cf. ex. 40), a centração acerca do tópico em (72) começa a se constituir, colocando como foco da interação a possibilidade de a informante não ter engravidado na adolescência caso a separação dos seus pais não tivesse ocorrido ainda na sua infância.

A concernência a respeito do tópico em questão pode ser verificada pela relação de interdependência semântica entre, especialmente, os trechos em negrito, que demarcam a temática da possível gravidez mais tardia se a separação não tivesse ocorrido. Além dessa integração entre os trechos em destaque, auxilia-nos na identificação do tópico a reiteração da ideia “se o pai tivesse ficado [em casa, casado com a mãe], a informante não teria engravidado tão cedo”, que pode ser depreendida a partir das passagens em destaque nas linhas 8-9, 10-11, 13-14 e 16-17, colocando em relevância o tópico *Possibilidade de retardação da gravidez da informante caso o pai não tivesse se separado da mãe*. Desse modo, baseados na identificação dos traços de concernência e relevância tópica, identificamos o trecho em (72) como um SegT.

Analisando a classe semântica desse tópico discursivo, apuramos que ele é uma proposição em virtude de que o termo “possibilidade”, que o expressa, denota essa categoria, ou seja, diz respeito a um construto mental, relativo a um mundo imaginário, não-factual, tratando a informante de uma realidade que apenas potencialmente poderia ter sido concretizada.

Além da classe semântica designada por “possibilidade”, observamos que segmentos textuais que vão mais diretamente construindo o tópico, como aqueles destacados em negrito no interior do SegT, denotam proposições, expressando um construto mental da informante, o qual não pode ser localizado nem no tempo, nem no espaço e é passível de ser avaliado pelo

seu valor de verdade, podendo ser verdadeiro ou falso. Assim, podemos entender a partir, por exemplo, do trecho “então acho que se ele tivesse ficado aqui eu não teria talVEZ engravidado tão Rápido” (L. 13-14) que a possibilidade da gravidez mais tardia da informante é algo que só existe na mente dela, um julgamento que ela mesma faz sobre uma realidade potencial, que poderia ser negada por algo como a realização da gravidez mesmo com a presença do pai em casa durante a adolescência da jovem.

A partir dessas passagens linguísticas que designam entidades de terceira ordem e mais evidenciam o tópico discursivo, instaura-se um objeto de discurso, com estatuto tópico, que tem a mesma natureza semântica das entidades designadas pelos trechos que mais demonstram o foco textual-interativo. Ainda, a classificação do tópico em (72) como uma proposição pode ser sustentada pela ocorrência de expressões epistêmicas que marcam a conjectura da informante, como “eu acho que...” (L. 10, 13, 16) e o advérbio “talvez” (L. 9, 14 e 16), indicando uma atitude proposicional (no caso, de dúvida) em relação à possibilidade de ocorrência de um estado-de-coisas não verdadeiro (a gravidez tardia).

Portanto, levando em conta que “possibilidade” designa uma proposição e que o tópico é construído de forma mais direta por trechos que também denotam essa categoria, classificamos o tópico em (72) como uma proposição, categorização reafirmada pela possibilidade de essa proposição poder ser avaliada em termos de atitude proposicional, mostrando a incerteza da falante acerca de um mundo hipotético construído em sua mente.

Nesta seção, já comentamos que os sintagmas nominais ganham destaque, no interior do SegT, na expressão de tópicos dos tipos lugar e indivíduo e que as predicações são a categoria da língua que mais diretamente indicam o tópico quando este é uma entidade da ordem dos estados-de-coisas. Com relação a tópicos que são proposições, também notamos que a maioria dos trechos do SegT que mais expressam diretamente o tópico discursivo compreende predicações, como vemos a partir das passagens em negrito no caso em (72). É desse modo, então, que reafirmamos ser admissível assumir, em nossos dados, uma correlação entre entidade semântica de um tópico discursivo e a categoria da língua (nome ou predicação) que mais diretamente remete ao tópico na materialidade do SegT, de modo que, quando o tópico é ou um estado-de-coisas ou uma proposição, as predicações indicam, de forma mais explícita, o tópico e, nas ocorrências em que o tópico é ou um lugar ou um indivíduo, são os sintagmas nominais que cumprem esse papel, o que pode ser explicado, conforme dissemos, pela categoria da língua que codifica as classes de entidades semânticas dos referentes, segundo demonstra o Quadro 2.

Seguindo a discussão sobre as entidades semânticas dos tópicos discursivos nas NE, apresentamos, em (73), outro SegT cujo tópico também é uma proposição.

(73) **Tópico discursivo: Expectativa da mãe de que a informante não ficaria grávida**

e começando que a minha mãe não ficava grávida... minha mãe se casô(u)... demorô(u) 1
 uns... ficô(u) dois anos sem tê(r)... engravidá(r)... aí ela precisô(u) fazê(r) nove::na... 2
 promessa um monte de coisa pa tê(r) filho... aí quando eu cresci **ela sempre falava pra** 3
mim que eu num ia criÁ(r).. porque como ela num num num cria::va eu também num 4
 ia tê(r) filho... aí foi eu me casei aí a gente nem... num tomei comprimido na época nada 5
 porque.... **ela sempre falava que eu num ia ficá(r) grávida... que eu num ia ficá(r)** 6
grávida ((fala rindo))... que eu num ia tê(r) filho e tal... 7

[BDI-AC-102: NE: L. 7-13; 2/9]

Assim como os exemplos em (49), (61a) e (61b), o SegT em (73) compõe a NE em que o documentador pede à informante que conte uma história que tenha acontecido com ela e, ancorada nesse referente, a mulher escolhe por narrar a gravidez dos seus três filhos, tópico central sobre o qual se concentra a NE.

Particularmente no SegT (73), é possível interpretar que a centração é a respeito da expectativa da mãe de que a informante não ficaria grávida. A relação de interdependência entre os elementos textuais que promovem a integração desses elementos em um conjunto específico de objetos de discurso pode ser notada pela associação semântica estabelecida entre trechos como “ela sempre falava pra mim que eu num ia criÁ(r)” (L. 3-4) e “ela sempre falava que eu num ia ficá(r) grávida... que eu num ia ficá(r) grávida ((fala rindo))... que eu num ia tê(r) filho” (L. 6-7), que marcam a concernência acerca da expectativa da mãe de que a informante não conseguiria engravidar.

Já a relevância do tópico discursivo pode ser verificada pela recorrência da fala da mãe a respeito de que a informante não ficaria grávida, presente nos trechos destacados em negrito, que constituem uma espécie de paráfrase um do outro, destacando a proeminência dessa informação, que, inclusive, fecha o tópico discursivo. Fundamentados na integração e na saliência desses elementos textuais, localizamos o conjunto referencial sobre a expectativa da mãe de que a informante não ficaria grávida na NE da qual faz parte, entendendo justamente essa expectativa como o tópico discursivo do SegT.

Considerando essa análise tópica, classificamos o tópico em (73) como uma proposição porque o termo “expectativa”, como utilizamos para expressar o tópico, denota esse tipo de entidade, no sentido de que expressa um construto mental, uma projeção da mãe da informante de um mundo não-factual.

Ainda, observando as passagens que constroem o tópico de forma mais direta, evidenciando o conjunto referencial concernente, verificamos que os segmentos textuais em negrito nas linhas 3-4 e 6-7 expressam uma crença da mãe da informante sobre o que viria a ser

o futuro da filha, um construto mental da mãe que só existe na própria mente dela e que sustenta a construção de mundo imaginário para a filha, o qual pode ser negado, por exemplo, com uma gravidez da informante. Esse contexto propicia, então, a emergência de um objeto de discurso com estatuto tópico que também diz respeito a um construto mental, podendo, portanto, ser classificado como uma entidade da ordem das proposições.

Encaminhando o fim da discussão sobre as entidades semânticas dos tópicos discursivos nas NE, discutimos, com base em (74), o único caso identificado em nosso material em que o tópico é uma entidade do tipo tempo.

(74) **Tópico discursivo: Período de trabalho do informante na C.P.F.L.**

ma::s... esse período que eu tive na companhia então eu tive MUita experiência fiz	1
MUita amizade conheci MUita gente	2
Doc.: quantos anos o senhor ficô(u) lá?	3
Inf.: eu fiquei na paulista... vinte e nove anos	4
Doc.: vinte nove [anos?]	5
Inf.: [vinte] nove anos só na C.P.F.L.... só na C.P.F.L. foi vinte no::ve... viajando:: vinte	6
nove acredito que uns vinte e seis anos só de viagem	7

[BDI-AC-139: NE: L. 82-88; 8/10]

No contexto da NE 139, em resposta ao pedido do documentador de que contasse uma história que tivesse acontecido em sua vida, o informante organiza sua narrativa segundo algumas histórias de sua infância e começo da vida adulta, o namoro com sua esposa e, por fim, sua carreira na Companhia Paulista de Força e Luz, a C.P.F.L., quando, entre outros tópicos discursivos, desenvolve o tópico *Período de trabalho do informante na C.P.F.L.*

Observamos que o início da construção desse tópico é marcado pelo MD “mas”, comum na abertura de tópicos, e, logo em seguida, o trecho “esse período que eu tive na companhia”, ainda na linha 1, dá início a uma cadeia referencial que vai recategorizando iterativamente o referente “período de trabalho do informante na C.P.F.L.” tanto na fala do informante quanto na do entrevistador, como vemos em: linha 3, com “quantos anos o senhor ficô(u) lá?”, no turno do documentador; linha 4, com “vinte e nove anos”, na fala do informante; linha 5, com “vinte e nove anos?”, novamente na fala do documentador; linhas 6-7, com “vinte e nove anos” e “vinte e seis anos”, no último turno do informante. Assim, apesar de o trecho da NE que concretiza o tópico *Período de trabalho do informante na C.P.F.L.* ser curto, podemos dizer que ele concretiza um tópico discursivo porque temos aí um conjunto de elementos textuais integrados acerca do objeto de discurso em questão, que pode ter sua relevância atestada pela observação da recategorização desse referente na fala dos dois participantes da interação, além

de o SegT ter sido iniciado por um MD que comumente marca a abertura de um novo tópico.

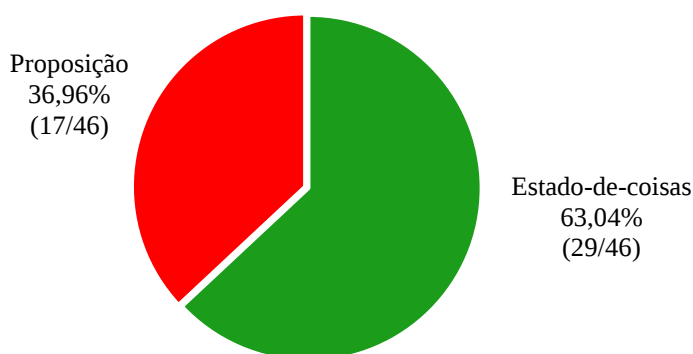
Passando à análise semântica desse caso, classificamos o tópico *Período de trabalho do informante na C.P.F.L.* como da classe tempo porque a expressão da língua que permite nomear o tópico designa essa categoria semântica, identificando um intervalo temporal em que o informante trabalhou na tal empresa. Ainda como comprovação dessa nossa classificação, chamamos a atenção para expressões recorrentes na materialidade do SegT e que também designam o tipo semântico tempo, a exemplo de “período” (L. 1) e “anos” (L. 3, 4, 5, 6 e 7).

Desenvolvida a análise de resultados sobre os tipos semânticos dos tópicos discursivos em NE, na seção 5.5, completamos nossa apresentação de dados com a discussão da classe semântica dos referentes que são tópicos em RO.

5.5 Tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em relatos de opinião

Para cumprir o propósito desta seção de discutir os tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso com estatuto tópico em RO, retomamos, utilizando o Gráfico 3, os percentuais sobre essas análises já apresentados nas Tabelas 5 e 8, na seção 5.2, dimensionando o quantitativo de ocorrências de cada tipo de entidade nos tópicos discursivos especialmente neste tipo de amostra linguística.

Gráfico 3 – Frequência e proporção de tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em RO



Fonte: Autoria própria.

De acordo com as Tabelas 5 e 8 e também com o Gráfico 3, em RO, os objetos de discurso que são tópicos discursivos são entidades dos tipos estado-de-coisas ou proposição,

com predomínio, não extensivamente amplo, de estado-de-coisas. No caso em (75), ilustramos um SegT cujo objeto de discurso com estatuto tópico é desta classe predominante.

(75) **Tópico discursivo: Despreocupação do informante com política**

aG	Ora... eu realmente eu num:: num procuro me... PREOcupá(r) muito com a política sabe?	1
	porque [Doc.: aham ((concordando))... às vez cê vê dólar so::be dólar	2
	(a)ba(i)xa num sei q/ bolsa isso aquilo... e pra mim que eu trabalho com vendas eu eu	3
	num procuro vê(r) isso mui::to porque ele num acaba... sendo até (mal) pra mim	4
	porquE... cê pega os que... cedo é – “ah o dólar subiu ah a bolsa (a)ba(i)xô(u)” – num	5
	sei... parece que no o(u)tro dia quando cê sai pra trabalhá(r) cê já sai meio que com aquilo	6
	na cabeça né? ah:: então... ((conversas ao fundo)) ih/ sei lá viu... (a)caba até meio que	7
	prejudican(d)o então eu num... num... vô(u) muito atrás de política não num... num	8
	procuro s/ sabê(r) muito não num procuro discuti(r) também muito sobre política	9
	não	10
Inf.:	não	11
Doc.:	não?	12

[BDI-AC-075; RO: L. 311-322; 4/4]

O SegT em (75) é parte de um RO em que o documentador, no início do texto, solicita ao informante que opine sobre alguma coisa, como sobre política ou religião, e direcionado por esses referentes ativados pelo entrevistador, o falante decide tratar de política, o que faz com que o objeto de discurso “política”, tópico central do texto, seja construído durante todo o RO, num processo de referenciação textual-interativo alimentado pelo informante, principalmente, mas também pelo documentador, que é quem orienta sobre o que se deve falar no RO, conforme as perguntas base que guiaram a coleta de dados do IBORUNA, apresentadas no Quadro 4. É nesse quadro que se instala o tópico *Despreocupação do informante com política*, que discutimos a partir de agora.

Podemos verificar a centração acerca desse tópico, por exemplo, pela relação de sentido que se estabelece entre as passagens em negrito, que, pelo processo de parafraseamento dos trechos em 3-4 e 8-10 em relação àquele nas linhas 1-2, mostram o seu forte parentesco semântico, recortando a temática “despreocupação do informante com política”. Além dessa relação semântica entre esses enunciados, a centração sobre o tópico pode ser constada pela observação da maneira como tais passagens estruturam a organização interna do SegT. A abertura do tópico se dá com a ocorrência de “eu realmente eu num:: num procuro me... PREOcupá(r) muito com a política sabe?” (L. 1-2), depois disso, em um excerto da linha 2 e quase toda a 3, o informante oferece uma justificativa para a sua despreocupação com política. Na continuação, no fim da linha 3, começa o trecho “eu eu num procuro vê(r) isso mui::to”, que acaba na linha 4 e é seguido pela retomada da justificativa do falante sobre sua despreocupação

com o assunto. Então, pouco depois do início da linha 8, nova menção à falta de preocupação com política por parte do informante é feita, como vemos no excerto em negrito nas linhas 8-10, que encaminha o fim do tópico discursivo. Desse modo, ocupando o início, o meio e o fim do SegT, enunciados que explicitam a despreocupação, o desinteresse do informante com, por política demonstram a relevância do tópico identificado.

Quanto à análise semântica que nos propomos a fazer nesta tese, entendemos que o tópico *Despreocupação do informante com política* é um referente da natureza dos estados-de-coisas porque podemos o reconhecer por meio de um termo – “despreocupação” – que designa essa classe de entidades, expressando uma experiência do informante (não) vivida por suas faculdades sensoriais.

Olhando para a materialidade linguística do SegT, também constatamos que excertos que constroem o tópico mais diretamente, como “eu num:: num procuro me... PREOCupá(r) muito com a política” (L. 1-2), “eu num procuro vê(r) isso mui::to (L. 3-4) “e “eu num... num... vô(u) muito atrás de política não” (L. 8), designam entidades da ordem dos estados-de-coisas, demonstrando algo que o falante (não) experimenta e que pode ser determinado em um período de tempo. Assim, é possível dizer, por exemplo, que, durante os anos que trabalha como vendedor, o informante não se preocupa com política e não se interessa pelo assunto, o que não acontecia quando exercia, em um intervalo temporal anterior, outro ofício. Considerando, pois, a categoria de entidades denotada por enunciados que mais evidenciam o tópico construído, cria-se um objeto de discurso que é tópico discursivo da mesma ordem semântica designada por esses enunciados.

Continuamos, a partir do SegT em (76), com a discussão a respeito de tópicos que são do tipo estado-de-coisas em RO.

(76) **Tópico discursivo: Reações de quem usa drogas**

as/ as drogas... eu:: acho que::.... é coisa de gente caipira que num tem nem o que fazê(r)...	1
porque todas as ge/ gente que usa dro::ga... fica atrasado na esco::la... éh:: briga em	2
ca::sa... e quando chega em casa ro(u)ba o que tem da mã::e... XINGa a mãe bate	3
na mã::e no/ no pa::i... o pai num gos::ta eles co/ éh pegam as coisa de ca::sa	4
ven::de... pa/ só pra comprá(r) droga... te/ a/ tem gente que fala que:: entra na droga	5
e fala e pensa que num vai viciá(r)...	6
só que no/ éh:: usan::(d)o elas vão vê(r) que que	6
é enrasca::da... entã::o... eu:: a minha opinião é que... nu/ pra num entrá(r) nas drogas	7
porque:: vai vai ficando a/ aLÉM de ficá(r) atrasado na esco::la não aprendê(r)	8
ma::is... tê(r) dificulda::des... num vai sê(r) bom porque vai se afastá(r) dos	9
ami::gos... e:: tê(r) várias discussões na família	10

[BDI-AC-008: RO: L. 153-162; 3/3]

Com o intuito de levar a informante a construir um RO, o documentador do inquérito 008 do IBORUNA pergunta à informante o que ela acha das drogas, o que ativa o objeto de discurso “drogas” e o estabelece como um referente que deve perpassar todo o RO, fazendo com que a falante construa diferentes trechos de centração no texto que recategorizem o objeto “drogas”. É conforme essa relação referencial com a fala do entrevistador que o tópico *Reações de quem usa drogas* é instaurado.

A concernência que integra os elementos constitutivos do SegT em (76) em um conjunto referencial específico pode ser verificada pela integração semântica entre trechos como “todas as ge/ gente que usa dro::ga... fica atrasado na esco::la... éh:: briga em ca::sa” (L. 2-3), “ro(u)ba o que tem da mã::e” (L. 3), “XINga a mãe bate na mã::e no/ no pa::i” (L. 3-4) e “pegam as coisa de ca::sa ven::de” (L. 4-5), os quais recortam a temática “reações de quem usa drogas”.

Outro recurso que auxilia na identificação do tópico discursivo é a proeminência de fragmentos textuais que expressam as reações dos usuários de drogas, que se fazem presentes em toda a constituição do SegT, como mostram os trechos em negrito no exemplo, o que demonstra, portanto, que essas ações são foco textual-interativo nesse trecho do RO. Assim, baseados na identificação dos traços de concernência e relevância tópica em (76), definimos que o tópico desse SegT pode ser chamado de *Reações de quem usa drogas*, uma entidade semântica do tipo estado-de-coisas.

Chegamos a essa classificação semântica porque entendemos que o próprio termo “reações” denota tal classe de entidades, construindo um objeto de discurso que pode ser caracterizado ontologicamente como realizável em determinado ponto do tempo e em algum lugar específico. Ademais, constatamos que diferentes passagens linguísticas que mais evidenciam a concernência designam estados-de-coisas, conforme podemos perceber a partir dos trechos “todas as ge/ gente que usa dro::ga... fica atrasado na esco::la” (L. 2), “XINga a mãe bate na mã::e no/ no pa::i” (L. 3-4) e “pegam as coisa de ca::sa ven::de... pa/ só pra comprá(r) droga” (L. 4-5), os quais dizem respeito a ações daqueles que usam drogas, que podem ser testemunhadas, localizadas em algum momento do tempo e avaliadas quanto à sua realização. É possível interpretar, por exemplo, que, durante o dia em que a pessoa está sob o efeito de entorpecentes, os pais a veem pegando objetos de casa e os vendendo na rua. Então, a partir da interdependência entre diferentes trechos textuais que denotam estados-de-coisas, institui-se um objeto de discurso com estatuto tópico que é justamente uma entidade dessa classe semântica.

A seguir, em (77), ilustramos um SegT em que o tópico é uma proposição, classe semântica que também se mostrou recorrente nos tópicos dos RO.

(77) **Tópico discursivo: Potencial do Brasil para se tornar um país de primeiro mundo**

quanto a nosso paí::s geralmente... a gente fala **o país nosso deveria sê(r) um país de prime(i)ro mundo tem tudo pra sê(r) de prime(i)ro mundo né?** esse país tem:: esse país nosso é riQUÍssimo [...] mais **tem tudo pra sai(r) desse bura::co... tem tudo pra se torná(r) um país de prime(i)ro mun::do**

Doc.: que que cê acha que deveria FAZÊ(r) pra se torná(r) um país de prime(i) [ro mun::do?]

Inf.: [ah:: eu] acho tem:: que tem muita sujeira muito político sujo... [Doc.: hum] não só político a coisa vem lá de cima vem descen(d)o vem descen(d)o vem descen(d)o até::... aTÉ chegá(r) ne nós mesmos... acho que nós tam(b)ém somo(s) errado ao mesmo tempo... porque nós mesmos quantos pessoa faz declaramo/ d/ de imposto de renda soNEga quantas vezes cê num vai numa loja pra você comprá(r) um:: tênis alguma coisa você num exige nota... [Doc.: hum] cê mesmo tá ajudan(d)o::... pra esse buraco... [Doc.: é] **se todo mundo (fizesse) sua PARte... o Brasil vai melhorá(r) tem tudo pra sê(r) prime(i)ro mun::do... então tem que começá::(r) num adianta começá(r) de ba(i)xo porque a suje(i)ra maior tá em cima começá(r) de cima pra ba(i)xo... MAS:: a gente talvez eu num vô(u) vê::(r) talvez você vai vê::(r) a futura geração vai vê(r)... o Brasil tem tudo pra sê(r) uma GRANde potência ainda... futuramente que num tá muito longe não... vem desde:: pode vê::(r) vai vim do petró::leo do álcool... do:: óleo combustível que tá sendo desenvolvido em Ribeirão Pre::to aí né? pa/ combustível óleo de mamo::na óleo de girassol::... óleo de dendê::... então:: que já saiu até na revista Veja... o Brasil::... possivelmente será o:: o:: uma Arábia Saudita só que do petróleo ver::de**

Doc.: hum que é o álcool?

Inf.: é:: o álcool e esses óleos biocombustível né? [Doc.: hum::] que tá sen(d)o desenvolvido aqui... então lá fora já tá de olho no Brasil

[BDI-AC-139: RO: L. 552-554; 572-594; 3/7]

O SegT em (77) compõe mais um RO em que o objeto de discurso “política”, introduzido pelo documentador na pergunta que inicia o texto, permanece saliente em toda a construção textual, já que o informante aceita a orientação do entrevistador e, por meio do processo textual-interativo de referenciação, recategoriza esse referente em diferentes SegTs, como naquele em questão, que menciona a existência de muito político sujo no Brasil e se centra particularmente no potencial do país para se tornar de primeiro mundo.

A concernência em relação a esse tópico discursivo é verificada, de forma mais evidente, pela integração semântica entre enunciados como “[o Brasil] tem tudo pra sê(r) de prime(i)ro mundo” (L. 2), “se todo mundo (fizesse) sua PARte... o Brasil vai melhorá(r)” (L. 13), “o Brasil tem tudo pra sê(r) uma GRANde potência ainda... futuramente” (L. 16-17) e “o Brasil::... possivelmente será o:: o:: uma Arábia Saudita só que do petróleo ver::de” (L. 20-21), que circunscrevem a temática do tal potencial do Brasil.

Com respeito à relevância desse tópico, esta pode ser observada pelo funcionamento do elemento “o nosso país/ Brasil” como tema sentencial já no início do SegT, destacando o objeto “Brasil” como foco textual-interativo desse ponto do RO, e, conectado a esse tema, está um

rema que expressa a crença de que o Brasil deveria ser um país de primeiro mundo – “quanto a nosso paí::s geralmente... a gente fala o país nosso deveria sê(r) um país de prime(i)ro mundo tem tudo pra sê(r) de prime(i)ro mundo né?” (L. 1-2), o que especifica a ideia proeminente relacionada ao objeto de discurso “Brasil”. Outro fator que demonstra a relevância tópica é a reiteração da ideia de que o Brasil pode se tornar um país de primeiro mundo, explicitada nos trechos em negrito que, vale ressaltar, iniciam o tópico e marcam, aproximadamente, o meio assim como o fim do seu desenvolvimento. É seguindo essa análise que podemos, então, chamar o tópico em (77) de *Potencial do Brasil para se tornar um país de primeiro mundo*, um referente da ordem das proposições.

Uma justificativa para essa categorização semântica fundamenta-se na distinção da classe de entidades denotada pelo termo “potencial”, o qual designa uma proposição por expressar um construto mental, algo que só se constitui enquanto uma potencialidade sobre um mundo não-factual.

Outro argumento que pode sustentar a classificação do tipo de entidade do tópico ora em análise consiste na categoria semântica designada por enunciados que mais evidenciam o recorte temático, a exemplo de “o país nosso deveria sê(r) um país de prime(i)ro mundo” (L. 1-2), que expressa um julgamento do falante sobre como deveria ser o Brasil, e também “se todo mundo (fizesse) sua PARte... o Brasil vai melhorá(r)” (L. 13), além de “o Brasil::... possivelmente será o:: o:: uma Arábia Saudita só que do petróleo ver::de (L. 20-21), que demonstram projeções do informante a respeito de um hipotético Brasil futuro, que ainda está por se tornar realidade, o que permite dizer que esses enunciados designam proposições. Assim, como entendemos que enunciados como esses designam proposições, a projeção sobre o mundo não-factual delineada por eles pode ser entendida como um construto mental do informante, uma abstratização que só existe na mente dele e que pode ser negada, por exemplo, por fatos que não permitam ao Brasil chegar à condição de país de primeiro mundo. Nesse contexto, a concernência entre esses enunciados que designam proposições favorece a criação de um objeto de discurso que recobre tematicamente todo o SegT e que é uma entidade da mesma classe semântica designada por tais enunciados, o que nos possibilita, pois, classificar o tópico em (77) como uma proposição.

Ainda, interessa-nos destacar que a classificação desse tópico como uma proposição pode ser reafirmada pela marca de atitude proposicional do falante em “o Brasil::... possivelmente será o:: o:: uma Arábia Saudita”, em que “possivelmente” assinala o grau de comprometimento do falante a respeito de ele acreditar ser *possível* (não certo ou evidente, por exemplo) que o Brasil se torne um país mais bem desenvolvido.

Em vista dessa discussão, entendemos que o tópico em (77) é uma proposição porque a expressão “potencial” bem como diferentes enunciados que atuam diretamente na concernência designam entidades de terceira ordem. Além disso, há uma marca explícita de atitude proposicional do falante em relação à proposição focalizada e, como dissemos na seção 2.5.2.2, proposições podem exatamente ser qualificadas em termos de atitude proposicional.

Na sequência, a partir do SegT em (78), fechamos as discussões desta seção com a análise de mais um caso em que o tópico é uma proposição nos RO.

(78) **Tópico discursivo: Necessidade de se ter um curso básico de administração para ser político**

você pega aí ... vamo(s) pegá(r) pela nossa cidade né? São José do Rio Preto... na época 1
de política você vê vários candidatos que aparecem na televisão aí... cê vê que... a pessoa 2
realmente... NÃO... POR ELA assim mas ela num TEM um::... num vô(u) falá(r) um 3
nível cultural mas vô(u) falá(r) assim num tem um nível de estudo né? num tem uma 4
formação:: acadê::mica alguma coisa assim... pra sê(r) político porque...(então) a gente 5
VÊ que/ que que vê? isso é tudo jogada de partido né? pa puxá(r) legenda pra cá puxá(r) 6
legenda pra lá... mas eu sô(u) contra isso porque **eu penso assim a pessoa pra sê(r)** 7
político eu sempre comentei isso com várias pessoas... eu acho que ela teria que 8
tê(r)... NUM VÔ(U) falá(r) uma faculda::de porque seria aí uma coisa ca::ra muitos 9
não teriam condições de pagá(r)... mas eu acho que... a própria prefeit::ra no 10
ca::so o próprio gover::no deveria fazê(r)... tipo d'um curso porque... pra você sê(r) 11
político nada mais é do que você administrá(r)... [Doc.: uhum ((concordando))] eu dei 12
exemplo de um vereador ou um PRÓprio prefeito num tem noção neNHUma de 13
administração... cê fala assim pra mim –“ah u/ o/ vô(u) te dá(r) pra você sê(r) um 14
vereador”– TUDO BEM eu vô(u) sê(r) vereador... am/ u/ BOM eu vô(u) lá eu vô(u) 15
ganhá(r) dinhe(i)ro óh num plu/ num sei né? me colocam lá um exemplo assim... mas 16
eu NUM tenho formação neNHUma pa administrá(r) então eu acho que é:: complicado... 17
porque o que eu falei... nada mais é... o preFELto mesmo... é administrá(r) tá 18
administran(d)o... os bem NOSSO o da ciDAde da comunidade em si tá administrando... 19
então **eu acho que deveria tê(r)... uma faculdade? NÃO... mas um curso... BÂ::sico** 20
sei lá de administração... certo?... e a pessoa teria que tê(r) um mínimo de estudo 21
pra podê::(r)... sê(r)... um... um político né?... [Doc.: aham ((concordando))]... cê vê... 22
cê pega tantos político aí que num tem noção nenhuma... e tá aí fazen(d)o alguma coisa... 23
às vez tem uns que tem no/ MUIta noção mas... e RO(u)ba (há tempo) e acho que sabia 24
até demais... agora **eu acho que pra sê(r) político deveria tê(r) um... um curso básico** 25
de administração NO mínimo [Doc.: uhum ((concordando))] **é pelo menos o que ele** 26
deveria tê(r) assim... ((conversas ao fundo)) essa é a minha idéia pra podê(r) s/ 27
pessoa... éh:: engajá(r) aí na política 28
Doc.: tá [Inf.: hum]... 29

[BDI-AC-075: RO: L. 274-300; 2/4]

O SegT em (78) compõe o mesmo RO que aquele em (75), RO em que, na pergunta introdutora do referente que se constitui como tópico central do texto, o documentador pede ao informante que opine sobre algo, que poderia ser política ou religião, e, orientado por esse pedido, o falante decide opinar sobre política, mantendo em foco em todo o RO o objeto de

discurso “política”, introduzido pelo entrevistador no início do texto, como acontece em (78), caso em que, estabelecendo progressão referencial com a fala do documentador, o informante instala centração em torno da sua opinião sobre a necessidade de se ter um curso básico na área de administração para ser político.

Nesse caso, a relação de concernência é marcada pela integração entre os três trechos em negrito no SegT, que evidenciam a temática da necessidade de um curso administrativo para o propósito em questão, e pela manutenção dessa temática nos demais pontos do SegT, que parecem funcionar como sustentos da ideia dessa tal necessidade, como notamos no trecho em 11-19, quando o informante defende que ser político nada mais é do que administrar.

Já a relevância do tópico discursivo em (78) pode ser constatada pela posição focal assumida pela defesa da necessidade de realização de um curso básico para ser um gestor público, a qual está presente explicitamente nos pontos negritados no interior do SegT, que se constituem como uma espécie de paráfrase um do outro, reiterando essa informação e colocando-a em destaque. Nesse mesmo sentido, observamos ainda que esses enunciados em destaque adquirem mais relevância temática na construção tópica em relação aos não destacados, dado que estes últimos, como comentamos, atuam na sustentação do ponto de vista de que é necessário ter um curso na área de administração para assumir um cargo político. Considerando, então, a identificação dos traços de concernência e relevância tópica em (78), definimos esse trecho como um SegT, o qual tem como tópico discursivo a *Necessidade de se ter um curso básico de administração para ser político*, um objeto de discurso da classe das proposições.

A respeito dessa classificação semântica, compreendemos que esse tópico é uma entidade da ordem dos construtos mentais porque pode ser entendido, particularmente, como um ponto de vista, uma avaliação do falante sobre o mundo atual, sobre ser necessário, segundo a própria visão dele, ter um curso básico de administração para ser político. Esse entendimento de que o tópico está relacionado com um ponto de vista do informante é sugerido por elementos textuais que integram o SegT, como “eu penso assim” (L. 7), “eu acho que ela teria que ter” (L. 8-9), “eu acho que deveria” (L. 20) e “essa é a minha idéia pra podê(r) s/ pessoa... éh:: engajá(r) aí na política” (L. 27-28).

A relação do tópico com uma avaliação do falante também pode ser depreendida a partir da categoria de entidades designada por “necessidade de se ter um curso básico de administração para ser político”, uma entidade da ordem das proposições, já que manifesta um julgamento acerca do mundo, e também por trechos do interior do SegT que mais marcam concernência, como “a própria prefeituu::ra no ca::so o próprio gover::no deveria fazê(r)... tipo

d'um curso" (L. 10-11), "a pessoa teria que tê(r) um mínimo de estudo pra podê::(r)... sê(r)... um... um político né?" (L. 21-22), "pra sê(r) político deveria tê(r) um... um curso básico de administração" (l. 25-26), os quais designam proposições, isto é, construtos mentais, que, portanto, só estão na mente do falante e que expressam uma avaliação dele a respeito de que deveria ser convencionado socialmente, por meio de obrigação moral ou legal, que quem quiser assumir um cargo político tenha um curso de administração. Nesse contexto, enquanto construto mental, essa avaliação poderia ser negada, por exemplo, por um estudo que mostrasse que não há relação direta entre políticos com curso de administração e a qualidade da gestão pública feita por eles.

Assim, como interpretamos que a própria expressão linguística que expressa o tópico designa uma entidade do tipo proposição, o que também ocorre com passagens que mais evidenciam o conjunto referencial concernente focalizado, entendemos que o objeto de discurso com estatuto tópico é uma entidade da ordem das proposições.

Uma vez discutidos os resultados dos tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos em DE, NE e RO, na sequência, em 5.6, complementamos os resultados do objetivo empírico de nosso trabalho e refletimos sobre como características de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos podem influenciar os tipos de entidades semânticas nos três tipos de amostras de fala aqui estudados.

5.6 Relação entre características de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos e tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos em descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião

Conforme explicamos na seção 2.2, um dos princípios teóricos da GTI é o de que os fatores envolvidos na construção textual têm suas propriedades e funções definidas no uso, na situação concreta de interlocução. Por isso, o estudo dos processos de construção textual tem sido desenvolvido na GTI levando em consideração a inserção deles em um gênero textual específico (PENHAVEL; CINTRA, 2022). Assim, entendemos que os processos de organização tópica e de referenciação se dão segundo o seu funcionamento nos contextos concretos de uso da linguagem em que se efetivam, conforme evidenciam nossas análises ao mostrarem correlação entre gêneros textuais e tipos de entidades que ocorrem como tópicos discursivos.

Buscando, então, ampliar o entendimento dessa correlação nesta seção, começamos por retomar uma característica da dimensão pragmática do tipo descritivo, particularmente as

situações comunicativas que o atualizam, que envolvem a caracterização física ou psicológica de personagens ou espaços. Em nossa interpretação, a predominância de objetos de discurso com estatuto tópico que são do tipo lugar em DE e a identificação da classe semântica indivíduo como a segunda mais recorrente nesse tipo de amostra linguística (51,28% e 24,36% das ocorrências, respectivamente) estão relacionadas justamente com essa peculiaridade de gêneros descritivos de apresentarem uma caracterização física de personagens ou espaços, posto que, como explicado na seção 2.5.2.2, podemos chamar de indivíduos os objetos físicos, as pessoas, os animais e as coisas que são concretos e identificáveis e classificar como da classe lugar os ambientes, os espaços físicos que podem ser ocupados por indivíduos. Portanto, como a caracterização de personagens ou espaços físicos é tipicamente focalizada no processo textual-interativo no tipo textual descritivo, é comum que se instaure centração em torno desses elementos físicos em DE, levando-os a adquirir estatuto de tópico discursivo.

Outra especificidade de gêneros predominantemente descritivos que pode ajudar a compreender os tipos de entidades semânticas dos tópicos nas DE diz respeito a traços da dimensão esquemática global desse tipo de texto, a qual demonstra qualidades e elementos componentes do ser descrito. Entendemos que esse traço de gêneros descritivos de apresentar elementos que compõem o ser descrito favorece a instalação de tópicos discursivos que são ou um locativo ou um indivíduo, como no caso em (63), em que cama de casal, guarda-roupa, televisão, cama de solteiro e etc. são todos constituintes do elemento “quartos da casa do rancho do informante”, e também no exemplo em (64), no qual olhos verdes e cabelo castanho claro são componentes do objeto “pessoa de quem a informante gosta muito”.

Ainda, é possível dizer que a ocorrência de tópicos que são estados-de-coisas em DE também pode ter relação com aspectos da dimensão esquemática global do tipo descritivo, particularmente com a demonstração de qualidades do ser descrito, já que, segundo explicamos na seção 2.5.2.2, entidades de segunda ordem podem dizer respeito a estados, o que pode permitir que tópicos que são estados-de-coisas expressem um estado, uma qualidade de um indivíduo ou um lugar, como em (67), em que o tópico é a *Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial*. Com relação aos tópicos que são propriedades nas DE, estes também podem estar relacionados à peculiaridade do tipo descritivo de apresentar qualidades do ser descrito, dado que os casos de tópicos dessa natureza estão centrados em uma propriedade perceptual de um referente ontologicamente caracterizado como concreto, como o tópico *Tamanho da casa do informante*, em (69).

Passando a falar de particularidades de gêneros narrativos e sua relação com as entidades semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos nas NE, compreendemos que a

asserção de enunciados de ação, macroato de fala deste tipo textual (KOCH; FÁVERO, 1987), ajuda a explicar a grande predominância de tópicos discursivos que são estados-de-coisas neste tipo de amostra linguística (90,16% dos casos), tendo em vista que essa categoria semântica envolve ações, estando a ação na tipologia de estados-de-coisas distinguida por Dik (1997a). Portanto, é natural que predominem tópicos que são entidades dessa classe por conta do macroato de fala do tipo narrativo, intimamente relacionado com um dos tipos de estados-de-coisas.

Além disso, considerando que a dimensão esquemática do tipo narrativo recobre a captação de eventos, numa sucessão cronológica, podemos inferir que a grande ocorrência de tópicos que são entidades da ordem dos estados-de-coisas nas NE se relaciona com essa particularidade deste tipo de texto. Como essa classe semântica diz respeito a eventos que se realizam em algum lugar e momento do tempo, cada tópico discursivo linearmente ordenado em uma NE vai expressando, via de regra, um evento cronologicamente organizado e proeminente naquela NE, que faz parte de um evento tematicamente maior, representado pelo tópico central do texto ou por um outro supertópico. É o que vemos em (40), em que os tópicos (eventos) *Começo de caso amoroso extraconjugal do pai com ex-amiga da mãe da informante* e *Sufrimento intenso da informante depois da separação marcante dos pais*, sequenciados cronologicamente, integram o supertópico (evento) *Separação dos pais*.

Essa especialidade do tipo narrativo de apresentar eventos conforme uma ordem temporal também pode permitir entender por que a única ocorrência de tópico discursivo do tipo tempo foi apurada em NE. Focalizando esse tipo de amostra de fala acontecimentos situados no tempo, pode ocorrer centração em torno do próprio tempo, o que ajuda a marcar temporalmente eventos sobre os quais se concentra a interação em outros pontos do texto. Ainda, podemos inferir que esse traço do tipo narrativo de focalizar eventos também permite explicar os casos de tópicos que são proposições em NE, dado que, nessas amostras, os tópicos dessa categoria semântica podem expressar, por exemplo, um julgamento, uma expectativa sobre certo acontecimento que era visto como possível ou esperado num mundo hipotético, conforme é o tópico *Possibilidade de retardação da gravidez da informante caso o pai não tivesse se separado da mãe*, discutido a partir de (72).

Quanto a características do tipo textual argumentativo que podem estar associadas às classes semânticas dos objetos de discurso que são tópicos discursivos em RO, interpretamos que é possível que a predominância de tópicos que são estados-de-coisas nestas amostras linguísticas esteja relacionada particularmente com a dimensão esquemática global do tipo argumentativo, a qual recobre categorias como argumentos, contra-argumentos e tese. Desse

modo, é plausível entender que tópicos discursivos que são estados-de-coisas em RO estariam relacionados a fatos, acontecimentos, que funcionariam como argumentos para sustentar uma tese proposta no RO.

Na mesma direção, a ocorrência consideravelmente constante de tópicos que são proposições em RO (36,96%) pode ser associada à categoria “tese” da dimensão esquemática do tipo argumentativo. Assim, enquanto tópicos que são entidades da ordem dos estados-de-coisas poderiam ser vistos como argumentos que suportariam uma tese do RO, tópicos que são da classe das proposições estariam mais relacionados a um julgamento, um ponto de vista, uma avaliação explícita do informante sobre o assunto tratado, o que poderia, portanto, ser entendido como uma tese presente no RO. Dito de forma resumida, tópicos que são estados-de-coisas atuariam como argumentos para uma tese proposta no RO, expressa mais evidentemente por um tópico que é uma proposição.

6 CONCLUSÕES

Conforme definimos, o objetivo geral deste trabalho é aprofundar a compreensão da relação entre os processos de organização tópica e de referenciação, a partir de discussão teórica sobre os processos e análise dos tipos entidades semânticas que figuram como tópicos discursivos. Sendo assim, definimos como objetivos específicos: (i) elaborar uma discussão teórica especificando como pode ser compreendida a relação entre os processos de organização tópica e de referenciação; (ii) analisar o tipo de entidade semântica dos objetos de discurso que adquirem estatuto de tópico discursivo em DE, NE e RO, observando a possível influência de aspectos caracterizadores de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos sobre as categorias de entidades semânticas em DE, NE e RO, respectivamente. A hipótese que guiou este objetivo foi a de que, em DE, predominariam tópicos que fossem entidades do tipo indivíduo; em NE, a maioria dos tópicos fossem estados-de-coisas; e, em RO, a ocorrência maior fosse de tópicos da classe das proposições.

Com relação ao primeiro objetivo, discutimos que todo tópico discursivo pode ser assumido como um referente, o que nos permite dizer que há uma interface entre os estudos sobre organização tópica e referenciação, que ocorre quando os trabalhos sobre o segundo processo se voltam para o objeto de discurso tematicamente mais abrangente do texto e para os objetos mais abrangentes de segmentos específicos dos textos, que poderiam, então, ser equiparados ao tópico discursivo central de um texto e aos tópicos que especificam esse tópico central. Também argumentamos que podem ser definidas diferenças e inter-relações entre os dois processos pelo foco de investigação das pesquisas sobre cada um deles, de maneira que os estudos da organização tópica focalizam a descrição da estruturação textual e os trabalhos acerca da referenciação estão mais voltados para o entendimento de sentidos dos textos, ainda que as pesquisas sobre os dois processos mostrem, em maior ou menor medida, a organização textual e a construção de sentidos.

Quanto ao segundo objetivo, nossas análises demonstraram que nossa hipótese foi confirmada, mas parcialmente. Nas DE, mostramos que os objetos de discurso que se constituem como tópicos discursivos podem ser das categorias lugar, indivíduo ou estado-de-coisas, com percentuais maiores de tópicos que são do tipo lugar. Entendemos que esses resultados confirmam parcialmente nossa hipótese porque acreditávamos que, em DE, ocorreriam mais tópicos que são entidades ontologicamente concretas, o que, de fato, mostrou-se com nossas análises, posto que tanto indivíduo como lugar envolvem referentes concretos e somam 75,64% dos casos em DE. No entanto, como a proposta inicial da tese foi pensada com

base no autor que primeiro define os tipos de entidades semânticas dos referentes, que é Lyons (1977b), e nas classes distinguidas por ele (indivíduo, estado-de-coisas e proposição), quando lançamos as hipóteses, nossa expectativa era a de encontrar o predomínio de indivíduos em DE, não de locativos. Com o desenvolvimento do trabalho e a análise efetiva das DE, que priorizam, na maior parte das vezes, descrições de lugares, decidimos, conforme mencionamos na seção de metodologia, incluir a categoria lugar, proposta por Hengevel e Mackenzie (2008), dentre as classes semânticas analisadas, o que certamente nos possibilitou enriquecer a descrição semântica do nosso material, mas nos levou a resultados um pouco diferentes daqueles que prevíamos encontrar.

Já nas NE, nossas análises constataram justamente aquilo que esperávamos, uma vez que, nessas amostras, os tópicos discursivos são estados-de-coisas na quase totalidade dos casos (90,16%). Mesmo que os achados sobre as DE tenham sido um pouco distintos de nossa hipótese, os resultados que mais se diferenciaram da nossa expectativa inicial foram os dos RO, uma vez que, em vez de proposições, nessas amostras identificamos mais casos de estados-de-coisas (63,04%), tendo sido, é verdade, as proposições também recorrentes nos RO (36,96%). Essa recorrência considerável de tópicos que são proposições em RO é um outro dado que corrobora parcialmente aquilo que hipotetizamos, porque é nesse tipo de amostra linguística que mais ocorrem tópicos da ordem das proposições, embora não seja essa classe semântica a predominante.

De qualquer modo, a identificação de diferentes tipos de entidades semânticas dos objetos de discurso que figuram como tópicos em amostras linguísticas representativas de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos confirma nossa hipótese geral a respeito de que, de acordo com diferentes gêneros textuais, a predominância do tipo de entidade semântica dos tópicos irá variar, em razão de fatores envolvidos no contexto real de uso da linguagem e, por conseguinte, de particularidades dos gêneros a que os textos se filiam.

Assim, procuramos mostrar ao longo da seção 5 e, especialmente, na seção 5.6, que os tipos de entidades dos tópicos discursivos em DE, NE e RO têm motivação em características de gêneros textuais descritivos, narrativos e argumentativos. Por exemplo, a maior ocorrência da classe semântica lugar em DE seguida da categoria indivíduo pode ser explicada pela particularidade de gêneros descritivos de apresentar caracterização física de personagens ou espaços. Na mesma direção, a incidência bastante predominante de tópicos que são estados-de-coisas em NE pode ser entendida com base no macroato de fala do tipo textual narrativo, que envolve a asserção de enunciados de ação, além de ser característico de narrativas apresentar eventos cronologicamente ordenados, o que motivaria a instauração de tópicos que são estados-

de-coisas, tendo em vista que esses tópicos linearmente ordenados no texto poderiam expressar eventos numa sucessão cronológica, que compõem, integradamente, um evento maior, condizente com o tópico central do texto. Por fim, a maior incidência de tópicos que são estados-de-coisas em RO e também o percentual expressivo daqueles que são proposições teriam relação com a dimensão esquemática global do tipo argumentativo, a qual reúne categorias como argumentos e tese. Dessa forma, tópicos que são estados-de-coisas expressariam fatos, acontecimentos, dados, que atuariam como argumentos de uma tese proposta no RO e instalada por um tópico que é uma entidade do tipo proposição.

Ainda nessa seara acerca da influência da situação de uso da língua e o funcionamento da construção textual, nosso trabalho nos permitiu verificar que, na materialidade do SegT, o tópico discursivo pode ser mais diretamente indicado por sintagmas nominais, nos casos de tópicos que são lugar ou indivíduo, ou por predicções, nas ocorrências de tópicos que são estados-de-coisas ou proposições, o que seria explicado pela categoria da língua que codifica cada uma das entidades semânticas consideradas, sendo as classes indivíduo e lugar representadas somente por nomes, enquanto proposições e estados-de-coisas podem ser codificados por nomes ou predicções. Então, podemos dizer que não só os tópicos em torno dos quais se concentra a interação variam de acordo com o contexto de uso da linguagem, mas também a forma como os tópicos discursivos são concretizados no SegT pode se alterar em função da situação real de comunicação em que são instaurados.

Refletindo sobre todas as discussões feitas neste trabalho, uma contribuição importante de nossa pesquisa para a GTI reside no tratamento dado à categoria do tópico discursivo, assumido aqui como um referente que, semanticamente, pode ser classificado conforme classes semânticas distintas, motivadas pelo contexto de interação em que se efetivam. Essa forma de encarar o tópico discursivo aponta para uma proposta pensada a partir desta tese – a de que os gêneros textuais se diferenciam uns dos outros e, portanto, podem ser caracterizados pelos tipos de entidades semânticas dos referentes que são tópicos. Tal proposta pode abrir caminhos para o desenvolvimento de trabalhos futuros que envolvam um conjunto de pesquisas voltado para a análise dos tipos semânticos dos tópicos nos mais variados gêneros textuais, com o objetivo de descrever os diferentes gêneros de texto a partir da categoria tópico discursivo e entender as classes semânticas de tópicos que orientam a construção do texto em diversos gêneros.

Nesse contexto, uma possível pesquisa futura pensada a partir deste trabalho seria a análise dos tipos de entidades semânticas dos tópicos discursivos em exemplares de gêneros textuais em que predomina um tipo textual diferente daqueles aqui focalizados, como o

explicativo, o injuntivo ou o preditivo,⁵⁹ considerando, por exemplo, a hipótese de que, em gêneros preditivos, haveria maior ocorrência de tópicos que são entidades da ordem das proposições. Assim, além de pensarmos em possíveis investigações futuras que descreveriam o fenômeno ora examinado em diferentes gêneros, caracterizando uma variada gama de gêneros textuais, poderíamos também propor generalizações sobre eles considerando as classes de entidades dos tópicos, classificando, a título de exemplificação, os gêneros narrativos como tendo tópicos que são estados-de-coisas. Então, um parâmetro que poderia especificar entre si cada gênero de um mesmo grupo (gêneros narrativos, argumentativos, descritivos etc.) seria a combinação da classe semântica predominante naquele gênero com outras categorias semânticas.

Outro fenômeno que pode ser alvo de investigações futuras e que pensamos durante o desenvolvimento desta pesquisa é a variação de MDs na abertura e no fechamento de tópicos conforme os diferentes gêneros textuais. Como comentamos na seção 3.2, em NE, verificamos a presença bem constante do marcador “aí” na abertura de tópicos e, em RO, os MDs “mas” e “agora” ganham um certo destaque, o que não acontece em DE e NE. Considerando essas observações, pensamos que os gêneros textuais podem ser caracterizados também pelos MDs mais prototípicos de cada gênero, havendo marcadores típicos de abertura e fechamento de tópico em um gênero narrativo, por exemplo, que se diferenciariam dos MDs com essa mesma função em um gênero argumentativo. Um estudo dessa natureza seria condizente com os pressupostos teóricos da GTI, uma vez que mostraria que o funcionamento dos MDs estaria relacionado ao seu contexto de uso, incluindo o gênero textual em que se inserem.

Para finalizar a tese, lembramos nossa motivação inicial, que foi o interesse em estudar a relação organização tópica e referenciação, tópico discursivo e objeto de discurso, e afirmamos que nosso trabalho reforça a estreita relação entre os dois processos de construção textual. Essa relação intrínseca pode ser observada em nosso trabalho quando demonstramos que, se o conjunto referencial concernente e relevante no SegT é mais evidenciado por expressões ou enunciados que denotam entidades de uma determinada ordem semântica, o objeto de discurso que é tópico discursivo tenderá a ser dessa mesma classe de entidades, o que significa dizer que é a categoria de entidades semânticas denotada por elementos textuais que atuam de forma mais evidente na construção do objeto de discurso com estatuto tópico que motiva o tipo de entidade do tópico discursivo. Portanto, objeto de discurso e tópico discursivo

⁵⁹ Na tipologia de Koch e Fávero (1987), o tipo preditivo é identificado como tendo o macroato de fala de predizer (fazer asserções sobre o futuro) e seria atualizado em horóscopos, profecias, boletins meteorológicos.

estão, de fato, bastante associados, podendo, inclusive, o tópico ser assumido como um referente.

REFERÊNCIAS

- ALTURO, N. La referència en la Gramàtica Funcional Discursiva. **Sintagma**: revista de lingüística, (online), v. 22, p. 51-67, 2010. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Sintagma/article/view/244138>. Acesso em: 18 maio 2022.
- ANDRADE, M. L. C. V. O. A repetição como elemento condutor do tópico discursivo. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [s. l.], n. 2, p. 179-204, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p179-204>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- AUSTIN, J. L. Locutionary, illocutionary, perlocutionary. In: HARNISH, R. (org.). **Basic topics in the philosophy of language**. New Jersey: Prentice Hall, 1962. p. 30-39.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- BASSETO, L. M. T. **O funcionamento de nomes próprios no processo de referenciação**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127693>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- BERNÁRDEZ, E. **Introducción a la Lingüística del Texto**. Espasa-Calpe: Madrid, 1982.
- BRONCKART, J. P. Action, langage et discours. **Bulletin Suisse de Linguistique Appliquée**, p. 7-64, 1994.
- BROWN, G.; YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CAMACHO, R. G. Um enfoque funcional da nominalização. In: CAMACHO, R. G. **Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**: o papel da nominalização no continuum categorial. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 121-157. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/113670>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. O substantivo. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. p. 13-63. 3 v.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CASTILHO, A. T. O português culto falado no Brasil – história do Projeto Nurc no Brasil. In: PRETI, D. URBANO, H. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v. IV, Estudos. São Paulo: T.A. Queiroz/Fapesp, 1990. p. 141-197.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação** – sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M.; PINHEIRO, C. L.; LINS, M. P. P.; LIMA, G. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. *In*: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**: The Structure of the Clause. 2. ed. rev. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a. (Part I: The Structure of the Clause).

DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Edited by Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b. (Part II: Complex and Derived Constructions).

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. Correção. *In*: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 241-256.

GARCIA, A. G. **Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154381>. Acesso em: 13 dez. 2021.

GASPARINI-BASTOS, S.D.; GONÇALVES, S.C.L. **Roteiro para coleta de amostras de fala**: projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). 2005. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 12 abr. 2022.

GONÇALVES, S.C.L. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GONÇALVES, S.C.L. O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. **Relatório científico parcial I apresentado à FAPESP**. 2005. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 4 abr. 2022.

GRICE, P. Further notes on logic and conversation. *In*: COLE, P. (org.). **Syntax and semantics**. v. 9: Pragmatics. New York: Academic Press, 1978. p. 113-128.

GRICE, P. Logic and conversation. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. (org.). **Syntax and semantics**. v. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. p. 43-58.

GUERRA, A. R. **Diacronia do grau de transparência do sistema de referência por expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152035>. Acesso em: 19 maio 2022.

GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos marcadores discursivos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86595>. Acesso em: 3 maio 2022.

GUERRA, A. R.; PENHABEL, E. O processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. **Confluência**, [Rio de Janeiro], n. 37-38, p. 137-161, 2010.

HANISCH, C. V. **O processo de organização tópica em artigos de opinião de alunos da Universidade Federal do Acre – Câmpus Floresta**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182078>. Acesso em: 7 jan. 2022.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v. 6, 1988, p. 227-269.

HENGEVELD, K. **Non-verbal predication: theory, typology, diachrony**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILGERT, G. Parafraseamento. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 257-278.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015a.

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 279-331.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637253>. Acesso em: 20 jan. 2021.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015c. p. 85-126.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S. J.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: Construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 89-132.

JUBRAN, C. C. A. S. Uma Gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. V.; CYRINO, S. M. L. (org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 313-327.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

JUBRAN, C. C. A. S.; RISSO, M.; URBANO, H.; FÁVERO, L.; KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A.; TRAVAGLIA, L. C.; SOUZA E SILVA, M. C. P.; ANDRADE, M. V.; AQUINO, Z.; SANTOS, M. C. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado**: Níveis de análise linguística. 4. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 341-428.

JUBRAN, C. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-241.

KATZ, J. O escopo da semântica. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. III Semântica. Campinas: IEL/UNICAMP, 1982. p. 43-61.

KOCH, I. G. A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional. In: BARROS, K. S. M. (org.). **Produção textual**: interação, processamento, variação. Natal: EDUFRRN, 1999. p. 69-80.

KOCH, I. G. V. Como se constroem e reconstróem os objetos-de-discurso. **Investigações**, [Pernambuco], v. 21, p. 99-114, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1446>. Acesso em: 20 dez. 2020.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015a.

KOCH, I. G. V. Tematização e rematização. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 333-350.

KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

KOCH, I. G. V.; PENNA, M. A. O. Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 23-31, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637252>. Acesso em: 5 jan. 2021.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LYONS, J. **Semântica**. Lisboa: Editorial Presença, 1977a. 1 v.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977b. 2 v.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637251>. Acesso em: 4 dez. 2020.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 207-240.

MAYNARD, D. Placement of topic changes in conversation. **Semiotica**, 30, p. 263-290, 1980.

MONDADA, L. Gestion du topic et organisation de la conversation. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 41, p. 7-35, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636999>. Acesso em: 1 out. 2021.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C.; TUBERO, A. L.; MACEDO, H. O.; CAZELATO, S. O.; MIRA, C. C. C. R.; MARTINS, E. F. M. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 711-742, 2011. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/articla/view/1220. Acesso em: 9 mar. 2022.

NEVES, M. H. M. Reflexões sobre a investigação gramatical. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 1, 1996, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ABRALIN; FINEP; UFBA, 1996. p. 421-427.

OLIVEIRA, G. A. **Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144361>. Acesso em: 24 jun. 2022.

OLIVEIRA, R. P. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PENHAVAL, E. **Marcadores Discursivos e Articulação Tópica**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_ece1c0c40655b1d18d29fc578a922483. Acesso em: 13 dez. 2021.

PENHAVAL, E. O processo de organização intratópica em narrativas de experiência. **Revista Diálogo e Interação**, Cornélio Procópio, v. 14, n. 1, p. 119-145, 2020. Disponível em: <https://www.faccrei.edu.br/revista/index.php/revista-dialogo-e-interacao/issue/view/4>. Acesso em: 9 dez. 2021.

PENHAVAL, E.; CINTRA, M. R. (coord.). **História do português brasileiro**: diacronia dos processos de construção de textos. São Paulo: Contexto, 2022. 11 v.

PENHAVAL, E.; DINIZ, T. C. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores mineiras do início do século XXI. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 11, p. 21-38, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/8201>. Acesso em: 11 dez. 2021.

PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas**: a articulação tópica. Maceió: EDUFAL, 2005.

PINHEIRO, C. L. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 793-812, 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1223. Acesso em: 20 out. 2019.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 391-452.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-390.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUZA, A. D. **Estudo da organização intratópica e das relações retóricas em minissagas**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/194468/souza_ad_dr_sjrp.pdf?seque=3. Acesso em: 1 dez. 2021.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 453-481.

VALLI, M. V. **O processo de organização tópica em dissertações escolares: da análise à emergência de uma abordagem para o ensino**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VAN DIJK, T. A. **Cognitive Context Models and Discourse**. [S. l.: s. n.], 1997.

VAN DIJK, T. A. **Texto y contexto: Semántica y pragmática del discurso**. Madrid: Cátedra, 1980.

VIGNOLI, J. C. S.; MACHADO, D. Z. Referenciação e tópico discursivo: categorias analíticas e categorias interacionais. **ORGANON**, [Porto Alegre], v. 33, n. 64, [s. p.], 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81584>. Acesso em: 26 out. 2019.

ZANIN, I. C. A. **O processo de organização tópica em cartas de redatores de jornais paulistas do século XIX**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157192>. Acesso em: 24 jun. 2022.

APÊNDICE A - Análise das descrições

AC 008 – DE	
Tópico discursivo central: Casa da informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema casa do informante	
Doc.: S. eu gostaria que você me descrevesse assim algum lugar que você já fo::i ou	1
que:: pode sê(r) a sua ca::sa qualquer lugar que você lembre assim eu gostaria que	2
você/ que VOCÊ gostaria... de descrevê(r) assim de como que é	3
Inf.: bom... eu vô(u) falá(r) da minha casa...	4
Tópico discursivo 2: Pisos inferior e superior da casa da informante	
Tópico discursivo 2.1/ SegT mínimo 2: Piso inferior da casa	
minha casa é um sobradi::nho... pequeno que tem uma garagem (ampla) que cabe	5
três carros... do lado tem um corredor::r entran(d)o você já vê uma sala... com	6
ra::ck e sofá... logo depois tem/ vem uma cozinha... a cozinha tam(b)é/ num é muito	7
grande mas tem gelade::(i)ra armá::rio pi::a... onde guarda os materiais culinários...	8
e:: o(u)tras coisas... mais pra frente você vê uma:: uma área de:: de jantar que a gente::	9
janta a gente se alimenta... tem uma pi::a... do lado tem um fogão e depois uma	10
churrasque(i)ra... camiNHANdo... você já vê bastante flores... que minha mãe gosta de	11
bastante flo::res na ca::sa para enfeitá(r)... aí você vê um banhe::(i)ro... uma:: um quintal	12
am::plo e uma piscina... enterrada... não é muito grande... LOgo pra frente você vê três	13
áreas... uma um quarti::nho uma lavanderia::a e um:: escritório Ele não é muito arrumado	14
é o Ú::nico... assim:: o único:: é a única área que é mais bagunçada que é a:: área	15
que fica os li::vros... e os materiais escolares...	16
Tópico discursivo 2.2/ SegT mínimo 3: Piso superior da casa	
e/ em cima do:: no sobradinho em cima... tem três quartos... um que meu pai e	17
minha mãe fi::ca ((barulho de criança na casa da vizinha)) um do meu irmã::o e um	18
meu... você éh:: no quarto da minha mãe e do meu pai tem um... banhe(i)ro um	19
guarda-ro::(u)pa (onde fica)... logo depois tem uma sali::nha... com televisão... e um::	20
rack... tem um banhe(i)ro éh pra/ pra eu e meu irmão... pra eu e meu irmão... ah e:: tem	21
uma saCAda... onde que a gente fica... a gente pode vê(r) a no::ite... quando as luzes se	22
acen::de o praia clu::be um clube que fica na fren::te... e um MONte de coisa	23
mais... bom eu falei um po(u)co da minha casa	24

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.1: lugar

Tópico discursivo 2.2: lugar

AC 019 – DE	
Tópico discursivo central: Rancho do informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Rancho do informante de forma geral	
Doc.: me descreva o seu rancho	1
Inf.: então ele fica na fren/ na be(i)ra d'um rio no Rio Grande tal:... ele é um rancho	2
SIMples tem uma varan::da:...	3
Tópico discursivo 2: Cômodos da casa do rancho do informante	
Tópico discursivo 2.1/ SegT mínimo 2: Cozinhas interna e externa da casa do rancho	
uma cozinha inter::na e uma exter::na tal que tem uma churrasque::(i)ra... uma mesinha	4
tal pra to/ fazê(r) um churras::co tomá(r) uma cerveja tal... e na cozinha interna tem...	5
um fogão:... uma pi::a tal tem o/ os ah os armá::rios... TEM tam(b)ém uma mesa pra	6
guardá(r)... alimen::to tal que a gente leva quando a gente vai pra lá	7
Tópico discursivo 2.2/ SegT mínimo 3: Sala da casa	
e tam(b)ém tem dois... TRÊS quartos... e uma sala... na sala tem uma televisão:... uma	8
bancada... tipo assim almofadada pra gente ficá(r)... tem:... tem uma mesa de jogos	9
tam(b)ém tipo pa jogá(r) um Banco Imobiliário tal tudo na sala...	10
Tópico discursivo 2.3/ SegT mínimo 4: Quartos da casa do rancho do informante	
aí nos quarto tem um quarto tem... uma cama de casal:: e uma... de solte(i)ro tal com	11
uma/ com... um guarda-ro(u)pa tal:... no o(u)tro tem... duas cama de casal... o quarto	12
é bem grande tem duas cama de casal:: do/ um quadro assim no meio um quadro de Nossa	13
Senho::ra... e é um quarto que tem um banhe(i)ro e tal... e::... tem tam(b)ém uma...	14
televisão o único quarto que tem televisão é esse que tem duas camas de casal... e o	15
o(u)tro quarto é um quarto mais simples só tem uma cama de casal só é pequenininho...	16
e tam(b)ém fala que é o quartinho lá porque guarda tudo a... tranque(i)ragem guarda lá	17
tudo... guarda separado...	18
Tópico discursivo 2.4/ SegT mínimo 5: Banheiros da casa	
e::... tem três banhe(i)ros o:: o rancho... o rancho é uma cor meio viado é uma cor-de-	19
rosa... é bem:: gayzinho mas é da hora tal	20
Tópico discursivo 3/ SegT mínimo 6: Fundo do rancho	
e:: tem... no fundo dele tem um campo de futebol tem uma pisci::na...e::... uma	21
mangue::(i)ra... tem uma mangue(i)ra lá que plantô(u) desde:...quando o meu vô	22
comprô(u) o rancho que faz tempo pa caramba já... e... nossa essa mangue(i)ra é enorme	23
tal dá manga... dá manga quase todo ano que ela tá com... com::... como fala?... com	24
doença agora agora ela tá morren(d)o porque antes ela dava... manga todo ano tal	25

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: lugar

Tópico discursivo 2.1: lugar

Tópico discursivo 2.2: lugar

Tópico discursivo 2.3: lugar

Tópico discursivo 2.4: lugar

Tópico discursivo 3: lugar

AC 038 – DE	
Tópico discursivo central: Locais dos quais a informante se lembra	
Tópico discursivo 1: Município de Cedral	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Definição do tema município de Cedral	
Doc.: C. tem algum local assim que você gostaria de me descrevê::(r) assim que você se	1
lem::bre que você foi:: ou... que você:: éh:: pode sê(r) assim o lugar que você mo::ra	2
também:: a sua ca::sa...[Inf.: ah tá] que você gostaria de descrevê(r) pra gente?	3
Inf.: ah sim éh:: gostaria de falá(r)... ah do meu muniCípio aqui de Cedral né::?	4
Tópico discursivo 1.2: Locais públicos de Cedral	
Tópico discursivo 1.2.1/ SegT mínimo 2: Praça gostosa de se ir	
por exemplo eu vô(u) falá(r) da PRAça que é um lugar assim:: gosto::so assim de í::(r)...	5
pra você í(r) com as/ com a crian::ça com os fi::lhos né?... é um lugar muito gostoso de	6
se í(r) né?... éh lá na pra::ça assim há muitas ár::vres (inint.)... tem os ban::cos aí tem	7
tipo um larg/ um la::go né? c'uma:: uma fonte... é um lugar gosto::so onde você vê	8
bastante gen::te... é um lugar visto::so... muito bom assim se você for tirá(r) uma FOTO	9
fica com uma aparência linda por causa das ár::vres uma paiSAgem muito bonita...	10
Tópico discursivo 1.2.2/ SegT mínimo 3: Calçada bonito de Cedral	
há também o:: assim que eu Acho bonito também a/ éh há de interessante assim que eu	11
acho também... o calçadão::... que é:: um lugar onde tem a fe::(i)ra... as pessoas montam	12
lá suas barraquinhas aos sá::bados... vendem as coi::sas ai... vendem as co::isas... e éh::	13
tem os bancos na praça nã/ não no calçadão eu quero dizê(r) tem os ban::cos... éh há	14
umas ár::vres também há uma sombra muito gosto::sa assim as pessoas ficam ali	15
conversam... é um lugar vistoso também onde passa bastan::te gen::te... um lugar...	16
bonito assim que eu acho...	17
Tópico discursivo 1.3: Casa da informante	
Tópico discursivo 1.3.1/ SegT mínimo 4: Cômodos da casa da informante	
e também vô(u) falá(r) um po(u)quinho da minha casa... minha casa... éh:: há quatro...	18
quatro cômodos e o banhe(i)ro... éh::... na sala... tem/ há dois sofá::... éh:: uma rack né?	19
uma televisão:: um vídeo o/ um rádio... éh:: aí tem o meu quarto onde eu durmo né?...	20
tem a cama de casal::... o guarda-ro(u)pa... a beli::che... uma cômoda tem uma	21
televisão... também... aí há o banhe::(i)ro né?... é um banhe(i)ro pe/ é gran::de assim::	22
éh do jeito assim éh:: bonito assim éh tem vaso pia coisa que todo banhe(i)ro tem aí no	23
o(u)tro quarto da minha mãe tem... a ca::ma dela a/ a cômoda o guarda-ro(u)pa... né? aí	24
também tem a:: cozinha da minha ca::sa que há uma me::sa com seis cade::(i)ras... um	25
armá::rio... uma geladei::ra... e há também um fogão e a pia... ((vozes ao fundo))	26
Tópico discursivo 1.3.2/ SegT mínimo 5: Frente e fundo da casa da informante	
aí assim tem a minha casa é toda mura::da mas a FREnte o fundo NÃO porque é um lote	27
inte::(i)ro... e meu irmão/ a gente dividimo(s) o lo::te meu irmão tá construindo no	28
fun::do uma casa também com uma cozi::nha um quar::to... uma sala e um banhe(i)ro...	29
então lá no fundo não tem ((vozes)) muro porque::... éh:: ele vai fazê(r) ain::da que ele	30
tá terminando a obra dele... é um/ é um quintal grande sim ((vozes)) a gente tem uma	31

área na fren::te uma área no fun::do temos a frente da ca::sa com calça::da... éh:: é uma aveni::da ((barulho de carro)) ontem tem bastante movimen::to passa bastante ca::rro...	32 33
Tópico discursivo 1.2.3/ SegT mínimo 6: Loteamento novo bonito	
de frente da minha casa há também um loteamen::to no::vo que saiu... as pessoas estão construindo casa aGO::ra... é:: o(u)tro lugar bem vistoso tem éh:: várias ruas fizeram PRAça... é:: um lugar assim que ficô(u) bonito também que (a)cabô(u) incrementando aqui...	34 35 36 37
Tópico discursivo 1.2.4/ SegT mínimo 7: Postinho de saúde	
o(u)tro/ (inint.) o(u)tro lugar também... éh:: que eu acho assim interessante também éh::... ah tem também o Posto de Saú::de né?... lá... há várias sa::las também com::... vários bancos é um postinho simples apesar da cidade sê(r) uma cidadezinha pequena um município praticamente é:: é um/ um/ um há:: um postinho assim... éh com vários bancos tem ala de dentis::ta... éh:: éh:: nem nem éh nem todos os postos tem o que tem aqui...	38 39 40 41 42
Tópico discursivo 1.2.5/ SegT mínimo 8: Escolinha	
éh:: eu vô(u) falá(r) também da esCOla né?... que é um lugar assim que aqui antes não havia... agora há também a escolinha... separa::da de pré jardim um jardim dois... as crianças freqüentam e/ HÁ várias sa::las lá... éh éh há uma/ há pisci::na lá pra eles poderem brincá::(r)... tem um pa::tio... enor::me onde eles montam pe::ças fazem a/ as brincade(i)ras deles... lá há várias sa::las as me::sas com as cade::(i)ras tudo muito:: arrumadinho...	43 44 45 46 47 48
Tópico discursivo 2/ SegT mínimo 9: Salão onde a informante dança forró em outra cidade	
éh:: ah éh vô(u) falá(r) também ah agora eu vô(u) falá(r) também do::... ah do forró onde eu vô(u) eu vô(u) falá(r) é onde gosto de í(r)... lá é/ é ne o(u)tra cida::de... é um lugar gosto::so... éh:: tem... a gente entra assim é um salã::o... bem gran::de... éh:: há várias mesas né?... há também um pa::lco... onde fica os canto::res... há o um salão:: onde a gente possa dançá::(r)... há também dois banhe::(i)ros... dos homens o(u)tro das mulheres para que cada um possa í(r) no seu... éh:: vô(u) falá(r) também ah éh:: ((gravação interrompida: a informante precisava ir embora))	49 50 51 52 53 54 55

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2.1: lugar

Tópico discursivo 1.2.2: lugar

Tópico discursivo 1.3.1: lugar

Tópico discursivo 1.3.2: lugar

Tópico discursivo 1.2.3: lugar

Tópico discursivo 1.2.4: lugar

Tópico discursivo 1.2.5: lugar

Tópico discursivo 2: lugar

AC 049 – DE	
Tópico discursivo central: Jipe do informante	
Tópico discursivo 1/ SegT mínimo1: Jipe de forma geral	
Doc.: descreva seu jipe para mim	1
Inf.: bom... meu jipe:... é amarelo... amarelo:: meio do(u)rado assim... ele:... ((risos)) é de mil novecentos e oitenta e um...	2 3
Tópico discursivo 2/ SegT mínimo 2: Semelhança do jipe do informante com jipes usados na II Guerra Mundial	
é um jipe que foi:: usado na:... na segunda guerra mundial... ele é um po(u)co mais moderno um po(u)co mais novo né?... do que do o usado na segunda guerra mundial mas ele é basicamente a mesma coisa... ele é/ a aparên::cia... e até:: a mecâ::nica dele é praticamente igual ao usado na guerra né? na segunda guerra mundial...	4 5 6 7
Tópico discursivo 3: Diferenças do jipe do informante em relação a outros jipes	
Tópico discursivo 3.1/ SegT mínimo 3: Rodas especiais	
éh:: ele tem algumas::... diferen::ças dos o(u)tros jipes... são algumas adaptações... que eu fiz pra facilitá::(r)... pra dirigí(r)... ele tem rodas espe/ especiais... pra:: off road...	8 9
Tópico discursivo 3.2/ SegT mínimo4: Motor retificado	
ele tem::... o motor dele é totalmente::... é retificado... motor dele é novinho é o motor de um de um o(u)tro carro... que chama que chama Maverick... é um motor dois ponto três... de quatro cilindros... a álcool né?... é um motor bem for::te tal...	10 11 12
Tópico discursivo 3.3/ SegT mínimo 5: Câmbio com três alavancas	
ele tem um cambio que tem quatro mar::chas... éh::... ele tem éh tem uma reduzida também no cambio... que de(i)xa ele mais forte pa subí(r) uma monta::nha se precisá(r) subí(r) alguma coisa ele fica mais potente... e tem quatro por quatro então na verdade dentro dele... assim tem três... três alavancas tipo como se fosse de câmbio né?... é uma paras marchas normais... que são quatro... uma pra reduzida que é ligada e desligada... e uma pro:: pra ligá(r) a tração:: quatro por quatro... ou desligá(r) a tração quatro por quatro...	13 14 15 16 17 18
Tópico discursivo 3.4/ SegT mínimo 6: Direção adaptada do Puma	
éh:: tem uma direção também diferente... adaptada nele... que eu adaptei... que é do Puma...	19 20
Tópico discursivo 3.5/ SegT mínimo 7: Bancos não originais	
ele tem::... os bancos dele são diferentes também... foram troca::dos... não são originais... pra ficá(r) dá(r) um aspecto mais espor::te... no jipe...	21 22
Tópico discursivo 3.6/ SegT mínimo 8: Capota conversível	
tem uma capota conversível... bem legal também... que:: cê pode aba(i)xá(r) ou levantá(r) a hora que quisé(r) assim... éh:: a capota é de lona né? uma lona PREta...	23 24

Tópico discursivo 3.7/ SegT mínimo 9: Pneus especiais	
éh tem pneu especial também pneu de Pajero... que tam(b)ém que eu troquei... que os pneus dele eram mais finos e eu pus pneu mais largo né?...	25 26
Tópico discursivo 3.8/ SegT mínimo 10: Freio de efe trezentos e cinquenta	
tem também:... o(u)tra diferença é o freio... que é um freio não/ que tam(b)ém não é de::le... é um freio de efe trezentos e cinqüenta... que é d'uma caminhonete que é mais for::te tal o carro e mais macio também na hora de apertá(r)...	27 28 29
Tópico discursivo 3.9/ SegT mínimo 11: Freio de mão adaptado de dê dez	
tem o(u)tra diferença que éh:: o freio de mão... que é de:: caminhonete... que é de:: dê dez... que o original dele é diferente que foi adaptado também o freio de dê dez no jipe...	30 31
Tópico discursivo 3.10/ SegT mínimo 12: Caixa de direção de Maverick	
e:: a direção... foi trocada tem/ a direção é do Puma só que a CA(i)xa de direção é d'um Maverick né?... então fica mais macia também... como se fosse hidráulica... e:: isso éh::...	32 33
Tópico discursivo 3.11/ SegT mínimo 13: Escapamento diferenciado	
tem tem escapamento também que é diferente que é diferencia::do que foi feito especialmente pra e::le que é um:: tipo diferente que ele... ele faz com que o motor num perca a potência... abafa:: o barulho mas num perde potência... e é basicamente isso... num tem:: mais... mais nada assim	34 35 36 37

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: indivíduo
 Tópico discursivo 2: estado-de-coisas
 Tópico discursivo 3.1: indivíduo
 Tópico discursivo 3.2: indivíduo
 Tópico discursivo 3.3: indivíduo
 Tópico discursivo 3.4: indivíduo
 Tópico discursivo 3.5: indivíduo
 Tópico discursivo 3.6: indivíduo
 Tópico discursivo 3.7: indivíduo
 Tópico discursivo 3.8: indivíduo
 Tópico discursivo 3.9: indivíduo
 Tópico discursivo 3.10: indivíduo
 Tópico discursivo 3.11: indivíduo

AC 064 – DE	
Tópico discursivo central: Pessoa e locais interessantes para a informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Pessoa de quem a informante gosta muito	
Doc.: agora eu queria que cê... fizesse uma descrição pra mim... descrevesse ou uma	1
perso::a ou um lugar:: um lugar que cê foi:: achô(u) interessan::te uma cida::de uma	2
pra::ia... uma descrição de qualquer coisa	3
Inf.: descrição?... uhm::... uma descrição... eu vô(u) descrevê(r) uma pessoa que eu gosto	4
muito... [Doc.: uhum ((concordando))... precisa falá(r) o nome [ou só fala quando for	5
precisá(r)?]	6
Doc.: [não... (só o que cê pod/ acho que sempre)]	7
Inf.: então êh::... ela é uma pessoa assim muito amoro::sa... eu conheci ((a filha da	8
informante fala com terceiros)) eu conheci ela... quando eu tinha dezessete a::nos... ela foi	9
uma pessoa que me ajudô(u) mui::to... é uma pessoa assim que::... você conta as coisa pra	10
ela ela consegue te entendê::(r) é uma pessoa que tem empati::a... também uma pessoa que	11
sempre me ajudô::(u)... ela::... uma pessoa::... como eu posso dizê(r)? de aparência até	12
num é tão bela mas... é:: intimamente assim é uma pessoa maravilhosa... ela tem a::	13
paciência de:: escutá::(r)... e também de te aconselhá(r) conforme você precise... né?... ela	14
é:: é morena... tem os olhos verdes... morena não loira assim mas o cabelo dela é castanho	15
claro... tem os olhos verdes é branca... mora aqui perto de mim e foi uma pessoa muito	16
importante na minha vida... E... e mais assim é uma pessoa excelente é muito amoro::sa...	17
e:: é o que eu te falei ela consegue::... entendê(r) ou quando a gente fala escu::ta... pra	18
depois aconselhá(r)	19
Doc.: uhum ((concordando))...	20
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Praia marcante	
e tem algum lugar assim:: que ce fo::i que cê... que cê lembra que ficô(u) na sua cabe::ça?	21
Inf.: ah eu lembro quan(d)o eu fui na praia mas eu era bem pequenininha tinha uns seis	22
anos ((risos))... então eu lembro... eu lembro que:: a gente chegô(u) na praia e... quando a	23
gente chegô(u) tava sol... mas depois começô(u) chovê::(r) aí começô(u) a ficá(r) em	24
(inint.) eu lembro a da/ eu lembro direitinho do mar:: d/ assim as on::das até meu pai...	25
pegava a gente leva::va assim lá bem lá no fundo assim pegava eu e meu irmãozinho... aí	26
a gente via a água assim AZUL::... limpi::nha... a areia também... pegava a areia pa fazê(r)	27
casteli::nho né?... era um lugar bem bonito apesar... do tempo tê(r) ficado ruim... mas o	28
lugar assim era/ foi um lugar que me marcô(u) muito eu lembro perfeitamente como se	29
fosse hoje... da praia da/ do mar::... e a areia assim também que nós... andamos	30
Doc.: tá...	31
Tópico discursivo 3: Lugar onde morou	
Tópico discursivo 3.1/SegT mínimo 3: Definição do tema lugar onde morou e menção à primeira casa que morou depois de casada	
e seu casamento assim cê lembra como tava a igre::já num sei cê casô(u) na igreja?	32
Inf.: não [num num casei... só no cartório]	33
Doc.: [não?... ah casô(u) só no cartório]... aham ((concordando))... e::... tem mais algum	34
o(u)tro lugar assim algum lugar onde ce morô::(u)... ou visitô::(u)?	35
Inf.: que eu morei?... ((conversa na sala ao lado)) bom eu morei quando quando eu me	36
casei::... a gente morô(u) logo de princípio no começo na:: na frente da casa da minha	37
sogra...	38

Tópico discursivo 3.2/SegT mínimo 4: Casinha onde a informante morou depois de casada da qual gosta muito	
dePOIS – não agora não ((a informante responde a um pedido da filha)) – depois a	39
gente::... depois nós mudamos lá pro Maria Lúcia... e era uma:: casinha peque::na... tinha	40
tinha::... três cômodos a sala era assim junto com a cozinha... e o quarto... e era/ um	41
lugar::... era um lugar gos/ eu gostava muito de lá porque além de sê(r) peque::no... eu e a	42
P. porque a P. era nenezinho a gente ficava o dia inTE(i)ro sozinha né?... por sê(r) um	43
lugar (de) sê(r) longe... o:: meu marido o A. vinha só à noite né?... porque num tinha como	44
ele í(r) almoçá(r) em casa... porque num tinha condução né? maior parte do... tempo que a	45
gente morô(u) lá foi assim... então ERA eu gostava muito sabe? da casi::nha do lugar	46
depois ele... aumentô::(u) fez a sala fez uma sa::la bem grande na fren::te... aí fez uma área	47
assim no fun::do também... ficô(u) bem bonito no:: no fundo da casa era te::rra... e e/ e eu	48
gostava muito de lá até quando::... quando ele foi vendê(r) eu num queria que vendesse	49
porque eu gostava muito da casa	50
Doc.: uhum...foi a prime(i)ra casa [(inint.)?]	51
Inf.: [foi] aham ((concordando))	52
Doc.: tá certo	53

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: indivíduo

Tópico discursivo 2: lugar

Tópico discursivo 3.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2: lugar

AC 075 – DE	
Tópico discursivo central: Locais bonitos que o informante já foi conhecer	
Tópico discursivo 1: Foz do Iguaçu	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Definição do tema Foz do Iguaçu e caracterização inicial do lugar	
Doc.: bom... agora eu queria que cê:: descrevesse algum local assim:: algum lugar bonito que cê já tenha i::do conhecê::(r)	1 2
Inf.: ah o lugar... que eu fui que eu achei muito bonito... foi em::... no Paraguai... bonito hein? Paraguai bonito hein? [Doc.: ((risos))] ((risos)) NÃO foi em:: em Foz do/ Foz do Iguaçu né?... as catarata	3 4 5
Tópico discursivo 1.2/SegT mínimo 2: Cataratas do Iguaçu	
inclusive no no quando nós fomos lá... eu acho que na-quela época... foi o do... tava BEM cheio foi uma:: época de chuva... dos últimos num sei quantos anos lá é::... o maior volume de água que... TAVA tendo é:: [Doc.: ahm] naquele dia naqueles dias ali né?... então eu achei muito bonito mesmo nós andamo(s) lá::... descemo(s) tudo lá... por ba::(i)xo assim... então... e um lugar que realmente::... tanto a mim (quanto à)/ à minha esposa que nós achamo(s) muito bonito mesmo p/	6 7 8 9 10 11
Doc.: por que assim?	12
Inf.: é MUito bonito... é MUita Água é MUita Água... é a mão de Deus mesmo porque é MUita água é só Deus mesmo pa fazê(r) um negócio daquele sabe?... e você anda BEM... perto da água assim... e realmente ele tem:: aquelas chamadas Sete Quedas né? que eles falam Sete Quedas porque realmente tem as sete quedas assim... e é MUI::to bonito e::... chega a dá(r) medo né? [Doc.: é ((concordando))] é eu inclusive... fui até... porque tem uma passarela que cê vai até mais ou menos lá no meio eu realmente fiquei até com medo de í(r) lá... o volume de água é MUI::to grande... não sei se é SEMpre assim né? mas... e o ver::de né? é mui::to bonito o ma::to ali é um lugar... muito bonito mesmo... é um lugar que eu conheci que eu achei muito bonito	13 14 15 16 17 18 19 20 21
Tópico discursivo 1.3/SegT mínimo 3: Hotel simples onde ficou hospedado	
Doc.: cê se lembra onde cê ficô(u) hospedado assim como que era o lugar?	22
Inf.: não não nós ficamo em/ hospedado... e/ em Foz do Iguaçu né?... nós ficamo(s) num hotel em Foz do Iguaçu	23 24
Doc.: cê lembra como que era o hotel assim pro cê descrevê(r) pra mim?	25
Inf.: NÃO:: o hotel até que era simples né?... [o hotel num era um hotel::]	26
Doc.: [mas quantas estrelas assim?] (mesmo)	27
Inf.: NÃO é um hotel::... norMAL um hotel... comum::... apartamentos comum né? num é um::	28 29
Doc.: mas é:: como?... descreve pra mim como que era assim (mesmo)... (num importa)	30
Inf.: não como é que eu vô(u) descrevê(r) pra você? [por ser] [Doc.: (inint.) assim]	31
coMUM é/ é:: um/ é um::... hotel totalmente (meia) pintado de bran::co né? (fa(i)xa) pintada de branco... os apartamentos::... com ar o::... o::... o banhe(i)ro den::tro né?... as cama simples frigo/ frigo/ frigobar... né?... e... o demais simples assim um hotel bem simples mesmo... num tinha nada e/ nós fizemo(s) uma excursão com amigos né?... [Doc.: certo] nós fomo(s) com amigos e::... pegamo(s) esse hotel pa ficá(r) lá	32 33 34 35 36

Tópico discursivo 1.4/SegT mínimo 4: Restaurante bonito onde foi jantar	
Doc.: e cê:: fico/ tem algum o(u)tro lugar que cê foi lá? assim?... sem sê::(r)... [as cataratas]?	37
Inf.: [NÃO] fomos num jantar lá no num:: restaurante chamado Rafain... Rafain é... el/	38
Doc.: como que era assim?	39
Inf.: ah o::...	40
Doc.: o restaurante?	41
Inf.: o restaurante era muito bonito... dentro dele assim... lá no meio ti/ tinha tipo d'uma::...	42
uma fogue(i)ra - né? F. ((falando com a esposa)) - um negócio assim que tinha no meio	43
dele assim... (e num anda::/)... no::... no dia à noite teve umas apresentações lá... de umas	44
muLAtas que dançaram lá... éh::... teve tam(b)ém uma apresentação... teve uma o(u)tra	45
apresentação que eu num me lembro... ((vozes ao fundo)) uns mexica::nos (meio) um	46
paraGUAlo num sei que que era aquilo lá um pessoal... cantando... uma/ mais um	47
restaurante bem diferente mesmo	48
Doc.: como que era assim den::tro a decoração::?	49
Inf.: AH eu num lembro eu num num lembro que (às vez) era meio escu::ro sabe? eu	50
num:: realmente num lembro... eu sei que era bonita mas num... eu num... num num me	51
lembro mesmo	52
	53
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 5: Hotel bonito em Barra Bonita	
Doc.: tem um o(u)tro lugar assim po cê descrevê(r) pra mim assim? bem em detalhes?	54
Inf.: ah um/ um hotel que eu fiquei uma vez e esse com detalhes que eu achei até	55
interessante foi... numa... um trabalho que nós fomos fazê(r) também em:: Barra Bonita...	56
e esse hotel ele era::... na antiga::... quando fizeram a eclusa que tem a eclusa em Barra	57
Bonita né? então nós ficamo(s) bem em frente à eclusa lá... o hotel era um hotel-fazenda...	58
então::... esse:: esse hotel era um hotel BEM assim... éh:: estilo meio colonial mes::mo	59
um antigo que foi reforma::do né? [Doc.: aham ((concordando))] com vários chalés::... o/	60
a/ o/ o cent/ o ce/ a parte central do hotel... que no caso a recepção do hotel... ele era bem	61
anti::go... você tipo assim a entrada é mais ou menos como eu posso dizê(r)? assim de um	62
castelo né?... entrada pelos dois lado de esca::da... o formato dele meio que de um	63
castelo... é aonde você tomava o café da manhã:: tudo ali né? recepção era tudo ali... [Doc.:]	64
hum ((concordando))] tinha tam(b)ém o::... a parte de happy hour tu::do que o pessoal	65
ficava ali à tar::de... só que os quartos não eram chalé né? então era pra fora... ((pessoas	66
conversando ao fundo)) tem os chalés né? pra fora... e:: mais emba(i)xo tinha a piscina	67
né? que era aquelas piscina aquecida com... com bar dentro né?... e:: era assim meio	68
anTIgo mas muito bonito né? [Doc.: uhum ((concordando))] que foi reforma::do foi tu/	69
só os chalés que não né? mas... o restante assim do::... do:: hotel era bem::... era bem	70
antigo que... éh o pessoal me disse o que que era lá na época... dos colo::nos alguma coisa	71
assim eu num me lembro mas ficava BEM em frente mesmo... aonde é feita a eclusa né?	72
que tem aquela... onde en::che que [aí] [Doc.: ham]... so::be né? e é no no Tietê né? na	73
margem do Tietê... [Doc.: hum] é um hotel bem bonito que eu fiquei tam(b)ém que... que	74
eu me lembro	75

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2: lugar

Tópico discursivo 1.3: lugar

Tópico discursivo 1.4: lugar

Tópico discursivo 2: lugar

AC 102 – DE	
Tópico discursivo central: Catedral de São José do Rio Preto	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema catedral de Rio Preto, gosto da informante pelo local e caracterização inicial da igreja	
Doc.: dona M. a senhora pode... descrevê(r) pra mim... algum local... que a senhora...	1
gosta ou gostava no passado... éh... no passado assim que a senhora gostava de visitá(r)	2
Inf.: óh eu gostava MUIto... e:: até hoje eu tenho lembrança... e tenho saudade da::... da	3
nossa catedral... né? de São José do Rio Preto... lá a Catedral de São José... éh::... do qual	4
a minha infância eu fui MUIto... eu participei muito da comunidade... da iGREja a gen/	5
ia muito a igreja... e::... assim pela::... eu gostava do esTilo dela... né?... era uma igreja	6
simples pequena...	7
Tópico discursivo 2/ SegT mínimo 2: Arredores da antiga catedral de São José do Rio Preto	
mas ela tinha toda em volta dela... ela tinha uma praça muito bonita com aqueles bancos	8
antigos... aqueles aqueles lustres... éh:: que iluminava a praça antigo... né? uma escadaria	9
pra gente subí(r) e chegá(r)... éh... pa entrá(r) dentro da igreja... éh do lado dela eu lembro	10
assim às direita... éh::... tinha tipo d'uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes... éh depois	11
no fundo tinha uma escadinha assim que subia que ia pra torre eu vô(u) falá(r) eu sempre	12
tive muita vontade de subí(r)... mas eu nunca... a gente nunca... teve oportunidade de	13
í(r)...	14
Tópico discursivo 3/ SegT mínimo 3: Tons escuros e aconchego do interior da igreja	
aí a gen/ entrava uma igreja escura... sabe era uma igreja assim... escura... com uns	15
vitrais... assim cor... um verde escuro... éh::... e puxava também pro ROxo e pro VInho...	16
sabe? então era uma igreja assim que te levava a muita contemplação... éh:: você::	17
entrava e se sentia bem... éh na/ era uma igreja que eu percebia... assim que no/ no	18
verÃO... ela era fresquinha... era uma igreja gosto::sa...	19
Tópico discursivo 4: Partes da catedral	
Tópico discursivo 4.1/ SegT mínimo 4: Lugar onde o padre subia para fazer homilia	
éh::... e e::... e quando a gente entra/ éh... isso que essa época que eu participei ainda...	20
que... que íamos... éh::... (a)inda tava antes do Concílio Vaticano Segundo... então ainda	21
ela preservô(u)... éh:: aqueles lugar que o padre subia pra fazê(r) a homiLIa... aquela	22
escada no meio... com aqueles... eu num sei como que chama... aquilo... éh e o padre	23
subia e fazia ali ele saia de lá do altar e ia fazê(r) a... a homilia... a explicação né? dá(r)	24
as explicação falá(r) com o povo... ali daquele lado...	25
Tópico discursivo 5: Objetos da catedral	
Tópico discursivo 5.1/ SegT mínimo 5: Confessionários antigos feitos em madeira	
éh os confessionário também era anti::go... éh::... feito em made::(i)ra... a:: gente... sabe	26
mais do que você confessava cê já cê via a Obra né? que foi feita de made(i)ra bem	27
trabalhada com os detalhes... eu sempre gostei muito dessas coisas sabe? anTIga... éh	28
com esses desenho...	29

Tópico discursivo 4.2/ SegT mínimo 6: Altares de mármore	
aí ela tinha uns... uns alTAres... dos lados... éh::... tudo em mármore... éh::... e nesses	30
altares também tinha umas imagens grandes sabe? de Nossa Senhora... eu num lembro	31
muito bem os santos... eu lembro de Nossa Senhora... mas eu num lembro muito bem os	32
o(u)tros santos... mas eram tipos de altares mesmo mas dos lados... éh:: da igreja... o	33
altar central dela era muito boNÍto... né? todo em már::more trabalhado sempre florido...	34
Tópico discursivo 4.3/ SegT mínimo 7: Lugar do Santíssimo	
éh depois tinha o o/ ela tinha o Santíssimo aonde ficava... o o:: o Santíssimo... era:: um	35
lugar que tinha assim tipo d'uma::... d'uma gra::de ((ruído))... que fechava porque	36
antigamente... éh num ficava exposto aberto pra gente entrá(r) e saí(r) a hora que queria...	37
né::? eles ficava fechado... com umas cortinas vermelhas... sabe?... tudo assim MUITO	38
bonito era... era... ao mesmo tempo que era... ruim por sê(r)... éh proibido po/ pro... pro	39
leigo num tinha tanto acesso... a chegá(r) tão perto do Santíssimo... mas era uma coisa	40
bonita porque tinha era tudo muito bem fei::to... éh muito trabalha::do... no mármore	41
trabalhado... o Santíssimo com flores com velas aqueles an::jos... coloridos né?	42
seguran(d)o aqueles castiçais... com ve::la... cortinas verme::lhas...	43
Tópico discursivo 4.4/ SegT mínimo 8: Teto todo pintado da igreja	
era um lugar que tudo isso/ de/ mesmo quando eu era pequena eu gostava porque às vez	44
eu ia c'a minha mãe... e criança deita no chão fica olhando o teto TOdo pinTA::do em	45
douRA::do aquelas flores dourado com ver::de... as iMAgens dos SANTos... éh pinTAdo	46
no TEto aquilo pra mim era uma maravilha... além de me levá(r)... depois de grande tanta	47
contemplação... e eu tenho até saudade dessa época...	48
Tópico discursivo 5.2/ SegT mínimo 9: Imagem de Jesus carregando a cruz nos ombros	
eu lembro que no fundo da igreja também... tinha... éh::... Jesus né? carregan(d)o a cruz	49
nos ombros... e o qual ele usava... tinha um cabelo e o cabelo era feito na peruca natural	50
na época e eu lembro até que a rou/ ro(u)baram a peru::ca de::le tal depois no fim eu quis	51
vê(r) a/ fiz a/ que a minha mãe levasse eu pra vê(r) essa peruca que tinha ro(u)bado...	52
mas era estátua né? imagem... então é um lugar muito bonito... é... era né? no caso... e	53
que eu tenho saudade... eu tenho muita saudades de lá... de de de toda essa coisa... éh	54
bonita né?	55
Tópico discursivo 5.3/ SegT mínimo 10: Quadros grandes da via sacra	
tinha uns quadros muito grande os quadros da... da Via Sacra... eram grandes... bem	56
grandes mesmo um... devia sê(r) um e meio ou dois metros... a pintura sabe?... éh o	57
trabalhado da pintura... da... da... da moldura do dos quadros também...	58
Tópico discursivo 6/ SegT mínimo 11: Perfeição da igreja	
era muito bem feita muito trabalhada assim uma coisa uma Obra de ARte mesmo ela era	59
Uma Obra de arte... éh foi uma pena tê(r)... né?... por algum motivo ou o(u)tro tê(r) sido	60
demolido... mas... era um lugar que eu gosto... gosTAVA MUItO... de í(r) e de:: de tá...	61
fazen(d)o as minhas meditações	62
Doc.:O.K.	63

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: lugar

Tópico discursivo 3: propriedade

Tópico discursivo 4.1: lugar

Tópico discursivo 5.1: indivíduo

Tópico discursivo 4.2: lugar

Tópico discursivo 4.3: lugar

Tópico discursivo 4.4: indivíduo

Tópico discursivo 5.2: indivíduo

Tópico discursivo 5.3: indivíduo

Tópico discursivo 6: estado-de-coisas

AC 113 – DE	
Tópico central: Sítios do informante	
Tópico discursivo 1: Primeiro sítio	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Definição do tema sítio e caracterização inicial do primeiro sítio	
Doc.: tem algum lugar que o senhor gosta de::/ de está::(r) de passeá(r)?	1
Inf.: sim na verdade tem tem o meu sítio... onde eu gosto de está::(r) de:: éh::... enfim... tá sempre presente lá... é um lugar bem tranqüilo bem gostoso	2
Doc.: e o senhor pode descrevê(r) o sítio do senhor pra gente?	3
Inf.: perfeitamente... é um sítio que eu tenho já... por herança... há mais de trinta anos éh::... é um sítio onde eu tenho uma casa...	4
	5
	6
Tópico discursivo 1.2/SegT mínimo 2: Casa do sítio	
éh:: essa casa tem... éh três dormitórios... éh:: uma sala... banhe(i)ro cozinha... varanda na frente	7
ah:: e nos fundos... e::... e aí/	8
Tópico discursivo 1.3/SegT mínimo 3: Necessidade do desmanche das plantações de manga, laranja e café por causa de doenças e baixo valor	
e nessa propriedade eu já tive... éh plantação de manga ela era toda formada de manga laranja e café... cujas culturas eu tive que desfazê(r)... devido doenças na laranja e na manga... e:: o baixo valor do café... e infelizmente eu tive que desfazê(r)... e hoje essa propriedade eu explo::ro apenas com pastagens... crio gado...	9
	10
	11
	12
Tópico discursivo 1.2/SegT mínimo 2: Casa do sítio	
éh:: tem lá nessa propriedade a casa como eu disse... éh:: essa casa você entrando na sala... é existe um quarto à direita e do/ um/ um quarto à esquerda e dois às direita... éh e depois você chega à:: cozinha onde tem um degrau aí você vai pa varanda... um lugar muito... muito... tranqüilo existe ao lado do lado direito da casa... uma ca::sinha pro case(i)ro:: um/ são um casal... que lá reside... éh::... enfim é um lugar bastante tranqüilo um lugar... éh:: muito gostoso...	13
	14
	15
	16
	17
	18
Tópico discursivo 1.4/SegT mínimo 4: Animais que visitam as árvores frutíferas do sítio	
existe dois córregos... na propriedade:: sendo que num deles... eu tenho uma represa a aproximadamente cem metros da casa... que lá também eu gosto de vê(r) a::/ os passarinhos... onde tucanos... rolinhas... éh:: joão-de-barro... enfim todos os:: tipos de passarinho periquitos... éh vem nas árvores eu tenho algumas árvores frutíferas... e:: eles vêm todos nas árvores... éh:: pra... se alimentá(r)... então é muito bonito... muito gostoso... lugar aprazível... éh:: bastante:: gostoso mesmo... éh:: pra você ficá(r)... éh:: também tem... éh o(u)tros bichos... que às vezes ali se aproximam... éh tipo macaquinhos... éh seriemas que passam todos os dias... passam na propriedade...	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
Tópico discursivo 1.5/SegT mínimo 5: Árvores frutíferas do sítio do informante	
éh:: e as árvores frutíferas que eu tenho:: éh tamarindo manga... éh::... jabuticaba acerola... éh::... pinha... fruta-do-conde... éh::... enfim várias o(u)tras árvores frutíferas também tem... e algumas o(u)tras que estão em formação... que eu estô(u) formando esse ano...	27
	28
	29

Tópico discursivo 1.6/SegT mínimo 6: Apazibilidade do sítio	
é um lugar muito gostoso um lugar... que eu gosto de ficá(r)... um lugar apazível... e assim eu passo... um tempo... bem... bem gostoso... um lugar que eu relaxo muito... e fico bastante tranquilo	30 31 32
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 7: Propriedade rural do informante onde não há casa	
Doc.: e tem alguma o(u)tra propriedade?	33
Inf.: sim tem uma o(u)tra propriedade a aproximadamente dois quilômetros	34
Doc.: e o senhor pode descrevê(r)	35
Inf.: sim é uma propriedade nessa eu não tenho casa... éh:: num tenho assim... éh... muitas benfeitorias... nela é explorada também o PASto... mas uma propriedade muito apazível... éh::	36 37
onde tem um riozinho no fundo... um rio muito gostoso... um rio com muitas pedras... ham::	38
todo arborizado... em volta... e é um lugar muito gostoso pra você pasSÁ(r) o dia... éh:: ah éh	39
enfim qualquer momento levá(r) criança pa brincá(r)... éh:: bem/ bem gostoso... realmente	40
Doc.: tem alguma casa nela?	41
Inf.: não nessa propriedade eu não tenho casa tenho apenas um curral... eu exploro... também	42
nessa proprieda::de... pastagens... éh:: o gado... então nessa propriedade só tem os currais que	43
tudo/ todas... as benfeitorias eu tenho naquela prime(i)ra que eu narrei	44
Tópico discursivo 1.7/SegT mínimo 8: Mudanças na propriedade feitas pelo informante	
Doc.: e naquela... quando o senhor ganhô(u) ela trinta anos atrás que o senhor falô(u)... ela era	45
diferente assim?... e como que ela era antes se ela era diferente?	46
Inf.: não diferente não era a mesma propriedade... só que na época que eu recebi era pastagem...	47
aí eu a transformei... num:: num num... num plantio de laranja manga café... e depois voltô(u)	48
a pastagem... lógico... tinha um curral velho:: de... pau de/ de/ de made(i)ra de aroe(i)ra em pé...	49
éh que eu tirei... hoje existe um o(u)tro curral... a casa... só existia uma casa aí eu reformei...	50
fiz a casinha do... case(i)ro... éh::... enfim fiz sim mudanças... éh mais nesse sentido... fiz essa	51
represa que eu disse anteriormente... éh::... as mudanças... foram essas... que houveram na	52
propriedade	53

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2: lugar

Tópico discursivo 1.3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.4: indivíduo

Tópico discursivo 1.5: indivíduo

Tópico discursivo 1.6: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: lugar

Tópico discursivo 1.7: estado-de-coisas

AC 128 – DE	
Tópico discursivo central: Excursão para a fábrica da Natura	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Passeios da informante para a fábrica da Natura	
Doc.: bom dona W. agora eu queria que a senhora me descrevesse... ahm::... a excursão que a senhora fez pra fábrica da Natura	1
Inf.: bom foi uma:: um passeio muito gostoso que foi assim... a:: as::... as consultora que tavam no <i>ranking</i> éh:: ah::... foi selecionada pra conhecê(r) a a fábrica que fica em Cajamar perto de Jundiaí... eu já é a/ é a segunda vez que eu vô(u) mas a prime(i)ra vez... ah::... nós fomo(s) com ônibus... num sei se é quarenta e seis... a lotação do ônibus acho que é quarenta e seis consultora... tudo pago pela Natura paramo(s) num restaurante almoçamo(s) foi um passeio...	2 3 4 5 6 7 8
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Processo de separação na fábrica da Natura de produtos encomendados	
e quando chegô(u)/ aí a em casa quando eu:: vô(u) fazê(r) meus pedido eu ficava pensando como que... uai eles vão separá(r) o que eu tô pedindo... eu quero... uma colônia quero dois desodorante quero uma pós barba... como que:: né?... quando eu cheguei lá em Cajamar que eu vi... gente que coisa mais linda bom tem tem um lugar lá que eu chamei de:: lugar fantasma [Doc.: ((risos))] tem um é o:: tudo computadorizado então o papel passa o computador lê... a maquininha vai... aonde ele tá o produto ele levanta ele pega ele volta... tem um outro carrinho esperando... parece:: coisa de fantasma todo mundo trabalhando... e ninguém se fala porque é tudo... MÁquina... aí eu fiquei olhando ali né?... e:: até a Natura eu gosto de trabalhá(r) com ela porque eles trabalham::... em prol do bem estar... do:: eles ocupa tudo que é nacional é pitanga é maracujá... e:: só que essa... esse equipamento era alemão... então eu falei –“ah num podia sê(r) brasile(i)ro pra gente ficá(r) MAIS [feliz ainda] [Doc.: uhum ((concordando))] né?”– porque era fora de série...	9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21
Tópico discursivo 3: Partes da fábrica da Natura	
Tópico discursivo 3.1/SegT mínimo 3: Fábrica de produtos para o rosto	
ali aí nós fomo(s) conhecê(r) a fábrica do::... dos creme pro rosto que é tudo... o/ até o ar é esterilizado ninguém pode entrá(r) a gente vê pro lado de [fora] [Doc.: uhum] tudo de vidro [Doc.: de vidro] e eles tudo com máscara e o ar a gente só via os cano... tudo::... e:: pra num pegá(r) nenhuma bactéria nada [Doc.: uhum]... a fábrica de:: a máquina de fazê(r) batom... se eu num em engano acho faz mil batom por segundo ou por minuto num sei é uma rapidez...	22 23 24 25 26 27
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Processo de separação na fábrica da Natura de produtos encomendados	
mas na hora de dividí(r) pra matá(r) minha curiosidade de dividí(r) os produtos... então o pedido... vai... passa pelo computador o computador lê... então ele tem um tipo d'um... igual quando planta pé de pepino que faz os:: o::/... ou o tomate... que faz o:: num é varal... que faz... as made(i)ra... que aí... d'um lado éh tem as pratele(i)ra com produto do o(u)tro lado também e uma este(i)ra emba(i)xo... aí o meu papel com o código tudo... passa ali o computador vai lendo... e vai caindo das pratele(i)ra aquilo que eu quero [Doc.: uhum]... então ele passô(u) perto do Biografia cai um Biografia passô(u) perto do	28 29 30 31 32 33 34

Kaiak cai um Kaiak... passô(u) perto do pós barba... e lá na frente só tem um moço pra í(r) colocando... dentro da ca(i)xa	35
Doc.: separando	36
Inf.: separando	37
Doc.: os pedidos	38
	39
Tópico discursivo 4/SegT mínimo 4: Seriedade da Natura com os pedidos	
Inf.: aí a caixa da Natura chega... faz::... acho que três ou quatro anos que eu vendo [Doc.: uhum]... desses três anos ou quatro o que veio errado talvez uma vez só... [que veio errado] [Doc.: po(u)ca coisa] pelo tempo uma vez só... e a Natura também num manda nada a mais do que eu peço... num é dizê(r) que aí mas num pedi isso num veio a máquina lê aquilo que eu mandei... num éh::... mas eu achei lindo	40
	41
	42
	43
	44
Tópico discursivo 3.2/SegT mínimo 5: Restaurante para os funcionários	
aí depois tem o restauran::te pros funcioná::rio... e lá trabalha vinte e quatro horas direto são três turnos... [Doc.: hum] e:: e:: o:: arquiteto que também que fez o::... planejó(u) ali o:: [Doc.: aham ((concordado))] então eles davam espaço... pra que se aquela:: determinada seção crescesse muito tinha espaço pra:: [Doc.: uhum]... e ela éh::... em volta é tudo tipo de uma igual uma floresta tudo com árvores enorme	45
Doc.: jardim::	46
Inf.: NÃO do lado árvores grande mesmo [Doc.: ah::] bem longe [Doc.: uhum] cê num vê nada cê só vê árvore... e dentro é jardim gramado coisa MAIS linda... e o/ e o:: povo que trabalha lá tam(b)ém mui::to::... muito legal muito atencio::so sabe?...	47
	48
	49
	50
	51
	52
	53
Tópico discursivo 3.3/SegT mínimo 6: Creche para os filhos dos funcionários	
aí e tem uma parte também que é a creche dos [funcionário... pros filhos] [Doc.: hum::]	54
dos funcionário... então ali a mãe que vai trabalhá(r) ali ela tá sempre em contato com o filho tá ali perto vão todo mundo junto trabalhá(r)... e volta todo mundo... então eu achei muito bacana... eu já gostava de::... de trabalhá(r) com a Natura porque ela vem de::... de encontro ao modo de [pensá(r)] [Doc.: uhum] porque que eu sô(u) um po(u)co de Policarpo Quaresma sabe? [Doc.: ((risos))]	55
	56
	57
	58
	59
Tópico discursivo 5/SegT mínimo 7: Nacionalidade dos produtos da Natura	
e:: então:: e a Natura é tudo... quase tudo quase tudo nacional e... igual nós assistimo(s) um filme também lá... do::... do Amazonas... aquele povo pobre que ia sorrí(r) num tinha dente aquelas mão... parecia fundo de panela de::... de fogão de lenha... tudo cortado aquelas crosta sabe?... eu falei –“judiação a Natura”– e:: eles colhiam os fruto e pagavam pro atravessador porque lá tem o rio... [Doc.: aham] e pagava pro atravessador aí a Natura foi lá... comprava DÍreto de::les... aí depois eu vi no filme... a Natura voltando e dan(d)o um sabonete de andiroba que lá é andiroba castanha-do-pará [Doc.: uhum ((concordando))] o::... o:: buriti... e aquele povo pobre aquelas faCHAda de:: do líquido porque eles compram::... o óleo né? [Doc.: uhum]... e aquela mão tão encardida de:: sofrida [queimada] [Doc.: (inint.)] com o sabonete branquinho [da Natura] [Doc.: ah::]... então isso é lindo porque num::... num:: vai falá(r) –“ah... a:: aqui do Brasil num tem nada vamo(s) buscá(r) lá uma essência lá na França lá”– então:: a Natura ela colhe ali... igual o priprioca tam(b)ém num sei que estado que é aí que é extraído então é tu::do... quase que do:: do:: Brasil mesmo... então esse foi um passeio muito bonito	60
	61
	62
	63
	64
	65
	66
	67
	68
	69
	70
	71
	72
	73

Tópico discursivo 6/SegT mínimo 8: Showroom bonito da Natura	
Doc.: e eu queria que a senhora descrevesse o <i>show room</i> também que a senhora foi [e que diz que é] [Inf.: ah é] super bonito	74
Inf.: é e:: todo <i>show room</i> também o <i>show room</i> sempre é na::... na época do do Natal as vezes Dia das Mães mas o do Natal é especial... então eu gosto de í(r) lá porque cê fica maravilhada de vê(r)... a decoração que eles fazem [Doc.: uhum]... e eles trabalham com uma imaginação hoje eu fui era::... uma cama antiga... [Doc.: uhum] uma caminha de solte(i)ra... ah::... c'uma colcha de crochê mas o crochê o/ é crochê tudo feito em quadradinho e depois emendado [Doc.: ham]... almofadas de fuxico... [Doc.: hum::] e::... o:: o banhe(i)ro porque ali eles tavam::... no banhe(i)ro expondo o ro(u)pão da Natu::ra... as coisas pro ba::nho [Doc.: uhum]... mas tudo antigo coisa MAIS linda... e:: os quadros porque a Natura tam(b)ém ela trabalha com a::... o <i>Crer pra ver</i> que ajuda... as entidades [Doc.: uhum] as escolas... e:: tinha os quadros das crianças que:: que pintavam... é muito lindo olha num tem nem jeito de... de descrevê(r) a gente sai feliz de lá só de vê(r)... a beleza do <i>show room</i> da Natura mas isso num é só ele... todos os <i>show room</i> têm... um ano teve até um manequim::... vivo [Doc.: vivo] ah foi a coisa mais linda que as crianças ia lá e ficava passando a mão (delas) [Doc.: ((risos))... os perfumes tudo ali éh... pra pra pessoa senti(r) num é nada escondido que você num pode	75
Doc.: pôr a mão	76
Inf.: pôr a mão não lá é tudo [pode abrí(r)]	77
Doc.: [sai de lá perfumado]	78
Inf.: pode saí(r) perfumada... e tem sempre um:: um suco um bolo [Doc.: uhum]... hoje tinha uma coisa que a M. ia gostá(r)... pãozinho de que(i)jo quentinho [Doc.: hum::]... ai que delí::cia [Doc.: que delí::cia] mas é lindo [lindo]	79
Doc.: [e tem assim] pessoal da Natura pra explicá::(r) [como que é os produ::tos]	80
Inf.: [tem::] tem:: aí a::... aqui em Rio Preto acho que nós temo(s) num sei se é três ou quatro promotora... as/ o que fica meio apertadinho é ali onde fica::... as promotora que elas vão explicá(r)... né? e:: mas e tem o:: gerente tam(b)ém fica ali andan(d)o no:: no meio e::... se você tem alguma pergunta ele tá ali pra fazê(r)... é é muito gostoso	81
Doc.: bem organizado	82
Inf.: bem organizado... bem bonito	83

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.1: lugar

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2: lugar

Tópico discursivo 3.3: lugar

Tópico discursivo 5: estado-de-coisas

Tópico discursivo 5: lugar

AC 139 – DE	
Tópico discursivo central: Casa do informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Casa do informante de forma geral	
Doc.: padrinho descreva a casa onde o senhor mo::ra... pra mim	1
Inf.: bom... a minha residência fica aqui no alto da Boa Vista... na avenida Brasil onze	2
zero nove... e eu resido aqui desde mil-no-ve-cen-tos-e-se-ten-ta-e-quatro essa casa foi	3
financiada pela Ca(i)xa mas atualmente... graças a Deus há muito tempo que ela tá paga...	4
Tópico discursivo 2: Cômodos da casa	
Tópico discursivo 2.1/SegT mínimo 2: Tamanho da casa do informante	
minha casa era pequena... dois quarto sala e cozinha... ho::je ela tem três dormitório duas	5
sala... cozinha... uma área grande na frente uma área grande no fundo com mais um...	6
com mais um/ dorm/ um:: um quartinho de despejo no fundo e um banhe(i)ro no fundo...	7
Tópico discursivo 2.2/SegT mínimo 3: Primeira sala da casa	
agora dentro da da da:: da minha residência dos compartimento... na prime(i)ra sala tem	8
um jogo de sofá::... tem a televisão... aparelho de som... vídeo cassete... um	9
ventilador::... um lustre... tapete no chão::... éh:: tem uma cortina... ali é a parte aonde	10
fica o videogame onde meus netos vêm [que eles] [Doc.: hum::] brinca bastante ali joga	11
videogame... bri::ga... discu::te... [Doc.: hum] ali é o campo de batalha ali... do	12
videogame [Doc.: ((risos))] e é aonde a gente tam(b)ém vai assistí(r) filme...	13
Tópico discursivo 2.3/SegT mínimo 4: Outra sala da casa	
depois aqui na o(u)tra sa::la... aí tem uma estan::te tem uma televisão::... telefo::ne... jogo	14
de sofá:: corti::na... aonde fica os qua::dro... de fotografi::a... do meus ne::to do meu filho	15
da minha filha... [Doc.: ((risos))] tem tam(b)ém um cava::lo... em cima da da estan::te...	16
fica mais um:: um relô::gio... revis::ta... fica::... muita coisa tem dentro/ na estante...	17
ventilador::... tem um relógio de pare::de... tem o rosto de Cristo... tem também um/	18
uma árvore aqui muito bonita que a L. gostô(u) dela a gente comprô::(u) [Doc.: ((risos))]	19
tá aqui no canto da sa::la... tem o tapete azul no chão::... tem mais uma::... três quadros	20
de fotografia BEM:: anti::go quando só tinha o rostí::nho dos meus filho... e essa sala	21
aqui:: tem o sofá da dona V. minha sogra é:: a poltrona especial dela	22
Doc.: só ela que senta?	23
Inf.: só ela que senta ali é dela assistí(r) nove::la [Doc.: ((tosse))] que ela já é de idade já	24
então ela tem que ficá(r) mais próxima à televisão... [Doc.: uhum:: ((concordando))]	25
apesar que ela já usa o aparelho de surdez [Doc.: hum::] mas a poltrona é designado pra	26
ela... [Doc.: hum] e:: aqui é (onde) a sala onde eu assisto jornal:: onde eu le::io...	27
revis::ta... leio jornal::... assisto televisão:: [algum] [Doc.: e nos quartos?] progra::ma	28
Tópico discursivo 2.4/SegT mínimo 5: Quartos da casa	
Doc.: que que tem nos nos cômodos dos quartos?	29
Inf.: num quarto tem::... (inint.) só do A. né? então tem o guarda-ro(u)pa de::le... tem a	30
televisão::... tem o som de::le... [Doc.: hum] tem a cama de::le ventilador::... e tem	31
também um:: uma... um aparelho dele fazê::(r)... musculação... [Doc.: hum] no quarto da	32
minha sogra tam(b)ém é um quarto só dela cama de so/ casal::... tem o guarda-ro::(u)pa...	33
tem uma estante também onde fica os li::vro... e:: e no meu dormitô::rio... já tem:: uma	34
cama também::... tem:: um ar-condiciona::do... tem armá::rio... tem um banhe::(i)ro...	35

Tópico discursivo 2.5/SegT mínimo 6: Banheiros da casa	
tem <i>box</i> no banhe::(i)ro	36
Doc.: [nos dois banhe(i)ro?]	37
Inf.: [(inint.)] nos dois banhe(i)ro... o banhe(i)ro do corredor também tem <i>box</i> ... [Doc.: hum]	38
na verdade minha casa tem tem três banhe(i)ro né?	39
Doc.: tem lá no fundo?	40
Inf.: tem lá no fundo tem o(u)tro...	41
Tópico discursivo 2.4/SegT mínimo 5: Quartos da casa	
então... o:: tipo apartamento é só:: o o um só né?	42
Doc.: no quarto	43
Inf.: é:: onde eu durmo... tem a ca::ma... tapete no chão::... tem a televisão::... esqueci no quarto do A. tam(b)ém tem televisão:: [Doc.: hum]	44
	45
Tópico discursivo 2.6/SegT mínimo 7: Cozinha planejada	
e:: na cozinha da minha casa é a cozinha::... planejada né?... quando a gente fez a ampliação da casa... a gente já fez essa cozinha planejada	46
Doc.: já pensô(u) né?	47
Inf.: é:: já foi pensado... então tem a gelade::(i)ra... tem uma pi::a tam(b)ém... uma pia muito gran::de... um fogão::... uma mesa que foi mandado fazê(r) as cade(i)ra foi tudo mandado fazê(r)... são coisas maciça né? [Doc.: hum::] o piso é cla::ro... da cozinha::... o (a)cabamento é tudo clarinho...	48
	49
	50
	51
	52
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 8: Tonalidade do acabamento da casa	
e:: no nos quarto também TUdo cla::ro nas duas salas já é um po(u)co mais escuro	53
Doc.: ah nos quarto também é cla::ro	54
Inf.: é:: é claro... [Doc.: hum::] e são todos enverniza::dos portas... made(i)ra aqui tudo de cereje(i)ra clara... [Doc.: hum::]	55
	56
Tópico discursivo 2.7/SegT mínimo 9: Área do fundo	
e na área do fundo... tem lá mais uma mesa mais seis cade(i)ra tam(b)ém é mandado fazê::(r)... as cade(i)ra a mesa... tem o freezer... tem ventilado::r... tem a máquina de lavá(r) ro::(u)pa... tem a pia... tem o tan::que... e:: tem mais um banhe::(i)ro ali como já havia di::to anteriormente	57
Doc.: hum:: quartinho [de despejo]	58
Inf.: [tem quartinho] de despejo onde dona V. costura::va hoje devido a idade dela ela quase num costura mais lá tem a máquina de::la... [Doc.: hum::] tem mais uma gelade(i)ra lá que é relíquia de quando eu casei né? fica lá... [Doc.: é::]... ligada lá né? gastan(d)o energia né? mas	59
Doc.: ((risos)) energia [à toa] ((risos))	60
Inf.: [é::]...	61
	62
	63
	64
	65
	66
	67
Tópico discursivo 2.4/ SegT mínimo 5: Quartos	
e:: esqueci de falá(r) no meu dormitório tam(b)ém tem uma televisão::...	68
Tópico discursivo 2.7/SegT mínimo 9: Área do fundo	
e:: lá no fun::do	69

Tópico discursivo 2.8/SegT mínimo 10: Alpendre da frente	
Doc.: aí tem o alpendre... [da frente]	70
Inf.: [tem o alpendre] tam(b)ém é gran::de ali [tudo cober::to]	71
Doc.: [só tem as] plan::tas tem plantas [ali?]	72
Inf.: [tem] plan::ta... tem as duas cadê(i)ra as plantas da fren::te que a L.... tem xodó das	73
planta... são bastante bonita	74
Doc.: ela gosta de [planta?]	75
Inf.: [ela gosta]... ela ado::ra... eu num ligo muito não mais ela adora bastante [Doc.: ((risos))]	76
planta...	77
Tópico discursivo 4/SegT mínimo 11: Abundância de plantas na parte externa da casa	
na lateral da ca::sa no corredor no fundo... tem bastante planta num tem mais porque::	78
devido o espaço né? [Doc.: é::] porque num tem terra aqui é tudo::... é no vaso... [Doc.: hum]	79
e:: sen(d)o no vaso (sempre) tem que í(r) atrás de adu::bo atrás de te::rra... de vez	80
em quando tem que fazê(r) mudan::ça aí::... cai suje::(i)ra [Doc.: ((risos))]	81
e num é:: um local muito adequado mas a gente tem:: tem bastante aqui num resta dúvida	82
Doc.: hum	83

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: lugar
Tópico discursivo 2.1: propriedade
Tópico discursivo 2.2: lugar
Tópico discursivo 2.3: lugar
Tópico discursivo 2.4: lugar
Tópico discursivo 2.5: lugar
Tópico discursivo 2.6: lugar
Tópico discursivo 3: propriedade
Tópico discursivo 2.7: lugar
Tópico discursivo 2.8: lugar
Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

APÊNDICE B – Análise das narrativas de experiência

AC 008 – NE	
Tópico discursivo central: Viagem ao Termas de Olímpia	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema viagem ao Termas de Olímpia	
Doc.: S. eu gostaria de sabê(r) se você fez alguma via::gem assim ou se foi pra algum	1
luga::r que você tenha gostado	2
Inf.: eu fui eh:: eu fui pro Termas de Olímpia...	3
Tópico discursivo 2/ SegT mínimo 2: Convite à informante para ir ao Termas com os tios e atividades da família na expectativa de chegada ao clube	
e tudo começô(u) numa sexta-feira à noite... minha tia me ligô(u) avisan(d)o... pra mi/ éh::	4
me chaman(d)o pra í(r) pro/ pro Termas... aí eu/ eu resolvi com meus pais perguntei se	5
eles deixaram... e eles deixaram... aí eu fiquei muito feliz fui dormí(r) SUp(er) ansiosa... éh::	6
pra... que queria muito que chegasse aquele dia... aí quando chegô(u) o dia... eu a/ eu	7
acordei escovei meus den::tes... arrumei as minhas coisas... e fui... esperá(r) eles chegá(r)...	8
chega::ndo... ele:: ele o meu tio demorô(u) um pouco... aí... na vi/ no/ no caminho da	9
viagem assim a gente vi/ cantô(u)::... a gente dançô(u) [Doc.: legal] ah:: e:: fizemo(s) um	10
monte de brinca-de(i)ra éh:: éh:: contamo(s) pia::da e um monte de coisa...	11
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Atividades da informante depois da chegada ao clube	
chegan(d)o no clube... eu passei pela portaria e meu tio estacionô(u) o carro... no clube eu	12
de(i)xei as coisas c'a minha tia porque eu estava super ansiosa para para pulá(r) no na pi/	13
na pi/ na piscina... eu fui no tobogã:: na bolha gigan::te... éh::... no trepa-trepa e um monte	14
de out/ de o(u)tros brinquedos... aí eu fu/ éh:: aí chegô(u) a hora do almoço... eu comi uma	15
pi/ uma mini-pizza e bebi uma Coca-Cola... brinquei mais um po(u)co chegô(u) a hor/	16
chegô(u) a hora de ir embora...	17
Tópico discursivo 4/ SegT mínimo 4: Cansaço da informante e das primas depois de dia no Termas de Olímpia	
fui pra casa eu dormi éh:: eu e minhas primas estavam muito cansadas... porque eu fui c'o/	18
c'o meu tio J. e com minha tia G.... minha/ minha prima L. e a min/ a minha prima B. ...	19
tavam muito cansa::da tava exausta... lá foi um dia muito legal e muito cansativo... porque	20
a gente brincô(u) muito gastô(u) muitas energia... aí no caminho de/ de casa... nós	21
dormimos no carro e... e chegan(d)o lá eu ainda tive:: disposição para pousá(r) na chácara	22
da minha tia	23
Tópico discursivo 5/ SegT mínimo 5: Variedade de temperatura das piscinas do Termas de Olímpia	
Doc.: lá no Termas as piscinas são de água quen::te ou água fri::a como [que é lá]?	24
Inf.: [todos tipos] éh:: tipo de água quen::te fri::a... mor:::na e... tem éh:: bacia que os	25
japoneses assim falam que os japoneses ficam... e Ficam mesmo porque a ge/ a gente vê	26
os japoneses naquela na água quente sabe?... então	27
Tópico discursivo 6/ SegT mínimo 6: Presença de público diverso no Termas	
Doc.: tem bastante GENte de o(u)tros luga[res assim]?	28
Inf.: [tem] tem tem estrange::(i)ro... que vem conhecê::(r)... tem::... tem bastante gente	29
diferente tem... tem... tem gente de raças diferentes... e o(u)tras coisas	30

Doc.: (inint)	31
---------------	----

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

Tópico discursivo 5: estado-de-coisas

Tópico discursivo 6: estado-de-coisas

AC 019 – NE	
Tópico central: Festa de aniversário de 15 anos de amiga do informante com dança improvisada dos dois	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema festa de aniversário de amiga do informante e fato de ter ido à festa sem ter sido convidado	
Doc.: eu gostaria que você me conTAsse alguma história que tenha acontecido com você	1
Inf.: bom foi numa festa de quinze a::nos... foi no Dalila... aqui em Rio Preto... e::... fui de	2
bicão na festa tá festa d'uma amiga minha F.... e eu tinha brigado com ela tal ela num tinha me	3
chamado pra festa...	4
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Dança improvisada do informante com a aniversariante	
aí eu cheguei... era umas... uma e mei::a duas horas tal e tava quase na hora da dança... da...	5
do baile lá... aí... fiquei sabem(d)o que o:: namorado dela que ia dançá(r) com ela tal né? depois	6
o pai... tinha falTAdo... e num tinha quem dançá(r) com ela... aí eu cheguei pra ela tal falei...–	7
“F.... cê:: qué(r) que eu danço c'ocê? tal? porque cê tá sozinha aí né? num tem com quem	8
dançá(r)” – ... aí ela falô(u) pra mim – “NÃO nós tá brigado tal cê a::cha todo mundo sabe que	9
nós tá brigado” –... eu falei – “ NÃO mas num tem proble::ma se tá faltan(d)o aí só pra dançá(r)	10
de boa” – ... aí ela aceitô(u) tal aí na hora da dança foi maior mico... tal num sabia dançá(r)	11
nada... mas foi da HOra depois ela... me agradeceu tal nós ficamo(s) tudo de boa de novo... e	12
aí depois na hora da/ sain(d)o da festa tal fomo(s)... sain(d)o tava de boa ficamo(s) amigo de	13
novo até:: até hoje	14

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

AC 038 – NE	
Tópico central: Fatos vivenciados pela informante na família	
Tópico discursivo 1: Separação dos pais	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Definição do tema separação dos pais	
Doc.: C. tem algum fa::to que aconteceu assim na sua famí::lia ou com você:: que você se reco::rde assim... que você TE::nha participado dessa história tenha vivenciado esse fato?	1
Inf.: ah sim... é a:: separação dos meus pais...	2
	3
Tópico discursivo 1.2/ SegT mínimo 2: Começo de caso amoroso extraconjugal do pai com ex-amiga da mãe da informante	
eu ainda era muito menina... e::... meu pai... éh (a)cabô(u) ficando de férias do trabalho...	4
e minha mãe tinha uma ami::ga né?... o nome dela era T.... e daí::... éh meu pai éh na/	5
naquela época era uma época de:: da manga de fruta né?... aí éh:: eu falei po meu pai –	6
“vamos até a casa dessa colega da minha mãe né?... pra que a gente:: possa pegá(r) manga”	7
– aí meu pai falo(u) – “vamo(s)” –... aí a gente foi... né?... aí chegô(u)/ chegando lá meu	8
pai acabô::(u)/ começô(u) conversá::(r) éh éh com ela né? e:: e EU c’a filha de::la com os	9
filhos dela acabamo(s) ficamo(s) brincan(d)o... e meu pai e ela começaram conversá::(r)	10
conversá::(r) e meu pai e ela acho acabaram:: assim... se interessan(d)o... UM pelo	11
o(u)tro... aí:: eles... tiveram um ca::so... começaram a tê(r) um caso... e isso meu pai	12
(a)inda... tava aqui em ca::sa com nós:: tudo	13
Tópico discursivo 1.3: Sofrimento dos filhos com a separação dos pais	
Tópico discursivo 1.3.1/ SegT mínimo 3: Sofrimento dos filhos ao verem os pais brigando muito	
daí meu pai e minha mãe brigava mui::to ((barulho de carro)) éh:: a gente/ os filhos o/	14
sempre acaba sofren(d)o né? por vê(r) aquilo... meu pai não posava em ca::sa éh:: coisa	15
que::... e aquela época eu era muito crian::ça então eu ficava MUItto assim... éh éh:: num	16
entendia direito o que tava acontecen(d)o né?... porque:: por mais que ele brigasse com a	17
minha MÃE ele era meu pai eu num tinha ne/ nada a vê(r)...	18
Tópico discursivo 1.3.2/ SegT mínimo 4: Sofrimento intenso da informante depois da separação marcante dos pais	
aí éh:: o tempo passô(u)... eles foram... se encontran(d)o se encontran(d)o... meu pai	19
acabô(u) in(d)o embora de ca::sa... pa vivê(r) com ela...e:: e e foi uma coisa assim quando	20
ele foi embora eu sofri mui::to eu fiquei doen::te... éh:: chorei choRAva bastan::te	21
porque::... apesar dele tá perto da minha casa eu num saBla que ele tava perto da minha	22
casa com essa o(u)tra mulher que era colega da minha mãe num espera::va que ele fosse...	23
se relacioná(r) justo c’a colega da minha mãe... aí a gente... aí o::/ isso foi um fato que eu	24
acho que marcô(u) MUItto a minha vida porque eu num espeRAva que d’uma hora pa	25
o(u)tra meu pai fosse embo::ra fosse de(i)xá(r) e::u meus irmã::os a minha mãe porque	26
eu era muito feliz até que ele tava em ca::sa... eu::... ah ele foi/ ele/ agora ele foi embora	27
tudo né? tem a família dele ele ve/ ele vem:: aqui::... ele frequênta a casa da minha mãe	28
mas não É como era antes... e isso foi uma coisa que me marcô(u) MUItto eu soFRI muito...	29
por isso eu acho que... marcô(u) demais	30

Tópico discursivo 1.4/ SegT mínimo 5: Possibilidade de retardação da gravidez da informante se o pai não tivesse se separado da mãe

Doc.: e:: essa separação do seu pai e da sua mãe tem alguma relação de assim de você tê(r) engravidado tão nova?

Inf.: eu acho que não... ma/... ah se tem alguma coisa a vê(r) né?... AH TEM tem muito a vê(r) porque aconteceu o seguinte meu PAI... éh foi embo::ra então até que ele tava aqui eu apesar/ eu era uma meni::na... mas o que que acontecia? eu tinha me::do... PAI sempre é mai/ éh num sei alguns são mais rigoroso então eu tinha me::do eu num saía de ca::sa... eu eu era assim só ficava atrás dele aí o que aconteceu? ele foi embo::ra... o tempo passô::(u) eu amadureci:: fiquei moci::nha... aí comecei saí(r)... COIsa que se ele tivesse aqui talvez ele teria me segura::do um po(u)co mais... e eu já a/ obedecê(r) minha mãe eu já não obedeCIa eu/ eu ia eu queria saí(r) eu saí::a... e com ele não eu acho que se ele tivesse fica::do aqui::... éh que nem quan/ quando ele so(u)be que eu estava grávida ele éh ele/ minha mãe falô(u) pra ele – “porque que você não ficô(u) aqui pa ajuDA(r) eu criá(r) seus filhos até eles cresce/ eles crescesse mais?” – então acho que se ele tivesse ficado aqui eu não teria talVEZ engravidado tão RÁpido como foi porque eu tinha quatorze ano eu ainda era:: uma menina né? num tinha juízo nenhum... e aí:: eu acho eu acho que também por isso porque::... eu acho éh:: se ele tivesse ficado aqui talvez teria evitado... mas... éh:: ele acabô(u) in(d)o embo::ra né?... e eu::/ aí já comecei saí(r) eu acho que a reVOLta também:: né? porque eu fiquei revoltada... e foi onde eu comecei fazê(r) coisas erradas e acabei... ten(d)o a minha/ os meus/ a minha/ o meu filho antes da hora... -- pode continuá(r)? [Doc.: ((acena que sim))--...]

Tópico discursivo 2: Vida da informante a partir da maternidade

Tópico discursivo 2.1/ SegT mínimo 6: Falta de cuidado da informante com o filho

então daí:: éh::... o meu filho nasceu::... -- posso contá(r) isso? [Doc.: ((acena que sim)) - ... eu nu::/ eu nem:: cuiDAva dele direi::to eu/ eu dorMia minha mãe que a noite que tinha que cuidá(r) dele porque eu era uma menina eu era uma criança eu num tinha noção assim... eu num queria nem sabê(r) entendeu? eu/ eu/ eu queria assim me divertí(r) ainda... chega/ aí passô(u) um certo tempo eu comecei saí::(r)... de(i)xava ele com a minha mãe:: num::... num acho que eu fui uma boa mãe pra ele num num num né? porque eu num ama/ tem mulheres que amadurecem com a gravidez eu acho que naquele certo tempo ali eu num amadureci não... demorô(u) um po(u)co pra mim podê(r) amadurecê(r) DEPO::IS né?... ele foi crescen::(d)o aí eu fui:: né? enten(d)en(d)o né? que... eu não num num podia eu tinha que cuidá(r) que era meu filho... aí eu comecei né? tê(r) mais/ tê(r) mais juízo né? daí depois acabei/

Tópico discursivo 2.2/ SegT mínimo 7: Registro paterno do filho pelos pais às escondidas da família da mãe

aí... ele cresceu tudo... éh aí o pai dele né? passaram-se três a::nos é/ o pai dele aí o pai dele assim... regisTRÔ(u) ele só que registrô(u) escondido da minha famí::lia tudo pra que a minha família não soube::sse... porque o meu PAI... desconfia::va que era e::le... falava que se so(u)besse quem era o pai ia matá::(r) ficava:: fazen(d)o ameaças e eu acabei... de me::do daquilo éh:: num falava quem era o pai do/ do meu filho... aí o tempo passo(u) a gente registrô(u) ele escondido... aí meu pai pegô(u)... e começô(u) fazê(r) pressão meu pai começô(u) fazê(r) pressão falá(r) assim que éh:: queria sabê(r) quem era o pai aí eu acabei falando... né?... que era o... J. uma pessoa que freqüentava bastante a minha ca::sa... aí meu pai já sa/ aí meu pai quando eu falei meu pai já sabia quem era...

Tópico discursivo 2.3/ SegT mínimo 8: Vivência da informante morando junto com o pai dos filhos	
aí::... passaram-se mais do::is a::nos aí a gente foi morá(r) junto... aí a gente morô(u)	71
jun::to... vivemos lá um tempo... e:: eu acabei engravidan(d)o da minha filha... (a)cabei	72
tendo a minha fi::lha... e:: a gente continuamos... continua::mos viven(d)o jun::to... a	73
gente acabamos vivendo jun::to né? tudo... daí::... a gente foi... viven(d)o viven(d)o	74
junto... e daí eu engravidei da minha segunda filha mas isso acho que foi mais porque eu	75
quis mesmo ((barulho de automóvel)) aí meu marido começo(u) bebê(r) demais:: tudo e aí	76
gente acabô(u) se separando... né?... tá bom?	77

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.3.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.3.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.4: proposição

Tópico discursivo 2.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.3: estado-de-coisas

AC 049 – NE	
Tópico discursivo central: Histórias que aconteceram com o informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Roubo de cones de trânsito por parte do informante e amigos	
Doc.: eu gostaria que você me contasse uma história que tenha acontecido com você	1
Inf.: bom tem uma história que aconteceu comigo há uns dois anos atrás mais ou me::nos...	2
que:: o pessoal da::... que a gente tinha/ tava:: no terce(i)ro colegial:: tal a gente se	3
formô(u) no terce(i)ro colegial... e a gente se encontrô(u) um ano depois pra e aí a gente	4
fez um churrasco pa reuni(r) toda a turma... aí a gente pegô(u)... tava no churrasco tal e a	5
gente resolveu fazê(r) alguma coisa diferente... aí a gente resolveu saí(r) pra:: ro(u)bá(r)	6
cone... cone desses de trânsito aí a gente saiu e:: tinha uns sete oito carros... todo mundo	7
com carro cada um no seu carro né?... aí a gente foi tal ro(u)bá(r) co::ne tal... e:: só uma	8
amiga nossa que pegô(u) e saiu pra:: pegá(r) o cone ninguém tinha/ teve coragem de	9
pegá(r) porque tinha um guardinha no no posto onde a gente tava pegan(d)o cones né?... 10	10
Tópico discursivo 2/ SegT mínimo 2: Batida do carro do informante pela primeira vez	
só que aí no meio do caminho... uma/ num sei quem freô(u) que os carro tavam todo	11
enfile(i)rados né?... aí alguém freô(u) o carro e todo mundo foi freando aí peguei e freei o	12
meu tava com meu carro... e o meu amigo que tava atrás ele num conseguiu freá(r) e bateu	13
no meu carro... essa foi:: a prime(i)ra vez que eu bati o ca::rro e nesse dia eu tinha falado	14
até no churrasco que eu nunca tinha batido o carro e foi muito engraçado por isso... na	15
verdade meu carro não aconteceu na::da... só que:: o dele ficô(u) bastante ((risos))...	16
amassô(u) um po(u)co né? a parte da frente... e só essa foi a história que eu tenho pa	17
contá(r) que aconteceu comi::go que eu achei muito... que foi diferente assim... foi uma	18
coisa que eu nunca tinha feito isso na minha vida... 19	19
Tópico discursivo 3: Ida a Olímpia	
Tópico discursivo 3.1/ SegT mínimo 3: Decisão do informante e amigos de irem em festa em Olímpia	
bom quando eu tinha dezoito anos... éh:: tava eu e mais dois amigos meu... aí a gente	20
pegô::(u) tal pensando onde ia tal e decidimo(s) que a gente queria saí(r) né? era no final	21
de semana... e:: num tinha nada pra gente fazê(r)... aí tinha um amigo meu que ele tinha	22
conhecido umas menina umas duas semanas antes... éh:: de Olímpia né?... e:: as meninas	23
ligaram no celular dele... e falaram pra gente í(r) pra lá:: tal que ia tê(r) uma fes::ta... pra	24
gente aparecê(r) lá em Olímpia né?... aí a gente pegô::(u)... tava meio com medo porque	25
a estrada era meio perigosa pra í(r) pra Olímpia... tipo... éh:: estrada simples né?... e:: era	26
noi::te já e num:: num era legal a gente í(r) só que as meninas ficaram insistin(d)o a gente	27
num tinha mesmo o que fazê(r)... a gente pegô(u) resolveu í(r) (+ controle aqui)... aí a	28
gente foi:: tudo bem:: tal 29	29
Tópico discursivo 3.2/ SegT mínimo 4: “Xavecagem” de meninas em boate pelo informante e amigos	
chegamo(s) lá... eu num conhecia a::/ as meninas nem um o(u)tro amigo nosso né? que a	30
gente tava em três... só um deles conhecia né?... e ele::... tinha conhecido e tinha fiCado	31
com essa menina né?... aí a gente pegô(u) chegô(u) lá... ele:: começô(u) conversá(r) com	32
a menina começô(u) a xavecá::(r) e tinha mais duas meninas aí eu comecei a conversá(r)	33
com uma e um o(u)tro amigo meu começô(u) a conversá(r) com a o(u)tra né?... aí tal (tudo)	34
ficamo(s) a festa inte(i)ra foi bem legal tipo:: uma:: uma... uma boate chamava <i>Midnight</i>	35

né? foi bem legal a cidade do interior:: tinha bastante menina boni::ta... e:: a gen/ eles	36
tavam/ começaram a ficá(r) irritados porque as meninas num queriam ficá(r) com eles	37
né?... e a minha nem tava tentando na::da que eu tava tranqüilo ela nem era bonita né?	38
((risos))... e eu num queria sabê(r) eu só ia ficá(r) com ela se eles tivessem ficado::... só	39
que uma hora eles desapareceram eles sumiram da::... da lá no meio da:: da boate...e eu	40
peguei e resolvi conversá(r) í(r) conversá(r) com essa menina e tal e comecei a xavecá(r)	41
ela como/ com essa menina que eu tava::... conversan(d)o já... e::... chegô(u) uma hora	42
que::... que eu consegui be(i)já(r) aí eu be(i)jei ela:: ela nem::... be(i)java de língua nada	43
((risos))	44
Tópico discursivo 3.3/ SegT mínimo 5: Decisão do informante e amigos de voltarem para Rio Preto	
nisso meus amigos já chegaram... eu peguei eles pegaram e chamaram eu pa í(r) embora	45
porque eles estavam putos da vida que tinham levado um PUta fora das menina que tavam	46
com eles né?... aí eles queriam í(r) emBOra porque queriam isso era já umas três horas da	47
manhã... a gente já tinha bebido um po(u)co... e a gente tava com um po(u)co de medo de	48
voltá(r) porque todos tavam meio altos já e a estrada era simples né? de noite... só que aí	49
a gente (a)cabô(u) eu dei um be(i)jo na menina peguei e larguei mão dela... porque:: num	50
tinha condição ((risos)) ela não colocava a língua num be(i)java direito	51
Doc:: você num ensinô(u) ela a be(i)já(r)?	52
Inf:: ah num tinha como né?... eu:: desisti ((risos)) tam(b)ém num valia a pena ensiná(r)	53
ela a be(i)já(r) né?... ela num era boni::ta e meus amigo tavam queren(d)o í(r) embora já	54
eu peguei desisti peguei dei um BE::(i)jo tipo um selinho nela só e:: a gente pegô(u) e	55
resolveu í(r) embora...	56
Tópico discursivo 3.4/ SegT mínimo 6: Fato de a ida a Olímpia ter sido legal	
aí na vinda foi aquela lo(u)cura né? porque o medo né? da estrada a gente voltan(d)o só os	57
três ali nenhum tava em condição assim total de dirigí(r)... só que foi bem legal graças a	58
Deus deu tudo cer::to tipo num aconteceu na::da mais só que foi engraçado né? porque	59
(a)cabô(u) e eles acabaram voltan(d)o... a gente foi maior lon::ge né? achan(d)o que ia	60
sê(r) muito legal... e acabô(u) num viran(d)o nada tipo::... pra eles foi ruim e pra mim	61
também num foi nada bom porque eu consegui be/ ficá(r) com uma menina mas::... foi	62
horrível tê(r) ficado com ela ((risos)) porque ela num... nem be(i)já(r) de língua ela	63
be(i)java... e é isso... a história foi essa e foi bem legal ((risos))... só é isso	64

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.4: estado-de-coisas

AC 064 – NE	
Tópico discursivo central: Acontecimentos marcantes na vida informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema acontecimentos marcantes na vida informante	
Doc.: pronto... num precisa assustá(r) com o gravador... [Inf.: uhum ((concordando))]	1
primeiro eu vô(u) te perguntá(r) um fa/ pedí(r) pra você me contá(r) uma histó::ria que	2
aconteceu com você:: que te marcô(u) pode sê(r) uma coisa tris::te uma coisa ale::gre...	3
seu casamen::to o nascimento da sua fi::lha qualquer coisa que aconteceu com você	4
Inf.: uhum ((concordando)) posso:: começá(r)? [Doc.: pode falá(r)] ((risos))...	5
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Entrada na adolescência seguida de acontecimentos marcantes	
bom... eu casei com catorze anos... né?... com catorze anos mesmo eu tive minha fi::lha	6
que é a P. hoje ela tem oito anos... e:: depois com dezessete anos... faltava dez dias pra	7
fazê(r) dezessete anos aí eu tive a segunda filha... é a C. [Doc.: uhum ((concordando))]	8
hoje ela tem seis anos né?... e:: comecei namorá(r) cedo né? eu comecei namorá(r) com	9
treze anos... e logo... logo depois me casei... e i/ e isso foi o que me marcô(u) muito né?	10
porque foi... logo... assim::... praticamente entrei na adolescência né?... aí logo aconteceu	11
isso... e hoje a gente:: continua levando a vida né?... ((vozes de crianças ao fundo))	12
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Conversão da informante e do marido em Testemunhas de Jeová	
depois eu/ depois quando a C. nasceu::... depois de::... um a::no um ano e pouquinho nem	13
isso... aí/ nós começamo(s) a estudá(r) a Bíblia também... aí nós começamo(s)...	14
frequêntá(r) o Salão do Rei::no né?... começamo(s) também::... í(r) nas reuniõ::es e aí	15
depois no/ nós (nos) batiza::mo(s) aí tem a prime(i)ra comunhão depois... nos tornamos	16
Testemunhas de Jeová::... e agora levamo(s) as fi::lhas né? também	17
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Entrada na adolescência seguida de acontecimentos marcantes	
então e/ é assim mais ou menos que é a minha vida né?... [Doc.: uhum ((concordando))]	18
depois com::... com vin::te vinte... vinte e dois anos assim vinte e um anos eu comecei	19
trabalhá(r) fo::ra... também... e:: a gente tem essa rotina...	20
Tópico discursivo 4/SegT mínimo 4: Caráter muito marcante do casamento e da maternidade na adolescência	
foi eu acho que o que me marcô(u) mais foi eu tê(r) casado muito no::va né?... tê(r) tido	21
as filhas no::va... também e hoje a gente vê como elas já estão grande... né? e e... e assim	22
até a gente se sente bem né? porque::... a gente Olha e vê que o esforço da gente tá sendo	23
recompensado né?... [Doc.: uhum ((concordando))] tê(r) as filhas tê(r) meu esposo também	24
Doc.: tá	25

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3 estado-de-coisas

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

AC 075 – NE	
Tópico discursivo central: Histórias pessoais das quais o informante se lembra	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Entrada do informante no hospital sem calçar um pé de sapato ao saber do nascimento do primeiro filho	
Doc.: então tá... éh:: eu queria que cê contasse uma histó::ria pessoal sua assim	1
Inf.: éh:: uhm:: o que me VEM na mente agora é quando meu filho nasceu né? meu prime(i)ro	2
filho... [Doc.: hum] e:: eu fui::... levá(r) minha esposa::... num hospital né? que ela (precisava)	3
dá(r) a luz... e::... enQUANto ela... ela foi né? po quarto e eu fiquei esperan(d)o ela... foi fazê(r)	4
a ce/... a cesárea.... eu fiquei esperando... aí::... ela tinha uma:: amiga no no hospital... e a::	5
moça veio dá(r) a notícia que havia nascido né? [Doc.: éh] o meu filho havia nascido... e::...	6
um::... quando ela aviSÔ(U) tava::... eu/ eu tava co/ eu tava sentado assim FOra do hospital né?	7
eu tava no no na grama sentado... no Hospital da Paz... eu tava sentado e::... a hora que ela	8
falô(u) eu saí... e sabe? aquela emoção né? [Doc.: é] prime(i)ro filho aquela correria... [Doc.:	9
((risos))] e::... quando eu entrei no hospital que eu olhei po pé::... eu tava só c'um sapato [Doc.:	10
((risos))] porque eu tinha de(i)xado o outro... lá na grama ((risos do Inf. e Doc.)) e vol::ta eu lá	11
colocá(r) o sapato... e entrá(r) né?... essa é uma história que eu lembro agora de momento...	12
(inint.)	13
Tópico discursivo 2: Dinâmica de grupo	
Tópico discursivo 2.1/SegT mínimo 2: Reunião em auditório para dinâmica de grupo com sapatos dos participantes do lado de fora do local	
éh:: uma o(u)tra que eu me lembro também foi que:: quando::... eu sô(u) representante	14
comercial né? e a empresa nós fomo(s) fazê(r) um trabalho em::... um hotel fazenda perto de	15
Bauru... e aí num:: dia à noite depois do jantar quando tava lá nesse hotel nós tava em um...	16
uns:: seTENta oitenta representantes né?... de várias cidades... e::... depois do jantar a gente ia	17
se reuni(r) num auditório e nós iríamos fazê(r) um... uma dinâmica de gru::po né? aquelas::...	18
coisa tudo que FAzem quando cê vai... aquelas lavagem de... de MENte que eles fazem né?...	19
e:: eu sei que quando... tinha que entrá(r) ne/ nesse:: audiTÓrio... TOdo mundo tinha que	20
entrá(r) descalço tinha que pegá(r) e entrá(r) e de(i)xá(r) o sapato po lado de fora né? [Doc.:	21
ahm] então entrô(u) e aquele mon::te de sapato... bem uns... mais de cento e cinquenta pares	22
ali né? tudo um do ladinho do outro no:: corredor... aí entramo(s) né? se fez todo o trabalho ali	23
demorô(u) uma hora e MEIA duas hora ficamo(s) ali tudo fizemo(s) o trabalho a/ a dinâmica	24
de grupo tudo...	25
Tópico discursivo 2.2/SegT mínimo 3: Mistura de pares de sapatos ao final de dinâmica de grupo	
Aí a hora que o::... nosso diretor... disse que ia va/ tava pa encerrá(r) né? que... ia terminá(r)	26
já... o trabalho... eu tava do lado d'um amigo meu falei –“Ô J. vamo(s) sai(r) pra nós... fazê(r)	27
um:: serviço lá fora?”– ele falô(u) assim –“tá bom vamo(s)”– eu falei aí eu... PEguei enquanto	28
o pessoal se despedi::n(d)o colocaram uma música de fun::do né? aquela emoção tudo... nós	29
dois saímo(s) prime(i)ro o que nós saímo(s)... aí nós vai naquele MONte de sapato lá... ((risos	30
de Inf. e Doc.)) (aonde) misturamo(s) par com par... pé pé erRAdo com outro pé... demo(s) nó	31
no nos sapatos tudo né? daí aqu/ mas... mai/ BEM nuns (VINTE)... [Doc.: nossa] pegamo(s) o	32
nosso e::... a hora que nós tava lá na frente e fiq/ que saiu que abriu a porta e aquele povo viu	33
aquele mon::te de sapato... UM dado nó c'o o(u)tro que num era dele... tava aqueles nó cego...	34
mas... só num xingô(u) daquilo mas o resto [Doc.: ((risos))] foi tudo... é uma história que eu	35
lembro tam(b)ém né?	36

Tópico discursivo 3: Assalto à mão armada	
Tópico discursivo 3.1/SegT mínimo 4: Definição do tema assalto à mão armada	
Doc.: tem alguma o(u)tra?... que cê lembra?	37
Inf.: que eu lembro?... vamo(s) vê::(r)... (agora é um:::) CAso... quê que eu vô(u) lembrá(r)	38
agora?... -- aí F. ajuda eu lembrá(r) alguma coisa aí – ((se dirigindo à esposa)) Int.1: (inint)	39
((sussurros da esposa da informante ao fundo))	40
Tópico discursivo 3.2/SegT mínimo 5: Abordagem ao informante em assalto à mão armada	
Inf.: éh:: uma história tam(b)ém que... (me vem)... eu namorava minha esposa já faz... um...	41
uns bons quinze anos pra mais... eu namorava ela eu morava perto do colégio Alberto Andaló...	42
e era uma noite de NaTAL de Ano Novo eu num me lembro era um fim de ano uma noite	43
assim... nós iríamos... passá(r) na::... com a família... na:: minha parte né? então eu num tinha	44
CArro num tinha moto... [Doc.: uhm] por sinal era muito novo né? tinha o quê? uns::...	45
dezesesseis anos... e eu fui buscá(r) ela:: na casa dela ela morava perto de casa... uns três... uns	46
QUATro quarte(i)rões.... e i::a isso em torno de umas dez e meia da noite ia passan(d)o em	47
frente o:: colégio Alberto Andaló... tava muito escuro ali... quando eu... senti um.... minhas	48
costa... um revólver... por trás assim né? me... meio que machucando eu q/ paREI eu... só	49
esperei o que faltava ele fala assim –“óh num/... num se mexe que é um assalto”– falei – “não	50
não tudo bem... o quê que você qué(r)”– tal ele falô(u) – “eu quero dinhe(i)ro”– ele disse né? –	51
“eu quero dinheiro”– aí eu falei –“NÃO... se eu tivé(r) na carte(i)ra você leva”–... aí ele	52
pegô(u)... pegô(u) a carte(i)ra e:: falô(u) –“óh eu vô(u) saí(r) e cê num olha pa trás”– éh:: aí	53
que (no) saiu... ele andô(u) um po(u)quinho e eu do/ eu olhei naquela curiosidade né?... eu só	54
vi que era uma/ um rapaz de cor	55
Doc.: ele tava armado?	56
Inf.: TAVA com uma faca né? o que ele tinha colocado nas minhas costa foi uma faca né?...	57
num é arma branca que eles falam mas é uma arma né?...	58
Tópico discursivo 3.3/SegT mínimo 6: Reação do informante depois do assalto	
e::... aí eu cheguei lá:: na casa da minha esposa... BRANCO né?... aí... ela olhô(u) eu tinha	59
furado a camisa um pouco e is/ machucado um po(u)quinho só as costas... aí eu voltei e cheguei	60
até num lanchinho alí perto que eu conhecia um pessoal peguei a moto c’um... conhecido que	61
tava lá tentamo(s) achá(r) o rapaz mas... num num achamo(s)...	62
Tópico discursivo 3.4/SegT mínimo 7: Roubo de carteira e pouco dinheiro	
e... mais demais num aconteceu mais nada de grave... só levô(u) o dinhe(i)ro só e a carte(i)ra	63
Doc.: levô(u) MUIto diNHE(i)ro?	64
Inf.: ah:: eu num me lembro éh::... [faz tempo]	65
Doc.: [(inint.) ou muito?]	66
Inf.: não não não era muito não... coisa de hoje aí quê? uns... cinqüenta reais sei lá [Doc.: ahm]	67
é:: isso daí	68
Doc.: (então tá)	69

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.4: estado-de-coisas

AC 102 – NE	
Tópico discursivo central: Gravidez dos três filhos da informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema gravidez e caracterização inicial da gravidez	
Doc.: éh:: dona M.... éh:: eu gostaria que a senhora éh:: me contasse uma história que tenha acontecido com a senhora... e:: que a senhora tenha achado engraça::da... tris::te... ou constrangedora pra senhora	1 2 3
Inf.: eu tenho assim história que seja eu acho que éh:: pra mim é interessante né? num é nem co/ ela num é/ até assim um fato alegre... éh::... quando::... no fato da gravidez dos meus três... filhos...	4 5 6
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Expectativa da mãe de que a informante não ficaria grávida	
e começando que a minha mãe não ficava grávida... minha mãe se casô(u)... demorô(u) uns... ficô(u) dois anos sem tê(r)... engravidá(r)... aí ela precisô(u) fazê(r) nove::na... promessa um monte de coisa pa tê(r) filho... aí quando eu cresci ela sempre falava pra mim que eu num ia criÁ(r).. porque como ela num num num cria::va eu também num ia tê(r) filho... aí foi eu me casei aí a gente nem... num tomei comprimido na época nada porque.... ela sempre falava que eu num ia ficá(r) grávida... que eu num ia ficá(r) grávida ((fala rindo))... que eu num ia tê(r) filho e tal...	7 8 9 10 11 12 13
Tópico discursivo 3: Gravidez e início da vida até uns 4 anos de idade de cada um dos filhos	
Tópico discursivo 3.1: Filho mais velho	
Tópico discursivo 3.1.1/SegT mínimo 3: Gravidez do filho mais velho	
aí logo que eu me casei daí um mês ou dois... eu fiquei grávida... do meu filho mais velho... aí fiz trata/ fui fazê(r) pré-natal:: tudo né? no logo no comecinho... aí eu já tive logo no começo problema de querê(r) abortá(r)... aí eu tive que fazê(r) muito repou::so... tomei muito reMÊ::dio... aí:: a/ nos nove me::ses aí nasceu o H.... que é o meu filho mais velho... né? a gente gostô(u) muito foi uma feliciDAde que a gente... naqueles TEMpo num se fazia... ultra-SOM:: pra sabê(r) o SExo... a gente né? ficô(u) espeRAN::do pra pra sabê(r) o que que era aquela curiosida::de... éh a gen/ foi pe/ meu marido foi comigo... né? a minha mãe tamBÉM::... e a gente ali no hospital esperan::do...	14 15 16 17 18 19 20 21
Tópico discursivo 3.1.2/SegT mínimo 4: Fato de o filho mais velho ter sido chorão logo após o seu nascimento	
aí ele nasceu... né? chorava MUIto por/ ((risos)) ele era chorão ((fala rindo))... ele num gostava de ficá(r)... no berço né? as enfermeiras... éh::... iam no quarto e falavam – “eu num sei que que eu faço com aquele filho seu porque ele só chora” –... ele só ficava no colo... de pequenininho... éh a/ às vezes à noite tava com so::no... o o V. tinha que carregá(r) ficá(r)... de noite com ele com cobertor porque tava frio fazia é/ época de frio né?... com ele no colo aTÉ ele pegá(r) uma idade aí a gente ficô(u) até com medo de:: de tê(r) o(u)tro né?... aí a minha mãe até falô(u) assim – “nossa eu pensei que você era igual eu... mas pelo menos eu tô vendo que você num é” –	22 23 24 25 26 27 28 29

Tópico discursivo 3.2: Filho do meio	
Tópico discursivo 3.2.1/SegT mínimo 5: Gravidez do filho do meio	
aí daí quatro anos a gente levô(u) mais ou menos né?... aí uns três anos e po(u)co eu fiquei grávida... do E.... que é o meu filho do meio... aí já foi uma gravidez MAIS ou menos normal... mas aí a gente ficô(u) muito feliz::... porque né?... pa quem num criava tê(r) o segundo... ((risos)) já era muita sorte... aí na gravidez do E. o E. já era eu já percebia na gravidez que ele já era mais... já na na própria gravidez eu percebi que era mais (tímido)... às vezes saía às vezes saía porque tem um costume aqui na nossa... nossa... entre as mulheres... quando tá grávida... uma falá(r) –“ai agora cê vai tê(r) homem... ai com essa barriga cê vai tê(r) menina” –... e como já tinha o H. que era homem... eu saía as pessoa... a:: as mulheres falavam muito que eu tê(r) menina... ai eu percebia que quando a/ era... à noite toda vez que eu ouvia duas três pessoas durante o dia falá(r) que eu é/... que eu tava grávida de menina... à noite eu sonhava que ele era menino... e que:: ele num/ que eu num gostava dele... às vezes eu acordava choran::do... e/ e conversava com ele falava que eu gostava muito dele independente do sexo que ele tinha eu amava ele do jeito que ele era... e foi	30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43
Tópico discursivo 3.2.2/SegT mínimo 6: Bronquite do filho do meio	
aí nasceu... aí já o E. num chorava... o E. era bem mais quieto NÃo gostava de ficá(r) no colo... quando ele ia dormí(r) às vezes a gente pegava ele no colo ele ia se esborrachan(d)o se estican(d)o até::... sabe? ele ficá(r) na cama ou no sofá... sozinho... mas aí ele já... ele já tinha problema de bronquite aos dois meses ele começô(u) com problema de bronqui::te aí a gente... eu fiz muita nove::na... levei muito no mé::dico... ele fez muito tratamen::to... até:: simpatia que eu nunca fui MUI::to de crediTÁ(r)... né? mas quando você... éh:: tá naquele momento assim de desesPEro... éh::... se você num sabe mais o que faz/ que cê faz você foi no médico você já fez tratamento... cê tá com/ dan(d)o reMÉdio aí num melhorava num melhorava aí cê (a)caba até... cain(d)o ne/ fazen(d)o simpatia né?... eu acabei fazen(d)o simpatia... pra vê(r) se o E. melhorava da bronquite... e com o passar dos anos realmente graças a Deus ele ficô(u) bom...	44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54
Tópico discursivo 3.3: Terceiro filho	
Tópico discursivo 3.3.1/SegT mínimo 7: Crença durante a gravidez de que o terceiro filho seria homem	
e aí... passando né? esses an/ o/ foi passando os anos com três quatro anos... aí... eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terce(i)ro fi::lho... no caso é a M. né? veio uma menina... aí todo mundo aí todo mundo já falava – “você é louca... éh já tem dois filhos arrumô(u) mais UM você tá doida... onde já se viu”– aí eu fiquei assim só pensan(d)o comigo... pô eu me sinto feliz... porque a minha mãe falava que eu nunca ia tê(r) filho... aí de repente eu tô grávida do meu terCE(i)ro... e ainda nessa época num se fazia ultra-som... não existia ultra-som ((risos))... então ía... aí todo mundo falava... –“mas agora é HOMem... já que cê teve dois HOMens... o seu terce(i)ro filho é HOMem também... agora é Homem”– né?... aí assim... fui pro hospital... tê(r) os bebê... todo mundo achava que ia sê(r) menino... inclusive meu marido ele ainda ele falô(u) assim brinca(n)d)o assim pra mim assim– “olha... se for menino”–... ele tinha tanta certeza que:: a criança era HOMem... ele falô(u) assim – “então eu vô(u) pôr o nome... aí se for menina ((risos)) num conta” – aí... tudo bem aí... fui pro hospital tê(r) ela... a surpresa... que era uma menina... aí... sabe?... assim a gente quase que num acreditava porque c/ cê já tinha tanta certeza que ia sê(r) menino e eu ainda tenho uma cunhada... eu tenho uma cunhada só e ela teve três meNInas... aí EU né?... dois meninos e uma menina aquilo pra gente foi	55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70

assim... tanto até os menino ficaram super feliz... de vim uma irmãzinha pra eles né? aí eu escolhi o nome dela eu coloquei M.... né?	71 72
Tópico discursivo 3.3.2/SegT mínimo 8: Trabalho para desmamar a filha	
e aí ela... amamentei ela TRÊS anos e MEio... porque num num ((risos)) num foi fácil... ela num/ num largava de mamá(r) era de desmamá(r) as criança é difícil... e::... o pai dela fala – “ah só tem e/ só tem ela ela é a rapinha do tacho aí ela chora”– ele tinha dó morria de dó... de... de vê(r) ela chorá(r)... e com isso ela foi... maman(d)o até três anos e meio ela largô(u) de mamá(r) porque quando ela nasceu... o meu pai e ele falô(u) assim – “olha n/ se você num ficá(r) de cima delas elas vão furá(r) a orelha da menina... e vai judiá(r) da menina... e não é não é pra judiá(r) da menina de jeito nenhum”– então... quando ela pegô(u) uns três anos e meio ela queria porque queria pôr brinco e/ ela é bem vaidosa... e ainda até as pessoas achavam que eu ia tratá(r) ela como menino que ela ia... ia era sê(r) igual os meninos gostá(r) ah/ de usá(r) ro(u)pa de HO::mem... tê::(r) assim... hábito masculino... e pelo contrário ela SEMpre fo::i... vaido::sa feminina sempre gostô(u) de tiarinha... de brin/ de pôr pulse(i)ra e ela só num colocava brinco... aí ela – “não eu quero pôr brinco quero pôr brinco”– aí e o pai dela falô(u) assim – “não... eu só vô(u) pôr brin/ cê vai pôr brinco o dia que você de(i)xá(r)... de mamá(r) se cê pará(r) de mamá(r) a gente coloca brinco”–... aí... ela falô(u) – “então tá bom... eu páro... e vô::(u)... pôr brinco”– aí ela catô(u) levô(u) ela pa colocá(r) brinco... aí ela re/... lógico... doe porque... furá(r) a orelha dói mas ((risos))... ela falô(u) assim – “ai mas eu agüento”– ((fala rindo)) e::... né? e/ u::/ aí que ela foi... pará(r) de amamentá(r)...	73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90
Tópico discursivo 4/SegT mínimo 9: Alegria que os três filhos dão à informante	
então é/ foi a gestação né?... dos três filhos que eu tive até uns três quatro anos de idade... e no caso eles só::... até HOje os três filhos que eu tive eles só me dão alegria... né::?... eles estudam graças a Deus... vão muito bem... na aula... eles são... intelligen::te eles gostam de estudá(r) de lê(r) livros... que é uma coisa que eu amo lê(r) livro eles também amam... eles gostam de fazê(r) mú::sica gostam de cantá(r) os três cantam juntos... éh então... qué(r) dizê(r)... são os filhos que eu tive... que eu PUde TÊ(r)... os três que... foram os três que a gente... éh::... na nossa análise a gente falô(u) – “não esses a gente dá conta de tratá::(r) de sustentá::(r)... de... como se diz... de tomá(r) conta”–... e:: a gente colocô(u) esses três e graças a Deus esses três só:: me dá:: alegria foram os três que eu pude tê::(r)... e que eu a::mo e que eu não me arrependo em instan/ em instante nenhum de tê(r) colocado eles no mundo... é a minha alegria é o maior presente que Deus podia dá(r) pra mim e pro meu marido... é os três filhos... e no caso eu só lamento os outros que eu não pude tê(r)... por questão de finance(i)ro de você não dá(r) conta de sustentá(r) de mantê(r) com estudo c’uma vida mais digna... pra eles... [Doc.: então tá] né?	91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: proposição

Tópico discursivo 3.1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.1.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.3.1: proposição

Tópico discursivo 3.3.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

AC 113 – NE	
Tópico discursivo central: Candidatura à prefeitura de Ipiguá	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Razão da candidatura a prefeito de Ipiguá do informante	
Doc.: eu gostaria que o senhor me contasse uma história que tenha acontecido com o senhor que o senhor tenha achado engraça::da tri::ste	1 2
Inf.: por tê::(r) ramificação em Ipiguá... onde eu me casei namorei:: o tempo todo... éh:: lá me casei... éh:: do casamento tivemos três filhos... éh:: Ipiguá teve emancipação política... que:: devido... ao surgimento de alguns ami/ uns amigos... eu resolvi... em mil novecentos noventa e seis... me candidatá::(r) a prefeito daquela cidade...	3 4 5 6
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Aspecto bom da candidatura a prefeito de Ipiguá	
éh:: foi interessante... porque:: lá eu aprendi muito com a política... foram seis meses... que eu passei::... atrás de votos... visitan::do pessoas... éh:: no sítio... éh na cidade de casa em casa encontrando os amigos falando sobre política... éh:: tivemos:: comícios... éh:: enfim... foi uma:: foi gratificante... embora eu tenha perdido a eleição foi muito gratificante... éh:: tê(r) participado daquilo::... porque:: a gente passa a conhecê(r) as pessoas... éh::... depois... embora você já... as conhecesse... éh mas aí você vê... em cada uma delas... o que:: elas têm pra dá(r) ou o que a falsidade de algumas a honestidade de o(u)tras... enfim você:: conhece o perfil... de cada eleitor... então pra mim foi muito bom eu aprendi muito com isso... embo::ra não seja político não esteja... ligado assim com a uma política mas... tive essa aventura... que::... achei muito bom...	7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Atividades durante a campanha	
então durante eram (inint.) a gente tava sempre acompanhado foram seis meses acompanhando amigos visitando aqui visitando ali... as casa os amigos... éh:: o dia-a-dia aquela correria... éh:: difícil... você acompanhá(r) porque você dia e noite... você tem que tá procurando... visitando as casas encontrá(r) as famílias tinha que montá(r)... duas horas por dia do teu rote(i)ro... depois teria que marcá(r)... os comícios prepará-los foram dois comícios... muito interessante... éh:: onde... conseguimos fazê(r) a nossa... levá(r) nossa palavra... para o povo éh:: o município::... tinha ali a sua prime(i)ra eleição então nós::... conseguimos tentávamos levá(r) a eles o que seria... o início... e/ para o progresso do município...	17 18 19 20 21 22 23 24 25
Tópico discursivo 4: (Não) decepção dos candidatos a prefeito e a vice com o resultado das eleições	
Tópico discursivo 4.1/SegT mínimo 4: Grande decepção do candidato a vice-prefeito com a derrota nas eleições	
tivemos... como candidato a vice... um ex-farmacêutico de Ipiguá... que ele sim ficô(u) Mui::to decepcionado porque:: ele foi farmacêutico... por mais:: de quarenta anos... naquela cidade... onde ele deu a vida... a muitas pessoas... onde naquela época difícil... de Ipiguá trazia pra Rio Preto muitos doentes ele trazia... éh:: poucos carros... tinha em Ipiguá éh por volta de mil novecentos e sessenta a mil novecentos e cinquenta e::... enfim na década de/ de cinquenta sessenta po(u)cos veículos tinha... e ele era um... era um dos que tinha veículo então procuravam quando caso ele... não podia resolvê(r)... ele::... trazia com seu carro... pra:: Rio Preto... e:: na época era muito difícil... estradas... éh:: estrada de terra... quando chovia MUItto barro... difícil mesmo chegá(r) em São José do Rio Preto e ele fazia isso com o maior prazer... de madrugada não olhava horário... éh:: a qualquer	26 27 28 29 30 31 32 33 34 35

momento que pedisse ele trazia... e:: aí ele viu... nas eleições... que não teve:: aquela	36
contrapartida... daquelas pessoas que lhe deviam... essa gratidão... e ele ficô(u) até muito	37
decepcionado::... chateado... até com razão... mas aí a gente aprende a vê(r) o que é a	38
política	39
Tópico discursivo 4.2/SegT mínimo 5: Não decepção do informante com a derrota nas eleições	
Doc.: o senhor ficô(u) decepcionado?	
Inf.: não eu de forma alguma porque o que eu queria levá(r) pra Ipiguá... era um::/ uma	40
coisa nova Ipiguá tava começando... seria uma coisa nova::... não consegui... mas não	41
fiquei decepcionado porque segui minha vida... num/ num tive decepção alguma num sô(u)	42
nenhum político... éh:: profissional... então não tive decepção de forma alguma... foi até	43
muito gratificante pelo que eu aprendi... éh:: naquele tempo todo... em tudo que eu fiz...	44
éh:: por conhecê(r) as pessoas... passá(r) a conhecê(r) melhor as pessoas né? e:: então de	45
forma alguma eu fiquei decepcionado	46
Tópico discursivo 5/SegT mínimo 6: Conhecimento do informante tirado da candidatura relativo a saber conhecer melhor as pessoas	
Doc.: e o que que o senhor aprendeu?	
Inf.: aprendi a conhecê(r) as pessoas porque muitas pessoas... éh:: às vezes pessoas que	47
você espera... éh:: que são teus amigos... que:: quando pessoas você você... foi... logo	48
fazendo favor às vezes... éh nessa hora a pessoa... ou por dinhe(i)ro ou por alguma o(u)tra	49
coisa::... talvez eles num venha... trazê(r) aquilo que... que eles deveria trazê(r) pra você...	50
então éh:: aí que eu vo/ que a gente passa a conhecê(r) e passa a conhecê(r) o(u)tras	51
pessoas... que às vezes você nem espera... que ela:: seja uma pessoa... até conhecedora	52
politicamente... e você vai vê(r) nela... ela tem um fundo político... um conhecimento	53
político... até::... de bom grau... éh:: uma pessoa que tem... éh bastante conhecimento... e...	54
você vendo... nela assim você não percebe isso... só mesmo na hora da da... que ela vai	55
participá(r) que você vai conhecê-la... então existe muito disso e O(u)tras... que::... às	56
vezes... éh:: gosta muito de se aparecê(r)... vai vê(r) no fundo no fundo... num tem NAda...	57
então essa... éh::... foi a/ o que eu tirei de lição... da política naquele ano de mil novecentos	58
e noventa e seis	59

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: proposição

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 5: proposição

AC 128 – NE	
Tópico discursivo central: Acontecimentos marcantes na vida da informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Acidentes inesquecíveis testemunhados pela informante	
Doc.: bom dona W. então eu queria que a senhora me conta::sse... é:: um acidente que a senhora viu e que a senhora falô(u) que foi muito marcante que a senhora nunca mais vai esquecer(r)	1 2 3
Inf.: bom::... num sei se::/ quantos anos atrás eu era instrutora de auto-escola... e:: eu tava dan(d)o aula pum aluno já:: que já sabia dirigí(r) mas a gente tem que... ahm fazê(r) ele:: como fala?... ficá::(r)... ambientado com o carro porque era aquele que ia pra exame e a gente dan(d)o uma volta paramo(s) em frente/... passando em frente a delegacia... e tinha uma:: perua dessas de::... que pega cadáver... aí meu aluno falô(u) – “olha lá deve tê(r) algum acidente vamo(s) lá vê(r)”... eu falei –“ah::”– ele falô(u) – “vamo(s)”– aí paramo(s) o carro e fomo(s) aí tinha um ca(i)xão de:: de ZINco... o:: foi um acidente que o trem pegô(u)... braço jogado... sabe?... o:: igual eles falam as vísceras né?... tudo aBERto os miolos... gente eu fiquei MAIS de uma semana sem dormí(r)... [eu ficava pa/]	4 5 6 7 8 9 10 11 12
Doc.: [e sem comê(r) ((risos))]	13
Inf.: e e sem comê(r) pensan(d)o naquilo aí... prometi pra mim mesmo que nunca mais eu queria vê(r) aí um::/ uma vez teve um:: eu pa/ a:: passeando com meu marido e vi... um:: um carro batê(r) e o cara... levantô(u) saiu do carro tacô(u) a mão assim toda aí ele passô(u) a mão na:: na testa... ele viu o sangue aí ele foi desmontan(d)o aí eu gritei po meu marido –“vamo(s) embora vamo(s) embora saí(r) daqui saí(r) daqui”– então:: desse dia... aqui... tem acidente na esquina todo mundo sai corren(d)o pra vê(r) eu saio corren(d)o pra dentro fecho minha porta e num quero sabê(r) de nada... [Doc.: ((risos))] então esse acidente se eu vivê(r) acho que quinhentos anos eu num	14 15 16 17 18 19 20 21
Doc.: num vai [esquecê(r) mais]	22
Inf.: [num vô(u)] esquecê(r) nunca mais	23
Doc.: num vai esquecê(r)...	24
Tópico discursivo 2: Parto dos filhos	
Tópico discursivo 2.1/SegT mínimo 2: Definição do tema parto dos filhos	
[tem mais alguma] [Inf.: esse não] história assim que foi marcante pra senhora	25
Inf.: de acidente	26
Doc.: pode sê(r) o nascimento dos ne::tos ou o nascimento de alguma fi::lha	27
Inf.: mas aí foi tudo é tudo coisa [linda tudo né?] [Doc.: é né?] num é coisa... aí de acidente assim... éh aí agora eu num:: num:: lembro [Doc.: num lembra] assim na hora eu num:: num lembro... eu sei que desse lá da delegacia esse eu... o:: o:: o(u)tro acontecimento que eu tive... CINco filhos quatro parto normal...	28 29 30 31
Tópico discursivo 2.2/SegT mínimo 3: Efeito da anestesia na informante ao nascer a filha	
e:: a M. como foi a:: temporona [Doc.: ((risos))] então todo mundo não fazê(r) pré-natal porque antigamente num se fazia pré-natal... aí fiz o pré-natal tudo direiti::nho... aí fui... marcô(u) a cesárea... aí na hora... que eu fui pra sala... e:: o médico já começô(u) me:: me:: cortá(r)... aí eu gritei –“não do(u)tor mas ainda num adormeceu”– eu mexia com meus pés [Doc.: aham]... aí ele falô(u) –“não mas é só:: o local que vai adormecê(r)”– [Doc.: hum::] aí::... bom aí tiram ela coloca aquela::... coisa gostosa né?... aí depois leva o:: o paciente pr'um:: quarto de recuperação aí eu queria falá(r) e como eu NUNca tinha tomado (a)nestesia [nunca tinha] [Doc.: uhum] sofrido uma cirurgia... aí eu queria falá(r) eu via o enferme(i)ro mas a voz num saía... aí que parece que eu tava adormecida nem pé nada	32 33 34 35 36 37 38 39 40

mexia... aí quando:: me levaram pro quarto... eu falei –“aí eu num queria vê(r) ninguém	41
num queria nem vê(r) a minha filha num queria vê(r) ninguém ninguém”–... mas era o	42
eFEItto da anestesia... aí quando foi à noite... que tudo passô(u)... aí começô(u) as visita aí	43
naquela alegria [aí eu já]	44
Doc.: [ganha presente] flores	43
Inf.: presente ganhei flo::res... aí ela veio pro quarto eu falei –“olha que bom”– se ela	46
tivesse vindo naquele período... aí eu num queria:: aí ela ia talvez até sentí(r)... o tipo da	47
rejeição [Doc.: uhum ((concordando))] mas dizem que foi o efeito da anestesia... então	48
isso daí também foi uma coisa bem::... bem marcante que eu num sabia que (a)nestesia::	49
[fazia essa/] [Doc.: uhum]...	50
Tópico discursivo 2.3/SegT mínimo 4: Nascimento de quase todos filhos por parto normal	
que tudo foi parto normal e tudo em casa... ela foi a única que nasceu no não e a M. também	51
só que foi parto normal... porque eu morava em Campinas [Doc.: uhum ((concordando))]	52
e:: meu marido tava fazen(d)o:: a minha prime(i)ra filha ele tava fazen(d)o escola militar	53
((barulho de moto))... aí casadinho de novo rabicho atrás do marido aí eu tava sozinha lá	54
aí eu fui pro hospital... ela nasceu lá mas parto normal... só a M. que foi cesárea por causa	55
da ida::de meu caçula já tinha dezessete anos... eu tinha... trinta e oi/... trinta e nove quando	56
ela nasceu [Doc.: no::ssa] mas nasceu perfeita super inteligente super dócil... bem especial	57
Doc.: ((risos)) é verdade ((risos))	58

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.3: estado-de-coisas

AC 139 – NE	
Tópico discursivo central: Histórias que aconteceram na vida do informante	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Atividades do informante onde morava durante a infância	
Doc.: padrinho conta alguma história que aconteceu... c'o senhor na vida do senhor assim	1
Inf.: bom eu ia começá(r) falan(d)o da minha infância né? [Doc.: hum] eu::... sô(u) da	2
lavo::(u)ra do sítio meu pai veio po sítio/ pa cidade eu tinha mais ou menos uns sete ano de	3
ida::de... eu fiz a prime(i)ra-série... naquele tempo era primário aqui em Rio Pre::to...	4
meu pai trabalhava no Curtume Falavino... a gente morava numa casa... BEM antiga...	5
era uma casa com repartições grande nós morava três família... [Doc.: nossa] e::... nesse	6
canto onde eu resido hoje mesmo aqui eu passei minha infÂncia... e:: aqui num era	7
loteado num tinha ca::sa... tinha muito ma::to... a gente catava gabirola fruta fazia as	8
artes de criança por aqui... e mais no fundo onde meu pai trabalhava no curtume então	9
tinha... a:: tem os rio ali né? então a gente pescava MUItto ali:: tomava ba::nho... era	10
diversão nossa... de toda minha infância passan(d)o nesse pedaço...	11
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Primeiros serviços do informante	
aí::... a gente foi fican(d)o mais adulto crescen(d)o um po(u)co mais aí eu comecei::... a	12
procurá(r) serviço... e:: prime(i)ro serviço meu emprego foi num bar que eu lembro até	13
hoje não esqueço do meu prime(i)ro serviço... o segundo trabalhei num:: escritório de	14
despachante...	15
Tópico discursivo 3: Namoro	
Tópico discursivo 3.1/SegT mínimo 3: Começo do namoro do informante com a esposa em um parque de diversões	
aí nesse meio termo eu vim a conhecê(r)... a L. que é minha esposa de hoje companhe(i)ra	16
já de::... trinta e:: eu casei em mil novecentos e seTENTa... [Doc.: uhum::] trinta e quatro	17
ano né?... aí eu co/ eu comecei eu conheci ela num parque de diversão... porque naquele	18
tempo num tinha:: num tinha quase o que tem hoje as balada de ho::je boa::te barzinho	19
num existia nada disso aquele tempo era:: cinema... parque... circo... [Doc.: ((risos))] e::	20
footing de de de de praça no centro né?... então eu conheci ela no... na rua Campos	21
Sales ali mesmo num parquinho ali... ela fazen(d)o... fazia aquela::... um círculo em	22
volta uns falavam <i>footing</i> e os homem ficava em volta né? e eu::... num esqueço até hoje	23
com aquelas bolinha de... com elásticozinho tacava ela passava jogava nas costas dela ia	24
provocan(d)o né?	25
Doc.: ah é?	26
Inf.: é:: [Doc. e Inf.: ((risos))] a gente começô(u) a intimidade por ali e aos poucos [a gente	27
foi se] [Doc.: engraçado] aproximan(d)o aproximan(d)o... e a gente começô(u) a	28
namorá(r)...	29
Tópico discursivo 3.2/SegT mínimo 4: Longevidade do namoro do informante com a esposa	
e:: a gente namorô(u) basTANte... namoramo(s) mais ou meno(s) uns OITO anos [Doc.:	30
OItto?] é mais ou meno(s) OITO anos a gente namorô(u)... namorô(u) muito escondi::do...	31
escondi::do	32
Doc.: a mãe dela era brava?	33
Inf.: ah:: a mãe num era brava mais era meu cunhado né? [Doc.: ham::] tinha um cunhado	34
meu que era terrível né? [Doc.: ((risos))] ele... seguia a gen::te era dedo duro né? falava	35
po pai porque a mãe::... dona V. era... uma bondade até hoje... [Doc.: ((risos))] e o pai	36

tam(b)ém num era um bicho de sete cabeça mas a questão é o irmão [ranheta] [Doc.: era o irmão] que tinha é [Doc.: hum::] e:: foi in(d)o foi in(d)o até que chegô(u) um tempo que num tinha mais jeito foi descoberto né? aí::	37 38 39
Doc.: namorô(u) em casa	40
Inf.: é meu sogro aí falô(u) com meu pai... que era pra mim í(r) lá conversá(r) com ele... aí fui lá e:: tudo deu certo... começamo(s) a namorá(r) em casa e aí foi mu::itos e muitos ano namoran(d)o em casa... até que a gente ficô(u) no::ivo...	41 42 43
Tópico discursivo 4: Carreira na C.P.F.L	
Tópico discursivo 4.1/SegT mínimo 5: Aprovação do informante para trabalhar na C.P.F.L.	
e nesse tempo que eu tava namoran(d)o ela eu trabalhava na oficina... oficina num era oficina mecânica uma oficina de solda né?... recuperação de chassis de caminhão [Doc.: hum::] foi nesse meio aí que::... que eu conheci o empreite(i)ro da/ da C.P.F.L. chamava P. ele é vivo até hoje ainda né? então... conversan(d)o com ele... ele falô(u) –“óh vai tê(r) um concurso da C.P.F.L. um teste assim assim... vai lá e faz esse teste”– aí eu fui lá fiz a inscrição fiz o teste... nós era em seis seis pessoa... fiquei sabên(d)o que eu passei	44 45 46 47 48 49
Doc.: só um que ia passá(r)?	50
Inf.: não... num sei... quantos passou a/ [Doc.: uhum ((concordando))] mas eu sei que eu passei... aí passô(u) mais seis:: me::ses por aí e nada da CP.F.L. chamá(r) nada nada nada aí... esse P.... se/ sempre tava lá no serviço aí eu falei com meu patrão o meu patrão falô(u) com ele... –“P. óh... o L. assim assim fez o teste lá tal passô(u) e até hoje num chamô(u)”– ele falô(u) –“óh não... (inint.) ficá(r) tranqüilo aí que eu vô(u) lá conversá(r)”–... aí ele foi lá na empresa a tarde ele voltô(u) lá mandan(d)o eu í(r) lá na empresa... aí eu fui lá na empresa e deu tudo certo aí fui providenciá(r) a documentação	51 52 53 54 55 56 57
Doc.: te chamaram pra trabalhá(r)	58
Inf.: é aí eles me chamaram pa trabalhá(r) pra dá(r) início... e aí começô(u) minha carre(i)ra na na C.P.F.L. em mil novecentos e sessenta e SEte...a MUItos ano atrás... e fiz uma grande amiza::de lá... DEvo o meu emprego a esse cidadão... que chama P....	59 60 61
Tópico discursivo 4.2/SegT mínimo 6: Crescimento profissional do informante na C.P.F.L. por meio de aperfeiçoamento educacional	
e dentro da empresa que eu entrei eu num tinha nada só tinha naquele tempo era o curso primário era:: falava quarta-série né?... [Doc.: hum::] curso primário... depois eu fui:: fazen(d)o supletivo...[aí]	62 63 64
Doc.: [pra] melhora né?	65
Inf.: é pra melhorá(r) dentro da empresa porque a empresa tinha um campo eNORme pra você crescê(r)... [Doc.: hum] então eu fui crescen(d)o na empresa mas dependia de estudo... aí eu/ fiz supletivo da oitava-sé::rie... aí fiz o segundo grau já com frequência de aula... [aí já] [Doc.: hum::] tinha o diplo::ma... aí eu fui fazê(r) um curso... em Barretos... curso de eletro-técnica... [(inint.)]	66 67 68 69 70
Doc.: [pra] aperfeiçoá(r) [Inf.: é::] pra continuá(r) lá na empre[sa]	71
Inf.: [exa]tamente aí fiz um curso de dois ano de eletro-técnica lá em Barretos com muita dificuldade... porque na empresa tinha o campo pra mim aí foi onde eu fui promovido a técnico... [Doc.: hum::] porque antes eu era eletricitista né? (inint.) carre(i)ra entra como pratican::te depois você vem pra eletricis::ta eletricitista um dois três... cê num tivê(r) estudo você vai/ chegá(r) num ponto que você vai ficá(r) estag[nado pára]	72 73 74 75 76
Doc.: [parado] né?	77
Inf.: é:: aí eu fiz esse curso tudo passei pra técnico então aí tive várias promoções de técnico né? aí se quisé(r) depois MAIS pa frente tem que estudá(r) mais... tentá::(r) fazê(r) um:: uma engenharia né?... uma administração de empresa tem que fazê(r) uma faculdade... [Doc.: hum]	78 79 80 81

Tópico discursivo 4.3/SegT mínimo 7: Período de trabalho do informante na C.P.F.L.	
ma::s... esse período que eu tive na companhia então eu tive MUita experiência fiz MUita amizade conheci MUita gente	82
Doc.: quantos anos o senhor ficô(u) lá?	83
Inf.: eu fiquei na paulista... vinte e nove anos	84
Doc.: vinte nove [anos?]	85
Inf.: [vinte] nove anos só na C.P.F.L.... só na C.P.F.L. foi vinte no::ve... viajando:: vinte	86
nove acredito que uns vinte e seis anos só de viagem	87
	88
Tópico discursivo 4.4/SegT mínimo 8: Condição do informante de trabalhador viajante na C.P.F. L.	
Doc.: tinha que viajá(r) tam[bém::]	89
Inf.: [é:: eu viajava]... prime(i)ro eu trabalhava na rede eu era eletricista de rede de manutenção de rede né? [Doc.: hum] hoje quando eu fui pro:: po operação pra assistente de manutenção que abrangia a regional de São José do Rio Preto	90
Doc.: ah só a regio[nal::?]	91
Inf.: [é] só a regional de Rio Preto... que eu ganhava mais:: era um::... serviço mais perto	92
né? num era:: coisa de rede assim era uma coisa mais sofisticada mais avançada mexia	93
muito com equipamento né?... [Doc.: hum::] eu me interessei... e:: passei a viajá(r)... fui	94
transferido passei a viajá(r) foi aonde exigia... de eu tê(r) um [curso melhor] [Doc.: estudo] estudo né? porque se não você ficava só... parado ali	95
Doc.: até que foi bom estudá(r) então	96
Inf.: no::ssa pra mim foi uma beleza... porque:: além de eu progredí(r) de eu crescê(r) na empresa...	97
	98
	99
	100
	101
Tópico discursivo 4.5/SegT mínimo 9: Gratidão do informante à C.P.F.L.	
e::... tudo que eu tenho hoje graças a Deus... que eu tenho hoje [de tudo que eu tenho]	102
Doc.: [uma boa ca::sa né?]	103
Inf.: é... é graças a C.P.F.L.... num posso criticá(r) ela... pode SÊ(r) que:: todo lugar tem	104
as pessoa ruim né? tem pessoa que fala –“o fulano num é bom é ruim é aquilo e aquilo	105
mais”– a empresa em nome C.P.F.L. eu num tenho o que reclamá(r) dela... às vezes	106
certas administração são ruim mais a empresa assim é boa	107
Doc.: todo lugar tem né?	108
Inf.: TOdo lugar... então eu devo... graças a ela tudo que eu tenho que eu possui	109

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4.3: tempo

Tópico discursivo 4.4: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4.5: estado-de-coisas

APÊNDICE C – Análise dos relatos de opinião

AC 008 – RO	
Tópico discursivo central: Consumo de drogas	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Prejuízo das drogas à saúde	
Doc.: S. é hoje em dia assim a gente vê que o consumo de drogas tá crescen(d)o cada dia	1
ma::is assim que que você acha das drogas?	2
Inf.: ah na minha opinião eu acho que as drogas é uma verdade(i)ra caretece... tem gENte	3
que acha que remé::dio bebida alcoó::lica num são drogas mas também têm substâncias...	4
e:: sub/ substâncias é qualquer coisa que não é alimento que afeta o c/ éh o corpo... e a	5
mente... por isso que eles ficam meio::... doidão assim vo/ vamo(s) falá(r)... éh:: e	6
toman(d)o essas remé::dio bebi::da exa/ exageradamente... pode trazê(r) riscos à saúde	7
também... o cra::ck a maconha:: éh:: a cocaí::na... éh... eles eles tam(b)ém fazem mal/ à	8
saúde essa drogas NÃO são legalizados no país... já o ciga::rro a bebida e a/ e os remédios	9
são... mesmo nu/ não sendo bons só o remédio serve pro/ pra:: curá::(r) doenças né? éh::	10
essas drogas éh de:: crack maconha e:: cocaína... são pre/ muito prejudi/ prejudiciais à	11
saúde... em MINha opinião a saúde é a mais importante... para... para nós e nós devemos	12
cuidá(r) muito BEM delas... a droga como eu falei é qualQUER substância que afe/ que	13
afete corpo e alma então não vamos usá(r) drogas que você vai entrá(r) numa en/ enrascada	14
Tópico discursivo 2/ SegT mínimo 2: Comentários da professora do PROERD sobre os malefícios das drogas	
Doc.: você FEZ aula da PROERD né? na sua esco::la lá... éh como que é assim que que	15
vocês tratava assim... que que a profeSSOra comentava sobre as drogas pra vocês assim?	16
Inf.: ah ela ela falava que num era bom::... ela até trazia ví::deos pra gente vê::(r)... como	17
que era a gente tinha que tê(r) força a gente ti/ tinha que sê(r) igual um disco riscado...	18
falá(r) – “não... não... não às drogas” – entendeu?... a professora da PROERD falô(u)... que	19
uma grá::vida... quando fuma com o nenê... pode tra/ NÃO só pode trazê(r) riscos po bebê	20
como quando ele crescê(r) ven(d)o a mã::e fumá::(r) assim... ele pode sê(r) um viciAdo...	21
e pode virá(r) ladrã::o... e a/ até se envolvê(r) com drogas... tam(b)ém	22
Tópico discursivo 3/ SegT mínimo 3: Reações de quem usa drogas	
as/ as drogas... eu:: acho que::... é coisa de gente caipira que num tem nem o que fazê(r)...	23
porque todas as ge/ gente que usa dro::ga... fica atrasado na esco::la... éh:: briga em ca::sa...	24
e quando chega em casa ro(u)ba o que tem da mã::e... XINGa a mãe bate na mã::e no/ no	25
pa::i... o pai num gos::ta eles co/ éh pegam as coisa de ca::sa ven::de... pa/ só pra comprá(r)	26
droga... te/ a/ tem gente que fala que:: entra na droga e fala e pensa que num vai viciá(r)...	27
só que no/ éh:: usan::(d)o elas vão vê(r) que que é enrasca::da... entã::o... eu:: a minha	28
opinião é que... nu/ pra num entrá(r) nas drogas porque:: vai vai ficando a/ aLÉM de ficá(r)	29
atrasado na esco::la não aprendê(r) ma::is... tê(r) dificulda::des... num vai sê(r) bom porque	30
vai se afastá(r) dos ami::gos... e:: tê(r) várias discussões na família	31

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3: estado-de-coisas

AC 019 – RO	
Tópico discursivo central: Família	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Caráter basilar da família	
Doc.: o que que você acha da família?	
Inf.: família eu acho a base de tudo né? sem família cê num consegue vivê(r)... tem...	1
famílias que dá apoio nas hora mais feliz na hora mais triste:... quando cê tá precisan(d)o	2
de alguma coisa prime(i)ra... coisa que cê recorre é a família né?... tipo cê tá c'um	3
problema finance(i)ro cê fala... – “família... me ajuda” – tal né? depois entre família	4
((pequeno riso)) num tem problema de dívida tal... e:: família tam(b)ém... alegria né?	5
maior parte alegria tem as tristeza tal quando algum parente mo::rre tal... mais ale/ a	6
família... sempre encobre sempre a/ o amor familiar tal pri::mo ti::o tudo... vó:: vô:: cê tem	7
aquele negócio da tua vó::... tua vó é a maior cê sempre vai confiá(r) na tua vó::... essa	8
coisa vô... sempre é o cara legal... da histó::ria tal... e::... tem tam(b)ém esse negócio	9
de::... tipo um tem uma co::isa fala – “não... me empresta” – tal tem esse negócio de:: sê(r)	10
legal um com o o(u)tro... família tem... essa base da hora	11
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Gosto do informante pela sua família	
Doc.: você gosta da sua família?	
Inf.: eu gosto minha família é muito da hora tem... como eu falei né? tem os problema de	12
morte tal sempre... o ano passado a gente perdeu um pri::mo e uma... bisavó morreu tudo...	13
no mesmo ano nunca tinha morrido ninguém assim que eu... tinha ido em enterro morreu	14
já o ano passado morreu dois... mas sempre tem alegria tam(b)ém (a gente) compartilha	15
tudo o que um tem o que o(u)tro nunca tem briga assim de primo brigá(r) tal... primo tudo	16
amigo somo(s) em quaTORze primos e tudo amigo tudo [Doc.: uhum ((concordando))]	17
num tem nenhum que num gosta sabe – “NOssa esse aí eu num gosto”–... tudo... gente boa	18

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

AC 038 – RO	
Tópico discursivo central: Drogas	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema drogas	
Doc.: C. tem algum assunto assim: que você se interessa em: falá(r) a sua opinião a respeito?... porque hoje em dia a gente vê tanta coisa assim tem TANTA coisa pra gente falá(r)... que às vezes revolta a gente assim tem alguma coisa que você gostaria de dá(r) a sua opinião?	1 2 3 4
Inf.: ah eu gostaria assim de dá(r) minha opinião: sobre as drogas né?...	5
Tópico discursivo 2: Drogas entorpecentes	
Tópico discursivo 2.1/SegT mínimo 2: Mal que as drogas fazem às crianças do Brasil	
porque: eu acho... que as pessoas/ que as pessoas não as pessoas também mas mais as crianças... é: estão começando muito cedo a tê(r) um uso com droga... é: muitas crianças... é saem de suas casas não/ não querem sabê(r) de estudar... pra ficá(r) atrás de droga droga... é: eu acho que: isso é uma coisa que faz muito mal:... pro nosso país: né?... eu acho que eu/ ah não só o nosso país mas como os muitos países pra fora estão acho que as cri/ ah os adultos também mas as crianças tá demais esse/ essas/ esse/ es/ ÉH esse negócio de droga né?... eu acho que as crianças tão muito assim... é: desorientadas é é só pensam nisso maléfico estão ficando mocinhos já... ((barulho de carro)) já tão atrás disso... eu acho que é uma coisa assim... que e: não tá levando o Brasil pra frente né? não adianta também é ficá(r)/ muitas mães: pais dão conselho mas os filhos não querem sabê(r) e eu acho que droga é uma coisa que tá:... tá: acabando com o país mesmo assim é também gostaria de falá(r) [um/]	6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17
Tópico discursivo 2.2/SegT mínimo 3: Necessidade de o governo tomar uma atitude para acabar com as drogas	
Doc.: [o que] que você acha que deveria ser feito assim?	18
Inf.: ah: o que deveria ser feito? aí eu sei assim é:... aí eu acho que o o: o governo né?... o o: nosso... presidente não sei você dizê(r) assim eu acho que ele devia assim tomar uma atitude... a: como que eu você falá(r)? assim um/ uma atitude é: tipo assim sei lá/ dá um jeito de acabar mesmo ACABAR eu sei se HÁ esse jeito porque há MUITO né? se não tiver aQUI... com certeza eles vão buscá(r) lá Fora... mas eu queria assim que... que todos eles se reunissem os presidentes cada um do seu país e acabasse mesmo... é se tivesse um jeito de de/ de/ de/ de ficá(r)... é investigando assim investigando ali pra vê(r) – “aqui há droga” – ACABAR ACABAR com essas coisas que... é uma coisa que não tá levando o país pra frente muito pelo contrário só pra trás...	19 20 21 22 23 24 25 26 27
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 4: Dever do uso do preservativo para prevenção das drogas das DSTs	
é: agora eu você falá(r) um pouco também da/... do que eu acho das drogas da da da: AIDS também... que: as pessoas deveriam se prevenir mais:... hoje em dia há preservativo é: é: por MAIS assim que... as mulheres usem anticoncepcional eu acho que as mulheres div/... deveriam é: tá tá/ tá por mais que conheça por mais que saiba quem é: saiba quem é o parceiro tudo... deveriam usá(r) o preservativo que eu acho que é a melhor coisa evita-se é: você... é: evita não só a AIDS mas várias outras doenças... eu acho que: que é por aí eu a/ é uma coisa assim que nem ah: é: você ca/ de repente você sai c'a pessoa a pessoa tá ótima com aparência bonita você num imagina que a pessoa tenha doença... aí você que que acontece acaba acontecendo... uma relação você acaba num se prevenindo... Aí por uma coisa ou o(u)tra você acaba tendo o que fazê(r) um exame e tá lá o resultado... aí você	28 29 30 31 32 33 34 35 36 37

acaba éh éh se espantan(d)o porque não a::cha nã/ nã/ não/ num passava pela sua cabeça que	38
aquela pessoa pudesse TÊ(r)... então eu/ aí você acaba tendo lá que/ você acaba se	39
desespera::ndo éh tendo que usá(r) tomá(r) coquetel:: uma coisa ou o(u)tra então acho que a	40
pessoa... éh:: de agora/... deveria assim pegá(r) né? éh por mais que conheça... éh:: vamo(s)	41
vamo::(s) vamo(s) se prevení(r) vamo(s) prevení(r) porque é meLHOR... né? porque às vezes...	42
po/ po/ por causa de uma noite você acaba pagan(d)o pro resto da vida (inint.) ((barulho de	43
veículo))	44

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.2: proposição

Tópico discursivo 3: proposição

AC 049 – RO	
Tópico discursivo central: Eleições municipais	
Tópico discursivo 1: Eleições em São José do Rio Preto	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Insatisfação do informante com o resultado das eleições para prefeito de Rio Preto	
Doc.: que que você achô(u) do resultado das/ das eleições aqui de Rio Preto desse ano?	1
Inf.: bom achei que... foi justo dentro do possível... só que... eu acredito que num era isso que eu	2
queria pra Rio Preto né?... eu não gostei... da::/ do Edinho tê(r) ganhado a eleição só	3
que também num gostaria que o Mané tivesse ganhado na verdade minha preferência era po	4
Nicolau... professor Nicolau... éh:: eu acho/ acreditava que ele era:: melhor preparado entre os	5
dois... concorrentes do segundo turno... só que infelizmente quem foi po segundo turno foi o	6
Edinho e o:: Manuel Antunes e::... acabô(u) ganhan(d)o o Edinho... e eu acredito que::... apesar	7
de num tê(r) gostado do Edinho ganhá(r) eu acredito que tenha sido melhor do que o Mané...	8
porque o Manuel Antunes... eu eu acho que ele num tem muita:: perspectiva como pode se	9
dizê::(r)... ele já tá um po(u)co velho com uma certa idade e ele num tem muita condição mas de	10
governá(r) uma cidade como Rio Preto... só que tem uma parte muito boa do Mané... é que ele é	11
um cara muito honesto... pelo menos que/ pelo que a gente sabe:: e:: nunca se pode tê(r) certeza	12
disso... só que parece sê(r) um cara muito transparente muito honesto... que é contrário do que	13
eu acho do Edinho né? o Edinho é um cara melhor preparado assim é um cara que saberia se	14
fosse... mais::... como pode se dizê(r)... éh:: ou menos né?... corRUpto... ele seria melhor do que	15
o Mané porque ele tem uma idéias é um po(u)co mais novo ele tem uma idéias melho::res assim...	16
ele é um cara mais esperto ele tem condição de::... de melhorá(r) muito a cidade... só que acredito	17
que falta um po(u)co de vontade política da parte dele... o governo dele num foi tão ruim né?...	18
o governo passado porque agora ele tá sendo reeleito né?... só que::... eu acho que em questão	19
assim... do/ dos dois eu num fiquei muito satisfeito... porque eu acho/ acredito que todos vão	20
tê(r) algo com seus problemas né? todos tem seus problemas... e uns mais uns mais problemas	21
o(u)tros menos... só que::... eu acredito que o Edinho num seria ideal pra São José do Rio Preto...	22
eu num gostei desse resulTAdo... só que é aquela velha história entre ele e o Manuel Antunes eu	23
prefiro ele porque eu acredito que ele tem... tem maior condição tá governan(d)o a cidade assim	24
Tópico discursivo 1.2/SegT mínimo 2: Melhorias em Rio Preto no governo do Edinho que o tornam melhor do que Manuel Antunes	
Doc.: que que o Edinho fez pa Rio Preto que você:: pensa que ele seja::... que você tem a opinião	25
que ele seja melhor que o Manuel?	26
Inf.: éh::...o Edinho ele fez algumas coisas como a mudança do SEMAE tal... e:: também ele	27
deu uma embelezada na cidade né?... a cidade ficô(u)... bem mais boni::ta a cidade ficô(u) mais	28
bem cuida::da nisso nesse fator ele foi melhor... e:: eu acho que o pior problema do Mané foi ele	29
tro(u)xe bastante moradia pra Rio Preto tal mas ele ao mesmo tempo que ele tro(u)xe gente pra	30
cá ele num tro(u)xe emprego né? pra essas pessoas que vieram... então de certa forma ele::	31
acabô(u) um po(u)co com a cidade assim isso gerô(u)... uma certa bastante violência pa São José	32
do Rio Preto... e acredito que seja muito pela falta de de oportunidade aqui falta de emprego	33
porque a pessoa num tem onde trabalhá(r) entendeu? ela tem lugar morá(r) mas num tem o que	34
fazê(r) tem o que/ onde traba/ onde conseguí(r) dinhe(i)ro pra sustentá(r) a família... e eu acho	35
que isso o Edinho já num fez apesar de que também ele não tê(r) trazido emprego pra cá ele	36
pegô(u) de certa forma de(i)xô(u) a cidade nesse sentido economicamente falan(d)o estagnada	37
né?... ele num piorô(u) só que também num melhorô(u) MUI::to né?... só que ele deu uma	38
melhorada em o(u)tros pontos da cida::de tal que é a na área de saneamento bá::sico e acredito	39
que isso tenha melhorado bastante Rio Preto	40

Tópico discursivo 1.3/SegT mínimo 3: Crença do informante na falta de culpa de Edinho em corrupção no SEMAE	
Doc.: e em relação ao SEMAE:: a C.P.I. do SEMAE o que que você acha disso?	41
Inf.: éh:: então... acredito que o:: todo esse escândalo envolven(d)o tá/ tá mesmo o Edinho tudo...	42
eu acredito que ele num tenha tido culpa nessa história... porque:: ele também não consegue	43
controlá(r) tudo né?... agora::... eu acho que corrupção tem em todos os lugares entendeu... num	44
é o prefeito que é corrupto que ele que transforma tudo tinha corrupção dentro do SEMAE...	45
gente ligada a ele só que ele num consegue controlá(r) tudo essas pessoas também acho que isso	46
aí num teve muita culpa porque::... isso daí:: num tem como cê controlá(r)... apesar que a:: esse	47
problema aí do SEMAE foi resolvido acredito de forma justa né?	48
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 4: Julgamento do informante de que o resultado das eleições para prefeito na cidade de SP foi justo	
Doc.: já que a gente tá falan(d)o de eleição e o que você/ a sua opinião sobre as eleições na	49
cidade de São Paulo entre a Mar::ta e o Se::rra	50
Inf.: ÉH:: as eleições assim:: foi foi uma disputa muito grande em São Paulo... pelo que eu vi lá	51
né?... porque:: a Marta desesperada vem(d)o que ia perdê(r) a eleição fez de tudo pra podê(r)	52
acabá(r) c'o c'o Serra... denegrí(r) a imagem dele tudo num ato de desespero vários boatos foram	53
inventados... eu acredito que o:: resultado foi justo eu acho que o Serra é melhor preparado que	54
a Marta... a Marta teve a oportunidade dela ficô(u) quatro anos lá e eu num vi muita diferença	55
dentro de São Paulo num gostei da administração dela... ela realmente::... fez algumas obras tal	56
mas nada que ajudasse muito a cidade de São Paulo... dentre o que ela fez eu acho que ela mais	57
piorô(u) a cidade do que melhorô(u)... muitas coisas pioraram algumas melhoraram com	58
certeza... só que essas coisas o que melhorô(u) foi muito po(u)co perto do que piorô(u) e o que	59
continuô(u) do jeito que tava que já era ruim... éh principalmente obras inacabadas tem obras	60
que começaram com o governo Pitta que só começaram a... a sê(r) feitos ou:: acabadas com com	61
ela tipo agora nu/ perto das eleições né?... como se fosse pa conseguí(r) voto:: ela realmente num	62
fez uma boa administração... ela não:: num so(u)be:: levá(r) a cidade de São Paulo acredito que	63
agora::... Serra foi uma:: foi uma eleição justa espero que ele seja um po(u)co melhor do que ela	64
[Doc.: O.K.] e é isso é o que eu acho... num tenho muito o que falá(r)	65

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.3: proposição

Tópico discursivo 2: proposição

AC 064 – RO	
Tópico discursivo central: Experiência da informante de ter se casado na adolescência	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Não arrependimento da informante de ter se casado nova	
Doc.: e:: assim quê que cê::... quê que cê achô(u) de tê(r) casado tão cedo? cê acha que sua vida::... qual que é sua opinião cê acha que mudô(u) alguma co::isa?... poderia tê(r) sido difere::nte?... quê que cê acha de tê(r) tido essa experiência tão cedo?	1 2 3
Inf.: então... eu:: a/ eu::... eu eu num me arrependo de tê(r) casado no::va... (entendeu?) porque dentro da:: da:: da família... tenho ti/ da minha mãe:: né? eu... meus pais se separa::ram muito cedo né? a ge/ eu tinha nove anos quando eles se separa::ram... aí a minha mãe começô(u) vivê(r) com outra pesso::a... meu pai num num se casô(u) só só teve um relacionamento sem::... casamento né?... e:: a... a vida era muito difícil porque depois a minha mãe... logo teve que pará(r) de trabalhá(r) porque ela engravidô(u) de no::vo... aí:: o relacionamento entre ele e a minha mãe não era bom... né?... e o MEU... com ele também não era bom ... então quando eu comecei namorÁ(R) eu comecei namorá(r) com quatorze com treze anos... foi assim tipo um refúgio né?... porque a... a pessoa com quem eu comecei namorá(r) demonstrô(u) muito interesse em mim... né?... ela::/ eu... me apaixonei completamente pelo MOdo com que ela me tratava que era diferente de todas as pessoas...	4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Fato de o casamento na adolescência ter sido bom	
então... pra mim foi bom::... foi bom porque... MESmo antes de casá(r) eu já tinha responsabilidades em casa né?... e cu/ eu cuidava do meu irmãozinho que era bebê:: cuidava do serviço de ca::sa... depois a minha mãe foi embora de Rio Pre::to... ela tinha que trabalhá(r) eu cuidava da crian::ça eu cuidava da ca::sa né?... então eu tê(r) me casado no::va eu num acho que num foi ruim pra mim... foi a foi a... além de sê(r) a solução pa muitos problemas que eu tinha... foi algo que veio na hora certa sabe?... foi algo que... pode-se dizê(r)... salvô(u) mesmo a minha vida porque... poderia tê(r) acontecido coisas boas mas também tê(r) acontecido coisas ruins né?	15 16 17 18 19 20 21 22
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Condição do casamento como a melhor coisa que aconteceu na vida da informante	
Doc.: uhum ((concordando))... cê acha assim que no SEU caso apesar de muita gente achá(r) que casá(r) cedo é um problema no seu caso foi diferente foi... pra melhor né?	23 24
Inf.: exatamente... aí depois que nós começamos a estudá(r) a Bíblia a gente ia/ às vezes até comenta pára e pensa que foi uma provisão de Deus né?... porque::... éh:: a gente fala até que::... costuma dizê(r) que até as/ abençoa::do né? porque... minhas filhas nasceram perfei::tas... a gente sabe até de casos de de::... criANças o quê::?... catorze treze anos é criança né?... que ficô(u) grávida e o filho nasceu com proble::ma né?... a gente soube até recentemente que uma::... uma filha de catorze anos ficô(u) grávida e o bebê vai sê(r) anãozinho... e o médico falô(u) que era por causa da formação né? [Doc.: uhum ((concordando))] o corpo envia::... tinha que enviá(r) vitaminas pra duas pessoas né? e ele num tinha toda a capacidade... e as nossas filhas nasceram perfeitas né?... então a gente sempre encara... EU procuro sempre encará(r) assim apesar... das dificuldades porque o casamento traz alegri::as e traz tribulação também... mas apesar de tudo eu acho que::... no meu caso foi a melhor coisa que aconteceu	25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3: estado-de-coisas

AC 075 – RO	
Tópico discursivo central: Política	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Definição do tema política	
Doc.: bom agora eu queria assim que cê desse sua opinião sobre alguma coisa... pode ser	1
polí::tica ou religião	2
Inf.: éh::... bom eu... religião eu num... num tenho:: o que opiná(r) porque eu sô(u) evangélico...	3
num num num gosto de discuti(r) né? eu acho que... a palavra é bem clara... mas eu tenho::...	4
assim uma iDÉIA minha... que:: sobre a política... (inint.)...	5
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Necessidade de ter um curso para ser político	
você pega aí ... vamo(s) pegá(r) pela nossa cidade né? São José do Rio Preto... na época de política você vê vários candidatos que aparecem na televisão aí... cê vê que... a pessoa realmente... NÃO... POR ELA assim mas ela num TEM um::... num vô(u) falá(r) um nível cultural mas vô(u) falá(r) assim num tem um nível de estudo né? num tem uma formação:: acadê::mica alguma coisa assim... pra sê(r) político porque...(então) a gente VÊ que/ que que vê? isso é tudo jogada de partido né? pa puxá(r) legenda pra cá puxá(r) legenda pra lá... mas eu sô(u) contra isso porque eu penso assim a pessoa pra sê(r) político eu sempre comentei isso com várias pessoas... eu acho que ela teria que tê(r)... NUM VÔ(U) falá(r) uma faculda::de porque seria aí uma coisa ca::ra muitos não teriam condições de pagá(r)... mas eu acho que... a própria prefeitu::ra no ca::so o próprio gover::no deveria fazê(r)... tipo d'um curso porque... pra você sê(r) político nada mais é do que você administrá(r)... [Doc.: uhum ((concordando))] eu dei exemplo de um vereador ou um PRÓprio prefeito num tem noção neNHUma de administração... cê fala assim pra mim –“ah u/ o/ vô(u) te dá(r) pra você sê(r) um vereador”– TUDO BEM eu vô(u) sê(r) vereador... am/ u/ BOM eu vô(u) lá eu vô(u) ganhá(r) dinhe(i)ro óh num plu/ num sei né? me colocam lá um exemplo assim... mas eu NUM tenho formação neNHUma pa administrá(r) então eu acho que é:: complicado... porque o que eu falei... nada mais é... o preFEItto mesmo... é administrá(r) tá administran(d)o... os bem NOSSO o da ciDade da comunidade em si tá administrando... então eu acho que deveria tê(r)... uma faculdade? NÃO... mas um curso... BÁ::sico sei lá de administração... certo?... e a pessoa teria que tê(r) um mínimo de estudo pra podê::(r)... sê(r)... um... um político né?... [Doc.: aham ((concordando))]. cê vê... cê pega tantos político aí que num tem noção nenhuma... e tá aí fazen(d)o alguma coisa... às vez tem uns que tem no/ MUIta noção mas... e RO(u)ba (há tempo) e acho que sabia até demais... agora eu acho que pra sê(r) político deveria tê(r) um... um curso básico de administração NO mínimo [Doc.: uhum ((concordando))] é pelo menos o que ele deveria tê(r) assim... ((conversas ao fundo)) essa é a minha idéia pra podê(r) s/ pessoa... éh:: engajá(r) aí na política Doc.: tá [Inf.: hum]...	6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Decepção do informante com o presidente Lula	
e so/ e:: sobre:: o que tá acontecen(d)o agora aq/ assim com o Brasil com os deputados que cê acha? Inf.: óh vô(u) sê(r) sincero eu num tenho acompanhado muito... [Doc.: uhum ((concordando))] tá se perguntá(r) pra mim sobre... esse negó(cio) do Correio aí:: esse... foge até o nom/ eu num lem/ eu num tenho acompanhado muito... o que eu posso dizer é que:: eu me decepcionei um po(u)co com o Lula... [Doc.: uhum ((concordando))] porque eu votei nele... no segundo... no segundo turno eu votei nele né?... tá certo que ele tem uma/ de repente inte/ as intenções dele são boas né? mas ele num::... o que ele tá me passando é que ele num tem força política... Ele [Doc.: uhum ((concordando))] Ele em si né?... o partido pode até tê(r) mais dinhe(i)ro em si num... num... tá me passan(d)o que... ((conversas ao fundo))	33 34 35 36 37 38 39 40 41 42

Tópico discursivo 4/SegT mínimo 4: Despreocupação do informante com política	
aGOra... eu realmente eu num:: num procuro me... PREOcupá(r) muito com a política sabe?	43
porque [Doc.: aham ((concordando))].... às vez cê vê dólar so::be dólar (a)ba(i)xa num sei q/	44
bolsa isso aquilo... e pra mim que eu trabalho com vendas eu eu num procuro vê(r) isso mui::to	45
porque ele num acaba... sendo até (mal) pra mim porquE... cê pega os que... cedo é – “ah o	46
dólar subiu ah a bolsa (a)ba(i)xô(u)” – num sei... parece que no o(u)tro dia quando cê sai pra	47
trabalhá(r) cê já sai meio que com aquilo na cabeça né? ah:: então... ((conversas ao fundo)) ih/	48
sei lá viu... (a)caba até meio que prejudican(d)o então eu num... num... vô(u) muito atrás de	49
política não num... num procuro s/ sabê(r) muito não num procuro discutí(r) também muito	50
sobre política não	51
Inf.: não	52
Doc.: não?	53

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: proposição

Tópico discursivo 3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

AC 102 – RO	
Tópico discursivo central: Educação no Brasil	
Tópico discursivo 1: Educação escolar no Brasil	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Grande regressão da educação	
Doc.: dona M.... o que a senhora éh:: Acha o que a senhora PENsa sobre a educação... no país hoje?	1
	2
Inf.: bom.... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REgressão... da educação... por exemplo coisas que::... na época eu aprendi que eu fui a::... que eu... na minha época de esCOLa... por exemplo o que a gente aprendia em quatro anos... né? no caso depois o o ginásial também... o/ os meus filhos tinham que fazê(r) até o terce(i)ro colegial pa aprendê(r)... né?... num sei se é uma melhoria... ou não mas eu acho que é uma grande REgressão... então hoje eles va/ éh... vão à aula... éh::... GOSTam aTÉ de IR à esCOLa... mas num gostam muito de estudá(r)... então eu não sei bem se é uma falha... NOS educadores ou::... nos educandos... que tão indo lá... pra aprendê(r)...	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
Tópico discursivo 1.2/SegT mínimo 2: Caráter desinteressante da educação	
mas eu vejo assim também que também num há muito interesse ah éh::... os professores éh a... a educação num tem muito a oferecê(r)... vamos se/ assim dizê(r)... porque eu acho que num é bem culpa do professor... porque Ele também ele recebe uma Ordem e vem... e/ ele tem que passá(r) determinadas coisas ele tem que obedecê(r) determinadas coisas... éh... que às vezes ele não concorda muito mas pra ele fazê(r) parte daquele trabalho ele é um empregado... ele é obrigado a cumprí(r) aquelas regras... então a:: o/ a/ os JOvens os adolescentes as crianças eles tem hoje em dia um ponteci/ um:: potencial muito grande uma inteligência muito grande... éh::... também por causa dos meios de comunicação... então a criança recebe muita informação... aí ela vai a escola ela não tem tanta informação... às vezes e/ ela chega lá... éh:: o professor... né? no caso... tem po(u)ca coisa pra oferecê(r) pra eles... ele... e também num é tão atrativo assim naquilo que se ensina... éh:: a:: um dese::nho as coisas que pas::sam na televisão às vezes chama mais a... a atenção...	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
Tópico discursivo 1.3/SegT mínimo 3: Necessidade de investimento na educação para o Brasil ser um país melhor	
mas as ve/ eu também vejo que::... o governo... e os governantes... né? que... que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltá(r) mais pro lado da educação... porque... e se preocuPÁ(r)... em ensiná(r) coisas melhores... e i/ e em se adaptá(r) a a modernidade do mundo que a gente tá vivendo... e pasSÁ(r)... éh não sei se é muito dizê(r) isso... mas eu acho que só um país vai conseguí(r) í(r) pa fren::te a gente só vai sê(r) um país melhor... a partir que o dis/ do do momento que se investí(r) em educação... de se investí(r) no aluno... de fazê(r) com que o aluno tenha inteREsse... de í(r) pra escola... e também ele tenha condições... éh:: de participá(r) dessa escola que ele tenha condições de estudá(r)... que muitas vezes o aluno num tem livro ele num tem caderno ele num tem nem alimentação... adequada... pra ele participá(r) dessa aula... então eu acho que... infelizmente... num tá na mão dos governantes... que a gente vê que vai haven(d)o uma defasagem... éh:: a minha filha mesmo HOje... se ela tá fazen(d)o um colegial melhor é porque ela tem oportunidade até de freqüentá(r) uma escola particular... e no caso a escola... éh pública... éh tá deixan(d)o muito a desejá(r)... ela num tá se preocupan(d)o tanto em forMÁ(r) a pessoa... pra que a gente seja realmente um país LIVre... éh um país... éh... com pesSOAS... éh... com qualidade... de vida... porque o/ a a educação o ensino... é que LEva... éh um ser humano... a tê(r) uma qualidade melhor de vida... a podê(r) escoLHÊ(R) meLHOR o que ele qué(r) sê(r)... o que ele qué(r)r fazê(r) da vida dele... éh:: eu acho que se o governo investí(r) MAis na educação MAis no ensino... éh procurá(r)	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31
	32
	33
	34
	35
	36
	37
	38
	39
	40
	41

REAlMENte... éh favorecê(r) o ser humano... a gente tem:: potencial pra sê(r) um país de prime(i)ro mundo né? (éh no caso o que eu vejo na vi/ educação)	42 43
Tópico discursivo 2: Educação na instituição familiar	
Tópico discursivo 2.1/SegT mínimo 4: Potencial da família para recuperar a sociedade	
Doc.: dona M.... o o que a senhora acha éh::... da família da instituição familiar... nos nos dias atuais	44 45
Inf.: bom... éh::... como a:: própria sociedade... pregô(u) há alguns anos... né? disse há alguns anos... que:: a família é uma::/ era uma instituição falida... né?... MAS éh::... eu vejo que::... a:: recuperação da nossa sociedade mais... seria através também DA família... porque::... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai sê(r) educado... éh::... ali que ele vai recebê(r) todas as orientações princi/ BÁsicas... né? pra ele se torná(r) uma pessoa...	46 47 48 49 50
Tópico discursivo 2.2/SegT mínimo 5: Divisão da educação dos filhos quando os pais se separam	
e:: ...éh infe/ éh::... não sei se felizmente ou infelizmente... éh a criança quando ela nasce ela cresce ela ainda tem a visão dela de família pai e mãe... aquela de TÁ moran(d)o junto que tem um pai que tem uma mãe é uma coi/ é normal ainda a a pra ela... ela PENsa assim... éh::... então éh o que que a gente vê hoje em dia... as pessoas que ca::sam né?... que constitui família... éh:: aí vem os filhos... aí num sei porque das quanta num se entendem... né? num fazem... também esforço nenhum... pra se entendê(r)... e se separam... aí ficam os filhos... éh:: uns ficam com as mães... outros ficam com os pais... e os que na maioria a gente tem visto hoje em dia ficam com os avós... éh:: aí divide-se éh::... a educação... porque o que a gente éh:: observa éh:: a o filho vai pra casa... da mãe... recebe uma educação e tudo aquilo que a vó falô(u)... a mãe –“não num é isso num é isso num é isso aquilo”– faz tudo os gosto da criança... aí a criança vai pra casa do pai... né? o pai pra fazê(r) pirraça pa mãe ou sei lá por algum motivo... –“não num é nada daquilo”– e faz... aí o que que a crian/ a criança já vai pens/ crescendo naquela mentalidade né? óh... é só... mudá(r) os pauzinho aqui que as coisas se resolvem...	51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63
Tópico discursivo 2.3/SegT mínimo 6: Falta que a criança sente da família com pai e mãe juntos depois da separação dos pais	
e:: aí a criança cresce mas ela vai senti(r)... eu acho que a criança sente falta da família... porque ela num tem um... um lugar... né? ela acaba ficando sem um espaço... porque a vó num é... mãe... a mãe num é pai e o pai num é a mãe... n/ né? então ela vai crescen(d)o com aquela e:: a gente vê assim que as crianças tão fican(d)o muito com a... com a mentalida::de com a cabe::ça com os pensamentos com o LAdo psicológico muito afetado... tanto que a gente vê que os consultórios tão CHEIOS... né?... de crianças com problemas... que aparentemente elas num teriam... problema nenhum po/ num precisariam ter problema nenhum... que:: até finance(i)ramente... Elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né?... se CALçam bem... né? tão na moda vão e saem mas tem problemas psicológicos porque HÁ a falta desse pai e dessa mãe... que é uma necessidade que a criANça tem... éh::... dela de tê(r) a figura do homem e da mulher pra educá(r) junto... junto educá(r) a criança... éh aí a gente vê né? filho... a aí começa mexê(r) com dro::ga... éh o problema do alcoolis::mo... né?... a gente vê a FEBEM tão lotada de adolesCENTes... que há e a gente ahm:: eu sinto... que é essa falta da família... essa falta do SEio familiar dessa conviVÊN::cia com o pai e com a mãe... ou até mesmo dois irmãos... porque muitas vezes na separação... os filhos se dividem... éh::... um fica com uma vó o(u)tro fica com o(u)tro... éh... (restante) vai com a tia ou com um::/ com uma o(u)tra irmã... então (a)caba separan(d)o e a criança (a)caba se sentindo muito sozinha naquele	64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81

momento da vida dela que ela precisa muito de de adulto... de adulto junto que ajude... educá(r) ela...	82 83
Tópico discursivo 2.4/SegT mínimo 7: Possibilidade de melhoria da sociedade a partir da união da família	
então eu vejo essa/ e que a sociedade só vai podê(r) melhorá(r)... também nesse nesse LAdo familiar... a partir de que as famílias forem unidas que os casais... éh assim... a:: partir do momento que assume... ou que casô(u) na igreja... ou que casô(u)... no civil... ou que se Ajuntô(u)... LEve essa resPONSabilidade... que a partir do momento que você coloca um o(u)tro ser humano no mundo... você é res/ voCÊS dois... no caso as duas pessoa... é resPONSÁvel... por aquela pessoa até a fase adulta dela	84 85 86 87 88 89

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.3: proposição

Tópico discursivo 2.1: proposição

Tópico discursivo 2.2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.4: proposição

AC 113 – RO	
Tópico discursivo central: Política brasileira	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Uso errôneo da política brasileira em todos os níveis	
Doc.: o que que o senhor pensa sobre a política?	
Inf.: como ciência... a política:: a brasile(i)ra... principalmente... é:: muito bonita... mas:: a	1
forma como ela é usada... ela se torna::... degradante... éh:: de uma forma assim éh bastante	2
deturpante... e:: infelizmente... éh:: no Brasil éh:: tanto a nível municipal estadual e federal...	3
ela é usada... muito errada... se fosse utilizada como deve sê(r)... seria muito bonito e muito	4
bom para o país... mas infelizmente não é assim que a usam... éh:: você vê no município... éh::	5
éh compras... de voto embora exista aí a/ a legislação que:: não permite isso... mas existe a::/	6
realmente a compra de voto a mentira... a promessa de que vai fazê(r) e depois num faz nada...	7
éh:: a nível estadual também ocorre o mesmo... éh:: um prometendo isto o(u)tro prometendo	8
aquilo... éh:: e nada disso acontece... éh:: no Nordeste por exemplo nós temos... ainda o	9
coronelismo... onde:: aqueles... VELhos coronéis ainda imperam a política... éh:: e	10
infelizmente... éh:: a política:: num é/ num é... tratada assim como... éh:: deveria sê(r)... que as	11
pessoas fossem livre embora também o brasile(i)ro... seja:: muito culpado disso... por (se)	12
vendê(r) seu voto... por (inint.)... éh:: na maioria das vezes ou quase sempre... eles não	13
procuram... éh::... votá(r) naquele que realmente... PODE sê(r) o melhor... ele:: vota naquele	14
que é bonzinho... naquele que lhe faz uma promessa naque::le:: que faz::... enfim:: promessas	15
mil éh:: o eleitor é levado... a votá(r) nessas pessoas... e ele::	16
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Insucesso em algumas eleições no Brasil	
infelizmente... nesses últimos anos... éh:: e eu acho que sempre na história... o:: povo não tem	17
votado direito... e::... o país os municípios os estados... não têm sido bem sucedido... em::	18
algumas eleições... vide:: a eleição do... Fernando Collor... onde ele (pregô(u)) tanto... e depois	19
foi... deu no que deu... ele o povo brasile(i)ro naquela... esperança da salvação que o povo vive	20
até hoje... o povo votô(u) em massa... no::... no presidente Fernando Collor... e depois... tudo	21
aquilo aconteceu que é conhecido do país todo...	22
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Desconhecimento da imprensa de fatos políticos	
e:: num é diferente também hoje não... num é diferente não é que não é levado talvez muitas	23
vezes á imprensa... éh:: não toma conhecimento porque se tomasse conhecimento ela levaria à	24
tona o(u)tras vezes ela traz à tona... você vê o que tem ocorrido... aí com os deputados...	25
senaDOres governaDOres... éh::... porque/ mas daí chega ao conhecimento do povo... porque	26
a imprensa traz...	27
Tópico discursivo 4/SegT mínimo 4: Grande podridão na política brasileira em todos os níveis	
mas lá atrás realmente... é uma podridão muito grande... existe a podridão na política	28
brasile(i)ra... muito grande e em todos os níveis... éh:: culpados... os políticos... e o próprio	29
povo... os políticos... por usarem isso... como manobra... do povo para o povo... e o povo talvez	30
pelo... sofrimento que vive... éh:: pela dificuldade que vive... então é levado... a aceitá(r)...	31
pequenas... pequenos favores... pequenas promessas... éh em troca do voto... que é a coisa mais	32
forte que o brasile(i)ro tem... éh:: a seu favor... mas infelizmente... é muito mais alto... porque	33
chega-se nessas situações que eu acabei de dizê(r)... e isso... a gente conhece muito bem em	34
municípios principalmente nos municípios pequenos... a gente vê... essa situação ocorrê(r)...	35
éh:: e de todos os lados	36

Tópico discursivo 5/SegT mínimo 5: Semelhança do governo Lula com governos anteriores	
Doc.: e que que o senhor pensa sobre o governo Lula?	37
Inf.: éh:: veja bem o::/ o governo Lula... era um... um governo de esperança do povo	38
brasile(i)ro... teve aí essa votação maciça... então muito grande esperan/ expectativa estava o	39
povo brasile(i)ro... mas:: num mudô(u) muito não... ele tro(u)xe pra si... éh:: alguns assessores	40
ministros... éh:: da antiga política... então num houve num creio que houve muita mudança	41
não... éh:: aquilo que ele prometeu demais... na:: na sua/ na sua campanha... nada... foi feito...	42
éh:: então o povo brasile(i)ro tá um pouco decepcionado embora alguns tenha... éh:: estejam	43
gostando... eles são mais fanáticos... estejam gostando do seu trabalho... éh:: mas eu num vejo	44
como diferente de o(u)tros... governos aí anteriores... num tô vendo nada disso diferente... éh::	45
tudo que ocorria continua ocorrendo... infelizmente... éh:: tem que qualquer:: presidente...	46
éh::... que estivé(r) no poder... tenha que fazê(r) as negociatas... com o poder Legislativo... pra	47
que ele consiga... algum projeto... éh::... então é muito difícil... éh realmente se governá(r) nesse	48
país... e também seria:: é aliás é o correto porque não a negociação... mas que o:: Legislativo	49
tenha poder também... para que nós não tenhamos aí um/ um ditador qualquer que venha... e::...	50
leve o nosso país... a uma ditadura a uma::... situação aí... que venha trazê(r) problemas para o	51
povo... mas... tô vendo... o governo Lula como o(u)tro qualquer do passado... da me(s)ma forma	52
sem mudanças ou mudanças radicais que ele prometeu... éh:: num houve... éh:: para o	53
funcionalismo... o::... to achando um PÉssimo governo... mas a gente tem que pensá(r) no	54
governo de uma forma geral... então eu estô(u) vendo... como qualquer o(u)tro governo	55

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3: proposição

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

Tópico discursivo 5: estado-de-coisas

AC 128 – RO	
Tópico discursivo central: Educação	
Tópico discursivo 1: Influência da televisão na educação	
Tópico discursivo 1.1/SegT mínimo 1: Ensino de maus hábitos às crianças por parte da televisão	
Doc.: bom dona W. agora eu queria que a senhora desse opinião... sobre a educação que	1
a senho/ que a senhora tinha me falado que queria falá(r) sobre:: esse assunto	2
Inf.: certo... então aí olha tem... bastante... lado... por exemplo a televisão... a televisão::	3
a:: a molecada vê esse modernismo essa:: educação... tão pobre... que eles acham bonito	4
eles acham que é na moda... então o que/ o que eu num concordo... é:: que a televisão	5
enSIna maus hábitos [então eles] [Doc.: hum::] falam TANto em progresso em progresso	6
em desenvolvimento... e num vê... que hoje... é tem mais marginal mais criança	7
malcriada criança que num respeita idoso tudo porque... o exemplo da televisão...	8
Tópico discursivo 1.2/SegT mínimo 2: Capacidade do adulto de distinguir o certo do errado na televisão	
tá certo que a televisão ensina coisa boa... o adulto ele sabe distinguí(r) o certo do errado	9
mas uma criança num sabe... porque eu mesmo quando assisto... novela... é::/ tem coisas	10
feia que eu de(i)xo pra lá mas tem coisas que às vezes tá dan(d)o até uma lição... em mim	11
no:: no ponto de vista... igual esses dias a::... na novela da::... ah essa que passa às oito	12
((barulho de moto))	13
Doc.: América	14
Inf.: América... então a::... o personagem lá eu assisto... eu esqueço o nome dos	15
personagem... então ela tava tem a:: mania de:: de ro(u)bá(r) que ela é clepto::... então a	16
filha tava falan(d)o pra ela que isso... depende dela ela tem que querê(r)... então ela fala	17
que ela num consegue... que ela num QUÉ(r) ro(u)bá(r)... então a filha tava ensinando	18
falando pra ela... que isso... é que ela qué(r) chamá(r) atenção [Doc.: uhum	19
((concordando))] então eu falei –“olha é verdade às vezes a pessoa é malcriada às vezes	20
ela qué(r) chamá(r) atenção”–... então aquilo... e:: aí a filha falô(u) que::... a gente tem	21
que sê(r)... aMAda pelo que a gente é então a gente num precisa dá(r) uma de vítima	22
pros outros falá(r)... gostá(r) de mim por piedade... [Doc.: uhum ((concordando))] então	23
isso daí:: é uma coisa que... tem as partes feia	24
Tópico discursivo 1.3/SegT mínimo 3: Fuga aos princípios de Deus por meio da homossexualidade incentivada pela televisão	
igual incentivando os homem... sexuais éh home/... -- como que fala ?--	25
Doc.: homossexuais ((barulho de carro))	26
Inf.: homossexuais incentivan(d)o que pra mim isso é uma aberração uma coisa... que eu	27
num aceito nunca... sabe?... que isso foge dos princípios de Deus... porque Deus num faz	28
meio termo... ou ele fez uma coisa ou ele fez o(u)tra a gente/ porque Deus deu... a	29
inteligência pra gente pra você pará(r)... e raciociná(r)... você num estudô(u) QUATro	30
anos?... cê num ficô(u) –“ah vô(u) na escola agora pa pa pa pronto já aprendi”–... não	31
foram QUATro anos de luta... então ah:: Deus deu o cérebro pra gente tam(b)ém pra gente	32
pará(r) raciociná(r)... você vê uma coisa cê vê o que uma pessoa fala... então nesse ponto	33
às vezes eu sô(u) um po(u)co crítica também sabe?... que eu falo –“nossa mas tá errado	34
aquilo ali”– ((crianças conversando ao fundo))	35

Tópico discursivo 2: Educação familiar	
Tópico discursivo 2.1/SegT mínimo 4: Falta de carinho dos pais com os filhos	
essa meninada de hoje já num tem carinho de mãe num tem carinho de pai porque as	36
mulheres hoje... daquela Marta Suplicy defendendo... a:: mulher... a mulher	37
Doc.: moder::na	38
Inf.: moDERna... os filhos vai tudo pra creche... os o(u)tro que tomam conta... então	39
essas criança num tem amor num tem... uma atenção essa mãe nunca contô(u) uma	40
historinha a babá conTÔ(u)... mas [a mãe não] [Doc.: a mãe não]... a babá passô(u) a	41
mão na cabeça dessa criança... mas a mãe não... porque a mãe nunca tinha tempo... então	42
eu sô(u) contra essas coisas...	43
Tópico discursivo 2.2/SegT mínimo 5: Necessidade de os pais trabalharem menos e darem mais atenção aos filhos	
eu acho que tem que trabalhá(r)? TEM o mundo tá difícil? TÁ... mas em vez de	44
ganhá(r)... cinco mil o dia inte(i)ro vamo(s) ganhá(r) dois e meio... e vamo(s) dedicá(r)	45
um po(u)co pa essas criança pra sê(r) menos delinqüente no amanhã... porque o culpado	46
dos delinqüente hoje... são os pais... que é tudo comodista prefere trabalhá(r)... toma seu	47
banhinho vai che(i)rosinha num qué(r) grito num qué(r) briga de criança... eles num	48
querem nada... então EU acho... que isso tá errado...	49
Tópico discursivo 2.3/SegT mínimo 6: Necessidade de não confundir educação com evolução	
mas... o modernismo o que eu sempre falo aqui em casa pros meus filhos... que a gente	50
num pode confundí(r)... o modernismo... não... educação com evolução... [Doc.: uhum]	51
evolução... é o telefone é o computador... é isso aqui óh ((aponta para o gravador)) que	52
daqui a po(u)co minha voz tá lá... isso é uma evolução... agora respeitá(r) o mais ve::lho	53
–“não senhor”– –“obrigado senhor”–... uma vez eu fui no Paraguai... que eu já tam(b)ém	54
tentei trabalhá(r) de tudo... aí eu fui no Paraguai... vê(r) conhecê(r) um turma ia	55
buscá::(r)... o que eles falam muamba né? [Doc.: aham ((concordando))] eu fui junto...	56
eu fiquei admira::da de vê(r) –“pois não minha senhora”– éh:: –“que mais minha	57
senhora”– aqui no Brasil... a gente é tratado com falta de respeito os lojis/ os:: vendedor	58
trata a gente... ham:: fica lá conversan(d)o e:: cê procuran(d)o eles... então::... a educação	59
nossa tá::... tá pobre pobre pobre	60
Tópico discursivo 2.4/SegT mínimo 7: Julgamento da informante de que mães que trabalham fora são culpadas pela falta de educação dos filhos	
mas o culpado tudo são as mães que trabalham fora... porque se elas... antigamente as	61
mães tinham treze filhos... [Doc.: uhum ((concordando))] elas trabalhavam na roça junto	62
com os filhos chegavam em casa tudo junto... num tinha creche... num tinha abandono	63
de filho o filh/ o mais velho... respeitava aliás o filho mais novo respeitava o filho mais	64
velho... se o filho mais velho dava uma ordem o pequeno ba(i)xava a cabeça e [obedecia]	65
[Doc.: uhum ((concordando))]... hoje o:: o filho... olha feio po pai e fala –“qual é... cala	66
a boca sô... cê já era”– sabe? –“cê:: cê é do tempo da zagaia... cê é arcaico”–... é isso que	67
os jovens fala... pros mais velhos hoje... então:: num é o tempo num é que aumentô(u) a	68
população... di/ tá diminuín(d)o... a:: educação	69

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 1.2: proposição

Tópico discursivo 1.3: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.1: estado-de-coisas

Tópico discursivo 2.2: proposição

Tópico discursivo 2.3: proposição

Tópico discursivo 2.4: proposição

AC 139 – RO	
Tópico discursivo central: Política	
Tópico discursivo 1/SegT mínimo 1: Desnecessidade da obrigatoriedade do voto	
Doc.: padrinho dá sua opinião sobre alguma coi::sa sobre polí::tica educação fa/ fala sobre o	1
que o senhor a::cha o que o senhor PENsa... sobre alguma coisa assim	2
Inf.: bom a opinião minha é muito ((respiração forte)) sei lá (insensata) assim né? porque::...	3
pra falá(r) a verdade po cê eu num gosto muito de política [Doc.: hum::] eu:: voto porque é	4
obriGA::do precisa::... desde o meu tempo de C.P.F.L. cê tinha que apresentá(r) um	5
comprovante... como você votô(u) né?	6
Doc.: é:: de eleição	7
Inf.: e aí fala que você tá num país democracia sen(d)o que exige que você vai votá(r) eu:: acho	8
que isso aí já num é democracia né?... o:: voto:: eu acho que depende do cidadão num num::	9
pode sê(r) obrigatório cê vota se você qué(r) se cê num qué(r) você num vota num é obrigado	10
Doc.: que nem nos Estados Unidos né?	11
Inf.: é igual nos Estados Unidos é assim né? eles lá eles correm atrás dos VOto... num é:: igual	12
aqui obrigatório... [Doc.: hum] ah:: a respeito de política já que cê tem que votá(r) então	13
vamo(s) votá(r) né?	14
Tópico discursivo 2/SegT mínimo 2: Boa gestão feita por Edinho como prefeito de Rio Preto	
então::... eu analiso aqui pelo::... de Rio Preto aqui né?... pelo prefeito atual aqui o:: Edinho	15
Araújo acho que ele fez uma BOa gestão né? dele né?... em vista da cidade que tava nuns	16
bura::co precá::ria problema de á::gua cidade abandona::da que o Caboclo de(i)xô(u)	17
abandonada e muita dívida eu acho que ele... pôs a cidade num nível muito bom mesmo num	18
tem dí::vida... fez muita coisa pra Rio Preto... e:: vem o Mané aí ago::ra que/ num vô(u) falá(r)	19
mal dele ele fez duas gestão exceLENte prefeito também certo?... ((barulho de avião)) então é	20
um páreo duro entre os dois agora... embora eu::... hum votei no Edinho prime(i)ro que eu::	21
VO::to no Edinho vô(u) votá(r) novamente e já votei no Mané Antunes num tenho nada contra	22
o páreo vai sê(r) duro só que no meu ponto de vis::ta acho que o Edinho merecia:: o:: voto de	23
confiança por mais quatro ano	24
Doc.: pra fazê(r) mais	25
Inf.: pra fazê(r) mais alguma coisa que ele tem em MENte né?... que é um uma pessoa jo::vem	26
ele tem muita coisa em MENte... ele tem muito caminho em Brasília né?... pra conseguí(r)	27
recurso enquanto o Mané num tem né?... então:: eu acharia que o:: Edinho deveria ficá(r) pelo	28
menos mais quatro ano MAS vamo(s) vê(r) a eleição vem aí eu tô confiante... que isso aí de	29
certo...	30
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Potencial do Brasil para se tornar um país de primeiro mundo	
quanto a nosso paí::s geralmente... a gente fala o país nosso deveria sê(r) um país de prime(i)ro	31
mundo tem tudo pra sê(r) de prime(i)ro mundo né? esse país tem:: esse país nosso é riQUÍssimo	32
Tópico discursivo 4/SegT mínimo 4: Erro na gestão do Brasil desde o descobrimento	
Doc.: que que taria errado? na sua opinião	33
Inf.: ah:: eu acho que errado a coisa:: de errado aqui no meu ponto de vista vem errado desde	34
o descobrimento num deveria sê(r) português descoberto o Brasil... fosse um::... um francês::	35
fosse um inglês:: uma coisa eu acho que taria melhor	36
Doc.: por que que o português você acha que NÃO [Inf.: ah eu::] [por que] seria melhor um	37
inglês do que um [português::?]	38

Inf.: [ah:: eu num/] a gente fala os portugueses porque quando eles vieram pra cá tudo quanto é	39
é:: herança do país aqui o o(u)ro... quantos e quantos mil tonelada de o(u)ro eles num levaram	40
pra lá?... [Doc.: hum::] a:: Portugal naquele tempo (inint.) antigamente tava no fundo do do::	41
po::ço... quando veio pra cá:: veio:: que a família real veio pra cá veio praticamente expulso	42
de Portugal né?... [Doc.: é] e e:: a nossa riqueza pra onde foi? Portugal Portugal hoje é um país	43
de prime(i)ro mundo e da onde surgiu?... daqui do Brasil... Portugal é uma coisinha de nada	44
um paísinho pequenininho praticamente uma ca(i)xa de fósforo... e aonde foi? a nossa rique::za	45
levô(u) to::do pa Portugal então:: eu acho que o prai/ o Brasil começô(u) errado desde o	46
descobrimento... começaram ro(u)bá::(r) já ali e aquilo foi seguindo cada vez mais cada vez	47
mais ro(u)ban(d)o e ho::je... o país se encontra numa posição que se encontra assim devem(d)o	48
pra F.M.I. deven(d)o DEVE muito...	49
Tópico discursivo 3/SegT mínimo 3: Potencial do Brasil para se tornar um país de primeiro mundo –	
mais tem tudo pra saí(r) desse bura::co... tem tudo pra se torná(r) um país de prime(i)ro	50
mun::do	51
Doc.: que que cê acha que deveria FAZÊ(r) pra se torná(r) um país de prime(i) [ro mun::do?]	52
Inf.: [ah:: eu] acho tem:: que tem muita sujeira muito político sujo... [Doc.: hum] não só	53
político a coisa vem lá de cima vem descen(d)o vem descen(d)o vem descen(d)o até::... aTÊ	54
chegá(r) ne nós mesmos... acho que nós tam(b)ém somo(s) errado ao mesmo tempo... porque	55
nós mesmos quantos pessoa faz declaramo/ d/ de imposto de renda soNEga quantas vezes cê	56
num vai numa loja pra você comprá(r) um:: tênis alguma coisa você num exige nota... [Doc.: hum]	57
cê mesmo tá ajudan(d)o::... pra esse buraco... [Doc.: é] se todo mundo (fizesse) sua	58
PARte... o Brasil vai melhorá(r) tem tudo pra sê(r) prime(i)ro mun::do... então tem que	59
começá::(r) num adianta começá(r) de ba(i)xo porque a suje(i)ra maior tá em cima começá(r)	60
de cima pra ba(i)xo... MAS:: a gente talvez eu num vô(u) vê::(r) talvez você vai vê::(r) a futura	61
geração vai vê(r)... o Brasil tem tudo pra sê(r) uma GRANde potência ainda... futuramente	62
que num tá muito longe não... vem desde:: pode vê::(r) vai vim do petró::leo do álcool... do::	63
óleo combustível que tá sendo desenvolvido em Ribeirão Pre::to aí né? pa/ combustível óleo	64
de mam::na óleo de girassol::... óleo de dendê::... então:: que já saiu até na revista Veja... o	65
Brasil::... possivelmente será o:: o:: uma Arábia Saudita só que do petróleo ver::de	66
Doc.: hum que é o álcool?	67
Inf.: é:: o álcool e esses óleos biocombustível né? [Doc.: hum::] que tá sen(d)o desenvolvido	68
aqui... então lá fora já tá de olho no Brasil	69
Tópico discursivo 5/SegT mínimo 5: Dever dos políticos de investirem mais no Brasil	
Doc.: entã::o a:: o éh:: o:: presidente deveria/ cê acha os político deveria investí(r) no NOsso	70
país::	71
Inf.: é lógico... porque num tem:: investimento no nosso país... e e/ tem investimento em	72
educação? num tem::... tem investimento em saúde? num tem::... tem... vô(u) falá(r) num que	73
tem tem mais é MUItto po(u)co [Doc.: hum::] e isso aí:: eu acho que tem muito desvio de	74
ver::ba... no meio do caminho... eu acho que pra aprová::(r)... alguma co::isa no ministério	75
da saúde éh pra apro::/ alguma verba eu acho que sempre tem alguém que tem que passá(r) pra	76
mão de alguém que tem que dá(r) alguma coisinha pra ele pra ele podê(r) aprová(r)... então eu	77
acho que tem MUIta suje(i)ra por trás disso aí...	78
Tópico discursivo 6/SegT mínimo 6: Falta de mudanças no governo Lula em relação a governos anteriores	
e:: o nosso presidente Lula falá(r) do Lula tal tal tal tal... prometeu tanta coisa... C.P.M.F....	79
ia acabá(r) o C.P.M.F. di/ num ia tê(r) mais C.P.M.F.... imposto de ren::da ia acabá(r) com o	80
imposto de ren::da... ia tê(r) tabela os pobre num ia pagá(r) o imposto de renda... e aconteceu	81

alguma coisa?... tá tudo do mesmo jeito e tá pioran(d)o cada vez mais... ele pode tê::(r) cabeça	82
boa querê(r) fazê(r) mas ele num é bem assessora::do... [Doc.: hum::] porque::	83
Doc.: cê acha que ele tem a vonTAd	84
Inf.: é ele pode tê(r) vontade mas num adiANta cê vê rodeado dele tá cheio de cobra né?...	85
[Doc.: hum::] porque:: o Lula num manda no país... quem que manda no país hoje? eu man/	86
no MEU ponto de vista quem manda é:: o Palocci e o Zé Dirceu... [Doc.: hum::] o Lula é um	87
representante do país ele só assina documento vem tudo mastigado pra ele assina o	88
documento...o que ele tem que falá(r) é tudo por escrito né?... então:: eu num num... sei lá éh	89
ele tem talvez vontade mas... mas num tem FORça... pra fazê(r)... então é:: mal assessora::do	90
Doc.: você acha que em vista do o(u)tro presidente o Lula tá fazen(d)o algo a MA [IS::] Inf.:	91
[ah::] eu acho que ele tá no mesmo caminho	92
Doc.: num mudô(u) muita [coi::sa]?	93
Inf.: [nã::o] acho que num mudô(u) nada não e::... tomara que num aconteça nenhuma crise lá	94
fo::ra... porque geralmente acontece muita crise que esto(u)ra aqui no país né?... [Doc.: é::]	95
bolsa de valor dispara o dólar dispara... porque até agora num surgiu nenhuma crise...	96
exTERna... pra afetá(r) ele aqui por isso que ele tá manten(d)o... [Doc.: hum] pra gente vê(r)	97
se ele tem pulso firme me(s)mo... porque::... um paí::s do tamanho do Brasil se cê vê(r) isso	98
aqui... sem(d)o administrado por uma pessoa eu vô(u) dizê(r):: claramente analfabe::ta... num	99
tem condições	100
Doc.: ele num tem estu[do né?]	101
Inf.: [não] num tem estudo nenhum:: [num::]	102
Tópico discursivo 7/SegT mínimo 7: Necessidade de o candidato a um cargo político ter um curso	
Doc.: [então] cê acha que o estudo é importante?	103
Inf.: isso é ló::gico o estudo em prime(i)ro lugar é importante... desde os vereador prefeito...	104
tem que tê(r) estudo num é qualqué(r) cara leigo que pode::... candidatá(r) pa:: pa vereador::...	105
e ganhá(r) amanhã aí tá dirigin(d)o a cida::de ele é o representante do po::vo... nós num	106
podemo(s) elegê(r) essa pessoa	107
Doc.: cê acha que tem muito vereador que não tem estudo?	108
Inf.: mais/ eu acho que mais de cinqüenta por cento num tem estudo... [Doc.: hum::] eu acho	109
que tinha que tê(r) um:: vestibular pa vereador o cara que vai sê(r) candidato tê(r) um vestibular	110
ele tem que passá(r) no vestibular... ele tem que tê(r) um cur[so/] Doc.: [tê(r)] capacidade	111
mental?	112
Inf.: exatamente ele tem que tê(r) um curso eu num vô(u) dizê(r) um curso médio mas um	113
CURso superior ele tem que tê::(r)... sê(r) formado em advoga::do ou alguma coisa::... num	114
POde sê(r) um leigo qualqué::(r) se candidatá::(r)... hoje até deputado aí o cara é leigo aí tá	115
candidatan(d)o pa deputado e às vezes até ganha... então o cara num/ ele vai fazê(r) o quê ali?...	116
ele num tem nada pa::... ((estrondo)) raciociná(r) pra pensá(r) ele só vai ficá(r) ali::... né?	117
maman(d)o né?... mamam(d)o na teta ali óh... num num:: (injeta) projeto nenhum::... e o(u)tra	118
COisa ele vai sê(r) dominado... os superiores que tá em volta são mais cobra criada vai	119
dominná(r) ELE ele vai sê::(r) um::... pau mandado né?... então:: o país tá erra::do... desde	120
ba(i)xo vai subin(d)o... errado de ponta a ponta na na:: administração né?	121

Análise semântica dos tópicos discursivos materializados nos SegTs mínimos:

Tópico discursivo 1: proposição

Tópico discursivo 2: estado-de-coisas

Tópico discursivo 3: proposição

Tópico discursivo 4: estado-de-coisas

Tópico discursivo 5: proposição

Tópico discursivo 6: estado-de-coisas

Tópico discursivo 7: proposição